GUSTAVO BARROSO

Historia Secreta do Brasil

SEGUNDA PARTE

DA ABDICAÇÃO DE D. PEDRO I
Á MAIORIDADE DE D. PEDRO II

1937
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S/A - EDITORA
RIO DE JANEIRO

DO MESMO AUTOR:

HISTORIA SECRETA DO BRASIL

Publicado:

Primeira parte:

DO DESCOBRIMENTO A' ABDICAÇÃO DE D. PEDRO I — 2.ª edição — Volume 76 da Série "Brasiliana", da Biblioteca Pedagogica Brasileira — Edição da Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Em Preparo:

Terceira parte:

DA MAIORIDADE DE D. PEDRO II A' PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA.

Quarta parte:

DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA A' REVOLUÇÃO DE 1930.

INDICE

"*É justamente o que explica o antagonismo entre o povo judeu e a civilização nascida do cristianismo. No meio dum mundo transformado e adoçado, continúa o homem de ha tres mil anos, ávido e hostil, encerrado na sua religião nacional, eternamente preocupado em escravizar todas as nações a Israel, como lhe foi anunciado de século em século pela sinagoga... Não se trata de odiar os judeus e ainda menos de despresá-los. Não se despresa um povo que arrostou os séculos, a dispersão, a decadencia moral e material, conseguindo manter-se intácto. Mas é natural que seja temido e que se pense em proteger contra suas agressões o patrimônio moral e material das nações cristãs.*"

Salluste, "Les origines sécrètes du bolchevisme", pg. 299.

"Essa nação celerada espalha seus usos e intrigas em todos os países."

Suetonio, "Vida de Tiberio".

"Os judeus não são mais do que odio e hostilidade contra todos os homens."

Tácito, "Anais".

"O traço mais notavel de todas as revoluções ocorridas no continente é o papel preponderante dos judeus. Enquanto uma parte dêles se apodera dos grandes poderes financeiros, outros individuos de sua raça são os chefes dos movimentos revolucionarios... Aquêles que consideram os judeus uma força conservadora da sociedade devem mudar de opinião."

"A aurora duma época revolucionaria", art. no "Nineteenth Century Magazine" de janeiro de 1882.

"No mundo maçónico se verifica com pavor a influencia que tomaram os judeus."

Von Wedell, "Vorurtheil oder berechtiger Hass", Berlim, 1880.

"A maçonaria é uma imensa associação, cujos raros iniciados, isto é, os verdadeiros chefes, que se não devem confundir com os chefes nominais, vivem em estreita e intima aliança com os membros militantes do judaismo, principes e imitadores da alta cábala."

Gougenot des Mousseaux, "Le juif, le judaisme et la judaisation des peuples chrétiens".

"Em Londres, existem duas lojas judaicas, nas quais nunca penetrou um cristão, aonde vão ter todos os fios de todos os elementos revolucionarios que atúam nas lojas cristãs."

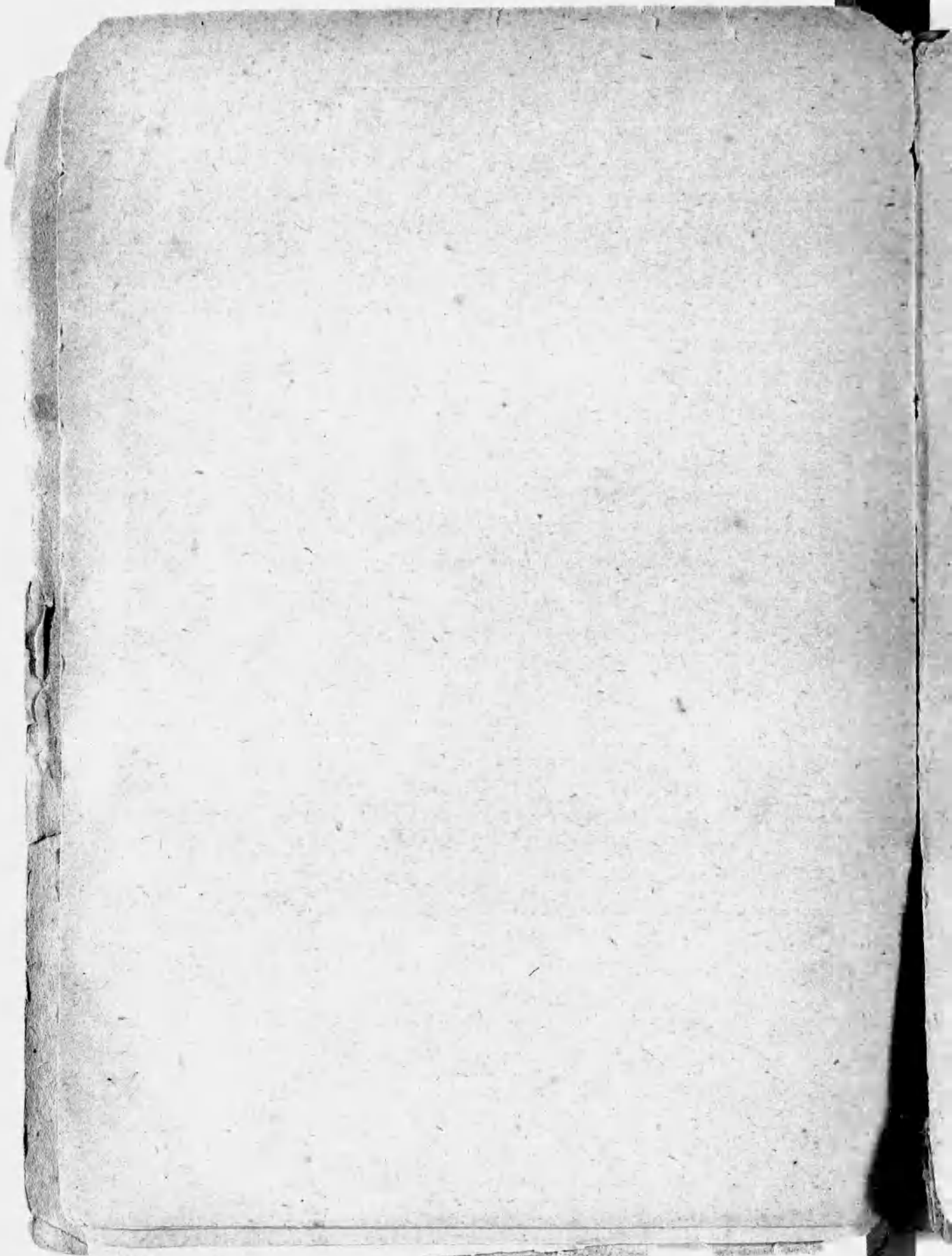
"Historische Politische Blätter", Munich, 1882.

"Conheço um pouco o mundo e sei que em todo êsse grande futuro que se está preparando somente qua-

tro ou cinco individuos dão cartas. Os outros pensam que dão e se enganam...”

Henry Misley, “Cartas”.

“Aliás, o proprio judaismo é uma maçonaria, tanto pela intima solidariedade que une seus membros, como pelo cosmopolitismo que os põe fóra da idéa de pátria e ainda pelo seu odio ao cristianismo.”

Deschamps, “Des societés sécrètes”.

Capitulo I

O BRASIL E A BAVIERA

Na 55.ª sessão do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, a 16 de janeiro de 1841, quando a benemérita instituição contava apenas tres anos de idade, o socio Dr. Mariz Sarmento fez uma proposta de estarrecer: "Quais as sociedades secretas que se teem estabelecido no Brasil, e dêsde quando, ou sejam nêle inventadas (?), ou trazidas e imitadas de outros países; os fins do seu Institúto; o seu aumento e estado atual, ou a sua decadencia e extinção; que influencia hajam tido, e porque meios, na moralidade do povo, nas suas opiniões religiosas e politicas, e nos acontecimentos mais notaveis do país (1)?"

A notavel proposta assombrou com certeza a douta assembléa . Ela contém o plano completo duma História Secreta do Brasil. Baseado nela, o Instituto teria trabalho para muitos anos. Mas a proposta foi, como era de esperar, abafada. Por instancias do autor, figurou na ordem do dia da 63.ª sessão, a 19 de maio de 1841. Anunciada a sua discussão, o cónego Januario da Cunha Barbosa, maçon qualificado, companheiro de Lêdo e

(1) "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", t. III, relativo ao 3.º ano social, 1841, reimpresso em 1860, tip. de D. L. Santos, pg. 134.

dos outros pedreiros-livres da Independencia e da Abdicação, pediu a palavra e propôs que o assunto fôsse reservado para ser discutido em tempo mais oportuno, atendendo-se ao fáto de ainda existirem pessôas que podiam ser comprometidas com tal discussão (2). O Instituto respirou desafogado, aprovou o requerimento do cónego-maçon e passou a outra materia menos perigosa. Pôs-se uma pedra em cima da proposta do Dr. Mariz Sarmento. Nós, que estamos fazendo nos volumes da "História Secreta do Brasil" aquilo que êle desejou fôsse obra do proprio Instituto Histórico, não podemos deixar de render homenagem ao corajoso varão que, em 1841, numa época tumultuaria, perigosa e dominada pelas maçonarias, teve o desassombro de apresentar de público semelhante proposta.

Alem de estudarmos a ação nefanda do judaismo, que age por trás das sociedades secretas, as fomenta, organiza e dirige (3), estudamos essas sociedades e a

---

(2) Op. cit., t. III, pg. 235.

(3) "E' antes uma luta pelos interesses e dominio do judaismo do que uma luta pelos interesses da humanidade. E, nessa luta, o judaismo se revela como o poder dominante a que a maçonaria deve submeter-se. Isto não nos deve espantar, porque, de modo oculto e cuidadosamente disfarçado, o judaismo já é, de fáto, o poder dominador em muita loja da Europa." Findel (autor judeu e maçon), "Die Juden als Freimaurer". "A maçonaria é uma instituição judaica". Dr. Isaque Wise, art. no "The Israelit", n.° de 3 de agosto de 1866. "O espirito da maçonaria é o espirito do judaismo". Art. na "Verité Israelite", 1865. Por decreto de 12 de setembro de 1874, confirmando um tratado assinado entre a loja judaica dos Bnai Brith e a autoridade suprema do Conselho Supremo de Charleston, o grão mestre Albert Pike autorizou os israelitas maçons a constituirem uma federação secreta que funciona ao lado das lojas ordinarias e cujo

sua influencia na vida brasileira, como queria o Dr. Mariz Sarmento. Alem da maçonaria, que foi objéto de nossos estudos no volume anterior, ligeiramente nos referimos a outra sociedade secreta instituida em São Paulo com a fundação dos cursos juridicos, a *Burschenchaft* ou simplesmente a BUCHA, como dizem os estudantes e o povo, a qual foi dona da provincia paulista e senhora dos destinos do Brasil, recorrendo a todos os meios e até ao crime para conservar seu infame poder.

---

centro universal ficava em Hamburgo, na rua Valentinskamp, com o titulo de Soberano Conselho Patriarcal.

Justamente por ser uma instituição judaica é que pouco importa o nome ou o rito das organizações maçónicas. Todas se equivalem e visam identica finalidade. Di-lo o maçon Mackey na "Enciclopédia": "E' evidente que não ha unidade de ritos, mas essa variedade não aféta a universalidade da maçonaria. O ritual é somente a fórma externa e extrinseca. A doutrina da franco-maçonaria é a mêsma em toda a parte. E' o corpo imutavel, o mêsmo em todos os lugares." Citado em D. José Maria Caro, "Misterio!" Santiago do Chile, 1924, pg. 20.

V. sobre o assunto "L'influence juive au Grand Orient", cap. V da obra de Lucien Pemjean, "La Maffia Judéo-Maçonnique", ed. Baudiniére, Paris, 1935, pgs. 55 e "passim".

Na revista maçónica francêsa, "Le Symbolisme", se lê isto: "O primeiro áto dos maçons deve ser glorificar a "raça judaica" que conservou intacto o deposito sagrado da ciência." Com isto se compreende aquela raça a que se refere a proclamação do Oriente de Porto Alegre...

Para se ver que não inventamos a ação do judaismo na história do Brasil, leia-se em Agenor de Roure, "A constituinte republicana", ed. da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1918, o trecho a pgs. 449-450 do t. II, em que se refere ao fáto de, na Assembléa Constituinte de 1823, terem "os judeus pleiteado culto público", sendo-lhes negado. Já eram tão audaciosos que pretenderam essa medida, sabendo que a religião Católica era a oficial do Imperio...

dos outros pedreiros-livres da Independencia e da Abdicação, pediu a palavra e propôs que o assunto fôsse reservado para ser discutido em tempo mais oportuno, atendendo-se ao fáto de ainda existirem pessôas que podiam ser comprometidas com tal discussão (2). O Instituto respirou desafogado, aprovou o requerimento do cónego-maçon e passou a outra materia menos perigosa. Pôs-se uma pedra em cima da proposta do Dr. Mariz Sarmento. Nós, que estamos fazendo nos volumes da "História Secreta do Brasil" aquilo que êle desejou fôsse obra do proprio Instituto Histórico, não podemos deixar de render homenagem ao corajoso varão que, em 1841, numa época tumultuaria, perigosa e dominada pelas maçonarias, teve o desassombro de apresentar de público semelhante proposta.

Alem de estudarmos a ação nefanda do judaismo, que age por trás das sociedades secretas, as fomenta, organiza e dirige (3), estudamos essas sociedades e a

---

(2) Op. cit., t. III, pg. 235.

(3) "E' antes uma luta pelos interesses e dominio do judaismo do que uma luta pelos interesses da humanidade. E, nessa luta, o judaismo se revela como o poder dominante a que a maçonaria deve submeter-se. Isto não nos deve espantar, porque, de modo oculto e cuidadosamente disfarçado, o judaismo já é, de fáto, o poder dominador em muita loja da Europa." Findel (autor judeu e maçon), "Die Juden als Freimaurer". "A maçonaria é uma instituição judaica". Dr. Isaque Wise, art. no "The Israelit", n.° de 3 de agosto de 1866. "O espirito da maçonaria é o espirito do judaismo". Art. na "Verité Israelite", 1865. Por decreto de 12 de setembro de 1874, confirmando um tratado assinado entre a loja judaica dos Bnai Brith e a autoridade suprema do Conselho Supremo de Charleston, o grão mestre Albert Pike autorizou os israelitas maçons a constituirem uma federação secreta que funciona ao lado das lojas ordinarias e cujo

sua influencia na vida brasileira, como queria o Dr. Mariz Sarmento. Alem da maçonaria, que foi objéto de nossos estudos no volume anterior, ligeiramente nos referimos a outra sociedade secreta instituida em São Paulo com a fundação dos cursos juridicos, a *Burschenchaft* ou simplesmente a BUCHA, como dizem os estudantes e o povo, a qual foi dona da provincia paulista e senhora dos destinos do Brasil, recorrendo a todos os meios e até ao crime para conservar seu infame poder.

---

centro universal ficava em Hamburgo, na rua Valentinskamp, com o titulo de Soberano Conselho Patriarcal.

Justamente por ser uma instituição judaica é que pouco importa o nome ou o rito das organizações maçónicas. Todas se equivalem e visam identica finalidade. Di-lo o maçon Mackey na "Enciclopédia": "E' evidente que não ha unidade de ritos, mas essa variedade não afeta a universalidade da maçonaria. O ritual é somente a fórma externa e extrinseca. A doutrina da franco-maçonaria é a mêsma em toda a parte. E' o corpo imutavel, o mêsmo em todos os lugares." Citado em D. José Maria Caro, "Misterio!" Santiago do Chile, 1924, pg. 20.

V. sobre o assunto "L'influence juive au Grand Orient", cap. V da obra de Lucien Pemjean, "La Maffia Judéo-Maçonnique", ed. Baudiniére, Paris, 1935, pgs. 55 e "passim".

Na revista maçónica francêsa, "Le Symbolisme", se lê isto: "O primeiro áto dos maçons deve ser glorificar a "raça judaica" que conservou intacto o deposito sagrado da ciência." Com isto se compreende aquela raça a que se refere a proclamação do Oriente de Porto Alegre...

Para se ver que não inventamos a ação do judaismo na história do Brasil, leia-se em Agenor de Roure, "A constituinte republicana", ed. da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1918, o trecho a pgs. 449-450 do t. II, em que se refere ao fáto de, na Assembléa Constituinte de 1823, terem "os judeus pleiteado culto público", sendo-lhes negado. Já eram tão audaciosos que pretenderam essa medida, sabendo que a religião Católica era a oficial do Imperio...

Não seria possivel entrarmos na história do tormentoso, ensanguentado e anarquico periodo da Regencia sem antes termos perfeito conhecimento do que foi e do que é a Bucha, porque começou a atuar nêle, ainda existe e ainda tem poder. Foi todo-poderosa. Ainda é muito poderosa. O poder das trevas, porém, não nos faz sequer pestanejar. Um homem de bem não tem medo dessas assombrações.

E' sabido que, durante a Regencia, as sociedades politicas exerciam grande influencia sobre o governo que resultára de sua obra no 7 de abril. A chamada Sociedade Defensora "verdadeiramente governou o Brasil pelo espaço de quatro anos; foi em realidade outro *Estado no Estado,* porque sua influencia era a *unica* que predominava no gabinete e nas cámaras; e sua ação, mais poderosa do que a do governo, se estendia por todos os ángulos do Imperio (4)". Por trás dessas sociedades politicas aparentes manobravam as forças ocultas de que elas promanavam e ás quais serviam de antenas e de cobertura. Que foi o clube dos Jacobinos, em França, senão a fachada do que não podia aparecer á luz do dia? Que foi o clube 3 de outubro, depois da nossa revolução de 1930? Outra fachada... A' Regencia não faltou nem mêsmo a sociedade de caráter nitidamente militar como êsse 3 de outubro. Ela teve a *Sociedade Militar,* fundada logo após a abdicação de D. Pedro I sob o pretexto de defender a classe dos ofi-

---

(4) General José Inácio de Abreu e Lima, "Compendio da História do Brasil", E. e H. Laemmert, Rio de Janeiro, 1861.

ciais contra o aviltamento que lhe queriam impôr os politicos. Na verdade, a maçonaria atirava civis e militares uns contra os outros. Para aquela sociedade, como para o clube 3 de outubro, entraram tambem paisanos sob o pretexto de pertencerem ás Ordens Militares de Cristo e de Santiago. Outra razão aparente da vida dessas sociedades era a razão maçónica da beneficencia. A Bucha tambem a invoca em relação aos estudantes pobres e socorre alguns para justificar-se.

Na sua proposta ao Instituto Historico, morta ao nascer, o Dr. Mariz Sarmento fala das sociedades secretas inventadas no Brasil, trazidas ou imitadas de outros países. As inventadas são, mais ou menos, aquelas academias pernambucanas a que nos referimos no 1.° volume (5) e o Apostolado dos Andradas; as trazidas, os varios ritos da maçonaria; as imitadas, as sociedades secretas de estudantes, entre as quais a mais notavel é a Bucha.

Ela vem em linha réta do Iluminismo da Baviera. No tempo em que as sociedades secretas se multiplicavam por toda a Alemanha, sobretudo no Sul, com o fim de destruir ali os restos da influencia católica através da educação da mocidade, apareceu em Ingolstadt um homem "dotado do genio da conspiração (6)", o judeu João Adão Weishaupt. Afilhado e protegido do barão de Ickstadt, nobre por decreto e não de sangue, que

(5) "História Secreta do Brasil", t. I, pg. 210, "nota" 3.

(6) Léon de Poncins, "La dictature des puissances occultes", Beauchesne, Paris, pg. 73.

combatia a religião como reitor da Universidade de Ingolstadt, chegando ao ponto de contrabandear pessoalmente livros impios para fornecê-los aos estudantes, Weishaupt conseguiu ser nomeado professor com grande escándalo e inúmeros protestos. Tinha sido educado por favor no Colegio dos Jesuitas, mas se envenenára com o filosofismo reinante na época, tornando-se absolutamente irreligioso. De posse da cadeira, cheio de imensa pretensão, julgando-se genial, vaidoso e inquieto, sedento de proselitismo, o que denuncia ás leguas a psicologia judaica, pretendeu entrar na maçonaria, que era a grande força do momento, afim de subir depressa na vida (7). Dizem que foi repelido.

Todas as universidades protestantes do tempo, sem disciplina espiritual, formadoras de consciências envenenadas pelo livre-exame, possuiam suas sociedades secretas de professores e estudantes. Repelido da maçonaria, Weishaupt resolveu agir por conta propria, ou talvez fôra repelido de caso pensado para melhor efeito da obra que lhe fôra encomendada, e fundou em Ingolstadt a Ordem dos Perfectibilistas ou Ordem dos Iluminados, a 1.º de maio de 1776 (8). Era dirigida por

(7) R. Le Forestier, "Les Illuminés de Baviére et la Franc-Maçonnerie", ed. Hachette, Paris, 1915, pgs. 16-27. Para desviar a atenção de seus manejos secretos, Weishaupt criou a fábula da existencia de uma maçonaria no seio dos jesuitas. Lançou a calúnia em 1781 por intermedio de seu comparsa Knigge, que usava o pseudónimo judaico de Aloysius Mayer. Depois, afirmou a mêsma infamia numa circular. V. Barruel, "Mémoires", t. V, pgs. 10 e segs.

(8) Chamamos a atenção para a data de 1.º de maio e para a "nota" a respeito no t. I, cap. XV, pg. 291, chamada 52.

um grupo de Doze Areopagitas, que usavam pseudónimos greco-romanos, por trás dos quais atuavam personalidades mais poderosas e mais secretas. Os Doze eram encarregados sobretudo de estudar os caractéres dos estudantes, afim de ver quais os espertos, os intrigantes, os industriosos, os sem escrúpulos ou os sociaveis, de maneira a atraí-los para a Ordem (9).

Um ano depois, em 1777, estava concluida a organização secreta dos Iluminados, dentro da Universidade Católica de Ingolstadt. Dividia-se em tres circulos: Noviços, Minervais e Areopagitas. Alem dêles, existia a Junta Secreta, ignorada de todos. O juramento obrigava a inviolavel segredo e a uma obediencia passiva. Muito insinuante, Weishaupt recrutava com "habilidade demoniaca", confessa um historiador de pêso, os rapazes desmiolados ou ingénuos, que sonhavam transpôr as provas do noviciado para poderem ostentar as insignias de Minerval: a fita verde de que pendia o medalhão dourado com o môcho ou coruja de Atenas entre louros e as letras P. M. C. V., que significam *Per me coeci vidunt,* por mim os cegos vêem (10).

A Ordem ministrava por intermedio de seu Minerval-Iluminado o ensino superior da filosofia e a educação social anti-clerical. Cada membro era obrigado a ser espião e delator de seus companheiros. Aprendia-se a arte da dissimulação. Roubavam-se das bibliotecas dos conventos livros e documentos preciosos. Es-

(9) R. Le Forestier, op. cit. pgs. 29-32.
(10) Op. cit., pgs. 49-67.

palhavam-se terriveis panfletos contra a Igreja. A perversão levada a efeito no seio da mocidade estudantil era medonha, sobretudo porque Weishaupt e seus acólitos preferiam recrutar neófitos entre os rapazes de 15 a 20 anos, mais fáceis de modelar (11).

A organização do Iluminismo é sobremodo conhecida, porque o proprio Weishaupt deixou escripto o "Sistema corrigido do Iluminismo com seus gráus e suas constituições. Instruções para os adeptos inclinados á maneira de crer e adorar um Deus" (12). Entretanto, a doutrina preconiza de todos os modos possiveis a destruição sistematica da religião católica (13). Houve dois Iluminismos na Europa do século XVIII, ambos provindos da mêsma fonte dogmatica anti-cristã, o da Baviera com Weishaupt e o de França com Saint Martin, sendo o segundo posterior em data de aparecimento ao primeiro (14). Ambos tiveram enorme influencia no preparo e desencadeamento da Revolução Francêsa.

---

(11) Op. cit., pgs. 71-91. Um dos principais ladrões de livros e documentos que se vendiam para arranjar dinheiro era o joven Hoheneicher. Sobre os Iluminados devem-se consultar as seguintes obras: "Ueber die alten und neuen Mysterien", Berlim, 1782; "Die hebraische Mysterien, oder die alteste religiose Fraymaurerey", Leipzig, 1788; sobretudo Barruel, "Mémoires pour servir á l'histoire du jacobinisme", P. Fauche, Hamburgo, 1803. Sobre Hoheneicher e os roubos de livros, v. esta última obra, t. IV, pg. 25.

(12) Barruel, "Mémoires pour servir á l'histoire du jacobinisme", t. III, pg. 185.

(13) Weishaupt, "Écrits originaux", t. III, cartas 3 e 4, pgs. 181-182.

(14) Thomas Forts, "The secret societies of the european revolutions", t. I.

Mirabeau, por exemplo, foi iniciado no Iluminismo alemão e chegou a escrever um "Essai sur les Illuminés" (15). A Revolução Francêsa somente se processou depois que o Areópago de Weishaupt decidiu que a França seria *iluminada*, começando-se nela a Grande Obra. Bode, braço direito de Weishaupt, que usava o pseudónimo de Aurelius, foi mandado a Paris, com o capitão hanoveriano barão de Busche, cujo pseudónimo era Bayard, estabelecer as necessarias ligações com os famosos Filaletos ou Amigos Reunidos de que nos ocupámos largamente no capitulo do 1.º volume referente á abdicação, sendo apresentados por Mirabeau e Bonneville (16).

Em 1780, enfraquecida por falta de recursos monetarios e pelas rivalidades internas, a Ordem foi obrigada a se enxertar na maçonaria. Fez-se um acôrdo entre ambas, creando-se as lojas da Franco-Maçonaria Iluminada e obrigando-se os Iluminados dos altos gráus a se iniciarem na maçonaria. Essa combinação começou a vigorar em 1781. As lojas da franco-maçonaria iluminada contavam os seguintes gráus: Iluminado-Menor, Iluminado-Maior, Dirigente, Presbitero e Principe ou Regente (17). Seus fins eram: combater o na-

---

(15) Barruel, op. cit. t. IV, cap. XII.

(16) Lecoulteux, "Societés Sécrétes", pg. 167; Barruel, op. cit. t. IV, pg. 281.

(17) O Ritual consagra os gráus em latim: Illuminatus Minor, Major, Dirigens, Presbyter, Princeps ut Regens.

A entrada dos Iluminados na maçonaria determinou a saída de muitos maçons e acabou de inficcioná-la de judaismo, diz Barruel, op.

cionalismo e o espirito de familia, destruir o Estado, levar a sociedade a um estado ideal, governado pela moral, sem religião e sem chefes, e tornar a humanidade uma só familia (18).

O maçon Knigge fôra o braço direito de Weishaupt na constituição dessa ordem secreta. Em 1784, Weishaupt derrubou-o e esmagou-o, passando a dominar sozinho as lojas iluminadas, cuja força já era bem

---

cit. t. II, pg. 186. Aliás, o judaismo da maçonaria é transparente. V. na op. cit. t. cit. de Barruel, pg. 222: o verdadeiro maçon se torna pontifice de Jeová; o Rosa Cruz aprende que é preciso vingar os pontifices de Jeová contra o Cristo. V. t. II, pg. 209: no 1.º gráu de Cavaleiro Escossês, o adepto é elevado á dignidade de Grão Sacerdote, recebendo uma espécie de benção em nome do "imortal" e invisivel Jeová; no 3.º gráu se revela a famosa "palavra perdida" dêsde a morte de Hiram, que é a palavra Jeová. Lembre-se o famoso Manifesto de José Bonifacio contra D. Pedro I, falando dos planos do "imortal" Jeová...

(18) R. Le Forestier, op. cit., pgs. 138-316. Oficio da loja maçónica "União e Progresso" de Vitória, Espirito Santo, ao Presidente e Membros da Câmara Municipal, datado de 27 de abril de 1935 e publicado em boletim, contra a hipótese levantada por vereadores integralistas de ser a maçonaria uma sociedade secreta incursa no Código Penal da República: "A maçonaria não é uma sociedade secreta, como querem os Sigmas da Direita ou da Esquarda. A maçonaria é uma escola onde se aprimora o caráter do homem na verdadeira concepção do amor ao próximo e á grandeza da pátria. E' uma sociedade que tem por fim estreitar os laços de amor e de fraternidade que deverão formar de todos os homens UMA UNICA FAMILIA, a despeito dos obstáculos que o proprio mundo oferece á realização dêsse sublime escôpo." Confere em género, número e caso... O judaismo é bem camuflado. Quem não o conhecer que o compre e embarque na canôa do internacionalismo judaico, mascarado de uma só familia e falando em grandeza da pátria... Êste oficio maçónico recente mostra que a maçonaria pensa hoje o que pensava o Iluminismo no século XVIII e ambos pensam o que sempre pensou Israel...

Arvore genealogica das maçonarias, das sociedades secretas, tirada do frontespicio da celebre obra "Aufklaerung über wich tig Gegenstaende in der Freyemaurerey, besonders über die Entstehung derselben", aus der Loge PURITAS, 1787", reproduzido em outra obra não menos célebre, "Religions Begebenheiten", 1787, pg. 62. Essa arvore genealogica foi desenhada por um irmão maçon do Rito de Zinnendorf, que se apresenta como um ramo principal do tronco — a Maçonaria, nascida das raizes Judaismo, Talmud e Cábala, que o genealogista se esqueceu de assinalar e nós assinalamos. Da maçonaria Inglêsa brota o Rito de Zinnendorf. Da Escossêsa, a Francêsa que decái nas maçonarias Alquimica, Magica e Martinista; a Alemã; a Holandêsa; a Sueca; a Templaria que fenece nos ramos da Beneficente e da Ecletica. Duma semente tombada da grande arvore brota no sólo a Rosa-Cruz, da qual sái a antiga maçonaria Russa. Da propria raiz do Judaismo surge o Iluminismo, cujo derradeiro broto é o Buchismo, a Burschenchaft.

grande na vida social da Alemanha do Sul, influenciando ocultamente os tribunais, a administração e os negócios públicos. A rêde de seus adeptos cobria a Baviera (19). O veneno sutil que deitavam ás escondidas num copo de vinho ou num manjar afastava de

(19) Op. cit. pgs. 429-530.

seu caminho os obstáculos humanos (20). Os Iluminados metiam medo. Weishaupt ousou, então, um grande golpe e saíu vencedor: a expulsão dos jesuitas (21).

Em 1786, estava no apogêo de seu poderio. Mas Deus velava pelo destino dos povos. Um raio fulminou num subúrbio de Ratisbona um dos grandes adeptos da seita, o padre apóstata Lanz, que servia de correio a Weishaupt e acabava de receber suas últimas instruções. A policia encontrou em seus bolsos documentos tão comprometores para a segurança do Estado que prendeu os principais membros da Ordem. Estava preparado um movimento subversivo terrorista de inaudita ferocidade para os dias proximos, tão bem planejado e articulado que só mêsmo aquela intervenção providencial pelo fôgo celeste o teria impedido de rebentar (22). O governo bávaro apoderou-se dos arquivos dos Iluminados e dissolveu-os. Weishaupt, que usava o nome de guerra de Spartacus, correu a refugiar-se na côrte de Gotha, sob a proteção do duque Ernesto Luiz. Mas o Iluminismo não foi destruido e se con-

---

(20) A. Z. Mueller, "Entdeckte Illuminatenrecepte von Aqua-Tofana und anderen geheimen Mitteln", Berlim, 1788. Entre os papeis dos Iluminados fôram encontradas receitas da Aqua-tofana, escritas pelo "irmão" Massenhausen, cujo nome de guerra era Ajax. Cf. Barruel, op. cit., t. IV, pg. 270.

(21) Léon de Poncins, op. cit. pg. 73.

(22) Op. cit., pg. 74 "in" nota; De Luchet, "Essai sur la secte des Illuminés"; Éliphas Lévi, "Histoire de la Magie"; Deschamps, "Des societés sécrétes", t. II, pgs. 102 e segs.; Thomas Forst, op. cit. t. I, pg. 24; "Apologie des Illuminés", pg. 62; Barruel, op. cit., t. IV, pgs. 247-248.

serva até hoje, secretamente, como um ramo perigoso da maçonaria (23). A Ordem sobrevive em várias organizações, inclusive naquilo que por algum tempo se chamou Aliança Eclética (24). Do Iluminismo nasceram todas as sociedades secretas estudantinas que pulularam na Alemanha, do fim do século XVIII ao começo do século XX: Amictistas, Constantistas, Unitistas, Harmonistas e Concordistas; Cavaleiros de São João de Jerusalem, Cavaleiros do Arcabuz e Cavaleiros do Punhal; Irmãos-Negros, Legião Negra de Lutzow e

---

(23) N. H. Webster, "Secret societies and subversive movements", pg. 218.

(24) Maçons ecléticos são aquêles que se não prendem a nenhum sistema filosofico, a nenhum credo religioso, a nenhuma disciplina mental, a nenhuma regra moral e a nenhum rito, segundo informam os "Archives des Francs-Maçons et Rose-Croix", Berlim, 1785, cap. III. Êles estão muito próximos da essencia do Iluminismo, segundo o texto do proprio punho de Spartacus Weishaupt contido em Barruel, op. cit., t. III, pg. 17: "A Igualdade e a Liberdade são direitos essenciais que o homem, na sua perfeição original e primitiva, recebeu da natureza. O primeiro golpe na Igualdade foi dado pela propriedade. O primeiro golpe na Liberdade foi dado pelas sociedades politicas ou governos. Os unicos apoios da propriedade e dos governos são as leis religiosas e civis. Portanto, para restabelecer os primitivos direitos do homem, é preciso começar por destruir toda religião e toda sociedade civil, abolindo toda propriedade." O texto é suficiente para mostrar que a doutrina iluminista vem em linha réta dos albigenses e dos sectários de Manés. E' o comunismo judaico oriental em marcha. Os antigos maniqueus consideravam-se "iluminados": GLORIANTUR MANICHOEI SE DE COELO ILLUMINATOS, diz Gaultier em "Verbo Manichoei", rect. 3. Toda a maçonaria, seja qual fôr o rito, é maniquéa. D. José Maria Caro depõe na sua obra "Misterio!", pg. 169: "As simpatias da maçonaria pelo maniqueismo são evidentes: Weishaupt recomendava a seus adeptos o estudo do maniqueismo e Redares celebra Manés como um dêsses homens que quiseram impôr a razão e a verdade na sua fé religiosa."

Legião de Todkopf (25); Tugendbund e Tugendverein (26); Brüderschaft, Landsmannchaft e Burschenchaft (27).

Como se vê, a Burschenchaft nasceu do Iluminismo dissolvido pela policia bávara (28). Com os mêsmos caracteristicos se creou a Burschenchaft ou Bucha, no Brasil. Assim como na India fomos buscar as raizes secretas do que ocorreu no amanhecer da vida brasileira, quando do monopólio judaico do páu-brasil, na Baviera, de onde tinha vindo D. Amelia de Leuchtenberg, nossa segunda Imperatriz, temos de procurar as razões fundamentais do que vai ocorrer, depois de certa época, em toda a nossa história. Parece mentira mas é, infelizmente, verdade. Ainda em 1810, a policia bávara acreditava que os Iluminados existiam e formavam ocultamente um partido muito poderoso (29). Êsse partido provinha da mocidade recrutada entre os 15 e os 20 anos nas universidades alemãs e modelada ao sabor dos iniciados que lhe matavam a alma e a tornavam escrava de seus designios.

Daí o grosseiro materialismo que campeava no seio da estudantada germanica. Daí suas orgias, ba-

---

(25) Legião da Caveira.

(26) Liga da Virtude e União da Virtude.

(27) Sociedade de Irmãos, Sociedade de Companheiros e Sociedade de Camponêses.

(28) Lombard de Langres, "Des societés sécrétes en Allemagne et dans d'autres contrées, de la secte des Illuminés, du Tribunal Secret, de l'assassinat de Kotzebue", Paris, 1819. A reação policial bávara começou em junho de 1784 e foi branda. Nenhuma execução. Algumas prisões e banimentos.

(29) R. Le Forestier, op. cit., pg. 707.

canais e satanismos consubstanciados naquela tão conhecida lenda do Estudante de Praga, que vendeu a alma, satanismo que transparece sobremodo no "Fausto" de Goethe. O filosofo Fichte confessa ter sido obrigado a mudar-se da cidade de Weimar por causa dos *charivaris* noturnos dos estudantes sem educação e sem moral (30). Quando abordarmos o capitulo do satanismo na Escola de Direito de São Paulo, teremos ocasião de pintar cenas peores do que aquelas que obrigaram o pensador a mudar-se da velha cidade da Saxonia e veremos que foi o mêsmo Iluminismo secreto que no Brasil e na Alemanha produziu identicos resultados.

Em todas as suas feições e modalidades, a Bucha paulista se prende ao Iluminismo da Baviera. Quando ela se espraia com o tempo, da Academia de Direito de São Paulo, onde teve o berço, para outras escolas superiores do Brasil, sempre se arreia com nomes alemães. Nas Escolas Politécnicas de São Paulo e do Rio de Janeiro, é a *Landsmannschaft;* na Escola de Direito do Recife, é a *Tugendbund.* Os Iluminados da Baviera eram visceralmente orgulhosos, reconhecem todos os eminentes historiadores que os estudaram. O orgulho e a arrogancia subiam de ponto no seio da Burschenchaft alemã (31). *Insolentia judoeorum!...* O visconde de Araxá, Domiciano Leite Ribeiro, nas suas

(30) Op. cit., pg. 705.

(31) Art. sobre o livro "A tour in Germany and some of the Southern Provinces of Austrian Empire" — years 1820, 1821 and 1822 —, "in" "The Edimburgh Rewiew", t. 41, 1825, pgs. 78-96.

"Reminiscencias e Fantasias", faz identica observação quanto aos estudantes bucheiros de São Paulo (32). Êsse orgulho está na base da pretensão e soberba de certos paulistas, levando-os até o separatismo. Infelizmente, muitos confundem o grande povo paulista, heroico, trabalhador, bravo e nobre com essas expressões humanas duma cultura judaica, vinda da Baviera, que nada tem de brasileira.

O proprio visconde de Araxá é um produto da Bucha. Sob o pretensioso pseudónimo de *Negus o Sábio,* criticava o trono que lhe outorgára o titulo que usava, ridiculizava condecorações e baronatos, escrevendo cousas dêste jaez: "O povo já não acredita na origem divina, fala muito em direitos e o que é peor, usa dêles e manda o seu rei tomar o frêsco (33)." O fraseado revela as doutrinas maçónicas. Se o autor estivesse mais em dia com os doutores da Igreja, Santo Agostinho, Santo Isidoro de Sevilha e Santo Tomás de Aquino, não diria essa asneira em materia de direito divino. Na bôa doutrina, a origem do poder é divina, porque o poder é uma necessidade natural e Deus foi o creador de todas as necessidades naturais. O soberano que exerce o poder é um simples mandatario, que, em si, nada tem de divino.

Todavia, devemos ao visconde de Araxá esta página sobre o *orgulho bucheiro*: "O estudante é um

(32) "Reminiscencias e Fantasias", 2 vols., tip. do "Vassourense", Vassouras, 1883.
(33) Op. cit., t. I, pgs. 9 e segs.

ente superior, olhando por cima dos ombros o resto da humanidade, encarando de frente e sem pestanejar as mais ardentes questões, quer politicas, quer sociais. Em politica, já se sabe, é republicano intransigivel. Em materia de cultos, admite, por muito favor, a religião natural, favor êste que nem todos estão dispostos a conceder, porquanto para alguns a propria religião natural não passa de superstição. Enforcar o último rei nas tripas do último frade ou padre, é um axioma que, se não foi inventado por estudante, pelo menos recebeu carta de naturalização em todas as academias do mundo (34)."

De estudantes dessa espécie naturalmente haveriam de sair os bachareis vasios, pretensiosos, materialistas, frios e céticos que envenenaram a politica brasileira e que, com a queda de D. Pedro II, que lhes barrava a estrada do poder, exploraram o Exercito para com êle assaltar o governo e, de posse do mêsmo, atolar o país no charco da politicagem liberal, entregando-o de vez a todos os abutres do judaismo internacional. Estudámos no 1.º volume desta "História Secreta" (35) como êsse bacharelismo judaizado tomou a pouco e pouco conta do Brasil. Vimos os seus processos dêsde que sua semente foi lançada na Academia paulista. Entretanto, é êle que combate qualquer doutrina

---

(34) Op. cit., t. I, pg. 151. E' manifesta a influencia iluminista em tal estudante.

(35) "História Secreta do Brasil", t. I, cap. XVIII, pgs. 335 e seguintes.

sócio-politica que consulte as realidades da nação e não o seu interesse, com sua parlapatice ôca, rotulando-a de *exotismo*. Esquece suas raizes mergulhadas na Baviera...

Não esquece, todavia, a sua força. Confessa-a, ás vezes, embuçadamente, mas com orgulho. Falando da plutocracia paulista e suas relações com a politica, o sr. Armando Sales MORETZOHN de Oliveira, ex-presidente do Estado de São Paulo e candidato á presidencia da República, declarou em discurso, no banquete que lhe foi oferecido a 24 de janeiro de 1937, publicado pelo "Jornal do Comercio" de 25: "Essa preponderancia cabe a FORÇAS NOVAS E INVENCIVEIS, cuja existencia nem todos conhecem (*sic*!!!)." Salvador Madariaga explica em seu livro "Anarchie et hierarchie" como essas forças agem sobre os poderes públicos. Estudaremos a ação das de São Paulo, quando chegarmos ao periodo republicano e tivermos de contar ao povo brasileiro as infames maroteiras do café.

O Iluminismo bucheiro, vindo da Baviera, estendeu-se de São Paulo para a Academia de Olinda e para outros estabelecimentos superiores de ensino. A Burschenchaft paulista foi inteiramente modelada segundo os estatutos de sua congênere alemã do mêsmo nome, formando suas idéas primordiais "UM NOVO EVANGELHO DO ILUMINISMO" (36). Êsse novo Evangelho se

---

(36) "Es war ein neue Evangelium der Aufklärung", Karl von Koseritz, "Bilder aus Brasilien", Verlag W. Friederich, Leipzig und Berlin, 1885, pg. 371. O autor visitou a Faculdade de Direito de São

afirma anti-monarquico dêsde os primeiros dias de vida da Faculdade paulista, não só nos estudantes, como o notou o visconde de Araxá, como nos professores que os guiavam e cujo espirito nêles se refletia. A 12 de outubro de 1830, quando se devia comemorar o aniversario do Imperador com uma sessão solene e discurso, sob os mais diversos e fúteis pretextos, os lentes se excusaram. Alguns mêsmo com certo desabrimento (37). Afirma-se anti-católico, anti-clerical, em obediencia á unidade de pensamento da revolução mundial perseguida pelo judaismo maçónico (38). O conselheiro Clemente Falcão de Souza, alcunhado Falcão o Velho, por exemplo, nomeado lente em 1830, era um pernambucano enciclopedista e anti-clerical, que cursára a Universidade de Paris, fazia terrivel campanha contra os padres, declarando-os instigadores de todos os crimes e, nas suas aulas, entre outras blasfemias, só chamava a Nosso Senhor Jesus Cristo — "o Deus surrado"! (39)

Paulo em 1883. Cf. Zaccone, "História das sociedades secretas", trad. de H. Salgado, ed. Lusitana, Lisbôa, s. d., t. II, pgs. 520-554; João Antunes, "A maçonaria iniciatica", ed. Teixeira, Lisbôa, 1918, pgs. 125 e segs.

(37) Spencer Vampré, "Memória para a História da Academia de São Paulo", ed. Saraiva & Cia., São Paulo, 1924, t. I, pg. 189.

(38) Simeão Pinto de Mesquita, "Unidade e permanencia da revolução mundial", "in" "Integralismo Lusitano", 1932-1933, t. I, pgs. 105 e 173.

(39) Spencer Vampré, op. cit., t. I, pgs. 178-182; Almeida Nogueira, "Tradições e Reminiscencias"; Azevedo Marques, "Apontamentos historicos", t. I, pg. 95.

De 1830 a 1837, a Bucha e a maçonaria, de mãos dadas, agitaram a questão do celibato dos padres, tomando a frente do movimento os sacerdotes maçons Antonio Maia de Moura, Diogo Antonio Feijó e Amaral Gurgel. Os dois primeiros estavam despeitados com a Santa Sé, porque S. S. o Papa recusára — e tinha sobejas razões para isso — a nomeação de Feijó para bispo de Mariana e a de Moura para bispo do Rio de Janeiro. O último chegava ao ponto de querer a formação dum episcopado brasileiro independente de Roma. Em 1834, o núncio apostolico Scipione Fabbrini reclamava contra a declaração da Assembléa Provincial de São Paulo, incentivada pela Bucha, sobre os mêsmos direitos que competiam ao Estado, em face da Santa Sé, de nomear bispos e permitir o casamento dos padres. O ministro Aureliano Coutinho respondeu ao núncio que o celibato eclesiastico era uma questão de disciplina que os governos podiam alterar. Essa resposta foi inspirada por Feijó e concluia por dizer que o governo se entenderia a respeito com a Cámara. Daí tensissimas relações entre a Regencia e o Vaticano (40).

Os proprios brasileiros que estudavam fóra do país vinham, em geral, iniciados em outros iluminismos e misterios que proliferavam nas universidades européas. Aqui se identificavam com os maçons e bucheiros na mêsma ideologia revolucionaria que conduziria a nação á borda do abismo, sem que êles talvez, na inconsciência

---

(40) Spencer Vampré, op. cit., t. I, pgs. 151-155; Eugenio Egas, "Diogo Feijó", t. I, pg. 203.

com que abraçavam as utopias e sortilegios judaicos, disso se dessem conta. Francisco Gé Acaiaba de Montezuma pertenceu em Coimbra, com outros brasileiros, á famosa *Jardineira* (41). Ao tempo da Regencia, havia ainda em Coimbra "uma sociedade secreta, intitulada *Gruta*, composta *exclusivamente* de brasileiros, que tinha por fim, ao regressarem ao Brasil, promover a proclamação da república, contando entre seus membros Candido Batista de Oliveira, José Araujo Ribeiro, Antonio Rodrigues Fernandes Braga e outras personalidades, que, depois do áto de 7 de abril, tanto influiram sobre os destinos nacionais. Com a idéa genuinamente americana da federação e tambem filha do intenso localismo ou provincialismo brasileiro entrou em choque a idéa romana (*sic!*) de imperio, herança da cultura portuguêsa (42)". Roma contra a Judéa, ainda e sempre!

A história do Brasil não é mais do que o embater na superficie das ondas agitadas pelas duas correntes submarinas e quasi invisiveis, contrárias, do pensamento judaico-maçónico e do pensamento cristão-tradicional. A luta tem sido áspera e longa. A vitória sorriu, depois de 1889, á primeira corrente. Mas a palavra final ainda não foi pronunciada. A mensagem que Deus deu ao Brasil não póde ser a mêsma que coube á Baviera, a qual

---

(41) Pedro Calmon, "O marquês de Abrantes"; Carvalho, "História da Liberdade", Coimbra, 1868.

(42) Fernando Luiz Osorio, "Os supremos objetivos da jornada de 35", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul", 3.º trimestre, ano XV, 1935, pg. 42.

já escapou por milagre duas vezes ás garras do judaismo, livrando-se do iluminismo de Weishaupt e do comunismo de Kurt Eisner. Da Baviera partiu a reação nazista que salvou a Alemanha da onda vermelha. Do Brasil partirá um sentido novo para a vida do mundo, um grande sentido cristão. O Brasil e a Baviera aninharam as Buchas e destruirão as Buchas...

Carlos Luiz Sand, tentando infrutiferamente suicidar-se depois de ter assassinado Augusto de Kotzebue.

[illegible] da época, tirada do [illegible] de Sand — *Mueller*

O túmulo de Júlio Frank no pátio da antiga Faculdade de Direito de São Paulo. Vê-se bem uma das corujas simbólicas a um canto do gradil.

Capitulo II

O HOMEM QUE TEVE DOIS TÚMULOS

Quem trouxe a mensagem dos Iluminados da Baviera para o nosso país? Quem creou a Burschenchaft de São Paulo, que inficcionou até hoje, secretamente, a vida da nação, perturbando a realização de seu verdadeiro destino?

Um homem misterioso, que não era nada e foi tudo para os adeptos de seu credo oculto: Julio Frank, cujo monumento funerario se encontra num dos páteos da velha Faculdade de Direito de São Paulo, honra que nenhum de seus grandes mestres até hoje conseguiu.

Quando morreu, em 1841, o maçon e bucheiro, professor daquela escola, Dr. José Tomás Pinto de Cerqueira, fazendo no Instituto Historico e Geografico Brasileiro o elogio dos membros falecidos, pronunciou estas palavras: "Mancebo morto na flôr dos anos, mas cuja breve passagem nêste mundo deixou para sempre recordações saudosas: quero falar do sr. Julio Frank. Quem era êle? Eu e os que no Brasil o conhecemos o ignoramos (!!!). Era êsse o seu verdadeiro nome? Cuidamos que não. Que terra o viu nascer? Parece que a Alemanha, mas não se sabe que parte dessa vasta região. A que familia pertencia? Ignora-se. Que mo-

tivos o trouxeram ao Brasil? Ainda a mêsma obscuridade. Sabemos apenas que chegou ao Rio de Janeiro sem o mais pequeno recurso; e que o primeiro carinho, que recebeu nesta terra hospitaleira, foi uma ordem de prisão, e sua primeira morada a fortaleza da Lage; e isto por uma queixa que dêle deu o comandante do navio que o havia conduzido. Tambem Epicteto encontrou um senhor que lhe quebrou as pernas. Tendo obtido sua soltura, foi servir numa estalagem. Quem diria, senhores, ao vêr êsse mancebo reduzido a tal penuria que nêle se escondia um homem do mais raro merecimento! que conhecia a fundo as linguas vivas da Europa, e mêsmo a latina e grega; que era habil geómetra, que não era hospede nos principios do direito público e nos do romano, e que tinha perfeito conhecimento da história antiga e moderna? Pois tudo isso era, e o homem que tudo isso sabia era caixeiro em uma estalagem! Tal homem não podia conservar-se muito tempo em tal posição: quando outra cousa não fôsse, a elevação natural de seu genio e a consciência de seu valimento não o podiam ter por muito tempo em tão baixo estado. O sr. Julio Frank retirou-se para a provincia de São Paulo, vila de Sorocaba, onde abriu aula de francês, inglês, italiano e latim. Pequeno teatro era aquêle para seus conhecimentos. Logo depois foi chamado para a cadeira de história na cidade de São Paulo, e deu começo a seus trabalhos, organizando um compendio sobre outro alemão, o qual prova bastantemente o que sobre seu merecimento tenho dito. O Instituto Histori-

co e Geografico Brasileiro se apressou em o admitir (?) em o número de seus socios correspondentes, esperando que quem tantas luzes possuiu o coadjuvasse valiosamente em seus importantes trabalhos. Mas a morte no-lo arrebatou, quando ainda não contava 34 anos de idade (1)."

As luzes não eram tantas quantas apregôa o panegirista. Lemos cuidadosamente o seu volume, decalcado ou traduzido de outro alemão, que não é indicado (2). Obra mediocre, deu, contudo, entrada ao autor no glorioso Instituto, fundado em 1839. Uma série de lugares comuns, tendo, de quando a quando, apesar da disposição legal que obrigava os livros didáticos a não ofender os principios básicos da sociedade, certos pedacinhos que uma censura avisada poderia suprimir com carradas de razão. A' pg. 149, refere-se á Humanidade Divinizada na capital do cristianismo e nem de leve alude ás perseguições e martirios dos cristãos. A' pg. 162, denigra o Imperador Constantino e diz que o cristianismo foi somente um meio politico de dominio. A' pg. 163, elogia Juliano o Apóstata, embora, *pro for-*

---

(1) "Elogio historico dos membros falecidos no 3.° ano social, 1841", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, tip. D. L. Santos, reimpresso em 1860, t. III, pgs. 546-547.

(2) Julio Frank, "Resumo de História Universal", reimpresso por ordem do Governo, para uso da aula d'História e Geografia, da Academia de Ciências Juridicas e Sociais d'esta cidade de S. Paulo, vols. I e II encadernados num tomo só. O 1.° contem a História Antiga e da Idade Média; o 2.°, a História Moderna, S. Paulo, tip. de M. F. da Costa Silveira, rua de S. Gonçalo n.° 14, 1839. Decalque vulgar da "Historia Universal" do alemão H. L. Poelitz.

mula, condene o *erro politico* de haver abandonado a religião. A's pgs. 170 e 186, detrata os padres e o catolicismo. A' pg. 187, mal se refere ao Corpus Juris, como quem pensa com o judeu Caim Buckeburg, vulgo Henri Heine, que é a Biblia de Satanaz. A' pg. 188, diz que o maometismo foi benéfico para os cristãos que resvalavam para a idolatria. A' pg. 191, afirma que o cristianismo foi um meio de politica aplicado por Carlos Magno. Afinal, êsses levêdos judaicos veem em máu estilo e pessima lingua.

Maior do que as gabadas luzes do enigmatico personagem era o misterio que o envolvia e que mereceu tantas interrogações na oração fúnebre pronunciada pelo adepto Cerqueira. Quem era? De onde vinha? Qual o seu nome e a sua familia?

Vamos aclarar êsse misterio com abundante documentação.

No seu "Dicionario Bibliografico Brasileiro" (3), Sacramento Blake depõe: "Julio Frank. Natural da Alemanha e nascido no ano de 1811, faleceu em São Paulo a 19 de junho de 1841, com 30 anos incompletos (4), depois de naturalizar-se brasileiro, guardando até o túmulo certo misterio quanto á sua familia, sua posição social e até quanto á sua verdadeira pátria, e verdadeiro nome que se supõem não serem os designados. O que é certo é que chegou ao Rio de Janeiro sem

(3) Ed. da Tipografia Nacional, Rio de Janeiro, 1883, 5-7, pgs. 259-260.

(4) Cerqueira dá-lhe 34 anos incompletos.

que alguem o conhecesse, pauperrimo, sendo logo preso na fortaleza da Lage, por queixa, ou cousa semelhante, do comandante do navio que o trouxe, e, sendo solto, foi caixeiro duma estalagem. Entretanto, conhecia perfeitamente as linguas vivas da Europa, inclusivé a latina e a grega, era habil geómetra e metafisico (?), tinha profundos conhecimentos de história antiga e moderna, e alguns do direito público e do direito romano. Deixando a estalagem, foi para São Paulo e na vila de Sorocaba abriu uma aula de francês, de inglês, italiano e latim. Já vantajosamente conhecido, foi convidado para exercer na capital o lugar de professor da cadeira de história anexa á Faculdade de Direito, para a qual escreveu o compendio que passo a mencionar..."

Sacramento Blake ou copiou o que disse Cerqueira, *mutatis mutandis,* ou se abeberou na mêsma fonte que o orador do Instituto. Afirmou mais uma vez o misterio que deve ser definitivamente desvendado.

Em março ou abril de 1821, o capitão dum navio chegado da Europa á Guanabara entregou ás autoridades policiais um rapaz que embarcára furtivamente num porto alemão, passageiro clandestino, como se diz hoje, o qual deu o nome de Julio Frank, nada explicou sobre a sua pessôa e foi recolhido á fortaleza da Lage, enquanto talvez se procediam a indagações. Consultámos na Biblioteca Nacional a coleção da "Gazeta do Rio de Janeiro" do ano de 1821 e verificámos que nenhum navio alemão chegou ao Rio em abril. Em março, porém, entraram dois: no dia 13, a galera "Charlota"

do capitão João Walff, carregada de vidros e fazendas, vinda de Hamburgo com cento e quinze dias de viagem; no dia 17, o brigue "Indianer" do mestre *judeu* Berend Meyer, vindo de Bremen com noventa dias...

Como a policia nada apurasse sobre essa figura cheia de misterio", como a qualifica Spencer Vampré, puseram-na em liberdade. Naturalmente, para ganhar a vida se sujeitou ao primeiro emprego que lhe apareceu, o de caixeiro duma estalagem. Em 1823, passou-se para Ipanema e daí para Sorocaba, onde se fez professor de linguas. Naquêle tempo, não precisava ser muito profundo em tais materias para lecioná-las no interior dêstes Brasis. A' provavel proteção do senador Nicoláu de Campos Vergueiro, manda-chuva em Sorocaba e grande maçon, que o recomendou ao brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, deveu ter sido nomeado professor de filosofia e história universal do Curso Anexo da recente Faculdade de Direito, com a qual de tal maneira *se identificou* que o "seu túmulo demora no claustro mais intimo da Faculdade, como a sua memória dorme, num nimbo de gloria (5), no recesso mais intimo do coração dos moços", sendo o seu nome "o mais altamente querido e respeitado ás gerações que passam (6)".

O moço misterioso vinha da Alemanha e a Alemanha se enchia naquêle começo do século de sociedades secretas que proliferavam sobretudo nos meios univer-

---

(5) Nada de concreto justifica essa gloria tão apregoada.
(6) Spencer Vampré, op. cit., t. I, pg. 260.

sitarios. O que elas faziam está pintado nêste trecho do grande escritor que as combateu, Augusto de Kotzebue: "A liberdade academica consiste sobretudo em permitir aos moços viver na orgia, se endividando, não frequentando as aulas senão segundo seus caprichos, vestindo-se como malucos e surrando os burguêses. Os pais de familia sensatos deviam tremer no momento de enviar seus filhos á universidade, quando ouvem o relato de tais façanhas nas cervejarias e nas sociedades de ginastica. Antes do que deixá-los pensar que a pátria os espera para se regenerar, melhor fôra ensinar-lhes os rudimentos do que ignoram e a polidez de que não teem a menor idéa (7)".

Essas sociedades — vira-se no processo contra os Iluminados — já se tinham estendido á Italia, especialmente Veneza, á Austria, á Holanda, á Saxonia, ao Reno, sobretudo ao ninho judaico de Francfort, e até mêsmo á America (8).

Augusto Frederico Fernando de Kotzebue, nascido em Weimar em 1761, era um dos grandes homens de espirito que puseram, na Europa aquecida pelas brasas revolucionarias espalhadas por Napoleão, sua vida e sua pena a serviço da causa da Ordem contra a Anar-

---

(7) Maurice Soulié e H. Mueller, "Les procés célébres de l'Allemagne", Payot, Paris, 1931, pgs. 114-115.

(8) Depoimento do Conselheiro Aulico Utzschneider, do padre Cosandey e do Academico Grünberger a 9 de setembro de 1785, "in" Barruel, op. cit., t. IV, pg. 261. No Canadá, por exemplo, pregára o Iluminismo em 1791 o judeu David Lean. Op. cit., t. V, pg. 267. A America entrava no plano geral de ação iluminista. Julio Frank não veiu para o Brasil a tôa.

quia, fomentada da sombra, em todos os sectores, pelo judaismo acobertado nas sociedades secretas. Autor de mais de 300 peças teatrais, na maioria representadas com grande exito, e de muitos romances, fizera na Russia parte de sua carreira de advogado. Fôra secretario do governador de São Petersburgo, presidente de tribunal na Estonia, diretor do Teatro Alemão da capital e Conselheiro Aulico. O barão de Bahor recomendára-o em testamento á Imperatriz Catarina II. O Czar Alexandre I tornára-se seu amigo.

Em 1813, começou na Alemanha, por conta do Czar, que era a grande muralha em que esbarravam judeus e maçons, a campanha de imprensa, que o celebrizaria, contra "as idéas democraticas que os soldados republicanos do Grande Exercito tinham trazido nas suas patronas". Consul Geral da Russia em Koenigsberg, trazia o soberano russo ao par do estado dos espiritos. Pedreiros-livres e israelitas vingavam-se, caluniando-o, infamando-o, isolando-o, sepultando-o no silencio, enquanto faziam retumbar a fama de Goethe e Schiller, sobretudo do primeiro, que se filiára ás sociedades secretas e estudava as ciências ocultas, os quais tinham sido companheiros de infancia de Kotzebue (9).

"Em 1818, fundára a "Semana Literaria", na qual redigia as noticias politicas que o Imperador Alexandre devia lêr. Nessa época, a agitação politica na Ale-

---

(9) Soulié e Mueller, na op. cit., são dos que mais duramente atacam Kotzebue. Justamente por isto os escolhemos para nos traçarem as linhas mestras da vida do publicista.

manha era muito forte. Após o desabamento do Santo Imperio, os pequenos principados que o compunham se haviam reunido sob o nome de Confederação Germanica, regidos por uma Dieta que se reunia em Francfort. Mas eram ainda governados por seus antigos principes, que compunham a Dieta. Os povos censuravam violentamente êsses pequenos soberanos por terem faltado ás promessas de liberdade que lhes haviam feito para levá-los á guerra contra Napoleão, sob o pretexto de libertar a pátria alemã, porém na realidade com o fim de preservar a Renania da propaganda revolucionaria que vinha de França.

Censuravam-nos especialmente por não terem concedido a seus súditos a liberdade de imprensa e o direito de votar impostos, como lhes fôra solenemente prometido.

A' frente do movimento reformista, os estudantes das universidades do Norte da Alemanha (10) reclamavam os previlegios que lhes haviam sido prometidos quando se alistaram no exercito de defesa nacional. Para unir seus esforços, se tinham agrupado em diversas associações que substituiam as antigas corporações escolares (11). Dêsde a queda de Napoleão, a poderosa Tugendbund se aletargára sem nunca mais poder curar-se de todo do golpe que recebera em 1809, quando o

---

(10) Universidades protestantes.

(11) Com uma grande diferença que o autor, na sua explicação justificativa e judaica, esquece de propósito: as antigas corporações de estudantes eram abertas; as novas, associações, secretas.

Corso, dono da Alemanha, ordenára sua dissolução. Mas se refundira em tres sociedades que se chamaram Teutonia, Burschenchaft e Landsmannchaft (12). A Burschenchaft era sobretudo composta pelos antigos combatentes das guerras contra Napoleão, que haviam retomado seus estudos, em 1815, na universidade. Compreendia mais ou menos 10 mil membros espalhados particularmente nas cidades renanas. A Landsmannchaft era antes composta de moços do campo, mais pacificos e de idéas menos avançadas. Por isso, algumas vezes as duas tinham entrado em conflito (13)".

Nos seus artigos da "Semana Literaria", Kotzebue atacou tanto as doutrinas novas como os escritores que as defendiam. Atacou ainda, com maior veemencia, as universidades, o desregramento dos estudantes e suas sociedades secretas. Mauricio Soulié e H. Mueller chamam a isso, textualmente, "obra de odio". Contudo, linhas depois, declaram que o que escreveu contra o sistema das universidades era "mais do que justo" (14).

Judeus, maçons, liberais, estudantes votaram a Kotzebue um odio de morte. "Arranjára tantos inimigos que sua estada na Alemanha se tornára dificil" (15). O valor dum homem de luta se mede justamente pelo número de seus inimigos. O de Kotzebue era imenso. O proprio Goethe escrevia, anunciando-lhe a morte:

---

(12) Estão aí os nomes germanicos das sociedades secretas judaico-alemãs das Academias Brasileiras.

(13) Op. cit., pgs. 112-114.

(14) Op. cit., pg. 114.

(15) Op. cit., pg. 115.

"E' um fenómeno estranho manifestar-se um odio tal contra Kotzebue, o qual na verdade se descobre em face de seus inimigos: escritores, *burguêses* e estudantes. *Todos se ligam contra o inimigo comum* (16). Recordam todos os seus esforços para prejudicar á Universidade de Iena. Infelizmente, essas cousas são verdadeiras e elas nos inimizaram. Sua residencia em Weimar póde trazer-lhe consequencias deploraveis. A gente é obrigada a pensar que isso acabará mal. Como? Desgraçadamente, já o pressentimos" (17).

A cousa acabou mal, como Goethe *adivinhára*. Kotzebue compreendeu tambem o perigo a que se expunha. Mudou-se de Weimar para Mannheim, no Grão Ducado de Baden, onde foi assassinado, no dia 10 de maio de 1819, pelo joven estudante Carlos Luiz Sand, natural de Wunsiedel, na Franconia, em alemão Frank-Wald (18), sorteado em sessão da Burschenchaft para êsse efeito e que confessou ter executado o crime conforme as determinações da seita (19).

---

(16) Os grifos são nossos.

(17) Op. cit., pg. 115.

(18) Chamamos bem a atenção para o nome Frank-Wald. Ver-se-á adeante por que.

(19) Lorenzo Frau Abrines, "Dicionário Enciclopédico de la Masoneria", Publ. "Mundial", Barcelona, s. d., voc. SAND. Eis um trecho do verbete: "Célebre por haver dado a morte ao publicista e dramaturgo de renome Kotzebue, em cumprimento de seus compromissos com a dita sociedade (Burschenchäft), que assim o decretou." O "Larousse Illustré", no art. SAND, diz o seguinte, em resumo: "Patriota alemão (?). Frequentou a Universidade de Erlangen, onde fundou uma sociedade de estudantes (!). Em 1817, foi para Iena. Cheio de amor por sua pátria (?) e pela liberdade, formou o projéto de assassinar Kotzebue."

Abstraindo-se de toda e qualquer romanceação em torno do crime, o que os documentos do processo comprovam é a premeditação a mais completa, aliada á mais vil covardia. O rapaz partiu de Iena, em diligencia, no dia 9 de maio dormiu em Francfort e no dia 10 chegou a Mannheim, apresentando-se logo em casa de Kotzebue, que não recebia pessôa alguma antes de meio-dia. Voltou ao albergue, onde se hospedára, conversou com várias pessôas, falou animadamente contra Kotzebue e tornou á casa do escritor. Apresentou uma carta de recomendação que falsificára, dizem uns que dum amigo da vítima e outros que da propria mãe dela.

"Kotzebue pediu ao rapaz que o esperasse numa saleta do andar térreo. Um momento depois, deixando a esposa e uma senhora que viera visitá-la, desceu a escada. Mais uns instantes e ouve-se um grito, seguido dum rumor de luta. Todos correm e dão com Kotzebue caído sob o assassino que o crivava de golpes. Um dos meninos que chegava exclamou:

— Vejam, papai brincando de guerra!

Aí Sand correu para a porta, ganhou a rua e ajoelhou-se, bradando:

— Viva a pátria alemã! O traidor jaz morto! Pereçam assim todos quantos o imitem! Graças, meu Deus, por me terdes permitido realizar tão bela ação!

Em seguida abrindo as vestes, enterrou o punhal no peito. Levaram-no ensanguentado e desmaiado para a cadeia. A busca efetuada em sua residencia, em Iena,

descobriu uma espécie de memorandum em que contava como pretendia matar Kotzebue. Durante varios dias, exercitára-se, enterrando um punhal num boneco de palha, que tinha o lugar do coração marcado por um pedaço de lã vermelha. Achou-se uma carta dirigida á sua mãe, na qual dizia:

"Êsse homem precisa morrer e a mim cabe matá-lo!"

Em outra, pedia demissão de membro da Burschenchaft, afim de não comprometer nenhum de seus companheiros.

Todavia, espalhára-se o boato de que tambem fôra encontrada uma lista rubra, na qual o nome de Kotzebue era somente o primeiro dos que deviam ser assassinados. Varias pessôas do partido conservador fugiram, apavoradas, da Alemanha (20)".

Sand escapou com vida ao ferimento que se fizera e foi julgado em Mannheim, a 10 de novembro de 1819, numa atmosfera de terror creada pelas sociedades secretas. O tribunal teve de funcionar a portas fechadas, com receio das manifestações da multidão ululante que se adensava nos arredores e que os poderes ocultos incitavam. O assassino confessou o crime, gabou-se de têlo cometido e negou ter qualquer cúmplice. Foi condenado á morte mas adiou-se *sine die* a execução da

---

(20) Maurice Soulié e H. Mueller, op. cit., pgs. 121-122.

sentença, "porque se esperava que morresse antes dos ferimentos", desculpa um tanto forçada.

"Mas o Imperador da Rússia enviou ao Grão Duque de Baden um ultimatum, protestando contra a demora do castigo. Marcou-se a data de 20 de maio de 1820 (21). O sentimento alemão era tão fortemente simpático ao joven mártir (?) que o carrasco de Mannheim se recusou a efetuar a execução. Foi preciso recorrer ao de Heidelberg, que somente assentiu em se prestar ao trabalho depois que Sand lhe prometeu, em nome de seus camaradas estudantes, que nenhum mal lhe seria feito em represália (22).

A execução fôra anunciada para as nove horas da manhã. Afim de enganar a multidão, foi feita (?) ás seis horas justas num prado ás portas de Mannheim, deante das personagens oficiais e de alguns operarios madrugadores que iam trabalhar. Sand, conduzido num carro fechado, acompanhado por um pastor, morreu com a mais nobre simplicidade (?). Uma hora depois, a noticia de sua execução se espalhára pela cidade e o prado estava coberto por muita gente que colhia as ervas tingidas pelo sangue do mártir (23). Aquêle

---

(21) Seis mêses depois da sentença! Por que?

(22) Mais depressa se pega um mentiroso do que um côxo... Desmancha com os pés o que fez com as mãos. Não havia nenhuma simpatia popular refletindo-se nos carrascos, mas mêdo dêstes das represálias da Burschenchaft, tanto que Sand promete em nome de seus "companheiros" que nada acontecerá.

(23) Mártir? E' o cúmulo! Um assassino e nada mais.

campo ficou longo tempo conhecido como o *Sandshimmelweg* (24), isto é, o caminho de Sand para o céu.

Dizem que sua mãe recebeu 40 mil cartas dos admiradores de seu filho. Durante um ano inteiro, seus camaradas de universidade conservaram o luto, vestindo-se do mêsmo modo que êle se vestia no dia em que matou Kotzebue. Foi enterrado no cemiterio de Mannheim, ao lado de sua vítima. Sobre seu túmulo estão gravadas as palavras: HONRA E PÁTRIA (25)".

Ora, vê-se claramente do que aí fica narrado por um autor parcial, que forma ao lado do criminoso, que o governo de Baden somente se decidiu a agir forçado pela pressão do Czar. Receando a vingança das sociedades secretas, recorreu ao subterfugio dessa execução fingida e com hora trocada, a qual não póde enganar a ninguem. Enterrou-se qualquer cadáver ou qualquer boneco sob a lousa da HONRA e da PÁTRIA, e deu-se escapúla ao *mártir* protegido pela Burschenchaft, que prestára ao judaismo maçónico o maravilhoso serviço de desembaraçá-lo dum inimigo do calibre de Kotzebue...

Isto foi em maio de 1820. Naquêle tempo, as viagens por terra eram lentas e as por mar, ás vezes, ainda mais lentas, dependendo dos ventos. Não era raro levar-se um semestre da Europa até aqui. Em março ou abril de 1821, desembarcou no Rio, vindo clandesti-

---

(24) Outros dizem: "Sandshimmelfuhrstwiese", isto é, o campo da ascensão de Sand para o céu.

(25) Maurice Soulié e H. Mueller, op. cit., pgs. 121-124.

namente num barco mercante, o joven Julio Frank, sem nome, sem familia, sem pátria, "figura cheia de misterio", como diz *inocentemente* Spencer Vampré. Carlos Luiz Sand era natural de Wunsiedel, no Frank-Wald. A gente quando muda de nome, em geral procura instintivamente outro nome que tenha qualquer relação consigo. Demais, Jacob Frank chamava-se outro personagem misterioso, quasi contemporáneo de Sand, o chefe dos judeus *frankistas* ou *zoharistas*, nascido na Polonia em 1720, cabalista terrivel, autor do "Zohar", que fingiu converter-se ao cristianismo para miná-lo, que recebia de seus adeptos somas enormes com as quais levava vida luxuosissima na Europa central e que morreu dum ataque de apoplexia em Hesse, no ano de 1791. Para seus seguidores, o "Zohar" é a unica explicação cabalista da Lei de Iavé (26). E, ainda, segundo o costume judaico de trocar os nomes, conservando as iniciais, J. F. correspondem a Julio Frank e a Jacob Frank.

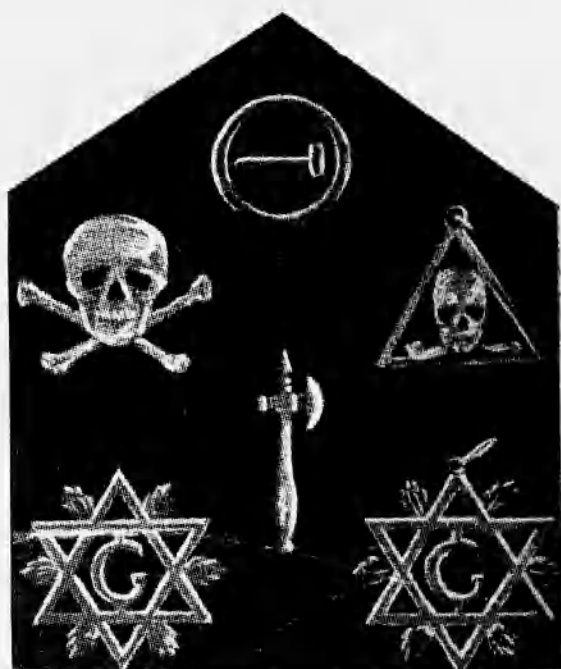
E' fáto averiguado e assentado, dêsde o memento de Cerqueira no Instituto Historico, que êsse não era o verdadeiro nome do misterioso individuo. Ainda em 1867, o viajante Tschudi se fazia éco dessa opinião geral e definitiva, denominando os nomes de Julio Frank de *pseudónimos* (27). O turista teutonico viu o túmulo

---

(26) Adolf Franck, "La cabbale".

(27) Johann Jacob von Tschudi, "Reisen durch Südamerika", F. A. Brockhaus, Leipzig, 1867, t. III, pgs. 324-326: "Meine Begleiter führten mich Zuerst in einem kleinen vierckiegen Hof in Kreuzgange des Klosters zu einem einfachen obelisken-förmigen Grab

Retrato a oleo de Julio Frank, inaugurado após sua morte pelos seus discipulos na sala em que lecionava na Faculdade de Direito de São Paulo.

Aspecto dum recinto de sessões da Burschenchaft

Simbolos usados pela Burschenchaft.

da "figura cheia de misterio" no pequeno páteo quadrado e claustral da velha Faculdade, e declara que não foi sepultado em sagrado por ser protestante, tendo os estudantes lhe erigido aquêle monumento em fórma de obelisco e inaugurado seu retrato na sala de aulas. Segundo o que lhe haviam informado, trouxera para a Escola de Direito o *saber alemão*. Não; o que, em verdade, trouxera fôra uma organização secreta judaica, cujos fins e cujos resultados veremos a pouco e pouco.

Segundo Soulié e Mueller (28), Carlos Luiz Sand nasceu em 1795. Foi uma criança doente e nervosa. Adolescente, era "dócil, solitario, estudioso e ordinariamente mergulhado numa espécie de apatia, da qual saía para a prática de átos violentos e generosos (29)". Magnifica presa para o satanico misticismo das sociedades secretas. Tipo exáto do místico capaz de ir até o crime. A figura de Gorguloff, assassino do Presidente Paul Doumer, apresenta com êle êsses mêsmos pontos de contácto (30). São como que os sonámbulos sobre que atúa o hipnotismo das forças ocultas. Voluntario contra Napoleão, Sand combateu em Waterloo e esteve em França até 1816 com o exercito de ocupação. Voltou para a Universidade de Erlangen, da qual

---

monument. Unter den Steine ruht ein Deutscher aus edler hochangeschener Familie, der unter dem "psedonymen Namen" "Julius Frank" aus Gotha als Professor an der Universität angstellt war und im Iahre 1841, erst 32 Iahre alt, starb".

(28) Op. cit., pg. 115.

(29) Idem, pg. 116.

(30) Léon de Poncins, "La guerre occulte".

era estudante, filiando-se com exaltação a Burschenchaft. "Começou, então, a fazer um diario de seus pensamentos, o qual denota um misticismo incoerente de primário e a convicção inquietante de que Deus o designára para salvador da pátria alemã (31)".

Contou-nos um antigo bucheiro que se liam nas reuniões da Bucha uns cadernos em que Julio Frank contava suas campanhas contra Napoleão. O depoimento é importante.

Se está certa a data de Soulié e Mueller, 1795, quando cometeu o crime, em 1819, tinha 24 anos. Já não era uma criança. Com o nome de Julio Frank, chegou ao Brasil em 1821. Contava 26 anos. Quando morreu, em 1841, estava, pois, com 46 anos. Os que sobre êle escreveram fazem-no mais moço, porém que disparidade nas idades que lhe dão? Cerqueira dá-lhe, na oração fúnebre do Instituto Historico, 34 anos incompletos. Sacramento Blake atribue-lhe no seu "Dicionário" 30 anos incompletos. Tschudi regista 32.

Se Julio Frank tivesse somente 30, 32 ou 34 anos, quando faleceu, em 1841, teria desembarcado no Rio de Janeiro, em 1821, com 10, 12 ou 14 anos, o que é inadmissivel e demonstra que essas idades são dadas para *despistar* quanto á verdadeira identidade da "figura cheia de misterio". Considerando-o como Carlos Luiz Sand, nascido em 1795, vemo-lo desembarcar com 26 anos, idade em que já podia ter adquirido a soma de conhecimentos com que o ornam. Dos 10 aos 14 era

(31) Maurice Soulié e H. Mueller, op. cit., pg. 117.

impossivel possuí-los, salvo se fôsse, ao invés duma "figura cheia de misterio", uma criança prodigio.

Por que motivo Julio Frank deixou rapidamente o Rio de Janeiro e foi parar em Ipanema e, depois, em Sorocaba?

Augusto de Kotzebue, que assassinára quando se chamava Carlos Luiz Sand, deixára vários filhos que fôram homens ilustres: Oto, nascido em Reval, em 1787, o mais velho, oficial da Marinha Russa, grande navegador; Mauricio general russo, nascido em 1789 e morto em 1861; Paulo, nascido em Berlim, em 1801, general russo, falecido em 1884, após ter feito com brilho as campanhas da Polonia, do Cáucaso e da Criméa, e governado a Polonia e a Bessarabia; Alexandre, pintor de batalhas, e Guilherme, diplomata e dramaturgo.

Justamente em 1823, Oto de Kotzebue surge de súbito no Rio de Janeiro. Comandava a fragata russa "Entreprise", destinada a descobrimentos e explorações nos mares austrais. No dia 13 de novembro do ano citado, ancorou á vista da barra devido á calmaria. Entrou na Guanabara no dia 14. Oto de Kotzebue demorou 25 dias no Rio, residindo em Botafogo, na casa dum amigo e deixando, na obra que escreveu sobre a viagem, bôas descrições da nossa capital, naquêle tempo. Foi para bordo na tarde de 9 de dezembro e fez-se de vela no dia 10, saindo á barra já ao anoitecer (32).

---

(32) Cf. Rodolfo Garcia, "O Rio de Janeiro em 1823, conforme a descrição de Oto de Kotzebue, oficial da Marinha Russa", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", Imp. Na-

A coincidencia é sobremaneira curiosa. Chega o navegador russo inesperadamente e quem sabe se com algum fito de que guardou reserva, demora e começa a visitar a cidade, então pequena e atrasada; logo, o joven passageiro clandestino e suspeito põe o pé no mundo, afundando no interior, onde chega, como veremos adeante, em petição de miseria. Que tinha o moço Julio Frank a vêr com Oto de Kotzebue, para fugir dêle como o diabo da Cruz? Evidentemente não devia ter nada. Mas é muito explicavel que Carlos Luiz Sand não desejasse de fórma alguma encontrar-se com o filho do homem que covardemente apunhalára.

Durante longos anos, não se falou em Bucha no nosso país. Rarissimas pessôas desconfiavam da existencia duma organização secreta e poderosissima em São Paulo ou sabiam alguma cousa a êsse respeito. O túmulo de Julio Frank nem despertava a atenção. A revolução de 1930 acordou as curiosidades. Apareceram boletins e artigos tocando no misterio e, em 1935, um jornalista carioca escreveu o seguinte: "No saguão do antigo edificio da Faculdade de Direito de São Paulo, existe um unico túmulo, que é o do judeu (*sic!*) alemão, professor contratado de história, organizador da Burschenchaft no Brasil. Durante a revolução de 1930, êsse túmulo foi misteriosamente violado, ao que dizem, para

---

cional, 1917, t. 80; Otto von Kotzebue, "Neue Reise am die Welt, in dem Iahren 1823-1826, — Nouveau voyage autour du monde pendant les années 1823-1826", St. Petersbourg, 1830, 2 vols.

retirarem de lá os primitivos estatutos e átas de organização, afim de que tais documentos ultra secretos escapassem ao conhecimento do público (33)".

Não parece verdade que o túmulo tenha sido violado, mas é verdade que sobre êle paira o misterio. Dizem que ha documentos preciosos guardados na sua base. De fáto, é conservado com extremo carinho. Ainda quando da recente derrubada do velho convento onde funcionava a Faculdade dêsde sua fundação, foi todo protegido por uma armação de madeira e mantido no mêsmo local. Êle copia nas suas linhas gerais outro monumento misterioso de São Paulo, a Pirámide do Piques, que data de 1814, anterior á Bucha e situado em frente ao local onde outróra funcionou a loja maçónica mais influente nos destinos paulistas. Muitas vezes, nos momentos de perturbação da ordem pública, aquela pirámide tem sido guardada até por metralhadoras, como se sob suas pedras centenarias dormisse um segredo perigoso...

O misterio que envolveu a vida de Julio Frank ou Carlos Luiz Sand acompanha-o alem da morte, asse-

(33) Trecho citado por Afonso Schmidt, provavelmente membro da Bucha, na novela "A sombra de Julio Frank", publicada em 1936, nos folhetins do "Estado de São Paulo", que póde ser considerado orgão oficial dos bucheiros. O sr. Schmidt mandou imprimir êsses folhetins em volume; porém como se referia ás iniciações na Bucha e sua fundação, a edição foi rapidamente tirada da tipografia antes de ser posta em circulação. Houve quem pudesse obter no entanto um exemplar que nós vimos e constitúe prova flagrante do poder bucheiro que deseja viver em silencio...

gura o iluminado sr. Spencer Vampré (34). E prossegue: "Até o túmulo, guardou segredo quanto á sua familia, posição social, e até quanto á pátria, presumindo-se que tambem trocára de nome (*sic!*). Porventura desgostos intimos ou ainda lutas politicas (?) o determinaram a deixar o torrão natal. O certo é que chegou ao Rio de Janeiro pauperrimo, sem que ninguem o conhecesse, sendo logo preso na fortaleza da Lage, por queixa, ou cousa semelhante, do comandante do navio, que o trouxe, quiçá por haver embarcado furtivamente. Sôlto, veiu para Sorocaba empregando-se como caixeiro numa venda. Segundo outra versão, abriu ali uma aula de francês, inglês, italiano e latim. De Sorocaba veiu para São Paulo, recomendado ao brigadeiro Rafael Tobias, e entrou para o Curso Anexo. De extrema bondade, cheio de idealismo, conquistou para sempre (*sic!*) a mais terna afeição da mocidade, e por isso o seu nome se venera ainda na Academia, como o maior e o mais devotado amigo dos estudantes. Não chegou a cumprir inteiramente o contráto de dez anos, pois

---

(34) Essa loja era, sem dúvida, a loja "Amizade". Quando festejou seu 103.° aniversario, em 13 de maio de 1935, segundo a publicação feita pelo "Diario de São Paulo" do dia 14, o veneravel Eduardo Medeiros, em discurso oficial, "traçou o historico da loja "Amizade" e acompanhou seu desenvolvimento através dos tempos. Mostrou as suas estreitas (!!!) ligações com a Faculdade de Direito de São Paulo, pois, em geral, seus membros eram professores ou estudantes na época em que fôram lançados seus fundamentos, a 13 de maio de 1832". O referido veneravel tambem agradeceu a presença na ceremonia do sr. Marrey Junior e "outras altas autoridades da maçonaria paulista". Essa loja sucedera á outra mais antiga que funcionava no Piques.

faleceu aos 19 de junho de 1841, sendo substituido, na cadeira de história universal, por seu discipulo, e amigo, Antonio Joaquim Ribas.

O túmulo de Julio Frank é um modesto catafalco sobre plataforma quadrilátera, á qual dão acesso alguns degráus, encimado por um obelisco de cerca de quatro metros. Todo o monumento, de cantaria, está amparado por gradil de ferro, preso, nos ángulos, a quatro pilastras adornadas por môchos simbolicos (35). Fica situado exatamente em frente á sala, hoje modificada, em que lecionava. Numa das faces do pedestal, ha o seguinte epitafio:

HIC JACET JULIUS FRANK
IN HAC PAULOPOL. ACADEM. PUBL. PROF.
NATUS GOTHAE. ANN. MDCCCIX
OBIIT XIX JUNII ANN. MDCCXLI
AETATE SUAE XXXII

O monumento foi feito a expensas de *alguns academicos* (36), que tambem mandaram pintar-lhe o retrato a oleo, — hoje na sala de leitura da Biblioteca. Inhumou-se dentro da Academia, por ser protestante,

(35) Lembramos que o Môcho ateniense, a coruja de Minerva, era o distintivo da fita dos Minervais do Iluminismo bávaro de Weishaupt. Os môchos são, pois, intencionalmente, postos no túmulo do iluminado fundador da Burschenchaft na Paulicéa.

(36) Spencer Vampré, conhecedor dos segredos da Faculdade de São Paulo, da qual é o historiador, conhècedor, sem dúvida, de outros segredos, grifa estas palavras. Por que? Para indicar aquêles "alguns" que eram iniciados. Parece claro...

pois o enterramento nas igrejas, unico então conhecido para as pessôas gradas, só se realizava nos templos (37)".

A data do nascimento atribuida ao morto é uma inverdade manifesta. Se êle tivesse nascido em 1809, teria desembarcado no Rio, em 1821, com 12 anos e estaria, em 1823, com 14, dando lições até de latim em Sorocaba, o que não entra na cabeça de ninguem. Todos os autores confessam o misterio de sua procedencia e de sua familia; todos afirmam que trocára o nome. Gravam-lhe, todavia, na lousa e Vampré escreve que era de Gotha, na Saxonia. E' ainda em Gotha, num romance barato, que o vai situar o sr. Afonso Schmidt nos folhetins do "Estado de São Paulo", com o fito de estabelecer a confusão sobre o personagem, cuja identidade não convem aclarada (38). Essa confusão se estabelece sobretudo nas datas variaveis do nascimento, o que é de importancia capital: 1808, 1809 e 1811, todas tendentes a afastar a hipótese de ter assassinado Kotzebue em 1819. *O grande segredo bucheiro!...* Alem disso, a palavra Gotha tem duplo sentido, de acôrdo com as regras cabalisticas: Gotha, capital do ducado de Saxe Coburgo, Gotha para os desavisados profanos, Gothia, a Alemanha para os iniciados... Não se es-

---

(37) Op. cit., t. I, pgs. 261-263. Que redação! Que salada! O enterramento nas igrejas só se realizava nos templos... E' do outro mundo...

(38) "A sombra de Julio Frank", Não é êsse o único romance sobre Julio Frank. A baronêsa Handel Mazzetti escreveu sobre êle um romance historico — "Das Rosenwunder".

queça que, em Gotha, á sombra do duque de Saxe Coburgo, Ernesto Luiz, achou refugio, foi titulado como Conselheiro Aulico e recebeu pensão Spartacus Weishaupt...

Quando Julio Frank morreu, vivia em São Paulo o poeta Passos Ourique, que lhe dedicou uma nénia, na qual deu um escorregãozinho, levantando uma pontinha do véu que ocultava o verdadeiro nome do fundador da Bucha, pensando talvez que somente os confrades o entendessem, ao chamá-lo: João LUIZ de Godofredo Julio Frank... (39) A intimidade de Frank e de Ourique é lembrada pelo sr. Afonso Schmidt em muitos trechos do seu romance (40). Tambem menciona que o judeu Alexandre Haas recebeu do reitor da Universidade de Goettingue, em 7 de junho de 1932, quando muito se falava da Bucha e isso não convinha, a seguinte carta:

"Presado senhor. Em resposta ás suas linhas de 5 de março de 1932, participamos que não pudemos verificar a data do nascimento de Frank (!!!). Encontramos, porém, no nosso arquivo, uma carta de Frank, da qual segue cópia. E' de esperar que seja do seu interesse. Frank deixou Goettingue sem tirar o certificado de retirada, pois que não pôde pagar suas dívidas. Em cousas politicas (ao menos aqui), não se achou envolvido. Perante o reitor da Universidade teve de com-

---

(39) Spencer Vampré, op. cit., t. I, pg. 263.
(40) Sobretudo no cap. XV.

parecer repetidamente, duas vezes por duelo e uma vez por desmando em um campo de tiro. Mais não se póde averiguar aqui; tambem não sei se êle pertenceu a uma Liga."

Liga é um eufemismo, em lugar de sociedade secreta. Como não conhecemos o original alemão da carta, não sabemos de que expressão na verdade usou o reitor de Goettingue. A carta não póde merecer a menor consideração do ponto de vista historico. Ou se refere a qualquer estudante do nome de Frank, aliás muito comum na Alemanha, ou é adrede arranjada para desorientar os que queiram esclarecer o misterio. Sabe-se que Julio Frank chegou ao Rio de Janeiro em 1821 e isto torna patente o absurdo da data que se quer impôr para seu nascimento, data que a propria carta não se atreve a elucidar.

O mal arranjado romance do sr. Afonso Schmidt, publicado no "Estado de São Paulo" tem por escôpo naturalmente desviar a opinião pública da verdade sobre o misterioso personagem. Nada mais. Contudo, de vez em quando, nêle afloram uns pedacinhos da verdade. Entre êstes, a referencia de que Julio Frank ou Carlos Luiz Sand era judeu. Fala disso, por exemplo, no folhetim 7.º. Outra referencia muito curiosa é a de que havia num recanto da biblioteca ducal de Gotha, onde supõe nascido e criado o seu herói, "entre manuscritos desentranhados de poentos processos de magia, o EVANGELHO DOS DOZE APÓSTOLOS (*sic!*), a corres-

pondencia do português Martinez de Pasqualis e de outros sujeitos de má nota (41)".

Ora, não existe nenhum Evangelho dos Doze Apóstolos, nem mêsmo entre os chamados Apócrifos ou os Agrapha dos gnósticos; mas se sabe que a Burschenchaft paulista tem doze membros altamente graduados, de acôrdo com o ritual do Iluminismo, denominados os DOZE APÓSTOLOS! O autor, naturalmente desconhecedor da Bucha, fez nêsse ponto uma alusão destinada a ser unicamente compreendida pelos iniciados na camorra e na magia...

Martinez de Pasqualis foi um judeu português, cabalista insigne, que participou do grande movimento das sociedades secretas no século XVIII. Seu misticismo abriu as portas ao Iluminismo de Weishaupt na Baviera (42) e ao Iluminismo de Claudio de Saint Martin em França. E', portanto, o papa dos Iluminados. Sua doutrina fórma o alicerce de todas as sociedades secretas iluministas. Nela mergulham as raizes da Burschenchaft. Martinez de Pasqualis iniciou Saint Martin em Bordéus e êste o chamava de mestre (43). O Martinismo ou Iluminismo francês surge posteriormente a Weishaupt, liga-se aos dogmas de Martinez de

---

(41) "A sombra de Julio Frank", folhetim n.° 1.

(42) P. Deschamps, "Des societés sécrétes", t. III, pg. 36.

(43) "Correspondance inédite de S. C. de Saint Martin avec le baron de Kirchberger", ed. L. Schauer, Dentu, Paris, 1860. V. Paul Le Cour, "Claude de Saint Martin, Le Philosophe Inconnu" "in" "Atlantis", Paris, n.° 70, de 21 de março de 1937.

Pasqualis (44) e é o creador da trilogia liberal: Liberdade - Igualdade - Fraternidade. Vimos Weishaupt tratar da Liberdade e da Igualdade. Mais tarde ainda, a chamada Estrita Observancia se abebera na mêsma fonte (45).

A novela do "Estado de São Paulo", que traz estas revelações importantes, basêa-se em investigações do sr. Frederico Sommer sobre Julio Frank. Dizem elas o seguinte: nasceu a 8 de dezembro de 1808 (46), na cidade de Gotha, segundo o registo da igreja protestante local de Santa Margarida, filho dum mestre encadernador; cursou o ginásio de Gotha; estudou na Universidade de Goettingue de 1825 a 1827; fugiu da Alemanha por causa de dividas e desgostos, vindo para o Brasil. Nas mêsmas fontes se desaltera o historiador Escragnolle Doria em estudo publicado na "Revista da Semana" (47), acrescentando: "Do Rio de Janeiro se passou Frank a São Paulo, atingindo Ipanema, onde viviam muitos patricios. Assombrava a todos a rapidez e correção com que o recenvindo logo aprendeu e falou português. Ao encanto da inteligencia ajuntava o agrado de maneiras distintas, tudo prejudicado pelo abuso do alcool.

---

(44) P. Deschamps, op. cit., t. II, pg. 116.

(45) Op. cit., locs. cits.

(46) Todavia a reitoria da Universidade de Goettingue confessou em carta a impossibilidade de apurar essa data...

(47) "Julio Frank", no n.° de 6 de abril de 1935. O Swedenborgismo tambem dimana do Iluminismo. Cf. Barruel, op. cit., t. III, pg. XII.

Em Sorocaba, apareceu Frank de pés no chão, roupa a ir-se do corpo. Caixeiro de venda, desta sentado á porta, divertia-se em chamar escolares e ajudá-los nas lições, quaisquer que fôssem.

Foi o caixeiro despedido por não dar socego ás garrafas de alcool, a latas de passas e azeitonas. Dinheiro era para Frank cousa de nonada, mas o patrão dêle tinha outras idéas em Economia Politica.

De Sorocaba partiu Frank para São Paulo, agasalhado aí em repúblicas de academicos, ora numa, ora noutra, até ser nomeado professor de história do Curso Anexo á Faculdade de Direito.

Preciosas notas recolhidas por um "Velho Sorocabano", Lopes de Oliveira, de parentesco com o Dr. Francisco de Assis Vieira Bueno, discipulo de Frank, habilitam-nos a apreciar até o tipo fisico do professor alemão a colocar na galeria dos originais, ao lado do barão de Schidler, Filosofo do Cáis, no Rio de Janeiro.

Mostrou o "Velho Sorocabano", por tradição de velhos, Julio Frank de estatura mediana, cabelos louros, de olhos azúes, usando barba. Andava sempre de mãos cruzadas sobre as costas, palmas abertas, dedos entezados. Muito supersticioso, prestava atenção a crendices e práticas indigenas, nem se furtava a sessões de magia negra (*sic*!).

Procurando falar á paulista, descansadamente, radiava de alegria se lhe perguntavam onde nascera em São Paulo, gostando muito quando o chamavam de

Lamão na cidade pequenina de onze mil almas, onde academicos eram trunfos.

Dava Julio Frank lições particulares em casa da rua de São José, proxima á ladeira do Acú. Beirava o quintal da casa o rio Anhangábaú. Para banhar-se, Frank interrompia lições pelas quais não aceitava dinheiro de ninguem, salvo se lhe dissessem que era para comprar livros.

Professava magistralmente no Curso Anexo da Faculdade, então dirigida pelo senador Vergueiro. Andava sempre com estudantes e êstes o impediam quanto podiam de entregar-se a libações (48), que lhe não tolhiam inteligencia ou memória."

Admitindo o nascimento dêsse homem em 1808, tê-lo-iamos em 1827, ao deixar a Alemanha, com 19 anos e, ao ser nomeado em 1830 para o Curso Anexo da Faculdade de São Paulo, com 22 anos. Devemos confessar que é muito pouco para quem já *sabia tanto*. . .

Não queriamos fazer a afirmação categorica de ser Julio Frank, Carlos Luiz Sand, o assassino de Kotzebue, sem termos a nossa consciência tranquila. Para isso, procurámos um de nossos maiores amigos, cujo nome somos obrigados a calar, homem distintissimo, cidadão prestimoso, grande brasileiro o qual, ao tempo da mocidade, segundo sabiamos de fonte limpa,

(48) Julio Frank deixou em São Paulo tradição de bebedo inveterado. Com certeza afogava no alcool os espectros que o perseguiam... E frequentava as sessões de magia negra... Está definido o homem...

pertencera a Burschenchaft da Faculdade de São Paulo, onde se formára, ocupando na mêsma, nos últimos tempos da monarquia, o cargo de um dos Doze Apóstolos. Sua vida limpa e sua ação patriotica de ha muito já apagaram êsse erro de sua juventude republicana. Pedimos-lhe esclarecimentos sobre a Bucha e êle nos disse que havia pronunciado um JURAMENTO TERRIVEL a que não podia faltar. O juramento ritual é o seguinte: "Juro, sob pena de ser considerado infame, que jamais revelarei a existencia de uma sociedade secreta na Academia de São Paulo!" Insistimos, mostrando-lhe a necessidade de esclarecer os moços brasileiros contra êsses manejos das trevas. Expusemos-lhe a dúvida angustiosa que poderia permanecer em nosso pensamento, se não tivessemos uma confirmação plena daquilo que os documentos nos revelavam. E êle somente aceedeu em nos responder a esta pergunta:

— QUEM ERA NA VERDADE JULIO FRANK?

Pensou um instante e confessou:

— ÊSSE ARCANO SO' SE REVELAVA NA PÓSSE DOS NEÓFITOS. O PRESIDENTE LIA, ENTÃO, O HISTORICO DA BURSCHENCHAFT E DIZIA O GRANDE SEGREDO: JULIO FRANK ERA SIMPLESMENTE CARLOS LUIZ SAND, O ASSASSINO DE KOTZEBUE!

Somente assim se compreende o misterio e o prestigio dêsse homem, que teve dois nomes e dois túmulos: um na Alemanha e o outro no Brasil...

Encontra-se uma referencia oficial á Bucha no parecer dado pelo professor da Faculdade de Direito de São Paulo, dr. João Monteiro, aos projétos de Universidade dos Drs. Azevedo Sodré e Leoncio de Carvalho, em pleno periodo republicano: "Nem valha a alegação de haver tais comissarios na Alemanha. Basta atender para a causa de tal criação, por completo alheia em nosso meio social. Larousse a refere, e dos nossos estudantes, os que se filiaram á Burschenchaft bem a conhecem. Apontadas as universidades como fócos de desordem politica, assassinado Kotzebue pelo estudante Carlos Luiz Sand, posta em perigo a estabilidade dos soberanos alemães, foi o instinto da conservação tronal que levou êsses fiscais a montarem guarda nas Universidades de Münster, de Kiel, de Inspruck, de Breslau, de Goettingue, de Pest e outras... Mas hoje... *quantum mutatis ab illo!*" (49)

O parecer reporta-se á idéa duma fiscalização severa na faculdade e confessa oficialmente a existencia da Bucha, bem como de suas relações com o movimento politico das sociedades secretas universitarias da Alemanha e com o assassinio de Kotzebue. Os estudantes filiados á Burschenchaft, afirma o Dr. João Monteiro, conhecem isso... O documento é precioso.

Quem primeiro se referiu publicamente á Burschenchaft paulista e deu a entender sua ligação com o cri-

---

(49) "Revista da Faculdade de Direito de São Paulo", 1903, t. II, pg. 47.

me de Sand foi o lider católico Felicio dos Santos, em um artigo na "União", que causou grande impressão no espirito público e alvoroço nos arraiais bucheiros. O chefe da Bucha nêsse tempo era o sr. Vergueiro Steidel, alcunhado o Corvo Triste, que enviou um emissario ao sr. Felicio dos Santos, segundo é do conhecimento de muitas pessôas ainda vivas. Mais tarde, voltava o notavel batalhador da Igreja ao assunto nêstes termos: "Não ha muito tempo, contei aos meus leitores o que era a maçonaria academica de São Paulo, a misteriosa *bushhafft* (sic) fundada pelo professor de história, Dr. Frank, jacobino alemão emigrado para o Brasil depois do célebre assassinato de Kotzebue pelo estudante Karl Sand em 1819. Quasi todos os estudantes da Faculdade de São Paulo eram filiados a essa associação (50)."

A nossa documentação esclarece definitivamente o assunto e comprova tudo quanto deixámos dito no primeiro volume desta obra acerca do bacharelismo judaizado que tomou conta do Brasil e o levou a amoralidade politica e social. A mocidade brasileira precisa destruir os resultados dessa ação das trevas que abastardou a nação. Para esmagar uma seita, diz o padre Barruel,

---

(50) A. Felicio dos Santos, "Casos reais a registar", ed. da Livraria Católica, Rio de Janeiro, 1932, pgs. 90-91. Um velho bucheiro revelou-nos que, nas reuniões da Bucha, se procedia á leitura de trechos dum manuscrito de Julio Frank, que é conservado precisamente no arquivo da associação, no qual êle narrava as suas campanhas contra Napoleão. Ora, quem fez campanha contra o Imperador, como soldado, foi Carlos Luiz Sand, que esteve em Waterloo. E' mais uma preciosa revelação da verdade.

uma das maiores autoridades em materia de sociedades secretas, é necessario atacá-la nas suas proprias escolas, dissipar o seu prestigio, demonstrar o absurdo de seus principios, a atrocidade de seus meios e, sobretudo, a infamia de seus mestres (51). Que os moços dignos, de caráter, patriotas e conscientes, cristãos e puros, destrúam de vez essa mafia celerada, acocorada na sombra, que dirige a vida de São Paulo e, ás vezes, o destino da Pátria, servindo-se dos que iniciou nos seus misterios, os quais não sentem queimar-lhes as faces o rubor da vergonha de subirem por essa triste e suja escada de serviço!

---

(51) Barruel, op. cit., t. I, pg. XIII.

CAPITULO III

A CAMÔRRA DE CIMA

A 13 de março de 1825, S. S. o Papa Leão XII escrevia aos católicos na Constituição Apostolica QUO GRAVIORA estas sábias palavras: "Logo nos dedicámos a examinar o estado, número e força destas associações secretas e fácil nos foi reconhecer que sua audacia se multiplicára pelas novas seitas que se lhes reuniram. A denominada *universitaria* chamou nossa especial atenção. Estabeleceu sua séde em muitas universidades, onde os mancebos se perverteram, em vez de se instruirem, por alguns dos professores, iniciados em misterios que poderiam chamar-se de iniquidade, e prontos para toda a casta de crimes. Provém daqui que, dêsde que o facho da revolta foi acêso pela primeira vez na Europa, pelas sociedades secretas, e levado ao longe pelos seus agentes, e ainda que os principes mais poderosos hajam alcançado notaveis vitórias, que nos faziam esperar a repressão destas associações, seus culposos esforços não teem cessado ainda. Porque, nos países onde as antigas tormentas pareciam apaziguadas, não ha para temer novas perturbações e sedições recentes que estas sociedades tramam continuamente? Não se temem os punhais impios com que ferem secretamente os que se acham apontados para a morte? Quantas terriveis

lutas não tem tido a autoridade que sustentar afim de manter a tranquilidade pública?

A estas associações devem atribuir-se as terriveis calamidades que afligem a Igreja e não podemos recordar sem dôr profunda a audacia com que são atacados seus dogmas e preceitos mais sacrosantos! Procura-se aviltar a sua autoridade, e a paz de que ela teria o direito de gosar é não só perturbada, mas poderia dizer-se que está destruida.

Não deve pensar-se que nós, falsa e caluniosamente, atribuimos a estas associações secretas todos êstes males e outros que não indicamos. As obras que os seus membros teem publicado sobre a religião e a causa pública, seu despreso pela autoridade, seu odio pela soberania, seus ataques contra a divindade de Jesus Cristo e a propria existencia de Deus, o materialismo que professam seus códigos e estatutos, que demonstram os projétos e intenções que teem, provam o que nós referimos dos seus esforços para derrubar os principios legitimos, e abalar os alicerces da Igreja. E o que é igualmente certo é que estas diversas associações, embora com várias denominações, são aliadas entre si por seus infames projétos.

Segundo esta exposição, pensamos que nos ocorre o dever de novamente condenar estas associações secretas, para que nenhuma delas possa pretender que se não acha compreendida na nossa sentença apostolica, e servir-se dêste pretexto para induzir em erro homens fáceis de enganar. Assim, tendo tomado conselho com

nossos veneraveis irmãos, os cardeais da Santa Igreja Romana, de *motu proprio,* ciência certa e, depois de maduras reflexões, proibimos para sempre e sob as penas impostas nas bulas de nossos predecessores, aqui reproduzidas e que confirmamos, todas as associações secretas, tanto as que atualmente existem, como as que poderão organizar no futuro, e as que conceberem contra a Igreja e a autoridade legitima os projétos que acabamos de referir.

Ordenamos, portanto, a todos e a cada um dos cristãos, qualquer que seja o seu estado, classe, dignidade ou profissão, seculares ou eclesiasticos, sem que seja necessario mencioná-los todos aqui, em especial, e, em virtude da santa obediencia, de nunca, sob qualquer pretexto, entrarem nas mencionadas sociedades, propagá-las, favorecê-las, recebê-las ou ocultá-las em suas moradas, ou em outra parte, iniciar-se nessas sociedades em qualquer gráu que seja, consentir que elas se reunam ou lhes dêem conselhos ou socorros, clara ou secretamente, diretos ou indiretos, ou induzir outras pessôas por sedução ou persuasão, a entrarem ou assistirem a tais reuniões, auxiliá-las ou favorecê-las por qualquer modo que seja: mandamos, pelo contrário, que se mantenham cuidadosamente desviados destas sociedades, associações, reuniões e assembléas, sob pena de excomunhão, na qual incorrerão, *ipso facto,* quantos transgredirem esta proibição, sem que possam obter absolvição, a não ser de nós ou de nossos sucessores, exceto em artigo de morte."

A Bucha ou Burschenchaft foi a *universitaria* que se constituiu no Brasil, introduzida em São Paulo por Julio Frank. Estendeu-se, com o nome tambem alemão de Tugendbund á Academia de Pernambuco. "A Tugendbund pernambucana tinha um curioso cerimonial tomado ao rito maçónico e um tanto cabalistico, mas, ao mêsmo tempo, desanuviado por algumas expressões ditas em latim macarronico, que lhe davam muita graça. A influencia que exerceu esta sociedade, sobretudo no começo, foi grande... Fôram seus fundadores Carneiro Vilela, José Higino, Gonçalves Ferreira, Domingos Pinto e Feliciano Pontual. A Tugendbund tinha como órgão na imprensa "A Ilustração Academica", periodico que durou pouco. Figuravam como principais associados, entre outros, Amorim Garcia, Braz Florentino, Fiel Grangeiro, Gonçalo Faro e Sancho Pimentel (1)". Segundo Faelante da Cámara (2),

---

(1) Odilon Nestor, "Pandectas Brasileiras", Graf. Rio, 1928, t. III, pg. 374.

Segundo Joaquim Nabuco, em "Um estadista do Imperio", 1.ª ed., Garnier, Rio-Paris, t. I, pg. 14, fôram estudantes de Olinda: Euzebio de Queiroz, Paula Batista, Angelo Moniz da Silva Ferraz, Urbano, Souza Franco, Cansanção de Sinimbú, Carvalho Moreira, barão de Penedo, Jerônimo Vilela, Aprigio Guimarães, Casemiro Madureira, Vitor de Oliveira, Alcoforado, Saldanha Marinho, Zacarias de Góis e Vasconcelos, Wanderley, Sergio de Macedo, que nos agrilhoou a Rotschild pelo leonino contráto de 1857, Nunes Machado, chefe da revolução praieira, Taques. E' quasi certo que a maioria dêsses homens, todos notaveis na história do Brasil Imperial, se iniciaram na Tugendbund. Nas suas "Reminiscencias", o barão de Penedo se refere a "ditos cabalisticos", corroborando a afirmação de Odilon Nestor. Cf. Joaquim Nabuco, op. cit., t. cit., pg. cit., nota I. Souza Franco já fôra preso em Lisbôa como conspirador aos 19 anos! Op. cit., pg. 17.

(2) "Memoria historica da Faculdade do Recife", Imp. Industrial, Recife, 1904, pgs. 13, 14 e 115.

nos corredores do antigo convento de São Bento, onde funcionava a Faculdade de Olinda, nos primeiros tempos, desassombradamente se discutia o socialismo; lentes houve de tão grande espirito revolucionario que, por cima das insignias de Doutor, vestiam a blusa de Praieiro; e só em 1854, quando o estabelecimento foi transferido para o Recife, voltou de novo a religião católica a ter alguma força naquêle meio. A ação da Tugendbund, que levára o estudante pernambucano até o socialismo, minguou deante da reação lenta das forças conservadoras.

Na Escola Politécnica, creou-se a Landsmannchaft de que se sabe pouca cousa e se perdeu um tanto nas correntes positivistas. Nem esta, porém, nem a Tugendbund lograram jamais o alto prestigio da Bucha paulista, que acabou aprisionando a nação nas suas malhas e escravizando-a por longo tempo, economicamente pelo dominio do café e politicamente pela hegemonia do poder público.

Quando se fala da Bucha a qualquer de seus membros, êle nega peremptoriamente sua existencia: baléla, fábula, mentira! Se se insiste com algumas provas circunstanciais, apela para a eterna defesa esfarrapada das maçonarias: o fim da sociedade é fazer o bem, é a caridade, nada mais; é secreta pela discreção a que a caridade obriga, mas os estudantes pobres conhecem os seus efeitos beneficos. Continue-se a insistir e, então, o bucheiro procura fazer medo: ouviu dizer que a cousa é perigosa, que se não deve falar, etc....

Castro Alves, que cursou a Escola de Direito de São Paulo, escrevia dali para a Baía, dizendo que, em São Paulo, como afirmava Tobias Barreto, somente havia "frio da Siberia" e "cinismo da Alemanha" (3). *O cinismo da Alemanha* não podia ser outra cousa senão a Bucha, formadora da orgulhosa oligarquia paulista. Tem-se que rastrear a existencia da temivel organização secreta em referencias semi-veladas dessa natureza, em palavras que, sem a existencia da Bucha, seriam enigmaticas. Não é possivel, num estudo sobre sociedades secretas, dispôr de documentos categoricos a cada passo. Se assim fôsse, é que tais sociedades não seriam secretas. E' preciso recorrer muitas vezes a indicações e subentendidos que vão servindo de indicios do poder desconhecido.

Na "Oração aos Moços", Rui Barbosa disse estas palavras um tanto misteriosas, sobretudo por sêrem pronunciadas na Academia de São Paulo, palavras que dão o que pensar e nas quais grifamos o que parece *suspeito*: "A solenidade, o *rito* observado nesta festa e a fórma tão vibrante de aféto que lhe imprimistes creou *laços indestrutiveis* entre nós, *homens do rito.* Nós, juristas, sentimos a fórma de todos os nossos átos, esta fórma, o *rito solene* dêste acolhimento é o penhor de minha profunda gratidão." A repetição por tres vezes em tão curto trecho da palavra *rito* empregada

(3) Pedro Calmon, "Castro Alves na garôa de São Paulo", art. na "A Noite", Rio de Janeiro, 26 de julho de 1935.

por um mestre da lingua deve ter uma significação especial...

Para bem se compreender essa *significação especial,* leiam-se êstes trechos da "Instrucción Masónica", estampados no n.º de março de 1936 da "Revista Masónica de Chile": QUE E' RITO?

"Rito quiere decir costumbre, uso, así en liturgia religiosa como masónica.

Rito, dice otro autor, es la manera de dar los grados.

Podría definirse, diciendo que es el conjunto de reglas o preceptos de conformidad a los cuales se practican las ceremonias y se confieren los grados, se comunican los signos, toques, palabras y todas las demás instrucciones secretas."

....

"El Ritual es un medio de estar consigo y con los demás. Es el curso de las ceremonias, acciones, pasos y tocamientos; presenta el modo como se abren, se suspenden, se continúan y se cierran los trabajos del grado y la instrucción que en él se da en forma de catecismo. Es, en suma, el modo de proceder, de estar, de obrar, de desarrollar los debates, de conducirse y de dirigir.

Está fundado en la observación profunda de la psicología humana y en el fondo es uno de los más poderosos medios de educación en la Orden.

Tiende a crear en cada hermano el perfecto control de su palabra y de su acción y es un constante

llamado de su atención hacia enseñanzas morales de profundo significado.

Cada acto, cada frase, cada paso o signo integrante del ritual masónico, lleva el objeto primordial de disciplinar el espíritu, de educar la voluntad, de dominar los nerviosos impulsos, al par que dar orden, método y regularidad a las asambleas de las Logias.

Puede ser cualquiera el ritual adoptado: siempre tendrá igual misión y estará destinado al mismo fin.

Las frases especiales; las llamadas, variadas en su forma; las variantes en los métodos, son valores secundarios que no tienen influencia en el fondo, en la misión trascendental del ritual.

El ritual es un educador primeramente, y un regulador después.

Este doble objeto hace que la Masonería no haya querido jamás prescindir de él y por el contrario preconice que el mayor o menor éxito de los trabajos en Logia, la mayor o menor disciplina de los hermanos dependa de la mayor o menor pureza y rectitud con que se aplica el ritual."

Um dos professores da Faculdade de São Paulo, o Dr. Ernesto Leme, disse num discurso: "Em anos que se perdem na noite dos tempos, tivemos, tambem, em Pernambuco e em São Paulo, duas sociedades secretas, nos moldes das existentes nas universidades alemãs: a Tugendbund e a Burschenchaft. A primeira tinha intuitos patrioticos; a segunda destinava-se a fins

humanitarios. Em dias de desassocego para a pátria, os membros da primeira sempre estiveram a postos para cumprir os seus deveres de cidadãos. Não havia estudante pobre, em dificuldades para prosseguir no curso, que não recebesse, no dominio da segunda, nos momentos de maior necessidade, um auxilio pecuniario que mão invisivel lhe trazia... O espirito de solidariedade (?) entre os moços de hoje permanece, talvez, o mêsmo (4)."

Pondo de lado os elogios á caridade e ao patriotismo dos adeptos, virtudes que não justificariam o segredo do *rito* e que são meras capas com que se cobrem outros manejos, a confissão da existencia da Bucha e da permanencia do *espirito de solidariedade* dos *homens do rito* é preciosa...

Num almoço oferecido ha tempos no Automovel Clube de São Paulo ao professor Ernesto Leme, êste foi saúdado pelo professor J. M. Azevedo Marques, usando destas expressões ao responder á saudação: "Vejo que desfila pelos gerais do antigo convento a caravana dos lentes já mortos: Falcão Senior, a fisionomia fechada, o olhar penetrante e agudo, trazendo, no fundo do peito, um segredo jamais revelado (5); Antonio Carlos, portador dum nome que é um simbolo

(4) "Discurso", pronunciado no Instituto da Ordem dos Advogados de São Paulo, Editora Limitada, São Paulo, 1927, pgs. 16-17.

(5) Que tragico, misterioso segredo seria êsse na alma do lente que chamava a Nosso Senhor Jesus Cristo — o "Deus surrado"? ! E como sabe o professor Ernesto Leme que êle guardava êsse segredo?...

da nacionalidade, terçando armas com seus alunos na loja *America*, em torno da questão servil (6); Braulio dos Santos, de uma eloquencia sedutora, preocupado com os lineamentos da Constituição da nascente República; Brasilio Machado, alto e majestoso, a fronte escampa, artista da palavra, que tinha em seus lábios magicos encantos; Gabriel de Rezende, a barba nazarena, o olhar sereno, a bôca sempre aberta num sorriso de bondade; Vergueiro Steidel, grave no falar, rosto fechado para os que não o conheciam, coração franqueado a todas as amizades fieis; Otavio Mendes, empurrado em sua cadeira de paraplégico, cujas carretilhas provocavam um som cavo nos corredores, testemunhas de sua atividade e de seu sacrificio... A caravana se perde ao longe, na bruma que se esgarça. O sol volta a dourar as lages do páteo. Sobre o túmulo de Julio Frank um passaro se assenta, entoando lôas á vida... (7)"

A tirada é visivelmente simbólica e se reporta á tradição bucheira, que estivera ameaçada de rompimento, mas de novo continuava, ressurgindo á voz que vinha do túmulo de seu iniciador... *A' bon entendeur, salut*... A reação contra a Bucha, que fôra essa ameaça, rompera em 1924, quando os estudantes anti-bucheiros conseguiram vencer a eleição da mêsa do Centro

---

(6) E' bom não esquecer que o veneravel da maçonaria Eduardo Medeiros aludiu a "estreitas ligações" entre a maçonaria e a Faculdade.

(7) J. M. Azevedo Marques e Ernesto Leme, "Discursos trocados no Automovel Clube", São Paulo, pg. 21.

Academico XI de Agosto, fundado em 1906 pelo sr. José Carlos de Macedo Soares e outros, estando para a Bucha como a Associação Cristã de Moços e o Rotary estão para a maçonaria, como as Frente Populares e as Ligas Anti-Fascistas e Anti-Guerreiras estão para o Komintern. Um dos chefes dêsse movimento reacionario, o primeiro que se esboçou quasi um século depois de constituida a Burschenchaft e que golpeou o seu poder formidavel, foi encabeçado entre outros por um estudante de nome João de Martin Filho, natural de Ribeirão Preto, o qual, pouco tempo depois, era *estupidamente* assassinado num botequim, em Campinas...

Fundou-se por essa ocasião um jornal academico de combate á Bucha, o qual durou até 1925. Nêle, o atual deputado estadual de São Paulo, sr. Paulo Duarte, estampou o seguinte soneto-acróstico, sob o pseudónimo de Alfeu Caniço:

A Velha Bruxa

Baixa, asquerosa, magra e repelente,
Uberrima em chicana e falsidade,
Roçando presunçosa toda gente,
Soturna, a Bruxa vai pela cidade.

Coberta de pó, misera, indigente,
Ha nos seus lábios a falsa piedade,
Embora digam que ela tenha, ardente,
Nos olhos a expressão da caridade.

Sua morada imunda é uma espelunca;
Corvos na escuridão dela passêam,
Honrando a podridão que o solo junca.

A megera, cantando, dolorida,
Fugindo aos corvos tristes *que a rodêam,*
Tenta em vão buscar o hálito da vida.

O soneto não é grande cousa, mas documenta a reação estudantil. Contam que, por essa ocasião, houve até quem tivesse conseguido roubar da casa de alto personagem, por meio de mãos femininas, o arquivo ou parte do arquivo da Bucha. O certo é que a estudantada rebelde meteu á bulha na propria Faculdade, com a Festa da Banana, a tradicional Festa da Chave, que é maçónica, do mêsmo modo que a Festa do Termómetro nas Escolas de Medicina. Onde quer que se realizem festas dêsse jaez existe sociedade secreta de estudantes.

A Chave é simbolo muito comum na maçonaria. Chama, nas Faculdades, a atenção de todos os bucheiros, onde quer que estejam, para seus deveres em relação á Bucha, levando ao seu conhecimento o nome do estudante encarregado de receber a correspondencia, de estabelecer as ligações, — o Chaveiro.

Na maçonaria, a Chave serve de insignia a alguns gráus. No Rito Escossês, é o emblema do 3.º gráu

simbolico, só ou acompanhada da balança (8). Simbolo da prudencia e da discreção. Os segredos figuram estar guardados *debaixo de chave*. E' uma joia distintiva. Todo *mestre* deve ter oculta esta chave dentro dum cofre de coral, rodeado de marfim. Ainda que não seja de nenhum metal, não deixa de ser menos preciosa, pelo que se deve ter o maior cuidado ao usá-la. Segundo o ritual adonhiramita, é êste o catecismo para o gráu de mestre:

P. — Que oculta você?

R. — Todos os segredos que me fôram confiados.

P. — Onde os oculta?

R. — No coração.

P. — Tem uma chave para facilitar a entrada nêsse lugar?

R. — Sim, a digna confidencial.

P. — Onde a guarda?

R. — Na caixa de coral (a bôca), que se abre e se fecha unicamente com as chaves de marfim (os dentes).

P. — De que metal é composta?

R. — De nenhum. E' uma lingua obediente á razão...

(8) "Dicionário de la Masoneria", pg. 1.488.

Depois disso, o Irmão Insinuante (9) convida e prepara para a ceremonia iniciatica.

Não se conhece tão bem o ritual da Burschenchaft como se conhecem os dos varios ramos da maçonaria. Todavia, muita cousa já chegou ao conhecimento dos profanos. Os fitões das sociedades secretas de estudantes são das seguintes côres: Vermelho para as das Faculdades de Direito, Burschenchaft ou Tugendbund; Verde para as das de Medicina; Azul escuro para as das de Engenharia, Landsmannschaft; Azul com centro preto para as das de Farmácia. Dêsses fitões pendem emblemas: o Coração, a Cruz e a Ancora, — Fé, Esperança e Caridade em outro sentido. Alem dêsses, caveiras, estrelas de seis pontas, o G. da antiga Gnose. Os fitões devem ser usados ao pescoço e seu fôrro é sempre preto. Em geral, nas reuniões da Bucha, entre simbolos tétricos, tibias e caveiras, os membros se apresentam de casaca, cobertos por dominós brancos de capuz. Os bucheiros costumam ainda usar sobre suas mêsas de trabalho, perdidos entre *bibelots*, pequenos objétos que servem de sinais de reconhecimento aos iniciados. Conseguimos identificar um dêles. E' um peso para papeis de metal prateado, em fórma de bigorna, com a palavra FURAN inscrita numa elipse.

---

(9) Chama-se na maçonaria adonhiramita, rito francês, Irmão Insinuante o recrutador de adeptos. Tambem assim se chama o mêsmo recrutador no Iluminismo bávaro, conforme se póde ver nos "Écrits Originaux" do proprio Weishaupt, t. II, e em Barruel, op. cit., t. III, pg. 150.

Quem entra para a Bucha entra como *Catecúmeno* ou *Neófito,* passa, depois, a *Crente* e póde chegar a ser um dos *Doze Apóstolos,* tendo, então, a ilusão mirifica de ser dos Chefes Supremos. Porque o *Conselho dos Divinos,* inteiramente oculto, é quem dá aos Doze Apóstolos as ordens a que devem obedecer e as diretivas que devem cumprir. Do gráu de Apóstolo para cima, o bucheiro nada mais sabe. E' o misterio da treva... (10)

---

(10) Medite-se bem sobre esta indagação atormentada de René Guénon, em "Le Theosophisme", pg. 280: "Não haverá por trás de todos êsses movimentos ALGUMA COUSA estranhamente terrivel que seus proprios chefes talvez não conheçam e da qual não passem de meros instrumentos?" Os que pensam ser chefes da Bucha não são mais do que simples instrumentos dessa ALGUMA COUSA agachada nas trevas... Leia-se Copin-Albancelli, "Le pouvoir occulte", ed. Renaissance Française, Paris, 1908, pg. 45: "Atraidos por uma vontade superior á maçonaria, escondida por trás dela"; pg. 191: "Já que a maçonaria não passa dum instrumento, o misterio é ainda mais profundo do que supuseramos e devemos pensar que é mais temivel"; pgs. 291-292: "Certas sociedades maçonicas são satanicas... seus iniciados professam o culto de Lucifer. Adoram a êste como verdadeiro Deus e se enchem de odio implacavel contra o Deus cristão, que declaram impostor." D. José Maria Caro é explicito no seu livro "Misterio!", pg. 178: "Nas lendas maçónicas de certos gráus, se costuma dizer que a maçonaria descende por Caim, filho de Eva, de Iblis, o anjo de luz maçónico, isto é, o Lucifer dos cristãos, e, portanto, segundo êles, vem do mêsmo Satanaz, que, para êles, é o DEUS BOM, o eterno inimigo de Jeová, Deus da Biblia..." Essa monstruosidade está comprovada por dois documentos da propria maçonaria, absolutamente autenticos. O primeiro é a PRANCHA dirigida pelo grão-mestre de Charleston, general Albert Pike, ás lojas paládicas ou de retaguarda da Europa: "A vós, Soberanos Grandes Inspetores Gerais, gráus 33, dizemos para que o repitais aos irmãos dos gráus 32, 31 e 30 somente: a religião maçónica deve ser, para nós todos, os iniciados dos altos gráus, mantida na pureza da DOUTRINA LUCIFERIANA." O segundo é um trecho do discurso do irmão 33, Inácio Sinigagliesi, na Primeira Federação Maçónica de Palermo: "Satan é o verdadeiro deus! Satan, que os padres vence-

Do mêsmo modo que pedreiros-livres e iluminados (11), os bucheiros usam pseudónimos somente conhecidos na vida intima da Burschenchaft. E' do ritual e Rui Barbosa os chamou *homens do rito*. Um antigo Presidente da República, membro importante na

---

ram pela astúcia, pela calúnia e pela velhacada, é o creador da obra de igualdade, inteligencia, civilização e progresso!" V. Domenico Margiotta, "Le Palladisme", ed. H. Falque, Grenoble, 1895, precedida da Benção do Santo Padre Leão XIII e de cartas do Arcebispo d'Aix, do Patriarca de Jerusalem e dos Bispos de Grenoble, Montauban, Mende, Tarentaise, Oran, Pamiers e Annecy. O autor documenta exaustivamente, nas pags. 13 e segs., a existencia duma maçonaria superior, ignorada do comum dos maçons, e afirma: "O culto que se rende a Satan, representado pelo Bafomet, nas lojas de retaguarda, é vergonhoso!" Domenico Margiotta pertenceu a essa maçonaria satanica, convertendo-se depois ao catolicismo e abjurando seu triste passado. Prestou grande serviço á humanidade revelando os horrendos segredos que conhecia a fundo. A voz do povo tem razão quando diz que a maçonaria adora o BODE PRETO...

(11) Exemplos: D. Pedro I, Guatimozin no Grande Oriente e Arconte-Rei no Areópago; João Adão Weishaupt, Spartacus. Os Espartaquistas, comunistas, revolucionarios, surgiram ainda o outro dia, com os judeus Liebknecht, Rosa Luxemburgo e Kurt Eisner, na Alemanha judaizada da constituição de Weimar. Releva notar que os dirigentes dos Iluminados de Weishaupt se denominavam Areopagitas, isto é, membros do Areópago, e que Areópago era o nome que os Andradas, em dissidencia com o Grande Oriente, no Primeiro Reinado, deram á organização secreta que fundaram e que o Imperador clausurou "manu militari". Como todos êsses "patriarcas" aparentes da nação se ligavam ás escondidas com as forças inimigas ocultas da nação! Quanta hipocrisia! Quanta máscara a ser arrancada de individuos cuja glória se deve ás trombetas e penas alugadas ao maçonismo! Quantos tipos que somente subiram assoprados pelo poder das trevas, sacrificando brasileiros de maior valor, que passaram apagados, porque se não infeudaram ás maçonarias e buchas infames!

No parecer que deu no Conselho de Estado, em 1873, sobre a Questão Religiosa, o visconde de Abaeté, atacando virilmente a maçonaria, confessou ter pertencido a ela e estar então inteirado de seus fins anti-cristãos.

sociedade secreta, atende pelo apelido tétrico de Irmão Santo Sepulcro. O nome dum ex-ministro de Estado e embaixador, que se diz católico e está, no entanto, de acôrdo com a palavra da Santa Sé, excomungado *ipso facto*, é o Irmão Jordão. Um deputado importante, fadado a grandes destinos politicos, acode por Irmão Mar Morto, 113...

QUADRO SINÓPTICO DOS PRINCIPAIS GRÁUS MAÇONICOS, ILUMINADOS E BUCHEIROS

MAÇONARIA	ILUMINISMO	ILUMINISMO MAÇÓNICO	BURSCHENCHAFT OU BUCHA
Altos gráus	Areopagitas	Princeps ut Regens	Conselho dos Divinos
Mestre	Minerval-Iluminado	Presbyter	Apóstolo
Companheiro	Minerval	Dirigens	Crente
Aprendiz	Noviço	Iluminado - maior e menor	Catecúmeno ou neófito

Estudando o caráter dos estudantes até o 2.º e 3.º anos, os insinuantes ou recrutadores da Bucha vão trazendo para suas fileiras os ambiciosos, os inescrupulosos, os desavisados, os que se deixam dominar pelos vicios, pelas paixões ou por outras vontades. A sociedade secreta toma-lhes, assim, a sua liberdade por meio dum juramento terrivel que os escraviza para sempre e lhes sela os lábios. Impõe-lhes aos poucos uma formação

intelectual. Ela ajuda-os a subir a todas as posições, porém desmoralizando-os e escravizando-os aos seus desejos, substituindo a sua vontade á dêles. A' menor rebeldia são duramente punidos. Crêam-se desta maneira os escravos brasileiros a serviço do judaismo secreto e sem entranhas. Fórma-se, assim, uma verdadeira Camôrra de Cima, como já disse alguem, uma Camôrra de escól, da qual o país passa a depender e a qual depende do poder judaico escondido. Os homens que governam, políticam e administram são verdadeiros títeres nas mãos da Força Oculta. Acarretam, ás vezes, com a proprio odiosidade do povo pelas medidas antipatrioticas que tomam. São, ás vezes, aparentemente sacrificados ás justas revoltas nacionais. Constituem a cobertura da ação demoniaca do judeu internacional. Por isso, certos homens não cáem nunca. Derrubados hoje pela conveniencia do momento, são rehabilitados amanhã pela imprensa obediente ao poder ignorado e novamente guindados ás posições. O povo brasileiro vê todos êsses médicos, engenheiros e bachareis da Bucha e suas congéneres, não as vê, porém, e elas tudo manobram.

Aos que duvidarem do que contamos na "História Secreta", arriscando-nos ao odio de poderosissimos inimigos com a consciência de prestar um serviço a êste pobre país escravizado e explorado, oferecemos estas palavras de Edouard Drumont: "Je suis un vaincu, ma vie est finie, mais enfin si plus tard il y a une renaissance chrétienne, une tentative de réorganisation so-

ciale, si des penseurs s'occupent de la question juive et qu'on nie que les juifs exercent un pouvoir occulte, voilá les documents que je mets á la disposition de tous (12)." Que os que nos teem atacado reflitam sobre isso e esperem: um dia talvez nos façam justiça.

Em nome do judaismo internacional, o assassino Carlos Luiz Sand fundou a Bucha no primeiro quartel do século XIX, em São Paulo, com o pseudónimo de Julio Frank, justamente para produzir na vida da nação aquela maldita Camôrra de Cima que apontámos. Outro resultado fatal seria a perversão satanica da mocidade, tirando á patria a grande força de seu futuro, estragando o seminario de plantas humanas do porvir. Fichte e Kotzebue haviam notado essa horrivel perversão na juventude das universidades alemãs contemporaneas (13). No capitulo seguinte, estuda-la-emos na Faculdade de São Paulo.

O melhor meio de combater a ação funesta de tais sociedades secretas, dessas "universitarias", como disse S. S. o Papa Leão XII, são as Congregações Marianas, que teem dois objetivos: castidade e liberdade dos moços, os quais juram não pertencer a sociedades secretas. A fita de Nossa Senhora livra-os dos fitões de Satanaz.

---

(12) "La France Juive devant l'opinion", ed. Marpon e Flammarion, s. d., Paris, pg. 85.

(13) V. em "Geschichte der Unberkanter" as infamias da loja dos Iluminados de Ermenonville, presidida pelo conde de São Germano. A propósito, diz Barruel, op. cit., t. V, pgs. 76-77: "Nada póde igualar a torpeza de costumes que reinava no seio dessa horda." "In" nota.

Por isso, o Komintern ultimamente ordenou aos jovens comunistas se infiltrassem como pudessem e o mais rapidamente possivel nessas congregações.

A Camôrra de Cima tem dominado o país da seguinte maneira: a soberania nacional reside no Senado e na Cámara. Ora, a associação secreta introduz ali o número de bucheiros suficiente para sugestionar os outros, dominá-los ou dirigí-los. A soberania está virtualmente em suas mãos. Quanto ao Presidente da Republica, ou fá-lo vir da Bucha ou o rodêa de parlamentares, ministros, técnicos, bucheiros. Assim procedeu a maçonaria em França. Leia-se esta confissão do *irmão* Blatin, deputado em 1888: "Organizámos no seio do parlamento um verdadeiro sindicato de maçons e já me aconteceu, não dez, mas cem vezes, obter intervenções verdadeiramente eficazes junto aos poderes públicos (14)."

A Camôrra invade tambem a justiça e é êste o triste quadro. Quando se tem um processo contra o Estado, contra uma autoridade arbitraria, contra um membro da Bucha, é um juiz bucheiro que o vai julgar. O público ignora a existencia dessa COMPARSARIA SECRETA. O interessado no pleito não póde saber que o magistrado veiu duma faculdade onde se escravizou ao poder oculto que o encarreirou e o protege.

Que garantia póde ter o povo brasileiro contra essa monstruosa Camôrra? (15) Sua mão oculta está

---

(14) Copin-Albancelli, op. cit., pg. 124.
(15) Idem, pg. 143.

em todas as intrigas, conchavos e revoluções. "E' impossivel compreender alguma cousa da multiplicidade dessas catástrofes, se uma história invisivel se não desenvolvesse sob nossa história... (16) Não somos mais nós que escrevemos nossa história... mas uma invisivel mão, a do Poder Oculto; e essa história é a da nossa perdição por termos renunciado ás nossas tradições. Por aí o Poder Oculto resolveu matar-nos, fazendo de nós os proprios artifices da nossa ruina... (17) Nossas almas, privadas do antigo ideal, se abaixam para o sólo (18)."

O autor dêste livro tem a felicidade de haver feito toda a sua carreira sem nunca ter pertencido a nenhuma sociedade secreta. Póde falar delas, pois, de cabeça erguida e desafiar o odio da Camôrra. O mais que esta lhe poderá fazer é o que tem feito a outros: tirar-lhe a vida. Isto confirmaria tudo o que êle tem escrito e não seria castigo, porque êle crê que o destino dos homens não se realiza na ordem temporal, mas na ordem sobrenatural, onde a Eterna Justiça sorri da Bucha e do Bafomet...

---

(16) Idem, pgs. 403-404.
(17) Idem, pg. 421.
(18) Idem, pg. 422.

CAPITULO IV

SATANAZ NA PAULICÉA

O *cinismo da Alemanha* a que aludia Tobias Barreto e que Castro Alves referia quanto a São Paulo era simples e unicamente a mais completa e triste perversão da mocidade da Escola de Direito levada a efeito pela Bucha, ao impulso de seu misterioso fundador, Julio Frank, que Escragnolle Doria afirma não se furtar "a sessões de magia negra" (1). Toda uma geração de jovens brasileiros de talento, que podia ter prestado inestimaveis serviços á nação, lamentavelmente afundou no báratro de verdadeiro satanismo. O Anhangábaú, rio do vale do máu Espirito, á cuja margem habitava o matador de Kotzebue, tinha um nome indigena de significação como que apropriada ás tendencias demoniacas que, pela influencia maléfica da sociedade secreta de Iluminados, dominavam nos meios estudantis. Daí o grande número de suicidios e tentativas de suicidios, inexplicaveis sem outra fórmula a não ser essa, entre a rapazeada (2). Daí aquêle horror de D. Pedro

(1) V. cap. II, nota 41. Êsse cinismo resume-se no lema dos Iluminados: "Der Zweck heiligt die Mittel" — o fim justifica os meios.

(2) Homens de alto valor, hoje católicos praticantes, nos tempos idos, quando estudantes bucheiros em São Paulo, chegaram a

II por essas práticas, que se diziam byronianas, horror de que nos fala um filiado á Bucha, João Cardoso de Menezes e Souza, barão de Paranapiacaba, intimo dos serões literarios do Paço Imperial, nas notas á sua tradução do "Prometeu" de Ésquilo.

A influencia de Byron e do satanismo byroniano através da Burschenchaft paulista se faz sentir na primeira turma da Faculdade. Um estudante matriculado em 1828, Francisco José Pinheiro Guimarães, traduziria mais tarde o "Childe Harold" e o "Sardanapalo" do grande poeta inglês (3). Nós, que conhecemos a maléfica influencia, entre as gerações modernas, da literatura amoral e perniciosa dos Oscar Wilde, dos Marcel Proust e de outros, bem podemos avaliar o efeito nos cérebros dos rapazes daquêle tempo que Byron levou a todos os desregramentos ou mergulhou nos delirios do alcool.

A primeira manifestação bucheira de tão horrendas tendencias, mais ou menos conhecida, é o famoso episodio da Cruz Preta, na barranca do Anhangábaú. Assim o descreve o insuspeito Spencer Vampré: "Certa noite, ao passarem varios estudantes pela rua da

---

atentar contra a propria existencia, no desespero creado pelo ambiente de magia negra, obra de Julio Frank. A doutrina do suicidio era praticada pelos Iluminados, segundo Barruel. Era o que o ritual de Weishaupt denominava: "Patet exitus".

(3) Almeida Nogueira, "Biografia de Brasileiros Ilustres", pg. 231. V. Bernard Fay, "La Franc-Maçonnerie et la révolution du XVIIIéme. siécle", ed. Cluny, Paris, 1935, pg. 143: "A' la place du Pape elle installe lord Byron..."

Cruz Preta (*Quintino Bocaiuva*), resolveram, por troça (?), tirar a grande cruz de madeira que lhe dava o nome, e que se erguia entre a rua da Freira (*Senador Feijó*) e a da Casa Santa (*Riachuelo*), transportaram-na para o largo do Bexiga (*Largo do Riachuelo*) e a jogaram no Anhangábaú, que, então, por ali corria, ainda não canalizado, como hoje.

Manuel José da Ponte, residente nas imediações, logo que viu prostrada no riacho aquela cruz, objéto de tanta veneração religiosa, ajudado de algumas pessôas, a levou para casa, onde mandou fazer uma capela, que é a que ora existe, e se denomina Santa Cruz do Piques (4)."

Isto foi em 1828 e Spencer Vampré conclúe o relato com esta frase, em cujas entrelinhas ha certa significação oculta, como veremos depois: "Assim, começaram os estudantes a quebrar a monotonia da velha cidade, e a transformá-la no que foi por muitos decenios — a verdadeira Coimbra do Brasil (5)".

Na verdade, das sociedades secretas da tradicional Universidade portuguêsa, a *Jardineira* e a *Gruta,* vinha tambem a inspiração que levava os estudantes a quebrar, não a *monotonia* da velha cidade de Piratininga, mas o simbolo da Religião dos antepassados, padrão de cristianismo do lugar, tão venerado da população que, em desagravo, lhe erigem uma capela. Outros autores

---

(4) Spencer Vampré, op. cit., t. I, pg. 146.
(5) Idem, idem, pg. 147.

comprovam o sucesso (6). O visconde de Araxá dá pormenores interessantes que melhor elucidam o caso: "O conciliábulo foi presidido por um estudante de vinte e tantos anos, que veiu de Coimbra concluir seus estudos na nova Academia, e que era um oráculo para os outros (7), já pela idade, já pelo brilhante talento, e já por ser um laço de união entre a velha e a nova Coimbra (?)... (8)"

Êsse chefe de malta meteu a cruz ao ridiculo, declara mais o visconde, bem como o frade que tentou restaurá-la. A rapazeada preparava-se para levá-lo ás pedradas, sendo necessaria a intervenção das autoridades eclesiasticas e civis, afim de obstar o desacato público á religião.

Como se vê do segundo depoimento, mais precioso por todos os motivos, pois que o visconde de Araxá foi um bucheiro dos tempos primitivos, não fôram os estudantes, ao passarem ocasionalmente pelo local, que tiveram a idéa da *troça,* mas o feito resultou dum conciliábulo especial, presidido e incitado pelo tal *oráculo* coimbrão. Tanto não se tratava de mera troça ou brincadeira de rapazes vadios e sim de uma manifestação anti-cristã proposital que a estudantada quis impedir a restauração do simbolo, vaiando a pessôa do frade que

---

(6) Antonio Egidio Martins, "São Paulo antigo", t. I, pg. 95; Visconde de Araxá, "Reminiscencias e Fantasias", t. I, pg. 120.

(7) Naturalmente era "oráculo" pelos mêsmos motivos que o era Julio Frank, entre os quais estava, em primeiro lugar, a iniciação nas sociedades secretas universitarias.

(8) Op. cit., pgs. 131 e segs.

o devoto Manuel José da Ponte com certeza encarregára disso.

O estudante de São Paulo que exemplifica, sintetiza e exprime na sua pureza êsse satanismo bucheiro é o infeliz poeta Manuel Antonio Alvares de Azevedo, talento em flôr pervertido pelo meio. O juizo critico de Domingos Jacy Monteiro, no prefacio das "Obras" do poeta (9), contém estas expressões: "mancebos que demandamos a estrada do progresso, caminheiros que tomamos por norte a palavra de Byron (!), o labarum da civilização — *Away!* (10)" Êsse lábaro conduzirá, no entanto, o autor da "Noite na taberna" a pontos, onde, na frase de A. P. Lopes de Mendonça, "o espirito do leitor recúa de horror em cada página que lê" (11)! Bela literatura para a formação das gerações jovens numa pátria em construção como o Brasil! Obra satanica de dissolução da mocidade!...

Em 1848, Alvares de Azevedo entrava para a Faculdade paulista e em 1852 se finava, porque "a vida de estudante passou-a êle com todos os seus episodios extravagantes e aventuras amorosas" (12). A "Noite na taberna", que envenenou centenas e centenas de rapazes, levando-os á extravagancia, aos vicios e á desgraça, é um *drama-romance* notavel pela originalidade de suas extravagancias, numa sequencia de narrações

(9) Ed. Garnier, Rio, 1884, 3 vols.
(10) Op. cit., t. I, pg. 5.
(11) Op. cit., t. I, pg. 15.
(12) Op. cit., t. I, pg. 37, "in" "Noticia sobre o autor".

monstruosas (!) de libertinos nas orgias, duelos, adulterios, perdições de virgens, raptos, filtros, antropofagia (!!), gozos satanicos (!!!) (13)". Seus poemas são verdadeiros delirios poeticos, cheios de insónias e de *spleen,* com idéas politicas de livre pensador. O satanismo abrolha a cada passo. Em "Macario", por exemplo, o proprio Satan descreve a cidade de São Paulo!... (14)

Satanaz, com efeito, elegera moradia na Paulicéa dos estudantes bucheiros que lhe rendiam culto, guiados

---

(13) Op. cit., t. I, pg. 65.

(14) Op. cit., t. I, pg. 84. Lembre-se Copin-Albancelli, op. cit., pgs. 291-292: "Êles teem uma fórmula que resume seu estado de espirito; não é mais "A' Gloria do Grande Arquitéto do Universo", como nas maçonarias inferiores, mas G. E. A. L. O. O. O. A. D. M. M. M., o que quer dizer: "Gloria e Amor a Lucifer. Odio, odio, odio ao Deus Maldito, Maldito, Maldito"!... Não se poderia compreender esta blasfemia se não se conhecesse o ritual satanico da maçonaria paládica, superior á maçonaria comum, a qual possúe o chamado LIVRO APADNO DE ADONAI O MALDITO, que preceitúa a adoração do Satan dos maniqueus, chamado "Excelsus Excelsior, Deus Optimus Maximus". V. "Le Palladisme" de Domenico Margiotta, pg. 60. O referido autor transcreve um trecho do grão-mestre paládico Albert Pike, na pg. 71, que diz: "O ateismo não basta ao maçon. Êle deve admitir Deus para poder odiá-lo e adorar Satan divinizado." Toda a literatura satanica vem da maçonaria. Ela é a sua maxima inspiradora. Byron era maçon e cantou Satan. O "irmão" Mario Ripsardi escreveu um poema "Lucifer", que teve grande voga na Italia, em que diz: "Ergo-me com Lucifer e atiro contra o céu as falanges cerradas dos meus versos." O poeta Giosué Carducci, judeu e gráu 33, é o autor do famoso "Hino a Satan", publicado pelo jornal de Paris, "La Patrie", no seu n.° de 15 de setembro de 1894, do qual extraimos êstes pedaços: "Na materia que jamais dorme, Satan, rei dos milagres da natureza, Satan só ri... Satan é o deus dos desgraçados, dos oprimidos, o deus das revoluções... Seu grito magico é Liberdade, Igualdade e Fraternidade... Satan é a metade, o complemento do Cristo..." Não é possivel maior blasfemia!

pelos seus oráculos. Em 1845, êles organizaram a famigerada *Sociedade Epicuréa,* antro de bacanais e de infamias, pervertora da juventude, vergonha duma época! Um critico a denomina "planta parasita". Era, com efeito, a estranha parasita judaica sugando a seiva da mocidade cristã do Brasil. A "Noite na taberna" reproduz simplesmente uma das horriveis cenas de verdadeira magia negra desenroladas no seio do perverso conciliábulo (15).

Razão de sobra, pois, assiste a Pereira Rebouças em cantar satanicamente Alvares de Azevedo, nêstes versos:

"*Era o genio do mal! Satan na frente*
O estigma de Byron lhe estampou! (16)"

No satanismo bucheiro e byroniano, o poeta "bebeu o filtro do Amor e o filtro da Morte" (17). Deus fez o amor para ser a eterna fonte da vida. O diabo, *singe de Dieu,* transforma o amor em gerador da morte. E' o amor que leva aos tédios e aos desesperos, cuja conclusão só póde ser a auto destruição, o suicidio. E' o amor doentio de Werther, lançando no mundo cristão uma verdadeira epidemia de suicidios, é o amor de D. Juan acabando nas melancolias enfermiças do

---

(15) "Esboço historico e literario da Academia" "in" "Revista da Academia de São Paulo", pg. 264.

(16) Idem, pgs. 181-182.

(17) Veiga Miranda, "Alvares de Azevedo", ed. da "Revista dos Tribunais", São Paulo, 1931, pg. 135.

nôjo de si mêsmo, "espécie de sonambulismo dos moços envenenados", afirma alguem. Satanismo absoluto lavrando entre a rapazeada da Faculdade de São Paulo (18)!

Dos conciliábulos bucheiros temos êste quadro sugestivo: "Era habito tomar para as *sessões* algum casarão isolado, de preferencia uma chácara, dentro de espaçosa área, murada, discreta, circundada de arvoredo. Não raro, deparando-se para alugar alguma em tais condições, os rapazes tomavam as chaves *para vêr o predio,* com elas ficavam tres ou quatro dias e ali se acoutavam para o ritual erotico-funerario (!). Os vizinhos se assombravam, altas horas da noite, com os cantos lúgubres, com o perpassar de vultos brancos (19), entre as fôlhagens, desfilando num préstito de duendes, de velas acêsas, como nas procissões ou nos enterros, naquêle tempo (20)".

Segundo depõe Veiga Miranda, os principais byronianos do *Mors-Amor* fôram, além de Alvares de Azevedo, Pinheiro Guimarães, o barão de Paranapia-

---

(18) Op. cit., pg. 139.

(19) Os dominós brancos (ou pretos, ás vezes) do ritual da Bucha. Em 1817, a 18 de outubro, festejando o 3.º centenario da Reforma de Lutero, os estudantes da Burschenchaft alemã organizaram um cortejo simbolico no castelo de Wartburg, "vêtus de robes blanches". Cf. Maurice Soulié e H. Mueler, "Les procés célébres de l'Allemagne", pg. 118.

(20) Veiga Miranda, op. cit., pg. 140. As reuniões da Bucha costumavam fazer-se dessa maneira, em casas por alugar. E' possivel que ainda continuem pelo mêsmo processo. Fôram feitas tambem em porões de edificios públicos discretos. Nos da Escola Alvares Penteado e do Liceu de Artes e Oficios, por exemplo.

caba, Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa. Êstes e outros sabiam de cór a "Parisina", canto da incestuosa paixão de Byron por sua irmã Augusta, a "Noiva de Ábidos" e trechos do "Manfredo", tudo quanto rescendia ao cinismo sem par do lord poeta. Devastou a mocidade paulista verdadeira epidemia byroniana (21). Augusto de Queiroga traduziu o "Caim"; Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa, as "Helsen Melodies"; Francisco Otaviano, o poeta diplomata e estadista, cantos do "Childe Harold", partes do "D. Juan" e da "Eutanásia". A possessão satanica bucheira-byroniana apoderou-se completamente da alma de Alvares de Azevedo na "Noite na taberna" (22). E, nêsse tempo, por obra e graça da Bucha, Byron foi "o cruel Messias do Evangelho da Dissipação (23)".

Abandonando o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, a mocidade seguiu, infelizmente, os Evangelhos do Iluminismo e do Byronismo, o Evangelho do Anticristo!

O poeta inglês, misántropo e desdenhoso, estudante de vida dissipada, decerto iniciado nas sociedades secretas universitarias de Harlow e Cambridge, eivado de espinosismo judaico na convivencia do famoso espinosista Shelley, seu amigo intimo, côxo como Asmodeu, glorificador do crime em D. João e Caim, cantor do incesto e do adulterio, soube morrer por uma nobre

(21) Op. cit., pg. 176.
(22) Op. cit., pg. 219.
(23) Op. cit., pg. 16.

causa, defendendo os gregos contra os turcos no cêrco de Missolonghi (24). O poeta byroniano brasileiro, Alvares de Azevedo, felizmente, ao aproximar-se a morte, que lhe foi tão prematura, arrependeu-se do passado e soube morrer como um cristão. A vida de ambos, porém, fôra estragada e a vida de inúmeros moços se estragaria por sua causa. No altar do satanismo, sacrificaram uma mocidade que bem podia ter admiravelmente servido com seu talento e seu entusiasmo á Pátria e a Deus.

A *Sociedade Epicuréa* prosseguiu em seus maleficios até meados do Segundo Reinado, tendo por finalidade, afirma Spencer Vampré, "esta cousa extravagante — realizar os sonhos de Byron". E prossegue: "Eram diversos os pontos em que nos reuniamos: ora nos Inglêses, ora nalgum outro arrabalde da cidade — narra um dos membros desta curiosa associação. Uma vez, estivemos encerrados quinze dias, em companhia de perdidos, cometendo, ao clarão de candieiros, por isso que todas as janelas eram perfeitamente fechadas dêsde que entravamos até sair, toda a sorte de desvarios que se póde conceber. — Ao que, acrescenta Paulo do Vale, a quem tomamos esta nota, alguns estudantes, que se entregavam mais doudamente a êstes excessos, ou que eram dotados de uma constituição menos robusta, de lá saíram com molestias, de que depois morreram. Tal associação teve grande influencia na poesia de nos-

---

(24) Villemain, "Biographie Universelle", art. BYRON.

sa mocidade; quem lêr, sucessivamente, os diversos jornais, percebe acentos desesperados nos versos, que correspondem a essa época (25)."

Sobre a juventude inexperiente, a Burschenchaft alemã produzira nas universidades protestantes os mêsmos resultados dissolventes e letais que sua filial fazia desabar no Brasil. Entretanto, autores ha que se não pejam de elogiar aquela instituição secreta, de fundo judaico e finalidade anti-cristã (26); e os que nos contam êsses horrores fazem-no com a maior candura, sem uma palavra de formal condenação, como se relatassem simples brincadeiras de rapazes! Consumava-se, assim, a obra de dissolução judaica-maçónica, de que foi paradigma a vida dissoluta de outro poeta de genio, o cantor do Evangelho nas Selvas, o bardo de Anchieta, cujos desregramentos públicos fizeram época nos anais da Paulicéa estudantil, Luiz Nicoláu Fagundes Varela (27).

Educada em tal escola de vicios e de erros, a mocidade academica não respeitava mais nem a religião nem o sacerdocio. Quando avistavam um padre na platéa do teatro, os estudantes rompiam em vaias estron-

---

(25) Spencer Vampré, op. cit., t. I, pgs. 351-353. Cf. J. V. Couto de Magalhães, "apud" Paulo Antonio do Vale, "Parnaso Academico", pgs. 11-12; Pires de Almeida, "A escola byroniana no Brasil", "in" "Jornal do Comercio", 5 e 26 de fevereiro, 22 de março, 8 de junho, 13 de julho e 23 de novembro de 1905.

(26) Por exemplo, F. T. D., "História Universal", t. II, pgs. 375-376.

(27) Pires de Almeida, art. cit., "in" "Jornal do Comercio" de 26 de fevereiro de 1905.

dosas, desrespeitando ainda as mais altas autoridades da Provincia que procuravam contê-los e chegando ao ponto de parodiar burlescamente os oficios religiosos, liturgia negra aprendida nos conciliábulos da Bucha (28).

Na era de 1860, o satanismo semeado dêsde 1828 pelos *oráculos* de Coimbra e dêsde 1830 pelo *oráculo* Julio Frank, que praticava, como já se viu, a magia negra, chegou ao seu apogêo. "Foi provavelmente por essa época que ocorreu um fáto, bem demonstrativo das extravagancias e desregramentos dos moços, imbuidos, até á loucura, das visões de Byron. *Manfredo, Lara, Giaur, Marino, Faliero, D. Juan, Beppo, Conrado, Sardanapalo, Mazeppa, Caim, Satan* (29) tais os nomes de que se adornavam, nas suas noitadas de vinho, de aguardente, e da mais rebaixada luxúria (!). Resolveram certa noite dar um passeio pelo cemiterio da Consolação, perambulando entre os túmulos. Assolava então a cidade pavorosa epidemia, de modo que, mêsmo a deshoras, se celebravam enterros. Entre remoques, gargalhadas, pilherias, e versos de Byron, declamados na tradução de Vieira Bueno, seguia o grupo, ora trepando sobre uma sepultura, ora tamborilando, irreverente, sobre as caixas de vidro das carneiras.

— E, se proclamassemos a *Rainha dos Mortos?* lembrou um dêles.

---

(28) Almeida Nogueira, op. cit., t. V, pg. 201; Spencer Vampré, op. cit., t. I, pgs. 470-471.

(29) Nomes de personagens dos poemas de Byron servindo de pseudónimos a iniciados da Bucha.

Aceita a idéa, trataram de arranjar o caixão, o que facilmente conseguem, excavando uma sepultura, e despejando dela uma velha, enterrada na véspera. Resolvem descer, então, cautelosamente, pelas ruas desertas, rumo da casa da Eufrásia, uma pobre mundana, que tinha fama de estúpida, e que seria a *Rainha.* Ao passar em frente á loja *America,* delibera o grupo arrombá-la, para se ornar com os paramentos maçónicos (30). A poucos passos dali, encontram dois conhecidos tipos de rua, o Mota, que havia sido estudante em Heidelberg (31) e vivia em constante embriaguez, e o padre Bacalháu, já suspenso de ordens (32), e vagando pelas vielas, maltrapilho e sujo.

Ao grupo se incorporaram os dois boemios. Chegam á casa da Eufrásia, que, pouco antes, assomára á porta, a despedir-se do último amante. Batem. Entreabre-se um postigo, e aparece a meretriz, suspendendo o candieiro por sobre a cabeça, a tentar debalde reconhecer alguem do grupo. Impossivel. Os paramentos maçónicos (33), os chapéus desabados, as vozes imperiosas enchem-na gradualmente de supersticioso terror. Um estudante, vestido de *Irmão Terrivel,* e com

---

(30) A história nos vem de tradição bucheira. O arrombamento da loja é posto aí para justificar os paramentos da Burschenchaft que os possessos traziam, com certeza.

(31) Outra desgraçada vitima do satanismo da Burschenchaft exercido nas universidades protestantes alemãs.

(32) Nem o padre apóstata faltou a êsse verdadeiro sabat!...

(33) Leia-se o que está oculto e transparece: os dominós de cógula da Bucha, porque os paramentos maçónicos, aventais e faixas, não justificam o disfarce.

insignias do Veneravel da Loja, salta sobre ela, agarra-a nos braços de ferro, e, enquanto desmaia de susto, envolve-a num lençol, e coloca-a dentro do caixão mortuario, que haviam trazido do cemiterio. E, com os vistosos trajes da maçonaria (34), se põe a procissão em marcha, ao som do cantochão, cantado roucamente pelo padre Bacalháu (!), enquanto, a seu lado, Mota declamava a "Canção dos Estudantes" de Goethe.

E, assim, seguem de novo vesanicamente byronizados (*sic*!), rumo da necrópole. Penetrando nela, Faliero divisa um túmulo recente, com esta simples inscrição: *Judith — 20 anos*. Era o túmulo de formosa israelita, morta recentemente, e á qual o estudante dedicára desafortunado amor. Filha dum hoteleiro judeu, estabelecido no largo do Colegio, exigira o pai que êle fôsse obter autorização expressa da familia para o enlace, e, na sua ausencia, casou-a á força com um caixeiro, tambem judeu. Ao voltar Faliero, no mêsmo dia em que chegava a São Paulo, enterrava-se Judith.

Póde bem compreender-se o desespero do academico. Numa vertigem, excava a terra, e parte a tampa do caixão. Ela aparece núa á frouxa luz do luar (35). Toma-a então nos braços, e lhe aproxima os lábios ar-

---

(34) A maçonaria não possúe trajes vistosos. A Bucha, sim, tem dominós com capuz que oculta o rosto.

(35) Pelo ritual judaico, os cadáveres são lavados com agua em que se fervem rosas e sepultados nús, envoltos num "taled". Póde-se copreender o desespero do academico com a morte da mulher amada. O que se não compreende é que tenha profanado infamemente seu corpo.

dentes da bôca fria. Mas não pôde suportar o máu cheiro que do cadáver putrefacto se desprende. Recúa, num grito pungente, e esconde a cabeça entre as mãos, soluçando, com os olhos muito abertos e muito enxutos, como se tivesse ensandecido!

Uma onda de tristeza se apoderou de todos os corações. Mas, afinal, exclamou Manfredo:

— Eia, rapazes! E' tempo de celebrarmos as bôdas da *Rainha dos Mortos!*

Foi escolhido Satan para amante (36). Num pulo, saltou sobre o caixão, cuja tampa caíu para um lado, e apertou Eufrásia, ardentemente, nos braços. De repente, porém, se levantou lívido, com os cabelos desgrenhados, o maxilar inferior a tremer, como se quisesse articular uma palavra, mas lhe faltavam forças. Todos atónitos o contemplavam.

— Morta! Está morta! conseguiu, afinal, balbuciar, e abalou daquêle cenario, como alucinado.

Com efeito, a infeliz mulher tinha morrido de terror! Houve um momento de hesitação. Depois, fugiram, como bandidos, da ação da justiça. Daí a dias, procurava-os a policia, desejosa de punir os profanadores dos túmulos (37)..."

---

(36) Ótima escôlha! Só mêsmo quem usasse o pseudónimo de Satanaz seria capaz de tão monstruosa necrofilia!

(37) Spencer Vampré, op. cit., t. II, pgs. 160-163; Pires de Almeida, art. cit., "in" "Jornal do Comercio", de 20 de novembro de 1905. Preferimos transcrever na integra o texto de Spencer Vampré a contar com palavras nossas o monstruoso episodio, afim de que se não diga que romanceamos ou inventamos.

E os vis, covardes assassinos da pobre Eufrásia, deve-se acrescentar!

Naturalmente, o poder oculto da Bucha velava pelos seus fieis e abafou o inquerito e impediu as diligencias policiais, porque se fez logo o mais completo silencio sobre os crimes dessa noite demoniaca: profanação de duas sepulturas e de dois cadáveres, morte pelo pavor de uma infeliz mulher! Entretanto, poucos serão os crimes mais nefandos e mais hediondos. E' incrivel como rapazes de bôa familia, estudantes de direito, se possam reunir para cometer infamias tão grandes! A imaginação mais desregrada, como a de Alvares de Azevedo, na "Noite na taberna", de Huysmans, antes de se converter em trapista, no "A' rebours", a do proprio Byron, do proprio Goethe, na "Noite de Walpurgis", do proprio Edgard Poe, dificilmente pintariam cena mais tétrica, mais arripiante! E' um verdadeiro sabat das montanhas do Harz em plena Paulicéa, onde o misterioso Julio Frank soltára o diabo! A gente só acredita na veracidade dêsse horror, porque a atestam documentos historicos, o testemunho dos proprios iniciados na Burschenchaft de São Paulo. E foi a isso que as sociedades secretas estudantinas conduziram a pobre mocidade brasileira! E foi dêsse meio que haveriam de sair os estadistas responsaveis pelos destinos da nação!

Vimos no primeiro volume desta "História Secreta" a ação do judaismo e da maçonaria, sua aliada, na politica e na economia brasileiras. Depois de 1830,

entra em atividade a Burschenchaft e, daí por deante, mais êsse elemento passa a influir na vida politica, social, economica e financeira do país. Fomos por isso obrigados a estudar as origens, desenvolvimento e atuação da Bucha nos quatro capitulos de inicio dêste segundo tomo, afim de que se possa compreender o desenrolar dos sucessos historicos na Regencia, no Segundo Reinado e, finalmente, na República.

Judaismo, maçonaria e Bucha trabalham dia e noite nos bastidores da história do Brasil. Solto em São Paulo, Satanaz vai estender seus tentáculos, descristianizando a nacionalidade através de seus moços, descristianizando o seu futuro. Essa foi e é a grande obra do Espirito do Mal contra a nação. Essa é e foi a única gloria dêsse misterioso Julio Frank, cujo túmulo no páteo da velha Faculdade é um escarneo e um insulto á nacionalidade.

Sob o pseudónimo de Julio Frank, o leal servidor do Espirito das Trevas, Carlos Luiz Sand, lhe entregou a alma a 19 de junho de 1841, quando já madrugara a maioridade salvadora de D. Pedro II. "Paz e gloria á sua grande alma! Espirito gentil, has de ficar sempre memorado no coração da juventude, que guarda os teus exemplos e ensinamentos, como quem encerra um diamante no fundo dum cofre (38)!" Deante dêste necrologio de Spencer Vampré, que nenhum documento de

---

(38) Spencer Vampré, op. cit., t. II, pg. 333.

valor justifica, nem um livro, nem um fáto, nem um gesto, ocorre indagar:

— Que exemplos?

— Que ensinamentos?

Póde-se responder esmagadoramente com a insuspeita palavra dos que, cheios de injustificavel simpatia, historiaram a vida da "figura cheia de misterio". Segundo Escragnolle Doria (39), êsses exemplos eram de tal monta que os proprios estudantes viviam impedindo o seu querido professor de se entregar a continuas libações alcoolicas. Segundo Lopes de Oliveira, que escrevia sob o pseudónimo de *Velho Sorocabano* e era parente de Francisco de Assis Vieira Bueno, discipulo de Julio Frank, tradutor dos versos de Byron recitados na noite de Walpurgis do cemiterio da Consolação, os ensinamentos só podiam ser os dum homem "muito supersticioso", que "prestava atenção a crendices e práticas indigenas" (40), frequentando as "sessões de magia negra".

Belos exemplos! Admiraveis e respeitaveis ensinamentos! Alcool, superstição e magia negra, trilogia que não justifica o túmulo na Faculdade, senão nas corujas ou môchos *minervais* que o ornamentam, simbolos dos agouros e dos dramas da Treva, emblemas da Noite...

O satanismo das sociedades secretas, depois das revelações dos livros de Domenico Margiotta, não são mais segredo para os estudiosos do assunto. Os pala-

(39) Art. cit., "in" "Revista da Semana", "in fine".

(40) Candomblés, catimbós, macumbas, feitiçarias, pagelanças...

distas americanos — diz êsse autor — veneram Lucifer como o Deus Bom, o Bom por excelencia. Miss Diana Vaughan, que, mais tarde se arrependeria de seus desregramentos e auxiliaria á revelação das enormidades em que tomára parte, achára vestigios dêsse culto infernal entre os restos dos herejes valdenses que demoram no fundo dos vales do Piemonte. O grande pontifice do satanismo maçónico na Europa foi o aventureiro e ladrão Adriano Lemmi, que apostatou e se fez judeu, circuncidando-se (41). Êle conseguiu, aproveitando-se dos apertos financeiros duma familia nobre, alugar em Roma o palacio Borghése e instalar o culto de Satanaz na propria capital do Cristianismo. Quando foi obrigado a entregar aquela mansão fidalga, onde haviam residido Papas, aos seus legitimos proprietarios, em maio de 1895, a imprensa publicou a seguinte noticia: "O Templo de Satan — Os representantes da familia Borghése, visitando o palacio, afim de prepará-lo para as núpcias, descobriram um aposento vedado a todos e que recusavam abrir. Era o Templo Paládico, onde tronava a horrivel imagem de Satan, rodeada de grande número de outras figuras e simbolos monstruosos, ornado de cortinados e tapeçarias vermelhas e negras (42)."

No seu número de 18 de maio de 1895, o jornal católico "Croix du Dauphiné", de Grenoble, estampava

(41) Domenico Margiotta, "Le Palladisme", ed. H. Falque, Grenoble, 1895, introdução, pg. V.

(42) Op. cit., pgs. 32-33.

esta descrição: "As paredes laterais estavam cobertas de magnificas cólxas de damasco encarnado e negro. Cobria a do fundo uma grande tapeçaria sobre a qual se destacava a figura de Satan. Ao pé dessa imagem infernal, erguia-se um altar ou lareira. Aqui e ali, alinhados, triangulos, esquadros e outros simbolos da seita. Depois, livros e rituais maçónicos. Em volta, poltronas douradas, tendo, todas, na moldura que corôa o encosto um grande ôlho de vidro iluminado por pequenina lámpada eletrica. No meio do templo infame elevava-se o trono especial do Grande Pontifice Satanista (43)."

Segundo nos conta Domenico Margiotta, o satanista convertido, nas ceremonias paládicas se canta o GODDAEL MIRAR, canto cabalistico luciferiano, o GENNAITH MENNOG e o VANERIAM OHBLERRAK, cantos obscenos e fálicos; se rezam, em lugar da Ave Maria, o AVE EVA! em lugar da Salve Rainha, o SALVE CAIM; em lugar dos Sete Salmos da Penitencia, os SETE SALMOS A MOLOCH; em lugar da Ladainha da Virgem, o ABAH DE ASTARTEA; em lugar da Ladainha dos Santos, o ABAH DOS SETENTA E TRES; em lugar do Gloria ao Padre, o GLORIA LÚCIFER VICTORI (44).

O Paladismo Maçónico é um néo gnosticismo maniqueu, segundo o qual Lúcifer é igual a Adonai, deus da luz e do bem, que vive lutando em pról da humanidade. O doutor Bataille estudou profundamente a questão num

---

(43) Op. cit., pgs. 33-34.
(44) Op. cit., pgs. 94-95.

livro célebre e dificil de ser encontrado, porque os interessados o teem feito desaparecer — "Le diable au XXéme.siécle". A loja maçónica PALLADIUM, que espalhou o culto no mundo, foi fundada em Charleston, nos Estados Unidos, em 1801, pelo judeu Isaque Long, que para ali levou, como paládio, a figura do Bafomet templario e um cráneo que declarava ser de Jacques de Molay (45). O PALLADIUM agia em intima conexão com o Rito Escossês Antigo e Aceito, cujo Supremo Conselho do Brasil foi instalado no Rio de Janeiro a 16 de novembro de 1829, dois anos antes da abdicação e quando começava a funcionar a Bucha paulista, graças ao misterioso Julio Frank, dado á magia negra, conforme afirma o historiador Escragnolle Doria (46). A maçonaria satanica prolongou-se até nosso país. Nada sabemos quanto a épocas mais remotas, porém, de acôrdo com os documentos do arquivo do Grande Diretorio Central de Nápoles, o Rio de Janeiro era a Vigesima Oitava Provincia Triangular e seu grão-mestre, em 1890, era o sr. Henrique Valadares (47).

O Paladismo vê em Lucifer um rival mais poderoso do que Deus, cujo triunfo, de acôrdo com o LIVRO APADNO, está marcado para 29 de setembro de 000999, ano da verdadeira luz, que corresponde a 1995 da era cristã (48). Domenico Margiotta é de opinião que "os

---

(45) Domenico Margiotta, "Adriano Lemmi, chef suprême des franc-maçons", ed. Delhomme et Breguet, Paris-Lyon, 1894, pg. 88.
(46) Idem, pg. 90.
(47) Idem, pgs. 206 e segs.
(48) Idem, pg. 267.

povos, para voltarem á sua primitiva grandeza, só teem um meio: abater e destruir completamente toda a lama maçónica judaica, porque maçonaria e judaismo se dão as mãos e se completam, por que maçonaria e judaismo são os verdadeiros inimigos do progresso, da civilização, do cristianismo (49)."

Na verdade, a maçonaria em qualquer de seus aspétos ou fórmas nada mais é do que uma seita religiosa maniquéa, sendo a última palavra de seus segredos e misterios o culto de Lúcifer ou Satan, adorado nas lojas de retaguarda como o Deus Bom, em oposição ao Deus dos católicos, que os iniciados blásfemos chamam o Deus Máu (50).

De posse dos dados e documentos que aqui alinhamos é que se póde compreender a formal condenação das sociedades secretas pela Igreja, capitulada no Cánone 2.335 do "Código de Direito Canónico": "os que dão seu nome á seita maçónica ou a outras associações do mêsmo género que conspiram contra a Igreja ou as legitimas potestades civis, contráem pelo mêsmo fáto

---

(49) Domenico Margiotta, "Le Palladisme", pg. 82.

(50) D. José Maria Caro, "Misterio!", pg. 164. Dermenghem, no seu prefacio ao livro de José de Maistre, "La franc-maçonnerie", confirma a existencia das lojas de retaguarda, em conexão, como vimos, com a maçonaria escossêsa, pg. 13: "A reforma escossêsa, que quis imprimir maior seriedade á Ordem, caracterizava-se pela pretenção de ligar-se aos antigos Templarios e pela afirmação dos famosos e misteriosos Superiores Desconhecidos. Ela admitia tambem gráus mais elevados do que os tres classicos e grupos secretos de iniciados previlegiados, que, á margem das lojas comuns, tinham toda facilidade em manobrar secretamente as mêsmas."

a excomunhão simplesmente reservada á Sé Apostolica." O Cánone 2.336 condena com maiores penas os eclesiasticos que se filiarem a essas sociedades. Os Papas jamais cessaram de repetir suas condenações formais: Clemente XII pela Constituição IN EMINENTI, Bento XIV pela Constituição PROVIDAS, Pio VII pela Carta Apostolica ECCLESIAM A JESU CHRISTO, especialmente contra os carbonarios, Leão XII pela Constituição QUO GRAVIORA, Gregorio XVI pela Enciclica MIRARI VOS, Pio VIII pela Enciclica aos Bispos do Mundo, Pio IX vinte vezes e Leão XIII pela Enciclica HUMANUM GENUS. A maçonaria, nas publicações que faz em sua defesa, costuma dar os nomes de clérigos que a ela pertenceram ou que a elogiaram em público. Não se deixem os fieis desavisados e os padres enganar com o subterfugio. A maçonaria é condenada e todos os que dela fazem parte estão excomungados *ipso facto*. A Igreja não compactuará nunca com a maçonaria. Jesus Cristo não faz concessões a Satanaz. Êste é o Pai da Mentira. Por isso, a maçonaria vive da mentira.

Somente o culto do demonio explica os átos de satanismo byroniano dos estudantes bucheiros de São Paulo, criados na escola secreta de Julio Frank, cujo túmulo deveria ser retirado da Faculdade como sinal de que o Brasil cristão não suporta mais o poder das trevas, que o assassino de Kotzebue lhe impôs através da infeliz mocidade que a sua seita abastardou.

Capitulo V

A DIVINDADE DO MISTERIO

A maior prova de ter sido a abdicação de 7 de abril de 1831 obra das forças secretas e não das forças verdadeiramente nacionais se encontra na confissão de Joaquim Nabuco: "A abdicação surpreendeu a nação, que esperava somente mudança de ministerio (1)." E acrescenta que o remedio fôra demasiado violento para os pequenos males de que sofria a nação, e poderia ter sido evitado com vantagem (2)!

Deu-se o mêsmo fenómeno na proclamação da República, em 1889. O movimento militar visava a deposição do gabinete Ouro Preto, mas dêle surgiu a surprêsa da República maçónica-positivista deante da nação estupefacta. Assim, os poderes ocultos teem feito em todos os tempos, usando dos idealistas e dos inconscientes em seu proveito. O maior dos artificios maçónicos é levar seus servidores a um fim, tendo em vista outro, o verdadeiramente secreto.

Citemos as sábias, insuspeitas palavras de Bernard Fay: "Em pleno dia, a Igreja Católica adora um

---

(1) Joaquim Nabuco, "Um estadista do Imperio", Garnier, Rio-Paris, 1.ª ed., t. I, pg. 29.

(2) Op. cit., t. cit., pgs. 30 e 32.

Deus misterioso. O deus maçónico é evidente, porém a sociedade que o adora é toda misterio. Êsse deus, reduzido a um principio logico (*sic!*), é um instrumento do espirito humano, enquanto que a sociedade, forte pelo seu dominio sobre os homens, é um poder obscuro. A maçonaria, desdenhosa do dogma, independente dos reis e da religião, mas envolta no seu segredo, que a ilumina como uma auréola, tem a suprema habilidade de substituir o Misterio da Divindade pela divindade do misterio (3)."

Iniciára-se a época que Justiniano José da Rocha denominava do "triunfo democratico incontestado", coroando o "periodo de experiencia e de luta" dos elementos monarquico e democratico, que durára de 1822 a 1831. Em 1836, iniciou-se, segundo o mêsmo autor, a reação monarquica, que acabaria na maioridade. "De 1840 até 1852, dominio do principio monarquico, reagindo contra a obra social do dominio democratico, que não sabe defender-se senão pela violencia, e é esmagado (4)." Êsse *triunfo democratico* com a queda dum Imperio constitucional, de instituições liberalissimas, melhor seria chamado *triunfo republicano,* gerando, como o reconhece êsse autor, aquela violencia tão propria do liberalismo mentiroso. Isso tambem não escapou á agudeza de Nabuco, que afirmou, de 1831 a 1840, uma experiencia da República, a qual produziria

---

(3) Bernard Fay, "La Franc-Maçonnerie et la révolution intellectuelle du XVIIIme. siécle", ed. de Cluny, Paris, 1935, pg. 264.

(4) Justiniano José da Rocha, "Ação, reação, transação", pg. 5.

"somente desapontamentos", de maneira que o desastre fôra completo e "a opinião republicana desaparecera da face do país como em França após o Terror (5)."

A nação francêsa enojára-se da sangueira jacobina, instaurada pelo judaismo e pela maçonaria; a nação brasileira enojou-se por sua vez da violencia e da desordem assopradas pelas sociedades secretas.

Como em todos os triunfos demagogicos dos homens cuja mentalidade foi deformada habil e lentamente no recesso das lojas maçónicas, surgiram as facções rivais e se entredevoraram. O 7 de abril, que "resultára de dez anos de embates entre as correntes monarquicas e democraticas", como diz Euclides da Cunha (6) ou, melhor, entre as correntes monarquicas e republicanas, influenciadas pelos poderes ocultos das buchas e maçonarias, não podia, dum momento para o outro, impôr a paz a essas opiniões divergentes e envenenadas. A confusão dos espiritos prosseguira, mercê da velocidade adquirida. O país achava-se profunda e violentamente dividido. Essa divisão provocaria incessantes lutas estéreis, destinadas a enfraquecê-lo e levá-lo a um processo de esfacelamento, do qual milagrosamente foi salvo. Chocaram-se no cenario nacional *exaltados, reacionarios* e *moderados,* muitas e muitas vezes de armas em punho, derramando o sangue dos heróis na arena da

(5) Joaquim Nabuco, op. cit., t. cit., pgs. 42-43.
(6) Euclides da Cunha, "A' margem da história", Lelo & Irmão, Porto, 1922, pg. 255.

guerra civil, para maior gaudio daquêles que teem interesse vital na destruição das sociedades cristãs.

Foi ainda o principio monarquico que salvou o Brasil da anarquia e da *violencia democratica.* Confessa-o claramente o proprio Euclides da Cunha, embora deixando transparecer no que diz o fermento de positivismo que lhe introduzira no espirito o curso da Escola Militar: "Somente as tradições dinásticas, mais tarde, permitiriam que entre os *Exaltados,* utopistas avantajando-se demasiado para o futuro até entestarem com a República prematura, e os *Reacionarios,* absolutistas em recúos excessivos para o passado, repontasse o influxo dos *Moderados,* ou liberais monarquistas da Regencia, o que equivalia á conciliação entre o Progresso e a Ordem, ainda não formulada em axioma pelo mais robusto pensador do século (7)."

O mais robusto pensador do século a que se refere o autor de "Os sertões" é Augusto Comte. Ignorando as questões judaico-maçónicas, que não preocupavam a sua geração, Euclides da Cunha não poderia suspeitar as ligações que existem entre a maçonaria e o positivismo, o que permitiu sua estreita colaboração na destruição do Segundo Reinado e na implantação da República sob o distico "Ordem e Progresso". Os representantes, por assim dizer oficiais, do positivismo da época, Littré e Wirouboff, fôram recebidos em 1873 pela loja parisiense *La clémente amitié.* "Essa recepção não foi um fáto comum: quis-se assinalar que *a franco-*

---

(7) Op. cit., pg. 237.

maçonaria adotava toda a doutrina positivista, isto é, a eliminação radical de toda idéa de moral, de todo fáto que não póde ser experimentado pelos sentidos, em conclusão, o mais brutal materialismo (8)." Deu-se tanta importancia a essa recepção que a referida loja celebra seu aniversario, solenemente, todos os anos. Na celebração de 1877, o *irmão* Julio Ferry pronunciou um discurso alusivo, do qual extraimos os trechos mais significativos: "Se o positivismo fez sua entrada na maçonaria, é que esta era positivista de ha muito, sem o saber. A fraternidade é uma cousa superior a todos os dogmas, a todas as concepções metaficas e não só a todas as religiões como a todas as filosofias. Isto quer dizer que a humanidade, que não é mais do que o nome cientifico da sociabilidade, é capaz de se bastar a si mêsma; isto quer dizer que a moral social tem suas garantias, suas raizes na consciência humana, que póde existir sozinha, que póde, emfim, lançar fóra suas muletas teologicas e marchar livremente para a conquista do mundo. Sois *um dos mais preciosos instrumentos* para essa cultura, para êsse desenvolvimento da moral social e *leiga* a que pertenceis (9)." Referindo-se ao positivismo na "Masonic Rewiew" de 16 de janeiro de

---

(8) N. Deschamps, "Les societés sécrétes", Oudin Fréres, Paris, 1881, t. I, pg. 125. Os grifos são nossos.

(9) "La châine d'union", jornal maçonico, 1877, pg. 101. Os grifos são nossos. Não importam ao caso as sabidas divergencias entre Littré e Comte. O que se tem em vista provar é a identidade entre os dogmas do positivismo e os da maçonaria, por esta mêsma confessada.

1874, o deputado e maçon italiano Mauro Macchi escrevia que o homem precisa da liberdade e esta consiste em libertar-se de qualquer responsabilidade alem da morte, acreditando somente na materia e no que os sentidos percebem, o que é positivismo puro.

Como se vê, dogma e moral da maçonaria são identicos, no fundo, aos do positivismo. Sua aliança se faz, pois, naturalmente. *Qui s'assemble se ressemble.*

Apeado do trono o Imperador D. Pedro I, exaltados, reacionarios e moderados se encontraram da noite para o dia donos do país que iam convulsionar. Agruparam-se logo em sociedades e clubes, como os girondinos e jacobinos de 1793, gremios que não passavam de manifestações aparentes dos conciliabulos secretos que tomaram o poder e somente sob êsse disfarce podiam mostrar-se, atuando diretamente nos acontecimentos politicos. Os exaltados fundaram a Sociedade Federal. Os residuos absolutistas acoutaram-se na Sociedade Militar. Os moderados organizaram a Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia, que se tornou o maior poder politico da época, nominalmente presidida por um iniciado nas *grutas* de Coimbra, Odorico Mendes, onde pontificava Evaristo da Veiga (10), á frente de seu bando: Vergueiro, Limpo de Abreu, Carneiro Leão, Paula Souza. Os exaltados tinham á sua frente Epifanio José Pedroso, Pais de Andrade, o maçon mirandista fujão de 1824, Bernardo de Vasconcelos, os

---

(10) Pereira da Silva, "História do Brasil durante a menoridade de D. Pedro II", Garnier, Rio de Janeiro, 2.ª ed., pg. 26.

irmãos França, Miguel de Frias, republicano mutino, Cipriano Barata, artezão da intentona baiana de 1798 que levára os pobres alfaiates á forca. Dirigiam os reacionarios José Bonifacio, tutor dos principes, Paranaguá, Cairú, Martim Francisco. Depois, veiu ainda a formar-se a Sociedade Conservadora, composta de senadores, deputados, negociantes, generais e capitalistas, os que tinham o que perder e punham as barbas de môlho, fazendo a propaganda da restauração. Todos êsses clubes de declamadores vazios tinham sucursais nas provincias e somente serviram para entreter na capital do Imperio e propagar pelo interior lutas, conflitos, crimes e agitações (11).

A Regencia Provisoria, eleita pelas Cámaras, composta pelo marquês de Caravelas, o senador Vergueiro e o general Francisco de Lima e Silva, restituiu as pastas ao ministerio despedido pelo Imperador no dia 5 de abril: Souza França, Francisco Carneiro de Campos, José Manuel de Almeida, José Manuel de Morais e o visconde de Goiana. Unicamente Holanda Cavalcanti foi substituido por José Inácio Borges. Mandou cantar um TE DEUM na igreja de São Francisco de Paulo e deitou, nêstes termos, manifesto aos povos pasmados pela inesperada mudança governamental: "Compatriotas! Está terminado o primeiro e mais perigoso periodo de nossa tão necessaria quão gloriosa (12) revolução.

(11) Joaquim Nabuco, op. cit., t. cit., pg. 33.

(12) Por que gloriosa? Pelos austeros depoimentos anteriores viu-se que podia ser evitada e só trouxe anarquia e violencia. Será por que tudo o que a maçonaria faz é glorioso?

O Imperador acaba de sair do porto desta capital, retirando-se para a Europa. Uma embarcação de guerra nacional o acompanha até largar as aguas do Brasil. Os nossos inimigos são tão poucos e tão fracos que nem merecem consideração; contudo o governo vela sobre êles como se fôssem muitos e fortes. Mas, se nada temos a temer dos nossos inimigos, devemos temer de nós mêsmos, do entusiasmo sagrado do nosso patriotismo, do amor da liberdade (13), e pela honra nacional que nos pôs as armas nas mãos. Vossa nobre condúta e vossa moderação, depois da vitória, podem servir de modelo a todos os povos do mundo. Não lanceis nela a mais pequena mancha. Confiai inteiramente no governo (14)."

Recolheram-se aos quarteis as tropas que se tinham indisciplinado e que, breve, dêles sairiam para outras indisciplinas. Obediente ás lições dos mestres, a soldadesca se desmandaria dali por deante em sucessivas quarteladas e pronunciamentos. Promulgou-se a eterna anistia aos implicados nos varios sucessos politicos, excetuados os estrangeiros.

Reinava uma calma aparente. A 9 de abril, os pequeninos principes, cujo pai rumava para o exilio e para a sua maior gloria, a reconquista do reino lusitano, os pequeninos principes, orfãos de carinho familiar, entregues a uma tutoria politica-maçónica, D. Pedro, Donas Januaria, Francisca e Paula, compareciam em tra-

(13) Estilo maçónico puro.
(14) "Words, words, words... "

jes de gala ao Paço da Cidade e José Bonifacio apresentava duma das sacadas D. Pedro ao povo, conforme se vê numa estampa de Debret. Debuxava-se o terror nos seus pálidos rostos infantis. Pareciam réfens, na opinião dum dos proprios ministros do novo governo (15). E, na verdade, não eram outra cousa.

Aquela calma durou pouco. Dias depois, a atmosfera toldava-se. Tumultos e desordens rebentavam por toda a parte, regidos por uma batuta invisivel. As noites eram cheias de ameaças e violencias. Atacavam-se os que se suspeitavam sêrem partidarios do Imperador. Entocavam qualquer resistencia pelo terror, favoravel aos manejos das trevas, o qual alastrava deante da incapacidade da policia e da impotencia das autoridades. O principio da autoridade fôra mortalmente ferido por aquêles mêsmos que dela se haviam apoderado.

Tudo era visivelmente conduzido de modo a enfraquecer o poder central, já de si dividido por tres homens, um dos quais, Vergueiro, profundamente ligado á bucha e á maçonaria, poder, portanto indeciso e impotente. Surgiam de todos os lados jornais panfletarios, semeando alarma e confusão, desfazendo reputações, provocando motins, acirrando odios, baralhando idéas e principios. Alguns com titulos nitidamente maçónicos: "A Nova Luz Brasileira", "O Exaltado de Jurujuba", émulo daquela "Sentinela da Praia Grande" de antes da abdicação. "A Aurora", "O Indepen-

(15) Visconde de Goiana, "Apontamentos".

dente", "A Astréa" envenenavam os cariocas; "A Bussola", os pernambucanos; "O Observador", os paulistas; "A Sentinela" e "O Eco da Liberdade", os baianos.

Nêsse ambiente agitado, convulso, as manobras ocultas contra a incipiente riqueza nacional, já iniciadas, como vimos, ao tempo do motim dos mercenarios. O comercio definhava a olhos vistos. A indústria e a agricultura anquilosavam-se. Reinava a falta de dinheiro, misteriosamente retirado da circulação. As rendas públicas diminuiam, assoberbando de dificuldades os governantes. O cambio baixava. As apólices cotavam-se a menos 30 % do seu valor.

Breve, as sedições começaram a espoucar por todo o país que mergulhava numa "decomposição espontánea" como a das juntas governativas anteriores (16). Por trás das sedições de caráter militar nas capitais, já se podia adivinhar um panorama tragico de rebeldias matutas que iam ser tangidas por um dedo invisivel e misterioso como todas as suas irmãs da história, jaquerias sem razão e sem destino. Os jaques de 1358 queimaram os castelos, mataram e violaram sem saber bem por que, afirma o velho Froissard (17). Os primeiros queimadores de castelos da França revolucionaria agiram do mêsmo modo. Os bandos de Hoja, na Transilvania, em 1784, e os Robota da Boemia, em 1783, idem (18). Assim fizeram Cabanos e Balaios da Re-

---

(16) Euclides da Cunha, op. cit., pg. 238.

(17) "Histoire et Chronique de Messire Jean Froissard", Lião, 1559, cap. 182.

(18) Barruel, op. cit., t. II, pgs. 170 e segs.

gencia. Uma força oculta os impelia. Mas, quando se sabe que o movimento dos jaques é mais ou menos contemporáneo da grande conspiração maçónico-judaica dos Templarios, que o dos transilvanos e boemios corresponde aos manejos dos Iluminados na Europa Central e que o dos francêses corrobora a Grande Revolução, logo o segredo se aclara...

Euclides da Cunha sentiu como ninguem a tragedia das rebeldias matutas, mas explicou-as somente com os dados que se obteem á luz meridiana, não com os que se vão procurar nos subterráneos da história: "...questão mais séria, que passou despercebida e se destinava a permanecer na sombra até aos nossos dias. Era o crescente desequilibrio entre os homens do sertão e do litoral. O raio civilizador refrangia na costa. Deixou na penumbra os planaltos. O massiço dum continente compacto e vasto talhava uma fisionomia dupla á nacionalidade nascente. Ainda quando se fundissem os grupos abeirados do mar, restariam, ameaçadores, afeitos ás mais diversas tradições, distanciando-se do nosso meio e do nosso tempo, aquêles rudes patricios perdidos no insulamento das chapadas. Ao *cabano* se ajuntariam no correr do tempo o *balaio*, no Maranhão, o *chimango*, no Ceará, o *cangaceiro*, em Pernambuco, nomes diversos duma diatese social única, que chegaria até hoje, projetando nos deslumbramentos da República a *silhuoette* tragica do *jagunço* (19)."

---

(19) Euclides da Cunha, op. cit., pg. 262.

Sedições borbulham ateadas a qualquer pretexto ou sem pretexto algum como que por mãos misteriosas. São fogachos que queimam e logo se apagam para novamente se acenderem. Prenunciam os grandes incendios que quasi consumirão o país inteiro. Já antes da abdicação, como em obediencia a ordens desconhecidas, os quarteis se manifestavam. Na Baía, no dia 4 de abril, a guarnição se insubordinou contra o general Calado, herói de Ituzaingó, que se encerrou com as forças fieis no forte de São Pedro, pronto para a resistencia. Os amotinados ocupam o forte do Barbalho (20). Mas a luta não se trava. O presidente Araujo Bastos prefere um conchavo á maneira liberal, do qual resulta o embarque do general para o Rio, no dia 6. O conchavo não salvou o presidente que o fez. Sentindo-se fraco, desprestigiado, renuncia. E tudo, então, se acalma á espera de novas instruções para novas desordens.

Em junho, vem a furo o primeiro tumor republicano. O deputado Antonio Ferreira França apresenta um projéto, estabelecendo que o governo do Brasil fôsse vitalicio na pessôa do pequenino D. Pedro, sucedendolhe, por morte ou impedimento, um presidente das Provincias Confederadas do Brasil. "A Cámara decidiu que o projéto não fôsse discutido (21)." Já fôra votada a lei organizando e dando atribuições á Regencia, que seria permanente e sem poder moderador. Isto correspondia a verdadeiro enxerto republicano no regime monar-

---

(20) Rio Branco, "Efemérides Brasileiras", pg. 275.
(21) Op. cit., pg. 311.

quico (22). Vê-se aonde conduziam as tendencias dóceis ás sugestões das lojas, mas o projéto do deputado Ferreira França as tornava demasiado claras, o que não convinha.

Apresentou-o a 16 de junho. A 17, o parlamento elegia a Regencia Permanente: Costa Carvalho, mais tarde marquês de Monte Alegre, Braulio Moniz e o general Francisco de Lima e Silva. Dos tres regentes provisorios somente se salvava, na segunda fornada, o de espada... Outras fornadas de regentes conjugados ou sozinhos se sucederiam. A nação ia mudar de governos como se muda de camisa...

A sedição baiana de 6 de abril, antecipando-se de modo curioso á abdicação, prenunciava outras, muitas outras. No Pará, a Sociedade Patriotica, dirigida pelo cónego Batista Campos, deu um golpe com a tropa e o poviléu assanhado, a 24 do mêsmo mês, depondo o presidente da Provincia, barão de Itapicurú-Mirim, que se refugiou a bordo do brigue "3 de maio". Mas o general Soares de Andréa despejou-se dos quarteis com as forças fieis, varreu as ruas a baioneta e repôs a autoridade. Gonçalves Campos foi preso violentamente em sua casa. Estudaremos mais minuciosamente a anarquia paraense no capitulo reservado aos cabanos. Enquanto o general Andréa permaneceu no Pará, a ordem não foi perturbada; mas o padre, através da Sociedade Patriotica, procurava impôr sua saída aos politicos da capital.

---

(22) Pereira da Silva, op. cit., pg. 29.

Sentia-se que êsses fogachos acabariam incendiando o Rio de Janeiro. Daí a necessidade de dar permanencia, estabilidade aos regentes. Ao mêsmo tempo, porem, reinava o *mêdo democratico* de fortalecer o poder. A Câmara, tonta, manobrada da sombra, dividida em grupelhos palreiros e rivais, votava uma enxertia republicana na Constituição do Imperio e retirava de D. Pedro I o direito de nomear o tutor de seus filhos. Negava-lhe o pátrio poder para atribuí-lo á assembléa, isto é, á irresponsabilidade das maiorias ocasionais. A voz do visconde de Cairú protestou contra êsse áto que hesitamos em classificar como enormidade ou mesquinharia. O fito não era arrancar diretamente a tutoria a José Bonifacio, mas enfraquecê-la em suas mãos, pondo-a na dependencia do poder politico, e, ao mêsmo tempo, ferir de longe o monarca deposto, o *ingrato*, o *perjuro*, que, na linguagem do manifesto maçónico de Lêdo e José Bonifacio, ferira e dispersára os obreiros de Hiram com o proprio malhête dourado que lhe haviam confiado. . .

A permanencia dos regentes não era bastante para lhes dar força. Precisavam de mão hábil e energica que os guiasse e sustentasse. Escolheram para ministro da Justiça o padre e maçon Diogo Antonio Feijó, o qual seguia o idealismo pregado nas lojas, mas não até ao ponto a que chegava o anarquismo de muitos de seus contemporáneos. Estava disposto a combatê-los. Era um revolucionario liberal que não desejava ir alem de certos limites. Essa sinceridade não impede os homens assim de inconscientemente trabalharem pelo Poder Oculto.

Quasi todos os revolucionarios liberais se medem pela mêsma craveira. Vão somente até certo ponto, pensando que é possivel deter-se ali. Alguns chegam, por exemplo, ao socialismo avançado. Ao comunismo, não. Deante do comunismo, querem recuar, ignorando que o declive fatal não o permite. Trabalham desta sorte a prol do comunismo, levando seu país á etapa mais próxima. Outros concluirão a obra que deixaram perto do termo. Desta fórma, sugestionados por ideais falsos, utopicos ou mentirosos, embora parecendo atuar em campos opostos, os cristãos que se infeudam ás sociedades secretas vão servindo sem o saber á causa de Israel, o qual, alheio ás competições que provoca, unicamente ganha com elas. Êle divide a sociedade cristã em campos violentamente opostos, enfraquecendo-a para a dominar. Enquanto os seus inimigos, pois de outra maneira não considera os gentios, se combatem, separados em grupos rivais que chegam até o derramamento de sangue, o grupo unido e coeso do judaismo vai dando as cartas.

Feijó assumiu a pasta da Justiça. "Os olhos da população ameaçada, como escrevia Evaristo da Veiga, voltaram-se para êste homem forte e integro." Era tempo. Os pronunciamentos militares estavam a rebentar por dias. Foi nomeado e tomou posse a 5 de julho. No dia 12, rebelava-se o 26.° de infantaria no morro de São Bento. Dominado, foi embarcado para a Baía. Era o anuncio da "torrente revolucionaria" a que alude Euclides da Cunha. Sua primeira vaga desaba sobre a

Regencia, frágil tapume que separa o Imperio da Republica e que ás forças secretas convinha destruir. No dia 14, os exaltados conseguem levantar o corpo de Policia e a maior parte dos batalhões de linha, desobedecendo ao comandante das armas, general José Joaquim de Lima e Silva, visconde de Magé, ocupando o Campo de Sant'Ana, eterno teatro de indisciplinas militares assopradas pela maçonaria, e exigindo alterações ministeriais, deportamentos e castigos. Como certos grevistas da atualidade, exigiam o que sabiam impossivel obter, afim de continuar o pretexto invocado para a agitação. Os exaltados queriam derrubar Feijó, que pusera fóra do ministerio Bernardo Gama, visconde de Goiana, e Inácio Borges, derrotado no parlamento por Bernardo de Vasconcelos, quando quasi confessára a bancarrota do erario (23).

Deixando os aquartelamentos na noite de 13 para 14 de julho, a soldadesca de policia desrespeitára os oficiais, saqueára as casas de comercio, matára quem encontrára e acampára de manhã no largo do Rocio, ligando-se com os outros sediciosos que ocupavam o Campo de Sant'Ana. Situação grave. Os homens de governo tremiam, indecisos. Pavor na cidade. Feijó não perdeu a calma e fez frente aos acontecimentos. Reuniu no Paço da Cidade os principes, os regentes e os ministros. As Cámaras declararam-se em sessão permanente. Havia um núcleo de tropas fieis ao governo de que se podia lançar mão: a artilharia de marinha, o 1.º

---

(23) Pereira da Silva, op. cit., pg. 30.

batalhão de artilharia de posição e o 5.º de infantaria. Em torno dêle, o ministro da Justiça organizou a resistencia e preparou o ataque com tres mil paisanos armados, os guardas municipais permanentes, muitos estrangeiros, o famoso batalhão de oficiais-soldados instituido para manter a ordem na cidade anarquizada após o 7 de abril.

No dia 15, os rebeldes mandam uma representação á Assembléa, que a repele. "Mostremos aos inimigos da ordem pública que os representantes da nação não se aterram!" exclamava Bernardo de Vasconcelos. A 16, a revolta estava vencida. Dissolvia-se a Policia. Esfacelavam-se os batalhões sediciosos. Atufavam-se de presos Santa Cruz, São João e Villegaignon. Feijó aproveitava a ensancha para modificar a seu sabor o ministerio, despedindo o general José Manuel de Morais e Souza França, substituidos, respectivamente nas pastas da guerra e do Imperio por Manuel da Fonseca Lima e Silva e Lino Coutinho. Do antigo gabinete somente se conservaram o general José Manuel de Almeida e o marquês de Caravelas (24).

A acção do ministro da Justiça se fez logo sentir em medidas fortes. "Patenteava o padre Feijó um ardor febril na luta travada contra os turbulentos. Entre muitas providencias, recomendava em instruções expedidas aos juizes de paz a maior vigilancia nas suas paróquias, tornava-os responsaveis pelos acontecimentos, e obrigava-os a reuniões semanais sob a presidencia

(24) Rio Branco, op. cit., pgs. 344 e 347.

do intendente geral de policia, afim de se esclarecerem sobre as tramas revolucionarias e combinarem meios adequados a abafá-las (25)."

Os exaltados reagem contra o viril ministro na Assembléa. Martim Francisco, seu inimigo pessoal, organiza um grupo para hostilizá-lo: Francisco Gé Acaiaba de Montezuma, iniciado na universitaria secreta de Coimbra, Antonio Ferreira França, republicano e maçon, Ernesto Ferreira França, idem, Rebouças, Castro Alves e Augusto May, de origem israelita. Apoiam o projéto com que Holanda Cavalcanti pretende aniquilar os frutos da vitória de 16 de julho: anistia aos amotinados, retirada de forças das municipalidades e castigo como rebelde a qualquer força que entrasse numa cidade sem licença do governo municipal. Era o extremo fortalecimento da politica dos municipios em detrimento do governo geral, o estabelecimento oficializado da anarquia. Essas medidas foram rejeitadas nas sessões de 22 e 24 de julho (26).

De então por deante vamos assistir aos disturbios dentro e fóra do parlamento, obedecendo a dois sistemas de ataque ao governo regencial, de modo a evitar que se fortaleça: o sistema da quartelada, que mata a disciplina militar e cria a insegurança e a anarquia; e o sistema das idéas martelantes nos projétos de leis e suas discussões, creando o estado de espirito anti-monar-

(25) Pereira da Silva, op. cit., pg. 40.
(26) Op. cit. "passim".

quico a escorregar pouco a pouco para a Republica, enfraquecendo, ao mêsmo tempo, o poder e até os candidatos ao poder. Na aparente confusão de figuras e ideologias, o olhar percuciente nota que todos êsses tons discordantes se fundem na harmonia misteriosa do Poder Oculto, em caminho para seus supremos objetivos, dividindo para debilitar, debilitando para imperar, servindo-se de todos quantos pensam servir-se dêle para subir, cégos pela mesquinhez de suas ambições pessoais.

Ha como que uma palavra de ordem secreta a que obedecem os pro-homens da politica no tragico entremês dos primeiros tempos da Regencia: descentralização. Notou-o o proprio Pereira da Silva, sempre tão desavisado. Essa descentralização se concretiza no projéto de reforma da constituição, apresentado por José Cesario, creando o Imperio Federativo, abolindo o poder moderador, última prerrogativa do soberano, último espantalho dos maçons, abrogando o Conselho de Estado, alargando os âmbitos das Assembléas Legislativas e instituindo a Regencia Una (27), presidencia da Republica meio disfarçada. Em derredor dessas idéas fundamentais, a farándola das idéas maçónicas, habilmente sugeridas ou sugestionadas, brotando a cada passo no recinto da Cámara: abolição da religião de Estado, justiça eleita e não nomeada, o que seria judaizá-la ou bolchevizá-la, entregando-a, com a politica, á irresponsabilidade do sufragio universal, constituições provin-

(27) Op. cit., pg. 44.

ciais, conversão do país á fórma republicana por morte ou simplesmente impedimento de D. Pedro II.

Sob êsse republicanismo que vem com pés de lã, com todos os disfarces maçónicos, o federalismo reponta. E' a idéa desagregadora que será lançada continuamente pelo tempo alem, cortejando certas aspirações provinciais, para atingir a meta final da Republica Federativa, cujos frutos são as hegemonias estaduais e os separatismos consequentes, levando-nos da desmoralização progressiva ao caminho do comunismo sovietico. O mote "Federação ou Morte!" sucedia ao "Independencia ou Morte!". Saint-Hilaire, que nos visitou na época, sentiu e compreendeu os graves perigos dêsse federalismo que vinha entrando paulatinamente na vida das idéas nacionais, cuidadosamente se alimpando das teias de aranha trazidas dos escusos subterráneos das lojas e capitulos. O sábio viajante anunciou que êle romperia os fracos liames que uniam as provincias e geraria as *patriarquias* dos reguletes regionais, peores mil vezes do que um só tirano. Viu admiravelmente bem os males que hoje verificamos com a dura lição dos fátos.

A 11 de outubro de 1831, os irmãos Antonio e Ernesto Ferreira França, acompanhados por Alves Branco e Fernandes da Silva, voltam á carga com o projéto federalista das constituições provinciais (28). A mania do federalismo grassava por toda a parte.

---

(28) Rio Branco, op. cit., pg. 483.

O velho senador Nabuco, que seria mais tarde reacionario, batera-se pelo federalismo no inicio de sua vida de jornalista (29).

Defendendo o principio da autoridade, que periclitava, Feijó compreendeu a necessidade de se apoiar numa força armada de confiança, pois que o Exercito, indisciplinado pelo maçonismo dêsde o 7 de abril, se convulsionava em mashorcas seguidas, sem finalidade patriotica. Não se podia mais contar com as antigas Milicias e Ordenanças, dependentes do ministerio da Guerra, como tropas de segunda linha, definitivamente desorganizadas. Creou-se, então, a Guarda Nacional em 18 de agosto de 1831, milicia civil dirigida pelo ministerio da Justiça, tendo por missão a defesa da constituição, a manutenção da integridade do Imperio, do prestigio das leis e da ordem, auxiliando ainda o Exercito na defensão da soberania externa. Ela prestou "relevantissimos serviços á ordem pública e foi um grande auxilio do Exercito de Linha nas nossas guerras estrangeiras (30)."

As convulsões populares e militares espraiavam-se. Chegariam até Mato Grosso. A 7 de agosto, no Pará, desassocegado apesar dos esforços de Andréa, mal o retiraram do comando das armas, a tropa depôs o presidente Bernardo da Gama, visconde de Goiana, ex-ministro de Estado. Tinha querido depôr seu antecessor. Queria depôr um presidente. Atacava não os individuos

(29) Joaquim Nabuco, op. cit., t. cit., pgs. 17-18.
(30) Rio Branco, op. cit., pg. 399.

por êstes ou aquêles erros, sim o cargo, a autoridade. A 13 de setembro, tropa e populacho se amotinam no Maranhão, obrigando o presidente da Provincia, Araujo Lima, marquês de Sapucaí, a transigir, o que permitiria nova bernarda a 19 de novembro, eivada de lusofobia. Desta vez, o governo provincial teve de reagir. Os rebeldes lutaram. Batidos, muitos se afundaram nos sertões sob o comando do caudilho Damasceno, tornando-se salteadores (31), inicio duma das jaquerias a que já aludimos. Temos presenciado o mêsmo fenómeno nas revoltas da Republica: a coluna Prestes, os remanescentes dos surtos comunistas de 1935, no Nordeste,

A 14 de setembro, estala o motim militar no Recife. Saque e matança. Tal qual no movimento comunista de novembro de 1935, ali mêsmo. O coronel Lamenha Lins, veterano de 1824 e de Ituzaingó, reuniu milicianos e voluntarios, derrotando os sediciosos, que nem sabiam o que queriam. Sitiados nos fortes da Soledade e do Brum, renderam-se. Mais de 300 fôram mortos (32).

A 28, o republicano maçon Miguel de Frias desrespeita um magistrado no teatro São Pedro, põe a cidade em polvorosa durante dois dias e acaba preso com 30 companheiros. A 6 de outubro, é a artilharia

---

(31) Op. cit., pgs. 384, 441 e 544. Na "A Setembrada", ed. do "Jornal do Comercio", Rio de Janeiro, 1933, Dunshee de Abranches mostra a lusofobia dêsse movimento maranhense.

(32) Op. cit., pgs. 442-444.

de marinha, até então fiel, que se levanta na ilha das Cobras, trabalhada pela influencia do velho conspirador maçónico, póde-se dizer profissional, Cipriano Barata. Os soldados libertam os presos. A tripulação da fragata "Paraguassú" adere, prendendo os oficiais no porão. Arriam-se dos mastros as bandeiras imperiais e tenta-se um desembarque que o capitão-tenente José Joaquim Faustino logra impedir á frente dum punhado de valentes, dando tempo ao preparo da reação. Dirige-a o general Pinto Peixoto, no dia 7. As baterias de São Bento bombardêam os rebeldes. Duas colunas de ataque, comandadas por Santos Barreto e o futuro duque de Caxias, Luiz Alves de Lima, apoderam-se da praça. Cipriano Barata vai para a cadeia. Feijó demite o ministro da Marinha, general José Manuel de Almeida, não se sabe bem se indolente ou conivente, substituido por José Joaquim Rodrigues Torres, depois visconde de Itaboraí (33).

Na Baía, o 26.° de caçadores, transferido do Rio de Janeiro, onde se rebelára, toma novamente as armas contra o governo. E' vencido. A 15 de novembro, nova quartelada no Recife, com caráter nitidamente republicano, que se não estende além do forte das Cinco Pontas, logo abafada pelo proprio povo em armas (34).

Por que tantas desordens?

---

(33) Pereira da Silva, op. cit. "passim"; Rio Branco, op. cit., pgs. 475 e 480.

(34) Pereira da Silva, op. cit. "passim".

Não estava livre o país, por obra e graça do *povo maçónico,* da odiosa tirania de D. Pedro I, o perjuro e ingrato Guatimozim e Arconte-Rei? Que fundo descontentamento poderia lavrar na soldadesca e em certas camadas para justificar tantos e tão seguidos levantes? O povo, em verdade, não parecia compactuar com êles, pois que por quasi toda a parte ajudava de bom grado as autoridades a sufocá-los. A's forças secretas, cujos agentes, Cipriano Barata ou Miguel de Frias, apanhamos com a bôca na botija, é que convinha manter a permanente e ruinosa agitação, desmoralizando o poder e esfacelando o país, que só um verdadeiro milagre salvaria.

Tantos motins e os do primeiro semestre de 1832 são as tentativas avançadas das grandes revoltas camponias, de fundo comunista, e republicanas, liberais, separatistas, de fundo bucheiro, carbonario ou maçónico, que se vão deflagar, enchendo as páginas tristes de nossa ensanguentada história até depois da maioridade do pequeno soberano entregue aos aventureiros politicos pelo Imperador deposto a 7 de abril. Olhemos rapidamente o esquema dêsses movimentos desagregadores em que o sangue de tantos bravos e dignos brasileiros foi vertido em holocausto ao Moloc do judaismo envolto no misterio das monstruosas sociedades secretas, cancros do mundo: 1831-1832, revolta reacionaria de Pinto Madeira, no Ceará; 1832-1835, revolta de Pernambuco sob o governo daquêle mêsmo Pais de Andrade, que fugira em 1824 e voltára sob o pálio da

maçonaria internacional; 1835-1837, jaqueria da cabanagem, no Pará; 1837-1838, revolução na Baía, a sabinada bucheira; 1838-1841, a balaiada anarquista, no Maranhão, Piauí e norte do Ceará; 1839, surto de fanatismo satanico, no sertão nordestino; 1835-1845, guerra dos Farrapos, do Rio Grande do Sul a Santa Catharina; 1842, revolução liberal maçónica e bucheira em São Paulo e Minas Gerais. Outras menores de permeio. O último estertor dessa anarquia generalizada: a revolta praieira, em Pernambuco, depois da maioridade.

Felizmente, houve um homem criado no seio das proprias sociedades secretas, cujo patriotismo acordou em face da dolorosa tragédia nacional, homem de altas qualidades pessoais, de notavel talento, sem sêde de ouro, pobre sempre, que fez o primeiro esforço para dar marcha á ré a êsse processo de desagregação do Brasil (35). Foi Evaristo da Veiga, que, "adivinhando a missão historica do Imperio, salvou o principio monarquico, identificado, então, com a unidade da pátria; prevendo a anarquia que esfacelaria o país, Feijó restaurou por um milagre de energia incomparavel, a autoridade civil (36)." O apoio de Evaristo completou a obra benemerita de Feijó. Dois grandes historiadores reconhecem essa gloria: Joaquim Nabuco e Euclides da Cunha. O juizo da posteridade está pronunciado.

Para conseguir isso, Evaristo da Veiga quasi perdeu a vida. O Poder Oculto armou um braço para assas-

---

(35) Joaquim Nabuco, op. cit., pgs. 30 e 33.
(36) Euclides da Cunha, op. cit., pg. 257.

siná-lo a 10 de novembro de 1832. Mas a covarde tentativa falhou. Ela demonstra, contudo, que êsse Poder, visando uma finalidade anti-cristã, não respeita de modo algum aquêles que lhe serviram de instrumentos, quando, por acaso ou abertos os olhos, lhe contrariam os planos. A perigosa e sombria divindade do misterio não tem entranhas. Os que engabela com seus sortilegios maçónicos, tornando-os, no dizer dum pensador célebre, *judeus artificiais*, não passam para ela de meros instrumentos de ocasião. Não servindo mais, abandonam-se ou eliminam-se.

CAPITULO VI

A RELIGIÃO DO SEGREDO

O barão de Homem de Melo, em carta ao desembargador cearense Paulino Nogueira, datada de 30 de novembro de 1894, declarava não haver na história do Brasil episódio mais dramatico do que o de Pinto Madeira, no Ceará (1). O coronel de milicias Joaquim Pinto Madeira, potentado sertanejo da região do Cariri, levantou-se a 14 de dezembro de 1831 contra a autoridade da Regencia, em favor de D. Pedro I (2). Acompanhou-o o conego Antonio Manuel de Souza, vigario da vila do Jardim. Foi essa a unica reação anti-maçónica em todo o territorio nacional. Prova-o de sobejo a proclamação publicada na vila do Crato, depois de tomada pelo destacamento de linha local em revolta, auxiliado pelos sertanejos armados do coronel e do padre. Leiamos êsse pouco citado e pouco conhecido documento, datado de 2 de janeiro de 1832:

"Brasileiros! (3) E' chegada a época de nossa regeneração politica! Época em que malvados liberais

---

(1) Paulino Nogueira, "Execuções de pena de morte no Ceará", "in" "Revista Trimensal do Instituto do Ceará", t. VIII, 1894, pg. 176, nota 1.

(2) Rio Branco, "Efemérides", pg. 590.

(3) Ao contrário dos movimentos maçónicos, que se dirigiam a baienses, mineiros ou gaúchos, êste se dirige aos brasileiros. Afirma

vão ser punidos de tão horrorosos crimes por êles perpetrados. Brasileiros! Estou em campo; reuní-vos a mim, e vamos desafrontar a nossa honra, honra tão manchada por essa vil escória de sevandijas, que com o titulo de liberais teem feito viva guerra á religião e ao trono do melhor dos soberanos. Brasileiros! Nem mais um dia devemos esperar, e mostraremos ao mundo inteiro o nosso ressentimento quanto ao extraordinario insulto feito ao nosso adorado Imperador, o Senhor D. Pedro I, no sempre execravel dia 7 de abril! Dia enfim que sepultará para sempre a honra brasileira no túmulo infernal da ingratidão e do oprobio, se um rompimento inesperado, se uma vingança terrivel contra os malvados não aparecer nesta ocasião para nos separar do número dêles. Brasileiros! O Senhor D. Pedro I, nosso adorado Defensor Perpetuo, foi insultado e esbulhado do nosso sólo e dentre nós; porem ha de ser vingado por nós! Brasileiros! Ás armas! Vamos dar fim á obra gloriosa por nós encetada! Os malvados não vos resistem, pois os seus mêsmos crimes os fazem cobardes, enquanto que a nossa atitude e a santidade de nossa causa redobra nossos esforços, o que praticamente já foi demonstrado no campo da honra do Buriti (4). Brasileiros! Estou á vossa frente com tres mil e oitocentos heróis bem armados e municiados, e jamais retrogradarei meus passos sem que ainda no

---

seu cunho nacional e não local. As circunstancias limitaram seu impeto nacionalista.

(4) Combate em que derrotára as forças do governo.

mais remoto canto do Brasil se não respeite a religião de nossos pais (5) e o trono do Senhor D. Pedro I. E, em abono disto quanto vos acabo de dizer, só vos recomendo que, se eu avançar — seguí-me; se fugir — matai-me; e se eu morrer — vingai-me (6) com a conclusão de nossa honra. Brasileiros! Viva a Religião Católica Apostólica de Nosso Senhor Jesus Cristo! Viva o nosso Adorado Imperador o Senhor D. Pedro I e sua Augusta Dinastia! Vivam os bons e fieis brasileiros em geral, e em particular os habitantes do Jardim! (7)"

O teor da proclamação indica que Pinto Madeira esperava uma repercussão do seu movimento em todo o país. Todavia, ficou sozinho e não pôde passar alem da região do Cariri, onde, naturalmente, teria de ser vencido mais cêdo ou mais tarde.

Por que esperava essa repercussão?

Pinto Madeira fazia parte duma sociedade secreta, *Colunas do Trono*, fundada em Pernambuco em 1829, cujos orgãos de imprensa eram "O Cruzeiro" e "O Amigo do Povo" (8). "Alentavam-lhe as esperanças na vitória a proteção de politicos eminentes e as instigações dos clubes colunistas, cujos adeptos eram largamente espalhados no país (9)."

---

(5) Alem do sentido nacional o da clara reação contra o maçonismo.

(6) Palavras de La Rochejaquelein aos vendeanos, que Mussolini tambem aproveitou.

(7) Paulino Nogueira, op. cit., pg. 177, nota 1.

(8) Nome do infecto jornal de Marat na Revolução Francêsa, "L'ami du peuple".

(9) Barão de Studart, "Dicionario Bio-Bibliografico Cearense", t. 1, pg. 46.

Por que lhe falhou êsse apoio?

A tal sociedade secreta fôra instituida naturalmente com o fito de enquadrar, entre iniciados no *verdadeiro segredo maçônico,* os patriotas sinceros, monarquistas de convicção, católicos praticantes, como Pinto Madeira sempre deu provas de o ser, de maneira a trazê-los sob vigilancia, podendo abandoná-los no momento em que se comprometessem entusiasticamente pela causa legitimista. A maçonaria tem uma habilidade verdadeiramente judaica em aproveitar-se de todos quantos os seus sortilegios possam seduzir, seja qual fôr o campo politico em que atúem. Dêsde as lutas de 1817 e 1824, Pinto Madeira fôra "um dos realistas que mais se salientaram (10)." Era, pois, um elemento que, sendo possivel, devia ser posto sob as vistas do Poder Oculto. As lojas *Colunas do Trono* não podiam ter outra finalidade senão captar e procurar dirigir os homens que sinceramente queriam a continuidade do Imperio e da Dinastia (11).

O grito legitimista e católico do Jardim não teve éco. Depois da vitória do Buriti e da conquista do Crato, os guerrilheiros de Pinto Madeira e do padre Antonio Manuel, derrotados na sua marcha sobre Missão Velha, tiveram de enfrentar os bandos armados e as milicias do coronel Agostinho José Tomás de Aquino, e os sol-

---

(10) Op. cit., loc. cit.

(11) Leia-se o que diz o Relatorio oficial da Convenção do Grande Oriente de 1931: "Sociedades, embora compostas de elementos reacionarios que fazem parte da maçonaria sem o saberem." Temos ou não razão no que afirmamos?

dados de linha do tenente Antonio Cavalcanti de Albuquerque, que cometiam os mais "horrorosos atentados contra os direitos civis, vidas e propriedades". Verdadeiros bárbaros, "mataram prisioneiros, queimaram casas, legumes e mobilias, roubaram gados, confiscaram bens dos dissidentes e receberam donativos gratuitos..." O general Labatut reclamava da Regencia uma devassa contra os culpados de tamanhas atrocidades (11). A presença do presidente da Provincia no teatro da guerra matuta, José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, não impedia a prossecução dêsses átos nefandos contra quem fôsse suspeito de comungar as idéas dos *pintistas*. Todos os odios e vindictas sertanejos se desaçaimaram sob o pretexto da guerra civil.

Como os destacamentos enviados da capital ao sertão, unidos com as guerrilhas e tropas sertanejas, não conseguissem dar cabo dos rebeldes nem penetrar a região caririense de que eram senhores, e como a intriga maçónica espalhasse o boato de que Pinto Madeira queria rebelar os escravos para reproduzir as matanças da ilha de São Domingos (12), o governo enviou para a Provincia convulsionada o general Labatut, soldado da Independencia, que chegou a Fortaleza no brigue "Alcides", desembarcando no dia 23 de julho de 1832, com duzentos homens de infantaria.

---

(11) Oficio do general Labatut, comandante das tropas do Ceará, ao ministro da Guerra, datado de 11 de outubro de 1832.

(12) Of. citado.

A 31 de agosto, encontrou-se no Icó com o presidente José Mariano, que regressou á capital. O general avançou pelo sertão, cautelosamente, indo acampar no Correntinho, entre Brejo Grande e o Crato. Para evitar derramamento de sangue, queria entender-se com os chefes rebeldes, aos quais já enviára uma proclamação, declarando que os direitos de todos seriam respeitados, bem como as vidas e propriedades, sob a proteção da Divisão Pacificadora do Norte (13).

"Pinto Madeira e o vigario Antonio Manuel, já extenuados de uma luta sanguinolenta de quasi dois mêses consecutivos, sem esperança mais de vitória, e cientes, por outro lado, da humanidade com que eram tratados pelo general os prisioneiros rebeldes, sendo uns postos logo em liberdade e outros recolhidos a cadeias suportaveis, convenceram-se de ter-lhes chegado a ocasião azada para depôrem as armas, mediante uma só condição — de o general garantir-lhes a vida e aos seus camaradas, fazendo remeter a ambos para a Côrte, onde esperavam justificar-se perante a Regencia. A proposta foi aceita, e no dia 3 de novembro os chefes rebeldes cumpriram sua palavra, depondo no Correntinho as armas com mais de tres mil homens (14)."

A vindicta particular, naturalmente assoprada do fundo das lojas, espiava aquêle momento para cevar-se nos caudilhos prisioneiros. Labatut, porem, apesar de

---

(13) Proclamação do general Pedro Labatut, datada de bordo do brigue "Alcides", a 22 de julho de 1832.

(14) Paulino Nogueira, op. cit., pgs. 179-180.

maçon mirandista, tinha uma alma réta de soldado. Sabia cumprir fielmente a palavra duma capitulação. Não mareava com a deshonra de Jacob Rabbi, no Cunhaú, ou de Amaral Gurgel, no Capão da Traição, os bordados de sua farda. Acompanhou os dois chefes presos até a vila do Jardim, no extremo sul da Provincia, de onde os enviou para o Recife "sob a guarda dum oficial de sua plena confiança, a cuja bravura deveram êles não sêrem maltratados (15)." Êsse oficial era o capitão Joaquim da Silva Santiago, destinado a morrer picado a espada pelos cabanos do Pará. Levava um oficio ao presidente de Pernambuco, Bernardo Luiz Ferreira, no qual o general declarava ter concluido sua campanha sem dar um tiro, procurando apagar "a sêde de sangue brasileiro" que animava os partidos e desmentindo pelo seu procedimento os "boatos acintosamente espalhados pelos intrigantes (16)." O boato, arma judaico-maçónica por excelencia, arma de todos os tempos, arma da confusão e dos pescadores de aguas turvas!

A maçonaria mostrou-se enfurecida com a generosidade de Labatut através, naturalmente, de seus orgãos aparentes. Os liberais do Crato não escondiam a fúria. O presidente da Provincia mostrava franco descontentamento. Dois anos depois, na sessão da Cámara dos Deputados de 24 de maio de 1834, dizia em discurso

(15) Op. cit., pg. 180.

(16) Oficio de Labatut a Bernardo Luiz Ferreira, datado do Crato a 16 de outubro de 1832.

que "o general, em vez de pacificar o Ceará, tinha pelo contrario semeado a desordem, pois se havia entendido com os rebeldes e o protegera." Em 12 de dezembro de 1832, o ministro Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois marquês do Paraná, desautorizava o nobre procedimento do pacificador em officio ao presidente do Ceará. A maçonaria somente propugna a anistia, o perdão *para os seus criminosos.* "O Clarim da Liberdade", orgão maçónico liberal do Aracatí, fazia violenta campanha contra os átos do general, ameaçando-o até pessoalmente. Era autor dos virulentos artigos um alagoano, de estirpe um tanto confusa, Joaquim Inácio Wanderley, maçon, comprometido na revolução do Equador em 1824, que se refugiára, para evitar o castigo, no convento do Carmo (17), no Recife, de onde se evadira para o Ceará. Fixou-se no Aracatí, mudou o nome para Joaquim Emilio Aires e continuou sua obra de maçonismo impenitente (18).

Pinto Madeira e o padre Antonio Manuel de Souza chegaram ao Recife, sendo metidos na fortaleza do Brum, de onde fôram transferidos para a escuna "União", transformada em presiganga (19). Dali já havia querido tirá-los o vice-presidente de Pernambuco

---

(17) Os conventos católicos asilam os maçons perseguidos. Não consta até hoje que sinagogas e lojas tenham asilado os cristãos ameaçados.

(18) Paulino Nogueira, op. cit., pg. 187, nota 1.

(19) Oficio do vice-presidente de Pernambuco, Manuel Zeferino dos Santos, a Antero José Ferreira de Brito, depois barão de Tramandaí, ministro da Guerra, em data de 7 de dezembro de 1832.

em exercicio, Manuel Zeferino dos Santos, afim de remetê-los para o Rio de Janeiro. Mandou embarcá-los para êsse efeito no paquete imperial "Pedro I". Mas, á última hora, constrangido por *influencias poderosas,* recuou. Cobriu-se com as desculpas habituais em tais casos: descontentamento *do povo* por se "ultimar a injúria que o general tinha principiado a fazer ao presidente e ás justiças ordinarias do Ceará"; inconstitucionalidade dêsse áto; falta de culpa formada e falta de jurisdição no requisitante, isto é, Labatut. Apesar de levado á parede, o vice-presidente não quís, como êle proprio confessou, depois de dar todas essas razões juridicas, que *caisse só sobre êle o odioso.* Ora, é óbvio que, se tantas razões de natureza constitucional e juridica militavam em favor do áto, êle não podia ser *odioso.* O vice-presidente, ao grito espontaneo que veiu do fundo de sua consciência, esqueceu as razões que alinhavára e o proprio descontentamento que dissera lavrar no povo... Naturalmente, não podia declarar em instrumento público que as influencias da maçonaria se disfarçavam por trás dêsses pretextos. Mas não se podia conter, sentindo a odiosidade do áto. Para lavar as mãos como Pilatos, consultou o Conselho do Governo da Provincia, o qual foi de parecer que os presos ficassem e o caso fôsse levado á consideração da Regencia (20). Esta aprovou o áto por aviso ministerial da Guerra de 5 de dezembro de 1832.

---

(20) Oficio ao ministro da Guerra, barão de Tramandaí, em 12 de novembro de 1832.

A 4 de agosto de 1833, porem, os dois prisioneiros fôram embarcados no Recife, no brigue-barca "Vinte e nove de agosto", com destino ao Ceará. Chegaram de surpresa, no meado do mês, a Fortaleza, desembarcando cercados por vinte e cinco baionetas e sendo recolhidos á cadeia do quartel de 1.ª linha, á disposição do juiz de direito. Isto foi no dia 18. No dia 21, eram, sob o pretexto da segurança e tranquilidades públicas, reembarcados no citado brigue-barca e remetidos para o Maranhão, de onde seriam reconduzidos ao Ceará, quando chegasse a ocasião de sêrem julgados. Os pretextos invocados para isso pelo presidente do Ceará, José Mariano, que tambem se amparou nas muletas de seu Conselho Provincial, são duma futilidade irritante. Os manejos deviam ser outros, inconfessaveis... José Mariano alude a uma *urgente causa* que não especifica e se enreda no cipoal das pequenas desculpas: falta de guardas, de cadeia adequada, de segurança e até de dinheiro... (21).

Do Maranhão, Pinto Madeira voltaria a Fortaleza. De Fortaleza, iria para o Crato, onde o executariam. Vem á lembrança o Evangelho, mal comparando, como diz o povo: Anaz mandou o Justo para Caifaz; Caifaz, para Pilatos; Pilatos, para Herodes; Herodes

---

(21) Oficio de 16 de agosto de 1833, do juiz de direito de Fortaleza, José Joaquim da Silva Braga, ao presidente José Mariano; Ordem do Dia de 17 do mêsmo mês e ano, do ajudante de ordens dêste, Manuel Franklin do Amaral; Oficio do juiz de direito ao presidente, de 21 de agosto; Oficio de José Mariano a Aureliano Coutinho, ministro da Justiça, de 13 de setembro de 1833.

para Pilatos... Numa carta escrita ás pressas á esposa, afim de desanuviar-lhe cuidados, o infeliz Pinto Madeira dizia-lhe que, de Pernambuco, fôra a Fernando de Noronha, de Fernando de Noronha, viera ao Ceará e, do Ceará, seguia para o Maranhão, que estava bom, que os oficiais do navio *muito o estimavam,* fazia-se lembrado aos amigos intimos e afirmava: "quem segue a lei de Cristo e de sua Mãe Santissima nunca se arrepende (22)."

A longa ausencia dos desgraçados, penando de cárcere em cárcere, de presiganga em presiganga, não arrefecia o ardor dos odios partidarios e maçónicos contra êles. Os implicados no levante do Jardim, que a generosidade de Labatut deixára em liberdade no sertão, começaram a ser atrozmente perseguidos. Reagiram e, como corressem noticias da volta de D. Pedro I, que era o espantalho dos maçons, se tornaram ousados, batendo destacamentos de linha e até se apoderando de povoações. Um dos caudilhos dessa retardataria reação pintista fôra o célebre Joaquim José Machado. Havia estremecimentos nos sertões pernambucanos, onde os cangaceiros de Panelas de Miranda faziam guerra ás tropas legais. Tudo isso era de molde a fazer recear pela permanencia de Pinto Madeira no Recife ou em Fortaleza. Por acaso, um dêsses movimentos matutos podia vencer e pô-lo á sua frente, determinando grande

(22) Carta de Pinto Madeira a dona Maria Francisca, com a firma reconhecida, publicada pelo "Cearense Jacaúna", n.º 18, de 6 de novembro de 1833.

efervescencia nacional contra os liberais-maçons da Regencia que se impopularizavam. O sucessor de José Mariano na presidencia do Ceará, coronel Inácio Corrêa de Vasconcelos, reconhecia em documento público que bastára a vinda de Pinto Madeira e Antonio Manuel a Fortaleza para "despertar e animar seus sectarios e comparsas espalhados pelos distritos da antiga e extinta comarca do Crato, pondo-os em uma atitude hostil (23)." O coronel quis esmagá-los e entrou pelo sertão. Os cangaceiros, como os vendeanos, evaporaram-se deante dêle. Não pôde combater senão em proclamações. Em março de 1834, recolhia á capital. "A' sua retirada, porem, levantaram-se e progrediram bandos de malfeitores, que tornaram a Provincia inhabitavel e intransitavel no interior (24)."

A Regencia escolheu um homem atilado e forte para impôr ordem ao Ceará, José Martiniano de Alencar, revolucionario de 1824, "seminarista-maçon e inimigo feroz de D. Pedro I (25)". O hibridismo de clerigos-pedreiros-livres era, infelizmente, para a Igreja, demasiado comum na época. Na sessão do Senado de 19 de fevereiro de 1850, dezeseis anos mais tarde, defendendo-se de acusações, êle expôs qual a situação em que encontrára a Provincia. O armamento espalhado no interior devido á rebeldia de Pinto Madeira andava

---

(23) Oficio de 12 de dezembro de 1833 ao presidente do Maranhão.

(24) Paulino Nogueira, op. cit., pg. 204.

(25) Pedro Calmon, "O marquês de Abrantes", ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1933, pg. 212.

pelas mãos de bandos de assassinos que assolavam certos rincões. Outros assassinos, "prepotentes e de séquito, faziam aterrar tudo." Imolavam-se vitimas dentro das proprias prisões. Algumas pessôas de prol abandonavam as vilas do interior, onde a vida se tornára impossivel, refugiando-se nas provincias vizinhas.

Havia necessidade inadiavel dum governo energico. Alencar começou a realizá-lo, naturalmente com alguma parcialidade politica, pois era de familia tradicionalmente ligada á maçonaria, ás lutas e rebeldias sertanejas; naturalmente tambem com grande oposição.

"Poucos dias depois da sua posse, chega á capital, a 15 de outubro (1834), procedente do Maranhão, o paquete "Patagónia", trazendo a seu bordo Pinto Madeira, que, á requisição do ex-presidente Vasconcelos, era remetido para responder ao juri no Crato; ficando ainda em São Luiz, por doente, o vigario Antonio Manuel (26)". Alencar providenciou para o desembarque, custódia e remessa do preso para o interior; mas não foi quem o mandou buscar ao Maranhão. A culpa oficial disso cabe, documentadamente, a Inácio Corrêa de Vasconcelos, seu antecessor (27). Êle não fez mais do que receber e encaminhar o preso.

Êste seguiu, escoltado, de Fortaleza para o Crato, onde entrou, após trinta e tres dias de viagem, num cavalo, cujo cabresto era puxado por um soldado. As

(26) Paulino Nogueira, op. cit., pg. 209.

(27) Oficios de Inácio Corrêa de Vasconcelos a Raimundo Felicio Lobato, vice-presidente do Maranhão, de 11 de agosto de 1834, e dêste áquêle, de 30 de setembro 1834.

pernas estavam amarradas por baixo da barriga do animal; os pulsos, algemados. Fizera nessas condições uma travessia de 110 leguas (28)! O juri reuniu-se, convocado extraordinariamente, no paço da Cámara Municipal. No dia 26 de novembro de 1834, depois de sua entrada *triunfal*, como vimos, Pinto Madeira compareceu perante o tribunal popular. Havia pressa.

Tomaram parte no julgamento do infeliz: como presidente do juri, o tenente-coronel José Vitoriano Maciel, reformado da extinta 2.ª linha de cavalaria, isto é, de Ordenanças, homem rico, que veio a morrer octogenario, na maior penúria; como promotor de justiça, o major Antonio Raimundo Brigido dos Santos; como advogado da defesa, o padre Manuel dos Santos Brigido, vigario encomendado da freguezia do Exú, em Pernambuco; como escrivão, Antonio Duarte Pinheiro; como conselho de sentença: José Gregorio Tavares, Antonio Ferreira de Lima Sucupira, Raimundo José Camêlo, Manuel Joaquim Carneiro, o sargento-mór das antigas milicias Romão José Batista, Raimundo Gonçalves Parente, Manuel Carlos da Silva, Roque de Mendonça Barros, Antonio de Oliveira Carvalho, Raimundo Pedroso Batista, José Ferreira Castão e Antonio Luiz do Amaral.

Com surpresa geral, o crime de que se viu acusado Pinto Madeira não foi o de rebelião, pelo qual havia sido "devassado e pronunciado" regularmente, mas o de homicidio! O crime politico era posto de lado de modo

---

(28) Paulino Nogueira, op. cit., pg. 213.

formal, para que dum incidente contido na órbita de seus fátos naturais se fizesse um crime comum, afim de que o réu não tivesse justificativa nem escapatoria (29). Assim, seria mais segura a sua condenação. Como bem se sente, havia forças interessadas nela.

"O promotor público, por parte da Justiça, acusa o réu Joaquim Pinto Madeira pela morte feita a Joaquim Pinto Cidade, e diz por esta ou pela melhor fórma de direito... (30)" Quem era Joaquim Pinto Cidade? Pinto Madeira o matára? Como, quando e por que? Procuremos as respostas no proprio processo. O réu, á frente das tropas do Jardim — diz o Libelo — "inimigo do sistema jurado revolucionario" (?), bateu as tropas liberais no lugar Burití; Joaquim Pinto Cidade, português, morador no Crato, acompanhou "como soldado" as tropas do governo para a Barbalha; foi feito prisioneiro por uma guarda avançada de Pinto Madeira, comandada por Francisco Xavier Veneno; Pinto Madeira ordenou a morte do prisioneiro, o qual foi executado. O réu — finalizava o Libelo — "é homem máu, péssimo, sem religião (!!!), já afeito em matar... deve ser afastado da sociedade como um ente pernicioso..."

Na sua defesa, Pinto Madeira não negou a rebellião, mas negou qualquer coparticipação na morte do português Cidade. Afirmou que, ao chegar á guarda

---

(29) Libelo e Pronuncia de Pinto Madeira, publicados no jornal cearense "A Constituição", n.º 63, de 14 de agosto de 1881.

(30) Libelo, idem.

avançada, já êle havia sido morto pelos soldados desenfreados e raivosos. Não o conhecia, nunca o tinha visto antes e até chegára a tempo de impedir que matassem um companheiro do referido Cidade. Das trinta testemunhas da acusação, vinte depuseram que sabiam do fáto *somente por ouvir dizer;* tres disseram de nada saber; duas ouviram os tiros *que mataram o Cidade;* duas afirmaram que foi morto *pela tropa* de Pinto Madeira; uma assegurou conhecer o caso *por ser do dominio público;* e unicamente uma *presenciou e viu* o comandante da vanguarda e seus soldados atirarem na vitima, depois daquêle ter estado com Pinto Madeira... *Testis unus, testis nullus!*

Compareceram somente tres testemunhas de defesa. O juiz não permitiu que se transcrevessem por escrito os depoimentos de duas. O da terceira foi completamente invertido. Ela protestou com energia. Ao sair do tribunal, deram-lhe tão bárbara surra que deitou sangue pela bôca! Chamava-se João Martins do Nascimento. "A' vista disso, o réu pediu ao seu advogado que desistisse da inquirição das outras... (31)"

Ao conselho de sentença, o juiz logo apresentou os seguintes quesitos: 1 — Existe crime no fáto ou objéto (?) da acusação? — 2 — O acusado é criminoso? — 3 — Em que gráu de culpa tem incorrido? As perguntas, capciosas em si, não deixavam margem a evasivas. Era pão-pão, queijo-queijo. O conselho respondeu sim ás duas primeiras e capitulou o crime, *com*

(31) Paulino Nogueira, op. cit., pg. 219.

circunstancias agravantes, no art. 192 do Codigo Criminal, o que correspondia á pena máxima. O presidente do tribunal leu, por conseguinte, a sentença de morte.

Quando terminou a leitura, Pinto Madeira disse, calmamente:

— Apelo!

O juiz José Vitoriano replicou-lhe com arrebatamento:

— Não tem apêlo nem agravo, senhor coronel, prepare-se para morrer que morre sempre (32)!

Vê-se bem que um *poder superior,* aproveitando-se da paixão politica como instrumento, condenára de antemão o pobre Pinto Madeira á morte, *sem apêlo nem agravo...*

"O réu foi logo passado para o calabouço, e no dia seguinte, quasi ao escurecer, para o oratorio, nada se tendo poupado para aterrá-lo ou amofiná-lo nos seus ultimos momentos (33)." A's seis horas da tarde, os sinos começaram a dobrar a finados. O desgraçado perguntou por quem eram aquêles dobres. O comandante da guarda, sargento de 1.ª linha Manuel José Braga, o Braga Caraôlho (34), respondeu cruelmente:

— São pelo senhor que vai morrer amanhã de manhã (35)!

---

(32) Isto foi testemunhado ocular e auricularmente por um cearense eminente, o dr. Leandro de Melo Ratisbona.

(33) Paulino Nogueira, op. cit., pg. 221.

(34) Termo correspondente no Nordeste a caôlho, como se diz no Sul.

(35) Depoimento da testemunha presencial Amaro Ferreira da Silva.

Pinto Madeira não deu uma palavra. "Sinais de véspera, cousa nunca vista nem contada (36)!" O odio maçónico tem dêsses refinamentos.

Distribuiam-se pela cidade versalhadas manuscritas contra o "monstro", "o impio", "o malvado", "o dragão" (37). Nada, porém, acobardava o ánimo varonil e cristão de Pinto Madeira. Nem uma recriminação, nem um queixume, nem um pedido! Um único protesto, o contra a morte ignominiosa na fôrca, porque supunha assistir-lhe o previlegio, como oficial superior, de ser passado pelas armas. Todavia, sua patente de tenente-coronel, comandante do 78.º de caçadores da 2.ª linha, já fôra cassada pelo governo (38).

A fôrca de traves de aroeira fôra erguida no alto do Barro Vermelho. Para ela, dirigiu-se o préstito, com o condenado, ás oito horas da manhã. Na frente, apregoando a sentença, o porteiro dos auditorios. Pinto Madeira, logo após, "calmo, passo firme, vestido de calças de brim branco e jaqueta de riscado, entre os confessores da agonia, com uma corda de tucum ao pescoço, em cujas pontas segurava o carrasco Cosme Pereira da Silva, por alcunha *Cavaco* (39)." Seguia-se o juiz de direito interino, Antonio Ferreira Lima, a quem o juiz leigo José Vitoriano passára o cargo, o

(36) Loc. cit.

(37) Op. cit., pgs. 221-222. Lembre-se que o mêsmo apelido de "dragão" foi posto pela maçonaria em D. Carlota Joaquina, que a perseguira.

(38) Portaria do comandante das armas do Ceará, José Manuel de Morais, de 16 de outubro de 1831.

(39) Paulino Nogueira, op. cit., pg. 224.

juiz de paz, Antonio Vicente de Moura, e o escrivão. Atrás, a força sob o comando de Francisco Pereira Maia, "a alma de toda essa tragédia" (40). Era o célebre Maínha, rival de Pinto Madeira na influencia politica local, egresso dos cárceres da Baía, homem odiento e sedento de vingança. Depois da rebelião pintista, tornára-se com a vitória da legalidade o "verdadeiro ditador da comarca" (41).

"Ao chegar o préstito ao patibulo, depois de haver percorrido algumas ruas, Pinto Madeira pediu aos seus confessores que obtivessem a comutação da pena em fusilamento, poupando-se-lhe dêste modo a ignominia de ser enforcado como um malfeitor, êle que fôra um coronel de milicias. Então, José Vitoriano, conferenciando com Moura e Maia, êste decidiu-se logo pelo deferimento; mas Moura se opôs, alegando em contrário o preceito expresso da lei. Maia, então, caráter impetuoso e resoluto, cortou logo o nó gordio com êste dilema, que valeu na ocasião por uma verdadeira Razão de Estado:

— Pois, ou o réu é fusilado, ou volta para a cadeia, para apelar como tambem é preceito expresso da lei!

A' vista disto, não houve outro remedio senão sêrem satisfeitos os últimos desejos do réu (42)."

---

(40) Op. cit., pg. 225.

(41) Loc. cit., nota 2.

(42) Op. cit., pgs. 225-226. Vê-se que era Maia, o Mainha quem mandava... Por que seria que tinha êsse poder estranho, igual a uma Razão de Estado, como reza o texto?...

O sargento Braga escolheu cinco soldados para constituir o pelotão de fusilamento. Um dêles, Miguel do Couto Garcez, recusou-se e foi logo preso. Outro o substituiu. Um cabo de esquadra, pálido de emoção, quasi tendo uma vertigem, comandou o pelotão. Sentaram o réu numa cadeira presa a uma das traves da fôrca. O comandante Maia ofereceu-lhe um lenço para cobrir o rosto. Pinto Madeira recusou-o, desdenhoso, com estas simples palavras:

— Eu tambem tenho.

O cabo tirou-lhe um de sêda de ramagens, dos que chamam de Alcobaça, do bolso da jaqueta, com que lhe tapou a cara. A descarga prostrou-o. Caíu de bruços, murmurando:

— Valha-me o Sacramento!

O soldado Gonçalo Rolão deu-lhe o tiro de misericordia, ao ouvido (43).

Sepultaram o corpo na matriz do Crato. Mais tarde, revolvida a catacumba, não se sabe bem como nem por que, encontraram o cráneo, que até o ano de 1848 andou rolando pelo chão no lugar onde ficava a pia batismal (44). "Não tardou, porém, que a reação popular, exagerando a desgraça de Pinto Madeira, chegasse ao ponto de atribuir-lhe milagres! Asseveram ainda hoje pessôas fidedignas que essa crença foi tão

---

(43) Paulino Nogueira, "A execução de Pinto Madeira perante a história" "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", t. L.

(44) João Brigido, "Estudos biograficos de cearenses ilustres", ed. de 1882, pg. 32.

profunda no povo que, ao perder alguem um objéto, tinha a certeza de achá-lo, oferecendo um padre-nosso e uma ave-maria á alma de Pinto Madeira (45)!" "Os últimos momentos do condenado fizeram calar no ânimo do povo tamanho sentimento de veneração por êle, que ficou, muitos anos, como um intercessor para os infelizes. Rezavam-lhe para obterem favores do céu (46)." "Os últimos momentos do infeliz chefe imperialista impressionaram tão vivamente o espirito do povo que muitos o ficaram tendo na conta de santo e á sua intercessão se soccorriam, quando queriam pedir a Deus alguma cousa (47)."

Êstes testemunhos de historiadores como João Brigido, Paulino Nogueira e o barão de Studart demonstram qual o verdadeiro sentimento popular deante do horrivel crime judiciario praticado contra o infeliz cabecilha sertanejo por uma politica maçónica. Não lhe valera nem a anistia com que a maçonaria acóde sempre aos irmãos da Acácia em apuros. Proposta ao Senado em 1832, fôra rejeitada por dezoito votos contra dezesete (48)!

O juiz José Vitoriano participou o atentado ao presidente Alencar com o mais deslavado cinismo, declarando o réu "odiado de todas as pessôas benemeri-

(45) Paulino Nogueira, "Execuções de pena de morte no Ceará", pgs. 228-229.

(46) João Brigido, op. cit., pg. cit.

(47) Barão de Studart, op. cit., pg. 47.

(48) João Brigido, op. cit., pg. 42.

tas" (49), não se lhe tendo feito injustiça nem se faltando a um só requisito da lei... (50) Alencar, informado da maneira por que se fazia o processo, substituindo o crime de rebelião pelo de homicidio, já havia mandado um estafeta ao Crato, a toda pressa, o qual, quando lá chegou, encontrou tudo ultimado (51). Em oficio de 1.° de dezembro de 1834 veiu a participação da execução. O presidente respondeu, declarando seu profundo desagrado pela execução do réu sem a apelação da lei e censurando acremente o juiz, que se não podia desculpar nem com a ignorancia para infringir "os principios do direito e da humanidade". Classificou o feito como um "áto de ferocidade", derramamento ilegal de sangue, e mandou apurar as responsabilidades (52). Em oficio de 28 de dezembro ao ministro da Justiça, transmitia o presidente a noticia do fáto, manifestando seu dissabôr e mostrando que o interior do Brasil não estava "bem preparado para as instituições que garantem o nosso Codigo do Processo Criminal". E dizia mais: "eu não podia prever que as autoridades do Crato o justiçassem ilegalmente".

O juiz de direito justificou-se humildemente, reconhecendo-se justamente repreendido pelo erro, falando do *orgulho do povo ofendido* (53); alegando que o

(49) Viu-se êsse odio na veneração já testemunhada...
(50) Oficio de 27 de novembro de 1834.
(51) Pedro Theberge, "Esboço historico da Provincia do Ceará".
(52) Oficio de 15 de dezembro de 1834.
(53) Vimos, pelo contrário, a veneração popular pelo mártir.

proprio réu declarára não lançar mão de recurso algum, "porque via que com a fôrça ninguem podia", para provar o que juntava um atestado do promotor que funcionára no júri (logo de quem!), Antonio Raimundo Brigido dos Santos, sobre o clamor do povo contra o "monstro"; pedindo desculpas servis e prontificando-se a ser castigado (54).

Replicou-lhe o presidente ás "coartadas de defesa", dizendo-se inclinado a crêr na sua *bôa fé* e mandando levasse ao conhecimento da Regencia "uma conta bem circunstanciada dos motivos que o induziram á execução do réu Pinto Madeira" (55). O juiz fez o relatorio e remeteu-o. A Regencia não aceitou a justificação e mandou fazer efetiva a responsabilidade de quem deixára de cumprir as claras disposiçõs da lei penal (56). Alencar deu cumprimento á ordem da Regencia, que exigiu mais a remessa do processo de responsabilidade, logo que ficasse pronto. A cousa parecia séria. Fê-lo o promotor público do Crato, que era parte nêle! Seguiu para a Relação de Pernambuco. Estava-se já em 1836 e as influencias secretas tinham tido de sobra tempo de obrar em favor de seus instrumentos. Os acusados fôram *absolvidos* pela sua *ignorancia do direito*... A Relação esquecera os grandes preceitos

(54) Oficio de 11 de janeiro de 1835.
(55) Oficio de 26 de janeiro de 1835.
(56) Aviso de Manuel Alves Branco, depois visconde de Caravelas, de 13 de agosto de 1835.
(57) Aviso de Antonio Paulino Limpo de Abreu, depois visconde de Abaeté, de 4 de janeiro de 1836.

juridicos: *Nemo jus ignorare debet* e *Ignorantia legis nemini excusat* (58). Ora, se ninguem deve ignorar o direito e se a ignorancia da lei não desculpa ninguem, como absolver, depois de tantos oficios *energicos* e condenatorios, magistrados, embora leigos, mas magistrados? Vê-se que a indignação das autoridades superiores não passou de mera comedia...

O presidente José Martiniano de Alencar foi continuamente acusado de ter cooperado para êsse *assassinio juridico.* Muitos jornais o atacaram com grande veemencia de linguagem. Em 1837, na Cámara, Bernardo de Vasconcelos, Honorio Hermeto, Miguel Calmon, Bernardo da Gama, Figueira de Melo e Martim Francisco o acusaram diretamente. Na sessão de 21 de maio dêsse ano, entre outras cousas, dizia Martim Francisco: "Sr. Presidente, se eu pudesse rasgar o véu que oculta o misterio de semelhante atentado; se eu pudesse revelar nesta Cámara o nome da pessôa ou pessôas, que êsse presidente encarregou de assassinar a Pinto Madeira, ou a quem quis encarregar, ou a quem falou para assassinar a Pinto Madeira, apenas chegado á Provincia do Ceará, todo o misterio (*sic!*) estava patente, toda a discussão tinha acabado; mas a RELIGIÃO DO SEGREDO (59) m'o veda, e é por isso que entrarei na

---

(58) Paulino Nogueira, op. cit., pgs. 245-247.

(59) O versalete é nosso. Em discurso pronunciado anos depois, Martim Francisco atacou a maçonaria, jurando que nunca fôra maçon. Seu irmão Antonio Carlos tambem negou tudo, quando da devassa da revolução de 1817. Não é possivel dar credito a simples negativas e juras. Esta confissão da existencia duma "religião do se-

análise dos fátos, que se apresentam nêsse processo monstruoso, que levou Pinto Madeira ao patibulo." E passava a articular *indicios veementes* contra Alencar.

Simples briga entre irmãos da Acácia. Tanto assim que, em 1840, sob o ministerio de que faziam parte Antonio Carlos e Martim Francisco, Alencar era, com seu beneplácito, nomeado para governar outra vez a Provincia do Ceará (60). O fáto aqui digno de nota e irrefutavel é a confissão, em pleno parlamento, feita por um homem como Martim Francisco, do VÉU DO MISTERIO, de TODO O MISTERIO que envolvia o *assassinio juridico* do antigo *Coluna do Trono,* rebelado contra o maçonismo imperante, que tramára e conseguira a abdicação, MISTERIO que somente não podia ser revelado graças á RELIGIÃO DO SEGREDO. Que RELIGIÃO DO SEGREDO é essa? Por certo, não pode ser a católica, que só admite os segredos do confessionario no sacramento da Penitencia. Não parece tratar-se de mera alusão a um segredo prometido a amigo ou a necessidade de guardar certa discreção. Para isso, usam-se de outros termos. Essa fórmula aí é muito ritual, muito séria: a *Religião do Segredo* coberta pelo *Véu do Misterio!* Assim, quando brigam as comadres é que se sabem os segredos de sua religião misteriosa...

---

gredo é notavel". Publicamos em "apendice" a êste volume um documento maçonico em que Martim Francisco figura como maçon. V. pg. 382.

(60) Carta Imperial de 10 de setembro de 1840.

A defesa de Alencar, na Cámara, podia ter sido melhor (61). Se exibisse o primeiro oficio ao juiz criminoso, documentaria sua não coparticipação *oficial* no assassinio juridico. Todavia, é bem possivel que essa energia e indignação não passassem de atitude de efeito, destinada a encobrir a atitude particular, que podia ser outra. De fáto, as acusações contra êle partiram de todos os lados e tiveram a esposá-las vozes famosas; tambem sua atitude para com o juiz culposo, depois do oficio servil dêsse, logo se abranda e dá crédito á sua *bôa fé*. Por sua vez, a Regencia expediu ordens peremptorias para se apurarem responsabilidades. O processo foi feito por um promotor que participára do crime juridico. E a Relação absolveu os culpados...

Se não fôra a RELIGIÃO DO SEGREDO, rasgar-se-ia O VÉU DO MISTERIO! "Quem fez tal revelação a Martim Francisco, fê-la sob a RELIGIÃO DE TÃO INVIOLAVEL MISTERIO que nem a paixão partidaria, nem a inimizade pessoal, nem o tempo que tudo consome tiveram força bastante para quebrar o segredo (62)!" Que SEGREDO terrivel!

O padre Antonio Manuel de Souza, antigo Constituinte, companheiro de lutas e de prisão do infeliz Pinto Madeira, alcunhado o BENZE-CACETE, porque diziam que benzia os cacetes dos pintistas, não pôde vir do Maranhão para o Ceará "por se achar bastante enfer-

---

(61) Paulino Nogueira, op. cit., pg. 251. O autor defende quanto póde a memória de Alencar da imputação que lhe foi feita.

(62) Op. cit., pg. 254.

mo" (63). Escapou, assim, á fôrca levantada no Crato pela RELIGIÃO DO SEGREDO, sob O VÉU DO MISTERIO. Essa mêsma *religião* que levou Pinto Madeira á morte pelo fusilamento e que cobre com a capa de chumbo do silencio a memória do mártir cearense, venerado pelo povo sertanejo como um órago, é a mêsma que quebrou lanças em prol do português Ratcliff e ainda hoje vive comemorando, sob o disfarce de verdadeiros heróis e santos, unicamente os que a serviram. Quasi todos a serviram, na verdade, iludidos pelas suas ideologias e pelo seu falso liberalismo, crentes de que serviam as grandes causas da Liberdade, da Fraternidade Humana e do Brasil.

Não se compreende que para servir essas causas seja necessario a RELIGIÃO DO SEGREDO. São causas que é honra servir publicamente.

---

(63) Oficio citado, do vice-presidente do Maranhão, de 30 de setembro de 1834.

Capitulo VII

TARTUFO E O PODER OCULTO

A Regencia era a convulsão continua. O remedio da abdicação — como o reconhecia Joaquim Nabuco — fôra demasiado violento para os pequenos males que afligiam o Brasil. As forças secretas não dão agua tofana somente aos individuos; dão-na tambem ás nações sob a fórma açucarada dos xaropes liberais. Quando elas não morrem disso, na epilepsia dos comunismos e anarquias, adoecem para sempre na pôdre politicalha do falso liberalismo. Aquela anarquia espontánea das juntas governativas a que aludira Euclides da Cunha, tambem assoprada da maçonaria, quasi levára, antes da Independencia, nossa pátria ao separatismo sonhado pelo Poder Oculto. D. Pedro I, o *perjuro* e o *ingrato*, salvára a unidade nacional. De novo, ela periclitava nos dias tumultuarios da Regencia, em que o *véu do misterio* cobria a maior parte dos acontecimentos. Separatismo e República rondavam nas sombras daquela ensanguentada noite politica o berço em que dormia, orfão de carinhos maternos e com o pai no exilio, o pequenino D. Pedro II.

Nos bastidores maçónicos da politica, onde imperava aquela *religião do segredo* invocada publicamente pelo *irmão* Martim Francisco, as lançadeiras das tra-

mas se cruzavam e recruzavam. O governo, o tutor dos principes-réfens, as Cámaras, os militares indisciplinados, todos lutavam entre si. Ninguem se entendia. Como que a abdicação tinha sido um apagar de luzes no começo dum conflito. O conflito continuava no escuro, os amigos, ás vezes, batendo nos amigos. Só os pontifices da *religião do segredo* sabiam o porque daquela confusão. No momento preciso de entrar tudo na ordem predeterminada, o marcador secreto da trágica quadrilha gritaria:

— *A' vos places! Balancé!*

Os sertões nordestinos começavam a ficar em ebulição. Os pintistas do Ceará guerreavam pelo Cariri e pela Serra Grande. De Alagôas a Pernambuco, com sua base de operações em Panelas de Miranda, o facinoroso Vicente de Paula capitaneava maltas de indios mansos, súcias de escravos, bandos de cangaceiros, devastando as cercanias, batendo os destacamentos e tomando-lhes as armas. Pintistas e cangaceiros tinham, ao principio, no fundo, o sentimento chuan da terra e da tradição: respeitavam a religião e o trono, diziam-se *chimangos,* o que significava conservadores ou reacionarios. Mais tarde, como veremos oportunamente, essas reações fôram transformadas em verdadeiros surtos comunistas.

A ebulição era a lei geral em 1832. A 26 de fevereiro, Guanais Mineiro revolucionava a região de Cachoeira e São Felix, na Baía, hasteando a bandeira azul e branca do Federalismo, côres de Israel e do pavilhão

da República Baiense de 1798. Preso com algumas dezenas de companheiros no forte do Mar, revoltar-se-ia novamente em abril de 1833 (1).

A 12 dêsse mês, sedição em Manáus, com o assassinio do comandante das armas, coronel Joaquim Filipe dos Reis (2). Foi como que um dos golpes da defeituosa articulação da bernarda republicana do dia 3, no Rio de Janeiro, promovida pelo famigreado major Miguel de Frias, monarquista até a abdicação e republicano exaltado após o 7 de abril (3). Estava preso na fortaleza de Villegaignon. Revoltou a guarnição e desembarcou em Botafogo com trezentos homens e uma peça. Marchou pelo Catete e foi ocupar o Campo de Sant'Ana. Proclamou a destituição da Regencia, a dissolução das Cámaras e a instituição da República. Mandado contra êle, o major Luiz Alves de Lima carregou-o á frente dos Permanentes. Pôs-lhe em debandada os companheiros e perseguiu-o a galope. Frias embarafustou pela residencia do desembargador Nabuco, á rua do Areial. O major apeou-se e entrou na casa. Havia um quarto fechado. Abriu-o. Lá dentro, estava o fugitivo. Conta o biografo do futuro duque de Caxias, o padre e maçon Pinto de Campos, que tornou a fechar a porta e se retirou, sem dar palavra, o que permitiu ao outro poder eximir-se ao castigo e retirar-se

(1) Pedro Calmon, "História da Baía", Leite Ribeiro, Rio, 1927, pg. 173.

(2) Rio Branco, op. cit., pg. 237.

(3) Joaquim Pinto de Campos, "Vida do grande brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva", Imprensa Nacional, Lisbôa, 1878, pg. 42.

para os Estados Unidos, de onde voltaria mais tarde, servindo no estado-maior do então general chefe do exercito contra Rosas, apesar dos protestos de muitos (4).

Por que o futuro grande homem não efetuou, como era de seu dever de soldado, a prisão do turbulento inimigo do regime que êle defendia? Por que não lhe pediram contas por isso? Por que se atribuiu o fáto a mera generosidade de camarada para camarada? Talvez a unica explicação plausivel seja esta: ambos eram maçons. Ao se defrontarem sem testemunhas, com certeza o perseguido levou as mãos com os dêdos enclavinhados e as palmas viradas para fóra, ao alto da cabeça, fazendo o sinal de socorro e soltando o grito de auxilio a que nenhum *irmão* póde faltar de acôrdo com seu juramento:

— *A mim, os Filhos da Viuva!* (5)

---

(4). Op. cit., pg. 43.

(5) Que quer dizer "Filhos da Viuva"? Viuva chamava-se a guilhotina maçónica da Revolução Francêsa. Alguns autores querem que a expressão venha daí. Outros dizem que vem da viuva de quem Manés, fundador do maniqueismo, fôra escravo e protegido. Copin-Albancelli escreve: "De modo que, se Jerusalem é Viuva de seu povo, como é viuva, por estranha analogia, a Desconhecida de quem os maçons se dizem filhos, em compensação é a Rainha das Nações ou será fatalmente, graças á superioridade concedida aos judeus sobre todos os outros homens, pelo fáto de acumularem todas as nacionalidades." "Le Pouvoir Occulte", ed. da Renaissance Française, Paris, 1908, pg. 358. O mêsmo autor ainda estuda a questão na op. cit., pgs. 11, 284 e segs. Afirma que, no fundo dêsse misterio, está vivo o antigo maniqueismo. Manés, pregador do dogma dos dois principios contrarios da Luz e da Treva, do Bem e do Mal, do antigo dualismo, fôra um escravo adotado pela viuva dum cita. O rei da Persia Bahram ou Varanes I mandou esfolá-lo vivo. Daí as palavras rituais ca-

A 14, uma explosão da mêsma articulação falha, em Pernambuco. Vimos identico fenómeno no governo Artur Bernardes, de 1922 a 1926, e nos recentes surtos comunistas. O tenente-coronel Francisco José Martins sublevou-se, arrastou a guarnição do Brum e tomou conta do bairro do Recife. As milicias e as forças de marinha dominaram o movimento (6).

De novo, a 17 de abril de 1832, o Rio de Janeiro em polvorosa. O motim dessa vez era reacionario. Queria depôr a Regencia e queria a volta de D. Pedro I. Na véspera, fôra preso um dos conspiradores, tentando seduzir os guardas nacionais de serviço no Arsenal de Marinha. O governo estava de sobreaviso. A fortaleza de Santa Cruz amanheceu revoltada. A cidade foi logo atacada por mar e por terra. Os rebeldes tentaram um desembarque no cáis da Glória e fôram repelidos. O aventureiro hanoveriano Hoiser, barão de Bülow, á frente de quinhentos homens, com duas peças, veiu de São Cristovam pelo Aterrado, hoje Mangue. Os Permanentes de Luiz Alves de Lima, o esquadrão de Minas, do capitão Mascarenhas Peçanha e os guardas nacionais de Saturnino de Souza Oliveira carregaram-nos e os desbarataram (7). Fugas e prisões. José Bo-

---

balisticas do rito maçónico nos altos gráus — MAC-BENAC, que significam: "a carne desprega-se dos ossos". E' o "in memoriam" do suplicio de Manés, o sacerdote cristão apóstata Cubricus, o primeiro Filho da Viuva da maçonaria, maniquéa na essencia.

(6) Rio Branco, op. cit., pg. 239.

(7) Op. cit., pg. 242; Pereira da Silva, op. cit. "passim".

nifacio muito suspeitado de conivencia. A Familia Imperial transferida para o Paço da Cidade.

Não ha mais socego. Quando falham os golpes armados, veem as revoluções parlamentares. Acirrava-se a luta entre o Senado, conservador, e a Cámara, liberal. Na noite de 29 de julho, pequeno grupo de deputados, a minoria ativa e ousada da moderna técnica comunista, trama verdadeiro golpe de Estado, destinado a abolir o Senado e o Poder Moderador (8). O Senado havia querido exautorar José Bonifacio e dar o tombo em Feijó. Na sessão de 30, apresenta-se á Cámara o projéto que a transforma em Assembléa Nacional para reformar a constituição, aconselhado por Feijó em luta com o Senado e desconfiado de estar José Bonifacio conspirando pela restauração, devendo Antonio Carlos encarregar-se de ir chamar D. Pedro I na Europa. Os moderados tinham combinado tudo em "reunião secreta". Creou-se uma agitação ficticia, afim de se poder "explicar o áto revolucionário". Mas Honorio Hermeto Carneiro Leão, rompendo á última hora o que fôra combinado, pronunciou um discurso contrário, que mudou a opinião da maioria. A sessão entrou pela noite. No dia 31, o projéto foi retirado e o ministerio demitiu-se. O que lhe sucedeu só foi organizado a 3 de agosto. Durou somente até 13 de setembro, um mês e dias (9).

---

(8) Pedro Calmon, "O marquês de Abrantes", ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1933, pg. 165.

(9) Calogeras, "Formação historica do Brasil", ed. da Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1935, pg. 153.

Não se findaria o ano de 1832 sem outro levante militar, o do 10.º de caçadores, na Baía, desarmado pelos soldados fieis de Corrêa Seára e embarcado para a capital do Imperio. A 26 de novembro, a Regencia o dissolveu (10).

Era incessante a luta inglória e impatriotica em que recursos e vida do país se esvaíam para gaudio dos interessados no seu enfraquecimento e divisão. Chocava-se o espirito conservador e moderado com o espirito de exaltação e aventura politica; chocava-se a "franca tendencia para a federação", a que alude Calogeras (11) com os desejos restauradores. E, no meio do cáos, os comodistas, *caracóis* ou *caramujos,* engrossando as fileiras para cujo lado se anunciassem as vitórias rápidas e efémeras.

"Palavras e teorias estéreis", em conflito, continuaram a encher o ano de 1833. Revolta em Ouro Preto, a 22 de março. As tropas depõem o presidente da Provincia, Manuel Inácio de Melo e Souza, depois barão de Pontal. Prendem-no e o expulsam com o vice-presidente, Bernardo de Vasconcelos, que o povo de Queluz liberta e que vai instalar o governo em São João d'El Rei. As forças legais sufocam o pronunciamento a 19 de maio (12). Em Belem, a 16 de abril, combatem nas ruas os partidarios da continuação no governo provincial do coronel Machado de Oliveira contra os

---

(10) Rio Branco, op. cit., pg. 508.
(11) Calogeras, op. cit., pg. 152.
(12) Pereira da Silva, op. cit.

que querem empossar o novo presidente e o novo comandante das armas nomeados pela Regencia, Mariani e Corrêa de Vasconcelos, saindo os primeiros vencedores (13). E' o desprestigio do poder central da nação, erigido êle proprio sobre as traições maçónicas do 7 de abril. Na Baía, a 26, rebelam-se os federalistas presos no forte do Mar (14). No Rio de Janeiro, a 5 de dezembro, o povo desaçaimado e atiçado pelos mutinos empastela jornais e a séde da Sociedade Militar (15), clube conservador oposto aos clubes exaltados nessa época de sociedades e clubes.

E' o prelúdio da queda definitiva de José Bonifacio, que todos diziam trabalhar pela restauração do *ingrato*. No dia 15, o governo suspendeu-lhe a tutoria, substituiu-o pelo marquês de Itanhaen, arrancou-o do paço de São Cristovam, violentamente, e confinou-o na ilha de Paquetá (16).

Em 1834, o fermento da desordem penetra até no longinquo Mato Grosso. Corriam vozes de pretensa conspirata para o regresso de D. Pedro I, *vozes malevolamente espalhadas*. Diziam que o ex-Imperador viria servir de regente ao filho pequenino. Em muitas Provincias, organizavam-se clubes aparentes, sob a inspiração oculta das lojas, a Sociedade dos Zelosos da In-

---

(13) Rio Branco, op. cit., pg. 241.
(14) Op. cit. pg. 252.
(15) Op. cit., pg. 568.
(16) Op. cit., pg. 591.

dependencia (17), mais uma! "A' meia-noite de 30 para 31 de maio, aos gritos de *Mata Bicudo!* fôram assassinados em Cuiabá os residentes portuguêses e brasileiros adotivos; a cidade ficou em poder dos bandidos que executaram essa espécie de *Saint Barthélémy,* aconselhada pelo deputado Antonio Luiz Patricio da Silva Manso. A' noite, todas as casas fôram obrigadas a pôr luminarias, festejando essa covarde matança de homens desarmados. Um dos assassinados era o capitão José Antonio de Azevedo, cuja viuva, vendo ameaçada pela plebe a sua vida e a de seus filhos, viu-se obrigada a iluminar tambem a casa. A matança continuou depois (18)." A maçonaria, que propaga sua indignação contra a chacina da noite de São Bartolomeu, calase cinicamente sobre aquelas que tem insidiosamente provocado, entre as quais se encontram como padrões de sua técnica as de setembro na Revolução Francêsa, obra de que se vangloria.

O mêdo da volta do ex-imperante repercutiu até na Cámara com o vil projéto em que se proibia ao banido entrar no territorio brasileiro ou nêle residir, mêsmo como estrangeiro e em caráter particular, projéto apresentado por Venancio Henrique de Rezende na sessão de 30 de maio e approvado por 61 votos contra 19. A 18 de junho, o Senado rejeitou-o (19). As

---

(17) Estevam de Mendonça, "Datas Matogrossenses", Tipografia Salesiana, Niteroi, 1919, pgs. 284 e segs.
(18) Rio Branco, op. cit., pg. 291. Cf. "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", 1884, pg. 371.
(19) Rio Branco, op. cit., pg. 314.

democracias liberais que vivem numa desordem organica teem pavor até de fantasmas... D. Pedro I não passava, então, de mero fantasma. A maçonaria sabia de fonte limpa que o herói do Mindelo e do Porto, envenenado por ela como querem alguns ou não, se finava no paço de Queluz, onde nascêra; agitava, porém, seu nome como um espantalho espectral, apavorando nessa triste noite nacional da Regencia os clubes e sociedades que a representavam cá fóra.

A 12 de agosto, promulgou-se o Áto Adicional á Constituição do Imperio, depois do qual Bernardo de Vasconcelos fundaria um grupo politico moderado, meio lá, meio cá, entre a reação e o federalismo, o qual iria decidir do futuro politico do país.

A 24 de setembro, morria afinal, em Queluz, golfando sangue, o senhor D. Pedro I, fundador da Monarquia, então batida de ventos tempestuosos. A obra do *ingrato*, que ainda á borda do túmulo causava pavor aos matadores de inofensivos *bicudos*, desrespeitadores da dôr de orfãos e viuvas, aos 61 deputados que votaram o mesquinho projéto de Henriques de Rezende e a quejandos, resistiria por dezenas de anos aos embates das forças secretas, que, usando dêle, separaram o Reino-Unido e, tendo-lhe tirado um Imperio, o impeliam a esmagar no Reino que ficára o "dragão" reacionario e miguelista, seu inimigo do peito...

Em todas as lutas do tormentoso periodo regencial, vê-se a agitação sem motivo, o derramamento improdutivo de sangue patricio e o inútil desperdicio de

energias do povo brasileiro. Sente-se aqui e ali a ambição dos homens públicos. Não se sente nunca a alma do povo. Ela está, por assim dizer, ausente dos motivos determinantes dêsses movimentos militares ou de patuléa, sem finalidade patriotica e sem ideal superior. Manifesta-se unicamente nos entusiasmos que lhe assopram á ingenuidade e á ignorancia e nos sacrificios que impõem á sua proverbial cegueira. "O papel da maçonaria é sempre o de Tartufo, explorando êsses entusiasmos e sacrificios, associando-se a êles e dêles se vangloriando mais tarde. Assim, se devem estabelecer distinções no que se refere aos fátos e periodos revolucionarios, as quais devem seguir os rumos que indicamos. Existe nêsses fátos uma parte de idealismo, de sonho, de entusiasmo, de sacrificio e de heroismo, que pertence á nação. Mas, ao lado, ha uma parte feita de mentira, de duplicidade, de hipocrisia, de ferocidade e de covardia, que cabe inteiramente á maçonaria, a qual engana o povo, e que cabe ainda mais ao Poder Oculto Judaico, o qual engana, ao mêsmo tempo, o povo e a propria maçonaria (20)."

Esta magnifica observação de Copin-Albancelli, maçon arrependido e convertido, profundo conhecedor dos segredos da seita, sitúa a questão no seu verdadeiro ponto de vista. Por isso, temos pena de tantos brasileiros, estadistas e politicos, ilustres pelo talento e pelas virtudes, que, ás vezes, acreditando servir ao Bra-

---

(20) Copin-Albancelli, op. cit., pg. 350.

sil, nada mais fizeram do que obedecer ás sugestões diabolicas do tartufismo judaico-maçónico em favor daquilo que o referido autor pinta desta sorte: "tudo isso nos leva, de etapa em etapa, á realização definitiva dum fim misterioso, dum fim obstinadamente secreto, colimado pelo Poder Oculto" (21).

Estudemos perfunctoriamente o plano geral que Tartufo-Maçonaria executa por conta de Poder-Oculto-Judaismo. "Se o Poder-Oculto — expõe Copin-Albancelli (22) — é um grupo humano, se representa uma raça, cujos membros estão unidos por um pacto social e religioso, essa raça possúe aquilo que precisa para durar. Destruindo nas nações cristãs o pacto social e religioso que mantinha a duração destas, assim as torna inferiores e tem probabilidades de vencê-las. Substituindo êsse pacto pela religião materialista que suprime todo ideal, precipitando as nações em busca dum estado social tanto mais incoerente quanto é precisamente mais susceptivel de tornar impossivel êsse estado, o Poder-Oculto consegue pôr o mundo cristão em pleno absurdo, em completa demencia, isto é, fóra das leis da propria vida. Desagrega-lhe a inteligencia, enlouquece-o e o desumaniza. Se êsse trabalho de descristianização chegar a seu termo, dia virá em que os filhos da raça a que pertence o Poder-Oculto serão os unicos a possuir o pacto social e religioso que diferencia os

(21) Op. cit., pg. 351.

(22) "La conspiration juive contre le monde chrétien", ed. da Renaissance Française, 1909, pgs. 252-254.

homens dos animais. Por conseguinte, domesticar-nos-ão tão naturalmente e sem esforço como nós hoje domesticamos as aves de nossos galinheiros. Se essa é a obra que se pretende, se se trata, na verdade, de estabelecer por surpresa o dominio dessa raça sobre as outras, compreende-se o trabalho de descristianização a que assistimos. Em caso contrário, não se compreende. Compreende-se tambem, nêsse caso, a constituição da franco-maçonaria, o organismo tendente a assegurar o dominio do invisivel sobre o visivel. Êsse plano não deve sequer ser suspeitado para poder ser realizado. Compreende-se igualmente a prodigiosa acumulação de dissimulação e mentiras, graças ás quais essa franco-maçonaria foi apresentada ao mundo como uma associação cristã, fundada por cristãos, iniciadora de todos os progressos humanos, dedicada ás instituições politicas sobre as quais repousavam as nações, aceita e acatada por causa disto. Compreende, afinal, porque ela foi preparada para atacar na sombra, encarniçadamente: dum lado, o catolicismo, fortaleza central, abrigo da rigorosa e intangivel disciplina cristã; do outro, as monarquias conservadoras das sociedades; porque se cobre, para êsse duplo ataque, com a máscara da tolerancia e do respeito; porque se disfarça por trás da Razão, do Progresso e da Liberdade; porque, emfim, não ousando ainda, com tudo isso, atirar-se diretamente ao adversario que sente necessidade de ir sempre enganando até esmagar, inventou êsse *fanatismo da tolerancia* e essa hipócrita distinção entre catolicismo e clericalismo,

pela qual tantos espiritos nada mal intencionados fôram iludidos. Então, toda a questão maçónica se torna compreensivel, iluminada em todos os pormenores. Não ha outra maneira de esclarecê-la. O Poder-Oculto aparece-nos, combinando seus esforços com uma logica tão segura nisso como em tudo o mais..."

Essa explicação abre as janelas fechadas pelas mentiras maçónicas e inunda de luz solar os subterrâneos da história. Ela é a unica plausivel para o que se passou no Brasil dêsde a abdicação de 7 de abril e para o que se vai passar depois, como para o que se passou antes.

Capitulo VIII

OS CABANOS DO GRÃO PARÁ

Naquêle tempo, a provincia do Grão-Pará era um mundo. Ainda dela não fôra destacada a comarca do Rio Negro para formar a provincia do Amazonas, o que só se daria em 1850. Imenso territorio. Florestas imensas no meio de rios imensos. Exigua população perdida no vasto labirinto de lagôas, pántanos, igapós, igarapés e furos. De longe em longe, uma ou outra povoação lutando contra a selva envolvente que a devora ou como que a empurra da barranca dos cursos de agua. Na capital da provincia, Belem, grande núcleo de lusitanos mais ou menos enriquecidos no comercio, em relações dirétas com a ilha da Madeira, Lisbôa e o Porto. Filhos educados fóra do país e voltando com idéas novas. Uma reação nativista latente, cabôcla, fácil de ser explorada.

No interior, baldo de comunicações, a imensidade grulhante dos párias. Tapuios. Mamalucos. Negros. Canoeiros e pescadores. Caçadores e pioneiros das matas virgens. Gente ávida, ignorante e brutal. Ávida pelas privações em que vegeta. Ignorante pelo abandono em que jaz. Brutal pela vida selvagem que leva. Massa apta a ser moldada num clima revolucionario para se atirar, depois, como um ariête contra a socie-

dade e destruí-la nos seus fundamentos. As forças secretas, querendo aproveitar os frutos do 7 de abril, que amadureciam na Regencia, não podiam deixar de lado o Grão-Pará na sua obra de esfacelamento do Brasil.

O ataque seria levado ao Norte e ao Sul, simultaneamente: cabanos e farrapos. Êstes ficariam a cargo dos carbonarios, como veremos a seu tempo; aquêles, dos iluminados e maçons. Preparada na sombra a tragédia, era só fazê-la subir ao palco para ser representada. E assim se fez. Os chamados *motins politicos* do Pará passaram pelas seguintes fáses: preparo do clima revolucionario, eclosão do movimento, transformação de sua finalidade, reação e cansaço, término.

A anarquia paraense nasceu com os tumultos das juntas governativas, ao influxo das Côrtes de Lisbôa, que precederam o movimento da independencia. Prolongou-se pelo tempo alem, encorajada pelas fraquezas dos poderes públicos, sobretudo quando das ocurrencias de 1832 (1). Até 1831, a ação maçónica obedece a iniciativas de particulares iniciados. Somente se coordena e irradia dum fóco em 1831, quando se funda em Belem a loja *Tolerancia* (2). Então, começa a agitação que pouco e pouco levará a vasta provincia aos delirios da anarquia.

---

(1) Calogeras, "Formação historica do Brasil", Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1935, pgs. 157 e segs.

(2) Manuel Barata, "A primeira loja maçónica do Pará", "in" "Boletim do Grande Oriente do Brasil", n.º 1, janeiro de 1937, pgs. 31-33.

Todo o primeiro periodo dessa excitação politica tem a dominá-lo a figura dum padre, o cónego Batista Campos, preso logo no inicio como partidario da independencia (3). Era fundador dum orgão de imprensa nacionalista, "O Paraense". Em 1825, quando se perseguiam e castigavam os que haviam tomado parte na revolução separatista maçónica da Confederação do Equador, o cónego se viu acusado de ser o agente de Pais de Andrade no Pará. Prenderam-no e o enviaram a lord Cochrane, no Maranhão. O almirante remeteu-o para o Rio de Janeiro, onde chegou com 107 dias de penosissima viagem. Defendeu-se, provando ser caluniosa a imputação, e foi absolvido por sentença da Casa de Suplicação (4). A calúnia parecia provir dos maçons alapardados nas funções de comando e governo, porque a atividade política do sacerdote lhes estorvava os planos. Apesar da oposição das autoridades, êle fundára em Belem, com ramificações para outras partes, a Sociedade Patriotica, Instrutiva e Filantropica, destinada, como preceituavam seus estatutos, a instruir nas verdades politicas e sociais, a defender as liberdades públicas e a debelar o despotismo (5). Linguagem caracteristica dessa época inteiramente maçonizada.

---

(3) Baena, "Compendio das eras do Pará".

(4) Domingos Antonio Raiol, "Motins politicos ou história dos principais acontecimentos politicos da provincia do Pará, dêsde o ano de 1821 até 1835", tip. do Imperial Instituto Artistico, 1865, t. I, pgs. 177-178.

(5) Op. cit., t. II, pg. 7.

Quando dos primeiros tumultos rueiros da Regencia, em Belem, dominados pelas baionetas do general Soares de Andréa, as testemunhas da devassa então aberta declararam que tudo partira dos "socios secretos filantropicos" e que o maior suscitador da anarquia era o padre. O governo mandou prendê-lo violentamente em casa e os soldados o cobriram de doestos. Deportaram-no para São João do Crato. Seguiu no navio "Campista", no qual se introduziram, decerto com a conivencia do comandante, quatro membros da sua Sociedade: Honorio José dos Santos, o coronel Marinho Falcão e os padres Jerónimo Roberto da Costa Pimentel e Gaspar de Siqueira Queiroz (6). Todos se tornariam mais tarde inimigos figadais de Batista Campos. Durante a viagem, o cónego se evadiu e agitou o interior, onde contava muitos partidarios. Levantou as vilas de Alter do Chão, Vila Franca e Faro, proclamando-se presidente da provincia (7).

Nomeado presidente do Pará, o brigadeiro J. J. Machado de Oliveira tomou posse a 27 de fevereiro de 1832 e escreveu uma carta ao padre, convidando-o a aquietar-se e voltar a Belem, onde nada lhe aconteceria. O áto generoso do novo presidente não grangeou simpatias: "foi considerado pelos membros do partido Caramurú como proteção prestada ao partido Filantropico, e daqui provieram os primeiros motivos de descon-

---

(6) Op. cit., t. II, pgs. 39, 41, 59 e segs., 77 e segs.

(7) Op. cit., t. II, pgs. 100 e segs.

fiança contra o novo administrador" (8). A agitação no interior não descontinuava. No distrito de Baião, á frente dum bando de asséclas, andava praticando horrorosos atentados o "monstro Jacob Patacho" (9), que acabou preso e levado a ferros para Belem. Era um dêsses judeus covardes e sanguinarios da marca de Bela Kun e do Jacob Rabi da guerra holandêsa.

Sabemos que a Regencia foi a era das sociedades e dos clubes, que representavam na primeira linha dos embates politicos, como outróra Jacobinos e Girondinos, as lojas mergulhadas nas penumbras da retaguarda. No Pará, tais sociedades refletiam a excitação dos partidos e esta, segundo consciencioso historiador, era "a maior que se podia imaginar". A chamada Sociedade União, que tivera grande influencia, perdera-a nos últimos acontecimentos. Os maçons minaram-na intimamente. Machado de Oliveira e a maçonaria resolveram crear uma outra que contrabalançasse a força dos caramurús, a qual foi a Federação, com seu creador na presidencia. Ela obedecia á palavra de ordem maçónica no momento: Federação. Seu nome indicaria sua finalidade, se esta não estivesse consignada no § 2.º dos Estatutos: *propalar idéas claras a respeito do sistema federativo* (10).

---

(8) Op. cit., t. II, pg. 143.

(9) Oficio do presidente Machado de Oliveira ao juiz de paz de Baião, de 3 de fevereiro de 1833.

(10) Op. cit., t. II, pgs. 195-197 e nota.

A mais importante dessas sociedades que vão poderosamente influir nos sucessos a se desenrolarem depois de 1832, é, sem dúvida, pelo seu caráter *iluminado, bucheiro,* insofismavel, a das Novas Amazonas Iluminadas, destinada a manobrar os homens de certa categoria através de suas esposas, irmãs ou filhas atraídas ao antro pelos embustes do iluminismo. Domingos Antonio Raiol nos conservou a descrição da organização e ritual dessa loja feminina. As Iluminadas dividiam-se em tres classes, o que está de acôrdo com todas as tradições maçónicas: Educandas, correspondendo aos Catecúmenos da Bucha paulista e aos Aprendizes da maçonaria ordinaria; Mestras, correspondendo aos Crentes e aos Companheiros; e Sublimes Mestras, correspondendo aos Apóstolos e aos Mestres. O distintivo das Sublimes era um Sol de ouro, tendo no verso esta inscrição: "Honra e Glória á Mulher Forte!"; e, no anverso, a palavra "Brasil", no centro duma grinalda de dez estrelas. O distintivo das outras era uma Estrela de ouro, com êste distico: "A's Sublimes Amazonas, eterno louvor!" Todos os distintivos pendiam de fitas semeadas de rosas. A presidente da loja tinha o tratamento de Excelsa e Sublimissima Irmã; as do terceiro gráu, o de Excelentissima; as do segundo, o de Excelente e Amabilissima; as do primeiro, o de Amavel. A loja se dividia em tres partes. A primeira, destinada ás Educandas, denominava-se Jardim; a segunda, destinada ás Mestras, denominava-se Bosque; e a terceira destinada ás Sublimes, Floresta. Nas sessões

dos gráus inferiores, podiam estar presentes as Amazonas dos gráus superiores; mas nas destas não podiam entrar aquelas. A Veneravel presidia á loja coroada de rosas, acendiam-se velas e todas se sentavam em cadeiras de espaldar. As festas revelavam o velho culto solar das antigas iniciações, todas elas equinoxiais e solsticiais: 21 de março, 22 de junho, 22 de setembro e 23 de dezembro. Então se realizavam ágapes fraternais. Ao entrarem na Ordem, as Amazonas juravam guardar os *segredos que lhes fôssem confiados,* "para glória do Brasil e felicidade da humanidade". Funcionava na rua de Sant'Ana n.º 8. Estudava o socialismo (?). Envolvia-se nas intrigas partidarias e dava aso á maledicencia (11).

Enquanto o iluminismo bucheiro enquadrava as mulheres, a loja *Tolerancia* ia arrolando os homens. O presidente Machado de Oliveira "era membro proeminente" desta (12). A Regencia nomeou para substituí-lo, a 12 de dezembro de 1832, José Mariani, que chegou a Belem no paquete "Feliz", em companhia do novo comandante das armas, Inácio Corrêa de Vasconcelos.

A obra de organização maçónica de Machado de Oliveira precisava ser continuada. Por isso, Filantropicos, maçons e Amazonas formavam uma frente unica em favor de sua permanencia no governo, impugnando a nomeação das novas autoridades até ulterior delibe-

---

(11) Op. cit., t. II, pgs. 201 e segs.
(12) Manuel Barata, op. cit., pg. 34.

ração da Regencia. O Conselho Provincial apoiou Machado de Oliveira e êste resolveu não dar posse aos que chegavam da Côrte. Era o inicio duma série de abusos destinada a desprestigiar o principio de autoridade até vir o dominio da anarquia. Logo, os caramurús entrincheiraram e fortificaram o litoral, dispostos a impedir o desembarque de José Mariani e Inácio Corrêa de Vasconcelos (13).

Não dispondo de forças, êstes se limitaram a trocar oficios e proclamações com o detentor do poder. A Regencia, distante e desprestigiada, nascida dum grave atentado ao principio de autoridade, não era obedecida nas provincias que andavam á matroca. Na organização da resistencia a qualquer desembarque, distinguiu-se um tal Jales, cujo nome tem cheiro de judeu, reunindo e armando gente, interessado na perturbação da ordem. Sua casa ficava na rua da Cadeia e, intimado, mais tarde, pelas autoridades a dispersar os sequazes, resistiu a bala. Alguns tiros de artilharia derrubaram as paredes da habitação, que estava repleta de armamento, entrado ás escondidas. Após tres horas de fogo, Jales foi morto (14).

José Mariani retirou-se do Pará. Machado de Oliveira continuaria abusivamente na presidencia até 4 de dezembro de 1833, quando teve de entregar o cargo a novo presidente, Bernardo Lobo de Souza, nomeado pela Regencia após o insucesso de Mariani, a 5 de se-

---

(13) Domingos Antonio Raiol, op. cit., t. II, pg. 257.
(14) Op. cit., t. II, pgs. 301 e segs.

tembro do mêsmo ano (15). Durante a turbulenta e anárquica era regencial, em quasi todas as provincias assim acontecia. O poder central, fraco, manietado pelas sociedades secretas através da floração politica dos clubes de vários matizes, não tinha coragem de impôr seus delegados. Hesitava. Tergiversava. Recuava deante das resistencias locais, fôssem ou não justas, e fazia novas nomeações. Todas essas concessões e fraquezas cada vez mais o iam debilitando. A' sua custa, fazia-se o jogo maquiavelico dos poderes ocultos.

No Pará, essas debilidades determinarão, depois do desprestigio das altas autoridades, a entrada "em cena das classes infimas, rebeladas contra o governo" (16). A revolta dos cabanos será o coroamento dessa obra nefasta. Os sucessos da cabanagem "são todos verdadeiros efeitos dos átos subversivos cometidos nos anos anteriores: como élos da mêsma cadeia, todos se prendem uns aos outros, tendo sempre por origem a anarquia derramada no seio da população pelos proprios agentes da autoridade: emanados do arbitrio do poder público, fôram depois agravados pelos delirios das massas populares e por fim terminaram nos excessos, não menos lamentaveis, da necessidade exagerada da repressão ao crime" (17). E, ao lado disso, naturalmente, a obra judaica de fazer da anarquia politica fonte de lucros infames: "flagelo da moeda falsa

(15) Op. cit., t. II, pg. 309.
(16) Op. cit., t. III, pg. 5.
(17) Op. cit., t. III, pgs. 6-7.

de cobre" e "astutos especuladores", manobrando com a moeda e os géneros do país (18).

A permanencia abusiva de Machado de Oliveira no governo não teve durante muito tempo o apoio daquela frente unica que impedira a posse de José Mariani. O cónego Batista Campos rompeu logo com êle. "Em uma loja maçónica estabelecida na capital (19), por ocasião de ser êle proposto para membro da mêsma — conta Domingos Raiol —, Machado de Oliveira falou acremente contra a proposta e conseguiu que fôsse rejeitada. O cónego Batista Campos não se deixou facilmente vencer, e longe de mostrar-se agastado, declarou que não queria e nem lhe era possivel ser maçon como sacerdote que era da religião de Cristo; e daí em deante tratou de prevenir o espirito do povo ignorante contra a maçonaria. No seio das familias, no púlpito, no confessionario, por toda a parte, por si e por intermedio de seus correligionarios, fez propalar que esta instituição era um fruto do inferno para combater a Igreja e seus ministros; e que todo cristão devia fazer-lhe guerra, para não vingarem seus tenebrosos fins, sob o escandaloso patrocinio do presidente da provincia. E para melhor conseguir seu intento, fez tambem propalar que a maçonaria tentava estabelecer a manumissão da escravatura sem garantia alguma ao direito de propriedade. Queria assim conquistar as simpatias pelo menos

---

(18) Relatorio do presidente Machado de Oliveira, publicado no "Correio do Amazonas", de 7 de dezembro de 1833.

(19) A "Tolerancia".

dos proprietarios e homens abastados. E, revivendo um fáto que se tinha dado em 1832 entre o prelado e a maçonaria, acrescentou, no jornal de sua redação: "Todos sabem que a seita condenada ofereceu por meio de seu tesoureiro ao nosso venerando bispo a soma de oitocentos mil reis, resultado de uma subscrição promovida por uma sociedade secreta em beneficio do recolhimento das educandas, que está sob a sua imediata proteção. Todos sabem que o diocesano devolveu esta oferta, declarando que por decôro do ministerio sagrado e por melindre de sua consciência não podia entreter relações com sociedades de tal natureza. Portanto, é evidente que a maçonaria é associação que deve merecer o estigma geral de todos os católicos. Por ser irreligiosa é que o pastor da Igreja Paraense não quis aceitar o óbulo de caridade que ofereceu ás infelizes educandas." Machado de Oliveira que ocupava lugar proeminente na sociedade maçónica, mostrava-se empenhado em contrariar o seu adversario, e cada vez mais fazia engrossar a loja a que pertencia com a admissão de novos membros, escolhidos entre as pessôas mais gradas e entre os proprios possuidores de escravos, afim de que êles mêsmos pudessem com os seus proprios olhos ver e conhecer os embustes com que pretendiam embaí-los. Mas não obstante os seus reconhecidos esforços, foi-lhe impossivel destruir os efeitos das insinuações malignas contra a maçonaria, insinuações que, inoculando no espirito do povo sentimentos de odio e rancor a tal associação, vieram depois influir nas calamidades da pro-

vincia... Como áto de represálias, Machado de Oliveira fez propalar que o cónego Batista Campos recebera do ex-Imperador muitos favores, e era afeiçoado ao partido que pretendia restaurá-lo no trono (20)."

Êste depoimento de Raiol é sobremodo precioso, porque êsse historiador classico dos motins do Pará defende, sempre que póde, a maçonaria. Dêle e do que escrevia o proprio cónego se vê que Batista Campos, embora muitos sacerdotes de seu tempo ingressassem em sociedades secretas, conhecia a fundo a condenação da *seita* pela Igreja e sua finalidade demoniaca. Portanto, não é muito crivel que quisesse entrar para ela e dela falasse por mero despeito. Tudo leva a crêr que abriu formidavel campanha contra a Acácia e sua proposta á loja não passou de comedia adrede preparada para justificar com a pecha de despeito os seus ataques cerrados, justificados e proveitosos. Todos os da Filantropica, fundada por êle, que se fizeram maçons, ficaram seus inimigos. Daí o odio com que foi perseguido até morrer. Vê-se ainda que a revolução paraense se inicia numa reação anti-maçónica e que a sociedade secreta acusa o primeiro chefe dos cabanos de restaurador, procurando, desta sorte, excitar contra êle os sentimentos da população, que via em D. Pedro I, por obra da propaganda maçónica o chefe do partido português. Na verdade, os cabanos se apresentam ao principio sob

---

(20) Op. cit., t. III, pgs. 29-31. Os artigos de Batista Campos contra a maçonaria fôram inseridos no seu jornal, o "Publicador Amazoniense".

essa má fama de restauradores, tanto que, no Maranhão, cabano era sinónimo de corcunda ou lusitano (21). Outras calúnias peores fôram assacadas ao padre.

Tambem, no começo, a cabanagem combate a maçonaria. Depois da morte do cónego, sofre uma mudança de rumo, como veremos oportunamente, passando a ser instrumento das forças ocultas e flagelo dos pobres bicudos, marinheiros ou portuguêses, muito numerosos no comercio do Grão-Pará. De identica maneira, de monarquista a revolta passa a tendencias republicanas e ao combate franco ao Imperio (22).

Aberta estava a luta entre a maçonaria, capitaneada pelo presidente da provincia, e o partido do cónego. Afim de provar que êste queria a volta de D. Pedro I, Machado de Oliveira apresentou á Sociedade Federal, que era o biombo público da loja *Tolerancia,* uma indicação que devia ser assinada pelos bons patriotas no prazo de oito dias, na qual juravam manter o governo de D. Pedro II sob os auspicios da Regencia. Até o bispo, levado pelo canto das sereias maçónicas, apôs ali a sua assinatura. Batista Campos não o fez. Então, a imprensa governista começou a gritar que êle mostrára não passar de um restaurador e que lhe tinha arrancado a máscara do falso patriotismo.

---

(21) Dunshee de Abranches, "A setembrada", tip. do "Jornal do Comercio", Rio de Janeiro, 1933, pg. 250.

(22) Calogeras, op. cit., pgs. 157 e segs.

Batista Campos respondeu que não era adulador nem conivente com o presidente-veneravel, que não reconhecia nêle autoridade legitima para organizar e preceituar fórmulas de juramento, que achava censuravel o procedimento do bispo, mas que isso era lá com o fôro da consciência do prelado (23). Ao mêsmo tempo, saíam nas fôlhas verrinas assinadas pelo *Desmascarador* contra o *Mascarado-mór*, Machado de Oliveira.

Azedavam-se os ánimos maçónicos e anti-maçónicos, quando chegou a Belem, no dia 2 de dezembro de 1833, a corveta "Bertioga", trazendo o novo presidente, Bernardo Lobo de Souza, e o novo comandante das armas, tenente coronel Joaquim José da Silva Santiago, homens, segundo depõem os contemporáneos, pretenciosos e insolentes, prepotentes e resolutos, que "mais pareciam instigadores de revoltas do que autoridades legais (24)."

Todavia, os primeiros átos da nova administração deram lugar a fundadas esperanças de paz. Executou-se o decreto de anistia da Regencia para os implicados na deposição do visconde de Goiana e na resistencia á posse de José Mariani (25). Seguiram-se outras medidas simpaticas: abolição definitiva do odioso dízimo do pescado e da incómoda revista das canôas de transporte, concerto de estradas, impedimento da alta do preço da carne pelos marchantes monopolizadores,

---

(23) "Publicador Amazoniense", n.º 84, de 1833.
(24) General Abreu Lima, "História do Brasil", cap. VIII, 3.
(25) Domingos Raiol, op. cit., t. III, pgs. 73 e segs.

pagamento do sôldo á tropa de dez em dez dias e providencias contra a falta de numerario. Mas, ao se proceder ao bárbaro recrutamento da época, afim de preencher os quadros do Exercito e da Armada, os ânimos se esquentaram e principiaram as contendas entre restauradores e federalistas. O federalismo maçónico envenenava todo o Brasil regencial. Havia brigas nas ruas a cada passo e começavam, em certos pontos, ajuntamentos suspeitos de escravos, "que manifestavam sentimentos partidarios" (26), decerto açulados pelos seus senhores.

Fervilhava a conhecida boataria maçónica confusionista, porque aos mutinos não convinha a tranquilidade e queriam pescar nas aguas turvas, embora ensanguentadas. Lançava-se mão do *leit-motif* das convulsões da Regencia: os restauradores estavam tramando a volta de D. Pedro I. O moribundo de Queluz continuava a ser, de verdade ou fingidamente, o espantalho das lojas. Chegavam continuamente á capital queixas de atentados e assaltos pelo interior. O governo resolveu-se a providenciar seriamente, armando a Guarda Nacional e mandando recrutar os fautores de desordem. Sentiam-se os efeitos de verdadeiras "combustões subterráneas" (27).

Antes de partir para o Rio de Janeiro, Machado de Oliveira conferenciára longamente, a portas fecha-

---

(26) Op. cit., t. III, pg. 81.
(27) Op. cit., t. III, pg. 97.

das, com seu *irmão na Acácia,* Lobo de Souza (28) e o deixára convencido de ser o cónego Batista Campos o chefe do partido restaurador, alem do que era notorio: inimigo n.º 1 da maçonaria. O antigo companheiro do cónego nos Filantropicos, padre Gaspar de Siqueira Queiroz, que se tornára seu inimigo, influia terrivelmente no novo presidente nêsse sentido (29).

Foi quando se deu um incidente que entornou o caldo. Tendo comparecido a uma festa de igreja e não tendo sido recebido á porta, protocolarmente, pelas autoridades eclesiasticas, Lobo de Souza irritou-se, penetrou no templo, desacatou os padres e ameaçou o proprio bispo. O cónego atacou-o impetuosamente pela imprensa, afirmando ser aquilo do "plano maçónico de humilhar a religião" (30). A simpatia popular aplaudiu-o.

O presidente sentiu o perigo que o ameaçava e enviou uma circular aos juizes de paz, a 28 de abril de 1833, determinando procedessem a sindicancias, afim de "descobrir e castigar os anarquistas". A resposta de Batista Campos foi desendacear violenta campanha contra a maçonaria, com todo o clero a seu lado, inclusive o bispo, D. Romualdo de Souza Coelho, varão eminente pelas suas virtudes e sabedoria. O prelado escreveu uma Pastoral magnifica na fórma e no fundo contra a "seita filosofica, inimiga capital de Jesus Cristo",

(28) Era membro duma loja maçónica da Côrte, depõe Raiol, op. cit., t. III, pg. 101.

(29) Op. cit., t. III, pg. 97.

(30) Op. cit., t. III, pgs. 101 e segs.

prevenindo suas ovelhas contra o "artificio de sedução" a que recorria a sociedade secreta, quando afirmava não combater a Igreja. Essa Pastoral é um dos mais brilhantes documentos do clero brasileiro no combate á maçonaria. Termina profeticamente, declarando que o fim das sociedades secretas é, simplesmente, o COMUNISMO DE TUDO: dos bens, das mulheres e dos filhos. Quatorze anos antes do Manifesto Comunista de Marx e Engels, o venerando antístite o adivinhava envolto nos misterios maçónicos! (31) As vinganças maçónicas demoram: D. Antonio de Macedo Costa pagou a Pastoral esclarecedora de D. Romualdo mais de quarenta anos depois...

D. Romualdo mandou compôr a Pastoral para ser publicada na tipografia de Honorio José de Lemos, que era maçon e logo a levou ao conhecimento de Lobo de Souza. O presidente leu-a, encolerizou-se e mandou o ajudante de ordens dizer ao bispo que lhe constava seria publicada uma *pastoral inconveniente,* mas que dispunha de meios para castigar os facciosos e meter o proprio culpado na grilheta, fôsse qual fôsse sua posição social (32)!

Surpreendido pela ameaça intempestiva e grosseira, propria mêsmo de um maçon, o bispo mandou buscar os originais á oficina e levá-los ao presidente para que lhe mostrasse quais os pontos subversivos nêles exis-

---

(31) Op. cit., t. III, pgs. 106 e segs. Raiol dá, na integra, o notavel documento e, depois, defende a maçonaria.

(32) Op. cit., t. III, pgs. 131-136.

tentes. Não atacava o governo, não se referia a pessôas, não tratava de politica, condenava somente as sociedades secretas em nome da religião, como era do seu direito. Que tinha a autoridade a vêr com isso? Tinha muito, dizemos nós, porque era parte ativa nessas sociedades... Lobo de Souza nem ao menos fingiu lêr os papeis, que, ás escondidas, já havia lido. Devolveu-os brutalmente, dizendo não ter tempo para isso e sustentando os termos do recado ameaçador que mandára. Desmascarava-se. Evitando a luta, o modesto e sábio episcopo não publicou a Pastoral e retirou-se para Cametá.

A noticia do fáto espalhou-se logo pela cidade toda. Não se falava noutra cousa. Um escándalo! Batista Campos, que arranjára com o secretario do bispado uma cópia do documento, mostrava-a a quem podia. Começou grande efervescencia popular contra o presidente maçon, penetrando no proprio seio da tropa (33). Entre os que contribuiam para essa ebulição, notava-se o homem destinado ao papel preponderante na revolução cabana, Eduardo Francisco Nogueira, o Angelim, cearense do Aracati, ambicioso e moço que tentára infrutiferamente romper caminho no comercio e na lavoura. Em abril de 1833 combatera contra Jales, como federalista. Era, não obstante, amigo do cónego, bem como seus dois irmãos, Geraldo, cognominado o Gavião, e Manuel. De ha muito se tornára suspeito ao governo,

(33) Op. cit., t. III, pgs. 139 e segs.

que o prendera violentamente na "Bertioga", de cujo porão o tirára a influencia de amigos. Indignado com a prisão, jurára vingar-se de Lobo de Souza. Era o eixo das conspirações que se tramavam e determinaram o levante, logo sufocado, do corpo de Permanentes, a 1.º de agosto (34).

Tudo isso exarcebava o ánimo do presidente, não lhe permitindo refletir com calma sobre a situação. Numa reunião do Conselho Provincial, do qual fazia parte o cónego Batista Campos, quando propôs a concessão duma verba para aumentar a cadeia pública, êste se manifestou contra, opinando melhor seria construir uma escola. Interrompeu-o, desabridamente, declarando que o mandaria prender, se fizesse qualquer tentativa de reação. O sacerdote, surpreso ante aquela atitude agressiva que o assunto em debate não justificava, disse não duvidar desse tal ordem, mas sim que alguem a cumprisse. O outro, esmurrando a mêsa, rubro de cólera, uivou: — "Quer ser preso já?!" Coácto, o cónego calou-se e retirou-se (35).

Batista Campos era provedor da Santa Casa de Misericordia e "seus inimigos não perdiam ocasião de desconceituá-lo no exercicio do cargo". A maçonaria espalhava que era deshonesto. Fundando-se nessa atoarda, o presidente nomeou um fiscal do governo para o estabelecimento e mandou chamar o padre á sua presença. Êste ocultou-se, fugindo á citação. Vendo que

(34) Op. cit., t. III, pgs. 143 e segs.
(35) Op. cit., t. III, pgs. 152-153.

tinha de lutar contra a prepotencia presidencial e não o podia fazer sozinho, procurou o apoio do tenente coronel Felix Antonio Clemente Malcher, inimigo de Lobo de Souza. Batista Campos odiava-o, porque o supunha um dos autores de sua prisão e quasi fusilamento em 1825; mas pôs de lado os ressentimentos e reconciliou-se com êle numa conferencia secreta. Planejaram a conspiração. Deveriam prender o presidente na festa de 7 de setembro, em casa de Tenreiro Aranha, onde devia ir. Embarcá-lo-iam na "Bertioga" para o Rio de Janeiro e o cónego assumiria a presidencia da provincia. A excitação dos espiritos não permitiu a conservação do segredo. Lobo de Souza não foi á casa de Tenreiro Aranha. A conspiração gorou (36).

Chegou, então, a Belem, vindo do Ceará com escala pelo Maranhão, um agente revolucionario de *primo cartello,* do qual o padre se iria servir, porém que se serviria dêste para levar por deante o plano de que devia vir secretamente incumbido. Era o tôrpe pasquineiro mercenario Vicente Ferreira Lavor, o Papagaio (37). O recrutamento dos mutinos e arruaceiros pusera toda a populaça de pé contra o governo; o sentimento católico da maioria da população dêle se afastára por causa de suas ligações maçónicas evidenciadas no caso da Pastoral. O Papagaio começou a publicar uma fôlha verrineira, a "Sentinela Maranhense na Guarita do Pará". O titulo recorda o daquela maçónica "Sentinela da Li-

---

(36) Op. cit., t. III, pgs. 214 e segs.
(37) Op. cit., t. III, pg. 216.

berdade á beira do mar da Praia Grande refugiada em Buenos Aires", do aventureiro internacional Grondona, que desancava D. Pedro I. Em 1830, no mês de março, quando se preparava no Sul a agitação que determinaria a guerra civil mais tarde, surgira, depõe Aurelio Porto, a "Sentinela da Liberdade na guarita ao norte da barra de São Pedro do Sul". Todos êsses nomes revelam a mêsma inspiração...

Tanto o rumo que fôra traçado ao Papagaio nos bastidores era diverso do do cónego, que o jornaléco imundo começou a desmoralizar o sistema monarquico, a atacar a Regencia e a excitar os furores da plebe. Raiol reconhece que a subversão da ordem pública "parecia ser a mira de Lavor Papagaio (38)."

Veiu a reforma constitucional, recebida com grandes aplausos no Pará a 10 de outubro de 1834. Houve girándolas, festas e vivórios. O Papagaio esganiçava-se a berrar: — "Viva a Federação Republicana!" Sintomatico. Tal viva estava em desacôrdo com as assoalhadas tendencias de restaurador de Batista Campos. A 13 de outubro, quando o presidente passava pela rua onde êste residia, o foliculario esguelou-se duma janela: — "Viva a Federação Norte-Americana Brasileira!" (39). O brado é digno de nota. Que ligação, a não ser judaico-maçónica, poderiam ter os sucessos do Pará com os Estados Unidos? Que liame oculto seria êsse da revolução que ali se tramava com a poderosa

(38) Op. cit., t. III, pg. 218.
(39) Op. cit., t. III, pgs. 223-230.

república do Norte? Não esqueçamos os fios que ligavam á America do Norte Pais de Andrade e os revolucionarios da Confederação do Equador, que Inocencio da Rocha Galvão, eleito presidente da morti-nata república da Sabinada, na Baía, estava nos Estados Unidos e que dali viera um dos mais influentes personagens da cabanada, como verificaremos adeante. Dá que pensar... Compreende-se, pois, que o cónego vai ser simplesmente joguete de acontecimentos, cujo encadeamento lhe escapa e fôram preparados pelas proprias forças que pensava combater. A lição poderia ser proveitosa para muita gente que, pensando dirigir, é dirigida...

Uma portaria de Lobo de Souza, mandando, após êsse viva republicano, dar busca na casa do Papagaio e do cónego, esclarece mais ou menos que o primeiro vinha a Belem com uma missão predeterminada, porquanto havia testemunhas de ter dito, a bordo do paquete "Feliz" em que viajára, *que ia fazer uma revolução no Pará e que esta rebentaria ao sair o terceiro número do seu jornal* (40). A busca foi dada, mas depois de aviso aos interessados. Nada se achou que os comprometesse. O Papagaio e o padre correram a refugiar-se numa fazenda do furo Atituba, enquanto a excitação dos ánimos se generalizava e seus coligados iam agindo conforme podiam (41).

---

(40) Op. cit., t. III, pg. 232.
(41) Op. cit., t. III, pg. 239.

Entre êsses, é tempo de nomear os que vão ser os principais cabecilhas da cabanagem: Francisco Pedro Vinagre e seus irmãos, Antonio, Raimundo, José e Manuel. O primeiro distinguira-se pela sua bravura em 1833, como tenente da Guarda Nacional, e tinha certa ascendencia no interior. Acudiu ao chamamento de Malcher, que começava a reunir gente e armamento na sua fazenda do Acará (42).

O fazendeiro Seixas, vizinho e inimigo de Malcher por questões de moedagem falsa, informou Lobo de Souza do que ali se passava (43). Seguiu uma escolta de cincoenta homens, comandada por Nabuco de Araujo, para prender o Papagaio no seu refúgio, em outubro. A tropa caíu numa emboscada preparada por Francisco Vinagre e perdeu o comandante. Os prisioneiros e as armas fôram levados para o Acará. Um unico soldado logrou escapar e trouxe a noticia do desastre a Belem. Era grave a situação. Ninguem obedecia a ninguem. O incendio, ateado pela maçonaria, começava a consumir a infeliz provincia.

O presidente enviou uma expedição de marinheiros e soldados de linha ao Acará, no brigue "Cacique", na escuna "Bela Maria" e em lanchões artilhados, a 24 de outubro de 1834. Os marujos e infantes desembarcaram sob a proteção dos canhões e os revoltosos debandaram pelo mato. A fazenda foi incendiada. Manuel Vinagre morreu. Agarraram Malcher no rio Cas-

---

(42) Op. cit., t. III, pg. 251.
(43) Op. cit., t. III, pg. 252.

tanhal. Procurou-se prender sem resultado o cónego (44). Os chefes da expedição, major Monte Roso e o tenente J. Inglis, "pardo da Jamaica" (45), regressaram vitoriosos.

Máu grado essa vitória, a situação de Lobo de Souza não melhorava na capital. Sabia-se que os Permanentes e a Guarda Nacional estavam dispostos a tomar partido pelos rebeldes. A Sociedade Federal ofereceu seus membros ao governo, para servirem como soldados (46). Lobo de Souza, porém, não dava ouvidos aos clamores que lhe chegavam, julgando-se forte. Contudo, ao sentir que as últimas camadas sociais estavam de coração com seus inimigos, mandou recolher todo armamento que se encontrasse e pôr de prontidão os navios de guerra: corvetas "Defensora" e "Bertioga", barca "Independencia" e escuna "Alcántara". A' fortaleza da Barra foi recolhido o agente conspirador judeu Henrique Rhossard, que já se achava preso por precaução no quartel dos Permanentes, onde "continuava a pregar doutrinas incendiarais contra o governo" (47). A indisciplina dos soldados era o fruto da insidiosa propaganda dêsse predecessor de Harry Berger. A reserva da Guarda Nacional e os oficiais reformados fôram convocados: as fortalezas, concertadas; a artilharia, reparada; o forte da Barra pôs os canhões á barbeta.

---

(44) Op. cit., t. III, pgs. 272 e segs.
(45) Rio Branco, "Efemérides Brasileiras", pg. 14.
(46) Oficio da Sociedade Federal, de 20 de setembro de 1834.
(47) Domingos Raiol, op. cit., t. III, pg. 300.

Todo o empenho de Lobo de Souza visava prender o cónego Batista Campos, que êle considerava chefe principal da amotinação e que, explorando o recrutamento feito até nas missas, o desacato aos padres na igreja e o incidente da Pastoral anti-maçónica, o tornára alvo da indignação popular. Todas as diligencias efetuadas em varios sitios para capturá-lo fôram improficuas. O padre achava-se bem escondido na fazenda Bôa-Vista, no furo Atituba, no distrito de Barcarena, propriedade de seu amigo, Oliveira Pantoja. Ali faleceu, ungido e sacramentado pelo vigario da paróquia, Silva Cravo, em consequencia duma espinha gangrenada, no dia de Santa Luzia, 13 de dezembro de 1834, sendo sepultado na igreja de Barcarena, no dia de Ano-Bom, 1.º de janeiro de 1835.

Seus parentes e amigos clamaram por vingança e começaram a reunir-se na ilha das Onças, defronte de Belem. Antonio Vinagre exigia a morte de Lobo de Souza pela vida do irmão morto no Acará. Os outros desejavam somente a sua deposição. Os irmãos Aranha incitavam a todos. O mais velho, João Miguel, andára pelos Estados Unidos (?), de onde regressára iniciado nas doutrinas da maçonaria, e era empregado de confiança do judeu inglês Samuel Philips, estabelecido na capital. O mais moço, Germano era oficial de marinha demissionario e ia servir de ótimo elemento de ligação com seus antigos colegas da estação naval em que o presidente confiava (48).

(48) Op. cit. t. III, pg. 338.

Em janeiro de 1835, nova expedição ao Acará retirou, desfeita, sob o comando do major Monte Roso, depois de haver perdido numa tocaia seu comandante, o coronel Marinho Falcão. A cidade dia a dia ia se enchendo de gente que vinha do campo com ares misteriosos. A maioria dos guardas nacionais se ajuntava, sob as ordens dos irmãos Vinagre, no mato do Cacoalinho. A plebe reunia-se aos magotes no Bacurí e em Nazareth. A indisciplina da tropa de linha era manifesta e dizia-se que seus comandantes não eram estranhos ao que se tramava. Na noite de 7 de janeiro, estourou o esperado movimento. Antonio Vinagre invadiu a cidade e sublevou os caçadores e a artilharia. Os oficiais fieis ao governo fôram caçados a tiro. Os sinos das igrejas tocaram a rebate. Grupos de populares penetraram no palacio da presidencia, completamente desguarnecido. O comandante das armas, Santiago, escapoliu pelo jardim e foi assassinado a bala na rua do Aljube pelo tapuia Mãe-da-Chuva. Soltaram-se e armaram-se os presos da Cadeia Pública. Bandos ferozes percorreram as ruas, semeando o terror. O tenente Inglis, que ia embarcar e, antes, quis vêr do que se tratava, foi fuzilado por um tal Domingos Sapateiro. Lobo de Souza asilou-se numa casa particular. Cercaram o quarteirão. Pulou de quintal em quintal e acabou querendo voltar ao palacio. Domingos Onça matou-o a tiro. Seu cadaver e o de Santiago sofreram os maiores ultrages da populaça (49).

---

(49) Op. cit., t. III, pgs. 343 e segs.

Espalhados por toda a parte, os cabanos vitoriosos iam gritando: — "Morram os maçons!" (50) Fôram á séde da loja *Tolerancia* e a empastelaram, espalhando pelas ruas os livros e a papelada do arquivo. Foi pena ninguem se lembrar de apanhar e guardar algum documento interessante! Eram os frutos da propaganda corajosa do cónego Batista Campos. Agora, êle estava morto. A força destrutiva e anárquica do poviléu, depois dessa manifestação, seria aproveitada pelas proprias forças secretas para os seus planos e designios misteriosos!

Malcher, que estava encarcerado na fortaleza da Barra, foi trazido em triunfo e aclamado presidente. Francisco Vinagre assumiu o comando das armas. "Malcher era homem de instrução acanhada, de caráter altivo e pouco expansivo. Seu semblante sombrio denotava quasi sempre ausencia de sentimentos amistosos e conciliadores. Rancoroso com os seus inimigos, raras vezes sabia perdoá-los. Amante da dominação, não admitia rivais que o contrariassem. Soberbo do prestigio que afirmava ter, mostrava-se intolerante com quem partilhava o poder e não consentia que se menosprezasse o principio de autoridade de que por qualquer fórma se achasse investido. Mas olhava com sobranceria as turbas e não era simpatico a estas, nem tinha energia bastante para contê-las nos seus desvairamentos (51)". Seu fim

---

(50) Manuel Barata, op. cit., pg. 33; Domingos Raiol, op. cit., t. III, pg. 351.

(51) Op. cit., t. III, pg. 371.

seria tragico na anarquia que ajudára a desencadear sobre a sua terra.

Os revoltosos, como que obedecendo á mêsma ordem que leva os grevistas de nosso tempo a reivindicações impossiveis de sêrem satisfeitas, para manter permanente agitação nas massas operarias e o clima revolucionario, faziam ao novo governo, emanado dêles proprios, exigencias descabidas. Alastravam sintomas de novas perturbações desconcertantes. O presidente revolucionario, cedendo ao seu genio intempestivo, desconfiando de que elementos contrários a êle se refugiavam no vice-consulado francês, não trepidou em violá-lo. O vice-consul retirou-se ameaçadoramente de Belem, de onde a gente pacata e melhor começava a desertar.

Explodiu a primeira divergencia entre Malcher e o comandante Vinagre. Aquêle suspeitava êste de proteger seus inimigos e mandava chibatear os cabanos mais exaltados, alienando-se a simpatia das massas. Receava tudo e a todos. Nem pernoitava no palacio. Enquanto isso, Vinagre cada vez se tornava mais popular e os pasquins choviam contra o outro. Quem era o autor dêsses papeis? Quem havia de ser senão o Papagaio, que levava por deante sua tarefa maçónica de propagador da anarquia. Malcher, para conciliar-se ás bôas graças da Regencia e dar ares de legalidade ao seu governo intruso e violento, comunicou as ocurrencias á Côrte, esperando ordens (52).

---

(52) Op. cit., t. III, pgs. 387 e segs.

O Papagaio foi deportado; mas outros Papagaios anónimos continuaram a pasquinada. Imputavam a autoria a Angelim. Depois dos pasquins, que eram a propaganda, veiu a ação: conflitos, tentativas de revolta. Angelim e seu irmão fôram para o calabouço (53). Restava de pé Francisco Vinagre, cujos violentos batebôcas com Malcher eram já do dominio público. O presidente mandou prendê-lo. Êle fugiu, reuniu gente, apoderou-se do Arsenal e sitiou Malcher no Castelo e no Hospital Militar. Uma revolta dentro da revolta. Senhor de toda a cidade, obrigou o outro a asilar-se na esquadra, que bombardeou Belem no dia 21 de fevereiro. O palacio do bispo anti-maçónico, como que de propósito, ficou em cacos. As baterias de terra responderam ao bombardeio e o presidente teve de recorrer ao seu prisioneiro Angelim para ir como emissario propôr um armisticio, do qual resultou sua demissão e a aclamação de Vinagre como novo presidente. O Saturno revolucionario ia devorando, assim, os proprios filhos...

Aproveitando a suspensão de hostilidades, os cabanos deram o assalto ao Castelo e ao Hospital, chacinando cruelmente as guarnições. Quasi não escapou ninguem. Vinagre ordenou a transferencia de Malcher num lanchão para a fortaleza da Barra. Noutra embarcação, aproximou-se do mêsmo seu inimigo, Quintiliano Barbosa, que lhe descarregou a espingarda no peito. A populaça insultou-lhe o cadaver. Tinha-o aclamado havia poucos dias! A êstes sucessos basta o singelo comen-

(53) Op. cit., t. III, pg. 422.

tario de Raiol: "Os anarquistas formigavam pelas ruas."

Tambem formigavam pelo interior. Angelim foi feito comandante dos Permanentes e expediram-se ordens energicas para desarmar o povo (54). Fôram-se pagando os cabanos e dispersando-os. Dois navios de guerra da estação naval de Caiena vieram exigir satisfações pela ofensa ao vice-consul. Vinagre deu-as, culpando Malcher demitido e morto. A fraqueza do poder central da Regencia era tão grande que essas lutas e deposições, com intervenções estrangeiras, se processavam á sua revelia, sem que tomasse a menor providencia, limitando-se a receber e responder os oficios em que cada novo presidente aclamado lhe comunicava o ocorrido. Quando deliberava tomar medidas contra a anarquia reinante numa provincia, não havia elementos militares disponiveis, porque o pôlvo revolucionario estendia os tentáculos por todo o infeliz Imperio.

Do Maranhão veiu ao Pará uma expedição, na fragata "Imperatriz", sob o comando do capitão-tenente Pedro da Cunha. Enviava-a o presidente Costa Ferreira, a quem as familias fugidas de Belem haviam levado noticias alarmantes. Vinagre foi a bordo e protestou obediencia á lei, mas preparou-se em terra para a resistencia. Queria ganhar tempo. O vice-presidente da provincia, Angelo Custódio Corrêa, que se achava em desacôrdo com êle e concentrava forças em Cametá, foi

(54) Op. cit., t. IV, pgs. 5 e segs.

para bordo da fragata. No mês de maio, Pedro da Cunha organizou um desembarque, com a esquadra de prontidão. Mais do que nunca, Angelim e Vinagre estavam dispostos a resistir. Homens ousados, resolveram precipitar os acontecimentos. A 12 de maio de 1835, sem dizer — agua vai! — o castelo abriu fogo contra a "Imperatriz". A frota revidou, desmontando-lhe as baterias. As colunas de desembarque saltaram dos escaleres, chalupas e baleeiras, porem fôram repelidas e reembarcaram em atropelo, perdendo muita gente. Para evitar os tiros dos canhões de terra, que de varios pontos a hostilizavam, a fragata foi fundear na baía de Santo Antonio (55).

A Regencia acordára do marasmo para nomear presidente da provincia e comandante das armas o marechal de campo Manuel Jorge Rodrigues, futuro barão de Taquarí, que partiu do Rio de Janeiro, *sem forças,* a 1.º de abril, tomando na Baía um batalhão de caçadores. Chegou ás aguas paraenses, levou a esquadra ao Guajará e, depois duma troca de oficios com o rebelde Vinagre, desembarcou no dia 25 de junho e tomou posse. Os revoltosos, dirigidos e industriados pelos seus condutores ocultos, simularam uma dispersão, mas fôram a pouco e pouco se concentrando nas fazendas Benjamin e Pinheiro, de onde marcharam contra a vila de Vigia. Era um antigo feudo dos assentistas do estanco judaico que levára Bequimão á forca, nos tempos

(55) Op. cit., t. IV, pgs. 200 e segs.

O MARECHAL DE TAQUARI

Marechal Manoel Jorge Rodrigues, barão de Taquari.

coloniais. Ali, os judeus estrangeiros tinham todos os previlegios, até mesmo o fôro privativo. Mais tarde, os jesuitas tomaram conta do lugar, estabeleceram um colegio e deram-lhe progresso e riqueza (56).

Os cabanos assaltaram a povoação, cuja gente melhor fugiu, e depuseram as autoridades. Os fugitivos pediram socorro ao tenente-coronel Raimundo de Souza Alvares, que reuniu guardas nacionais no seu sitio Mujuim e retomou a vila, expulsando os invasores. Voltaram em grande número, entocaram os defensores na Casa do Trem, mataram-nos todos e saquearam as casas (57). A cabanada transformava-se em jaqueria.

O governo de Manuel Jorge Rodrigues tentou medidas repressivas. Mas a plebe desaçaimada invadia a capital. O presidente quasi não dispunha de gente e de armas. Pediu o auxilio dos navios de guerra estrangeiros surtos no porto, um brigue inglês e a corveta portuguêsa "Elvira". Ambos não podiam fornecer mais de trezentos homens. Os rebeldes concentraram-se na fazenda Itaboca. A cidade estava em alvoroço e pavor. Penetraram nela por tres colunas. A primeira veiu por Nazareth, sob o comando de Angelim, e bateu as forças que encontrou. A segunda, com Geraldo, o Gavião, atacou o Arsenal. A terceira, chefiada por Antonio Vinagre, de reserva, em seguimento da de Angelim. Uma bala

(56) Southey, "História do Brasil", trad. Fernandes Pinheiro, t. VI, pg. 367.

(57) Domingos Raiol, op. cit., t. IV, pgs. 292 e segs., 365 e "passim".

matou-lhe o chefe e Angelim reuniu-a á sua. O governo resistia em varios pontos, ajudado dos contingentes inglêses e lusos. A luta, renhidissima, durou de 14 a 22 de agosto, mostrando-se Angelim, como referia o comandante Taylor, "muito bravo, mas muito malvado (58)." Reinava fome na capital, dêsde muitos dias mal abastecida. As familias asilavam-se a bordo dos navios de guerra, espavoridas. O marechal Manuel Jorge Rodrigues acabou tambem se retirando para a fragata "Campista", porque seus voluntarios começavam a desertar. A esquadra levantou ferros e voltou á baía de Santo Antonio. Instalou-se a séde do governo legal na ilha da Tatuoca, pedindo-se socorros urgentes ao Maranhão e á Regencia (59).

As correrias dos cabanos á sôlta assolavam o interior. As forças legais ou aderiam aos seus bandos ou eram batidas. Reinava a mais completa anarquia em toda a vastissima provincia, embora o marechal pretendesse circunscrever a ação dos rebeldes á capital que fôra obrigado a abandonar em suas mãos, mandando rondar a baía de Guajará pelos navios de guerra e enviando expedições vitoriosas a Mosqueiro, Chapéu-Virado, Turiassú e Vigia.

Perpetravam-se os maiores atentados. Bandos de populacho em armas só obedeciam a seus chefes naturais, filhos dos acontecimentos: o cafuz Manuel Pedro

(58) Rio Branco, op. cit., pg. 373.
(59) Domingos Raiol, op. cit., t. IV, pgs. III e segs.

dos Anjos, o Côco; o mulato Fidélis; o preto José Ourives, o Piroca-Cana; o Chico Veado, o Saraiva, o Pipíra. Pilhavam tudo. Satisfaziam instintos bestiais, odios e vinganças. A subversão da ordem pública era seguida em maior escala pela subversão da ordem moral (60)!

Enquanto a devastação rolava pelo Pará e pela comarca do Rio Negro, Angelim era senhor inconteste de Belem, aclamado presidente como Malcher e como Vinagre. Mas logo que quis fazer uso de sua autoridade e castigar os facciosos que judiavam com os pobres bicudos e praticavam os maiores desatinos, viu quanto era precaria e as conspirações o rondaram dia e noite. Os homens de côr queriam depô-lo e os guerrilheiros do negro João do Espirito Santo, o Diamante, não lhe davam descanso (61). Era a guerra de raças, tão do agrado do judaismo maçónico, que abrolhava daquela anarquia social, fomentada na provincia dêsde a fundação da loja *Tolerancia* e da organização das AMAZONAS ILUMINADAS. A revolução foi baixando de nivel até chegar ao quilombo e ao candomblé. Veremos o mêsmo processo ser seguido na balaiada maranhense anos depois, tão identico na sua marcha que não é licito duvidar sêrem ambas filhas de um só pai... A mão oculta que guiou uma fatalmente guiou a outra.

Em 1836, chegou á Tatuoca uma expedição mandada de Pernambuco e entrou no porto de Belem uma

(60) Op. cit., t. IV, pg. 212.
(61) Op. cit., t. IV, pgs. 285 e segs.

esquadrilha inglêsa a reclamar contra desacatos cometidos no navio britanico "Clio". Angelim ofereceu um almoço á oficialidade e deu as desculpas exigidas. Com a expedição, chegaram dois homens energicos: o general Soares de Andréa e o comandante Mariath. As tropas legais acamparam na ilha de Arapiranga. Os rebeldes sentiram que desta vez não poderiam resistir com vantagem e abandonaram Belem. Antes de sair, Angelim entregou noventa e cinco contos pertencentes á fazenda pública (62). No dia 13 de maio, os legalistas ocuparam a capital deserta e triste. Mas as atribulações dos paraenses não estavam findas. Em julho, bandos de cabanos atacaram tres vezes a vila de Cametá, de 28 a 31, seguidamente, sendo repelidos pelo heroismo do juiz de paz Prudencio das Mercês Tavares (63). Em agosto, a vila de Oeiras foi tomada, retomada e tornada a tomar pelos insurrétos e pelos imperiais (64). Somente a 30 dêsse mês Gregorio Nazianzeno e João Inácio conseguiram expulsar os facciosos que se tinham apossado de Manáus a 6 de março de 1835.

Até 1837, ainda continuaram reides e correrias de cabanos no Pará, sendo os derradeiros bandos batidos a 12 de julho do referido ano, no campo entrincheirado de Icuipiranga, pelo padre Sanches de Brito (65). Na comarca do Rio Negro, embora diminuida, a cabana-

---

(62) Op. cit., t. IV, pg. 339.
(63) Rio Branco, op. cit., pgs. 363, 365 e 371.
(64) Op. cit., pg. 373.
(65) Op. cit., pg. 343.

gem só foi definitivamente extinta, quando os últimos lutadores depuseram as armas, em principios de... 1840 (66). Ás barbaridades que os cabanos cometiam, os legalistas respondiam com outras, falando-se de expedicionarios que ostentavam rosarios de orelhas cortadas aos plebeus rebelados!

A 20 de setembro de 1836, Angelim e seus irmãos fôram presos na lagôa do Porto Real, nas cabeceiras do rio Capim, pelo capitão Joaquim Francisco de Melo (67). As medidas de Andréa eram drásticas. Proclamou a lei marcial e não deu mais quartel aos revoltosos, que descambavam para o republicanismo e o socialismo, combatendo o Imperio, como diz Calogeras. Os que inspiravam ocultamente o movimento tinham sabido diabolicamente conduzí-lo a êsse ponto. Lembremos a profética Pastoral do bispo D. Romualdo, mostrando ser o fim verdadeiro do maçonismo o comunismo.

Vinagre apresentou-se de motu proprio á prisão. Com Angelim e os irmãos dêste, foi levado para o Rio de Janeiro, onde teve residencia obrigatoria. Angelim tambem foi condenado a residir dez anos na Côrte; seu irmão Geraldo o Gavião, a sete, em Pernambuco; o outro irmão, a cinco, na mêsma provincia. Em 1841, Angelim perturbou uma sessão da Cámara, dando vivas a Antonio Carlos e foi mandado para Fernando de Noronha. Voltou ao Pará em 1851 e faleceu em 1878, na obscuridade. O general Andréa e o comandante Ma-

(66) Op. cit., pg. 14.
(67) Op. cit., pg. 497.

riath levaram a cabo a pacificação do Grão-Pará. Mais tarde, ambos libertariam Santa Catharina dos farrapos. Não se sabe que fim levou o judeu Rhossard. Mergulhou na treva de onde viera...

Ao terminar a história fartamente documentada de tão tormentoso periodo, diz Domingos Raiol: "A imprensa apaixonada e mal dirigida teve grande parte nas calamidades do povo (68)." Sem dúvida. O velho historiador, porem, como crente que se mostra nos ideais de fachada da maçonaria, esqueceu a ação deleteria das sociedades secretas na intrigalhada e na decomposição politica que propositalmente geraram a desordem, da qual brotou a flôr de sangue da anarquia cabana. Do mêsmo modo como hoje a policia descobre células comunistas, dirigidas por homens e mulheres do povo, sem achar seus inspiradores e sustentadores ocultos, êle e outros viram o panorama das correrias e atentados, sem suspeitar seus verdadeiros autores, os escondidos, os embuçados, os mascarados.

"A conquista judaica — ensina Drumont — difere somente das outras no seguinte: é que, ao invés de proceder abertamente, se exerce pela entrega a Israel de todas as molas do governo, quer por meio de judeus, quer por meio de maçons, quer por meio de funcionarios e magistrados comprados a dinheiro (69)." Podemos

---

(68) Domingos Raiol, op. cit., t. IV, pg. 63.

(69) Edouard Drumont, "La France Juive devant l'opinion", pg. 108.

acrescentar em sã consciência: quer por meio da anarquia da sociedade, levada a efeito por individuos habilmente transformados em verdadeiros instrumentos inconscientes do Poder Oculto que desarticula o mundo cristão. A obra de desarticulação tem como principal factor a imprensa mercantilizada, abastardada, mentirosa, pérfida, judaizada.

Raiol viu isso demasiado bem para seu tempo, em que ninguem conhecia, como hoje se conhece, o plano maldito do judaismo.

CAPITULO IX

A MAÇONARIA NEGRA

Na sangrenta anarquia tumultuaria da Regencia, resultado fatal do traiçoeiro golpe maçónico de 7 de abril, que destruiu o prestigio da autoridade imperial, as forças secretas tudo tentaram para anemiar e retalhar o Brasil. Fomentaram jaquerías, fanatismos sertanejos, revoluções carbonarias e bucheiras, sublevações de indios e de negros, mêsmo a guerra santa dos muçulmanos contra os cristãos.

Parece incrivel!

E havia muçulmanos no Brasil?

Havia, sim, se é que ainda não existem.

Eram os escravos importados dos reinos e imperios maometanos da Africa para o Rio de Janeiro, Pernambuco e, em maior quantidade, para a Baía. *Musulmis,* diziam-se. Os negros fetichistas chamavam-lhes *Malês,* nome de etimologia duvidosa. Para o vulgo, corruptéla de *má-lei,* sectarios dum credo perverso, duma lei má. Para uns, do quelimano *Malê,* pedagogo, mestre, porque ensinavam a religião de Mafoma, fazendo proselitismo no seio da escravaria. Para outros, de *Melle, Mellé, Mali,* abreviações corrompidas de *Mali-nké,* a gente de *Mali,* imperio afro-muçulmano do Niger. A designação

abarcava os negros Haussás, Nagôs ou Iorubas, Tapas, Gêges, Grunas, Bornos, Cabindas, Barbas, Minas, Calabares, Jobús, Mondubis ou Mendobis e Benins (1).

Seu maometismo não era puro e sim uma das setenta e tres seitas nascidas do Islam. Criam num Deus Unico, *que não fôra gerado e não gerára*, numa hierarquia de anjos, na existencia do diabo, *Satanadjah*, e mesclavam em suas práticas e liturgias, abusões e mandingas (2).

Seus levantes, em diversas épocas, — afirma o douto Nina Rodrigues — ficaram "até hoje incompreendidos". Eram negros policiados e aguerridos, muitos sabiam lêr e escrever a sua lingua nativa ou o árabe e tinham mestres que lhes davam lições, apostolavam o credo islamico entre os outros pretos e organizavam insurreições (3). Possuiam até o seu clero: limanos ou imans, alumás ou marabús, a quem obedeciam e consultavam em tudo e por tudo.

Tentaram várias rebeldias antes do grande golpe que desferiram, ajudados da sombra pelas forças que procuravam desagregar a Nação, de 24 para 25 de janeiro de 1835. As primeiras revoltas fôram as dos negros Haussás. Em 1807 e 1809, segundo cartas do 6.° conde da Ponte, governador da Baía, que as debelou,

---

(1) Padre Etienne Ignace Brasil, "Os Malês" "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", t. LXXII, pgs. 73-74; Nina Rodrigues, "Os africanos no Brasil", Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1932, pg. 104.

(2) Padre Etienne Ignace Brasil, op. cit., pgs. 75-79.

(3) Nina Rodrigues, op. cit., pg. 66.

a Sua Majestade o Rei de Portugal e a D. Fernando José de Portugal, respectivamente. Depois, as de 1813, sufocadas pelo conde dos Arcos, e a de 1816. Em seguida, vieram as dos Nagôs ou Iorubas, que se reuniam nas chamadas *Casas do Candomblé,* em 1826, 1827 e 1828, esmagadas com mão de ferro pelas autoridades. Em 1830, houve uma insurreição parcial, abortada por denuncia (4). Afinal, a *guerra santa* de 1835, que só foi vencida graças á revelação em cima das buchas das libertas nagôs Sabina e Guilhermina.

No Rio Grande do Sul, aproveitando os fermentos da politica local, os maçons e carbonarios haviam acendido a fogueira duma guerra civil que duraria dez longos anos. O governo da Regencia diminuía as guarnições militares das provincias, ora tirando tropas para atender á rebelião farroupilha, ora reduzindo os efetivos por medidas de economia e ora dissolvendo corpos que lhe não mereciam confiança. Dias antes de rebentar o movimento dos pretos baianos, saíra da cidade do Salvador uma expedição para o Sul. As tropas que ficaram eram pouco numerosas e armadas com péssimas espingardas, o refugo dos depósitos (5). Momento asado para um golpe de surpresa, desferido com habilidade. Nêsse malaventurado tempo, as "revoltas eram a triste arma usada por uma infame politica, e de costume era provocar desordens e matanças e depois dizer

---

(4) Caldas Brito, "Levantes de pretos na Baía" "in" "Jornal do Comercio", de 15 de maio de 1903.

(5) Etienne Brasil, op. cit., pg. 89.

sêrem elas obra do governo (6)." Tática das sociedades secretas, do comunismo, do judaismo, de ha muito observadas e conhecidas. O historiador que a revela nas palavras acima sentiu perfeitamente que mais alguem havia por trás dos negros muçulmanos. Veremos quem, no decurso dêste capitulo, o que nos ajudará a compreender o que Nina Rodrigues declara até hoje incompreendido.

Os documentos oficiais coévos claramente nos mostram a rebeldia com um caráter, alem de politico-social, religioso: uma verdadeira *guerra santa*, visando a chacina de todos os brancos e a redução dos mulatos ao papel de lacaios e escravos dos vencedores (7). Demais, a conspiração tinha ramificações em várias provincias. As dificuldades de articulação, certamente, não permitiram os golpes esperados de modo simultáneo. Alguns, porem, se produziram, como, por exemplo, na cidade de Campos (8). Contavam com a adesão dos negros fetichistas, de outras raças, sequiosos de liberdade e vingança, como era natural em pobres escravos. A conversão de toda essa pretalhada ao catolicismo era superficial. Ainda agora, seus descendentes misturam á religião as mais absurdas crendices da feitiçaria. Depois do morticinio, seria proclamada uma Rainha, princêsa negra reduzida á escravidão e trazida pelos traficantes de carne humana para o Brasil (9).

---

(6) Op. cit., pg. 90.

(7) Relatorio do chefe de polica, dr. Francisco Gonçalves Martins, futuro barão de São Lourenço, de 29 de janeiro de 1835.

(8) Op. cit., pg. 91.

(9) Documento do Arquivo Público da Baía sob a referencia B. 13.

As reuniões conspiratórias tinham como pretexto dansas e festas. Outras se faziam nos adros desertos das igrejas isoladas, na escuridão das noites sem lua. Do processo, que existe no Arquivo Público da Baía, consta que haviam adotado um traje de guerra — camisola branca e faixa vermelha — e uma bandeira. Que bandeira? O estandarte verde do Profeta de Allah? Os documentos são mudos a respeito. Entre os papeis apreendidos pela policia, escritos em geral em caractéres árabes, recados, comunicações, rezas, patuás, suratas do Corão, existe um plano grosseiro para a execução do levante, aproveitando-se os festejos de Nossa Senhora da Guia, na noite de 24 para 25 de janeiro, no Bomfim (10). Ali se aglomeraria a população. Marchando de diversos pontos sobre a cidade descuidosa e meia deserta, os Malês se apoderariam do forte de São Pedro e do quartel da Mouraria. Armar-se-iam melhor e espalhariam o terror, *entocando a burguesia*, como se diz na gíria comunista contemporânea.

Por que até quasi o momento de explodir a perigosa revolta de que milhares de homens iam participar se conservou o segredo, que, á última hora, as libertas, por terem sido ameaçadas de morte após a vitória, levaram ao conhecimento das autoridades?

Porque os negros muçulmanos conservavam das lutas e conquistas dos reinos e imperios africanos a tradição das *djemaas*, associações religiosas e militares fechadas, nas quais se preparavam sigilosamente para

(10) Etienne Brasil, op. cit., pg. 96.

as *guerras santas*. Porque, alem disso, quasi todos, senão todos, pertenciam a uma sociedade secreta, decerto introduzida por elementos semitas nas civilizações incipientes do Niger e do Senegal, denominada OBGONI ou OHOGBO, "verdadeira instituição maçónica, assegura Nina Rodrigues, que governava os povos iorubanos, com ação muito superior mêsmo á vontade dos régulos. E em todos os átos desta associação dominava o mais absoluto sigilo (11)." Um Estado Oculto nos Estados aparentes dos sóbas. A MAÇONARIA NEGRA vinha juntar-se na obra de desagregação e enfraquecimento do Imperio á maçonaria judaica internacional.

Vejamos agora como ambas poderiam estar *secretamente* ligadas. Os conluios eram dirigidos por libertos, que forneciam dinheiró para as armas e o mais: "os fios das conjuras prendiam-se a mãos livres", escreve Pedro Calmon (12). O padre Etienne Ignace Brasil reconhece a participação de homens fôrros e abastados, na conspiração, de acôrdo com os documentos do processo, que estudou. "O plano — diz êle — fôra maquinado com suma pericia.(13)." E o relatorio do chefe de policia, barão de São Lourenço, nos traz precioso esclarecimento: *grande quantidade* dos insurgentes, *os melhores armados*, eram escravos de *inglêses*. A auto-

---

(11) Op. cit., pg. 73. Chamamos a atenção para o documento constante do capitulo "O Reino Encantado do Diabo", nêste volume, sobre sociedades secretas negras da Liberia. A comparar.

(12) "Malês — a insurreição das senzalas", ed. Pro-Luce, Rio de Janeiro, 1933, pgs. 148-149.

(13) Op. cit., pg. 113.

ridade ingenuamente atribúe isso á menor coação em que viviam os escravos de estrangeiros.

Não podemos ser tão ingénuos como o chefe de policia baiano do ano da Graça de 1835. A Baía, cidade negreira por excelencia, estava cheia de judeus que exploravam o tráfico de negros, como hoje exploram o tráfico de brancas, em sua grande maioria súditos inglêses. Um dêles deixou o rabo de fóra na Sabinada, em documento impresso por êle proprio e insofismavel, que encontraremos no capitulo respectivo, o *cidadão britanico* Isaac Amzalak... Logo êsses escravos é que estavam melhor armados! Dá para desconfiar... Demais, a Baía era um terrivel fóco maçónico dêsde os tempos coloniais. Os maçons ali libertaram o aventureiro *inglês* Lindsay. Ali andára o misterioso *inglês côxo* da falhada conjura maçónica dos Alfaiates. Ali, em 1837, a maçonaria daria fuga do forte do Mar a Bento Gonçalves, o presidente da república carbonaria-farroupilha do Rio Grande do Sul...

O citado relatorio ainda se refere á grande matúla de Malês reunida na casa dum ricaço, cujo nome parece que a Religião do Segredo fez o chefe de policia calar. Não é de admirar, quando se sabe de fonte limpa que politicos, administradores e estadistas da época, na quasi totalidade, pertenciam á maçonaria, como os maiorais da República, na mêsma proporção, pertencem á Bucha, fundada em São Paulo no crepúsculo triste do Primeiro Reinado pelo *divino* ou Minerval Iluminado Julio Frank.

Os libertos, mãos livres a que alude Pedro Calmon, eram necessariamente os elementos de ligação entre a pretalhada muçulmana e os altos inspiradores do movimento subversivo, aos quais convinha essa *guerra santa*, que, só foi vencida com certa rapidez e energia, graças á prevenção a tempo ainda dos responsaveis pela ordem pública. Entretanto, aniquilou o comercio baiano, reconhece uma das testemunhas do acontecimento (14). Naturalmente *certo comercio estrangeiro* ganhou com isso, anulando a concurrencia nacional.

Na tarde de 24 de janeiro de 1835, corria pela cidade um zum-zum de que se preparava qualquer cousa. A atmosfera estava carregada, como vulgarmente se diz. Ás dez horas da noite, o juiz de paz a quem as libertas haviam revelado a conjura, trouxe a denuncia a Francisco de Souza Martins, presidente da provincia. Êste oficiou imediatamente ao chefe de policia para reforçar as patrulhas e prender os individuos suspeitos. Oficiou, depois, aos juizes de paz, prevenindo-os e determinando providencias rápidas. Ás onze horas, o chefe de policia mandou guardar o palacio do governo e o largo do Teatro. Pôs de prontidão a cavalaria e, com um piquete, foi ao Bomfim, onde se realizava a festa de Nossa Senhora da Guia.

Os negros agitavam-se já áquela hora na Vitória, na Baixa dos Sapateiros, na ladeira do Carmo, no Pilar e no Taboão. Uma busca de negros fugidos deu por

---

(14) Carta da Baía publicada no "Jornal do Comercio", de 10 de janeiro de 1835.

acaso com um ajuntamento de Malês, no Guadelupe. Os negros se alvoroçaram, pensando que estavam descobertos, e resistiram. Houve tiros. Espalhou-se certo alarma entre os insurgentes, que cometeram o erro de esperar a calma da madrugada para se lançarem ao assalto dos pontos visados em seu plano. Os minutos eram preciosos. O governo ganhou tempo para se precaver (15).

Ao madrugar, atiraram-se á luta com o maior denôdo. Suas colunas convergiram para o centro da cidade, deslisando pela escuridão no mais completo silencio. Vinham armados, na maioria, de chuços, espadas, parnaíbas, facalhões e pistolas. Os escravos dos *inglêses* traziam todos bôas armas de fogo! Iam matando quem encontravam. Um grupo atacou o palacio, assassinando a sentinela. A guarda fechou o portão e meteu-lhe bala. Recuou ante o inesperado revide e lançou-se sem resultado contra o quartel dos Permanentes, em São Bento. Outro devia assaltar o forte de São Pedro. Julgando-se fraco, resolveu esperar o terceiro bando, que marchava da Vitória e estava tardando. Erro grave. O forte estava de sobreaviso e abriu fogo, repelindo-os. Correram tontos a ver se, ao menos, tomavam o quartel da Mouraria, onde só estavam doze soldados. Êstes tinham cerrado os pesados portões e resistiram. Então, desceram, saqueando, depredando e chacinando as pessôas indefesas, para a Barroquinha.

---

(15) Etienne Brasil, op. cit., pg. 99 e "passim".

dos sequazes de Moscovo, contando ora com o silencio, ora com a propaganda meio disfarçada ou mêsmo clara dos jornais, compreendemos perfeitamente como as cousas se deveriam ter passado naquelas priscas éras.

Pobre Brasil! O sangue de teus filhos, brancos ou de côr, cabanos e balaios, pintistas e sebastianistas, malês e nagôs, farrapos e sabinos, quando cessará de correr estupidamente, inutilmente, esterilmente, em holocausto ás maçonarias brancas — iluminadas, adonhiramitas, escossêsas, buchas, carbonarias e paládicas; em holocausto ás maçonarias negras — *ohogbos, obgonis, casas do candomblé* e até macumbas, postas hoje em moda pelos judeus que zombam dos imbecis que sugestionam; quando cessará de correr na luta fratricida dos partidos politicos e dos grupos economicos, para que todos, unidos numa consciência cristã, edifiquem, sob esta ou aquela fórma de governo forte e estavel, o grande Imperio pela sua força moral, espiritual e material, cuja formação as forças secretas até hoje têem combatido, usando para isso da inconsciência de muitos brasileiros, da ignorancia da maioria, das paixões e da corrupção de alguns? Essa obra grandiosa somente póde resultar do ritmo harmonioso da marcha de novas gerações, esclarecidas sobre o problema de seu destino. E' por isso que, desafiando as iras das maçonarias negras e brancas, nós nos pusemos ao serviço dessa causa nacionalista e cristã, abrindo os olhos que estavam fechados e até os olhos que não queriam vêr...

Em Agua de Meninos, o chefe de policia carregou-os com as forças que reunira, quinhentos infantes e o esquadrão de cavalaria. O combate foi renhido. Os Malês defendiam-se heroicamente, vendendo caro a vida. Mas a tropa os impeliu a bala, baioneta, espada e pata de cavalo para a beira-mar. De súbito, á sua retaguarda, tiros partidos da praia. Um escaler da fragata "Baiana" desembarcava ali um pelotão de imperiais marinheiros. Introduziu-se a desmoralização nas hostes muçulmanas. Uns galgam as ladeiras, outros se açoutam nas vielas e nos matos próximos, grande número se afoga, querendo fugir a nado (16).

Logo de inicio, os infelizes pretos que haviam sonhado um reino maometano no Brasil, açulados por via indiréta pelo Poder Oculto através de seus prepostos e de suas organizações secretas, fôram fuzilados, chibateados, arrastados ás galés ou deportados para a Africa. Quando se tratou de apurar mais fundamente as responsabilidades, as forças desconhecidas intervieram com suas mãos de veludo que não deixam rasto. A imprensa silenciou. O processo arrastou-se manhosamente até 1844 (17). Quasi dez anos! E tudo ficou por isso mêsmo...

Nós, que estamos presenciando nos dias que correm o lento e dilatado processo dos comunistas matadores de 1935, os quais desrespeitam o tribunal em obediencia ás ordens do Komintern e fazem ostensivamente o gesto

---

(16) Op. cit., pgs. 100 e segs.
(17) Op. cit., pg. 111.

Capitulo X

A MÃO OCULTA

Na vastidão dos pampas da antiga Vacaria, que constituiram a provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul, nascêra uma raça de centauros, cujo "patriotismo se creára e acrisolára nas lutas contra as missões guaranis e contra a ousadia dos invasores castelhanos de Vertiz e de Zeballos. No seio das matas e serras do norte ou dos vastos pampas do sul, varridos de minuanos, ensopados de sol ou de luar, o homem, a pé e a cavalo, de espingarda ou de lança, acostumára-se a esperar o inimigo espanhol. Largava o machado de lenhador, a enxada de roceiro ou o ferro ainda quente de marcar o gado para correr ás armas e repelir o vizinho que disputava á expansão brasileira o caminho forçado até seus limites naturais" (1). "As povoações da fronteira — diz um historiador local — eram simples guarnições militares, que as contínuas incursões espanholas mantinham vigilantes e alertas. Tinham mais o aspéto de acampamentos que, propriamente, de centros de população civil (2)."

---

(1) Gustavo Barroso, "Osorio — o centauro dos pampas", ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1933, pgs. 7-8.

(2) H. Canabarro Reichardt, "Bento Gonçalves", Livraria do Globo, Porto Alegre, 1932, pg. 22.

As fôrças secretas, aproveitando a oportunidade magnifica que a Regencia oferecia para o esfacelamento do Brasil, lançaram suas vistas para essa gente brava, desprendida, honesta, idealista, fácil de enganar, afim de fomentar um movimento que trouxesse nos seus torvelinhos as sementes da república, capazes de brotar em arbustos de separação, produzindo flôres de anarquia. A posição geografica da região, *marca* ou *frontaría* meridional do Imperio, como diriam os classicos, ajudava a êsse desideratum. Atacado fortemente o extremo Norte pela revolta cabana, assoprada do fundo das lojas da maçonaria e do iluminismo, era o plano atacar o extremo Sul ao influxo das sugestões e da ação da maçonaria e do carbonarismo.

Se fôssemos nós que afirmassemos isto, era licito duvidar; mas é a propria maçonaria quem o afirma mais de uma vez e categoricamente, em documento público. A 19 de abril de 1936, na *Seção Livre* do "Correio do Povo" de Porto Alegre, o Oriente desta cidade fez estampar a seguinte proclamação, na qual grifamos os pontos mais importantes:

"AD UNIVERSI TERRARUM ORBIS SUMMI ARCHITECTI GLORIAM! Ao Governo, ao Povo, aos Maçons de todo o Brasil e a quem mais a presente vier a conhecer. Nós, representantes legitimos de todos os Maçons Antigos, Livres e Aceitos regulares, residentes no Oriente de Porto Alegre, sob as inspirações do mais intenso júbilo, aqui reafirmamos a mais soberana fé que todos depositamos no destino glorioso de nossa *Raça* (?!).

E, na celebração do primeiro centenario de *um dos tres maiores feitos maçónicos do Brasil* (1822, 1835-45, 1889), queremos abraçar fraternalmente a todos os nossos irmãos de *raça* (?!), na firme compenetração de todos os deveres civicos e humanos, subscrevendo na presente os propósitos que animam aos Maçons de todo o globo terráqueo — de lutar sem esmorecimento em favor da Paz, da Ordem e da Prosperidade da Pátria, para que ela seja forte, grande, feliz e amiga das outras Pátrias, concorrendo aureamente para o bem estar geral da Familia Humana.

Quer do ponto de vista ideologico e quer na feição prática, já não póde caber a minima dúvida sobre o fáto de haver sido a Grande Revolução um movimento visceralmente maçónico, DE JURE ET DE FACTO.

E, nesta hora em que tudo é esplendente vibração na alma do Rio Grande do Sul, entendemos devido e necessario concitar os Maçons e os profanos brasileiros a que tenham fé nos propósitos ordeiros, progressistas e fraternos de todos os Maçons regulares riograndenses — os defensores dos mêsmos ideais pacificos e fraternais de Bento Gonçalves, Onofre Pires, Garibaldi, Padre Caldas, Padre Santa Barbara e de tantos outros, que fizeram realidade o sonho farroupilha, *já anterior a* 1835 (?!).

AS INSIGNIAS DO ESTADO, *as proclamações da época, tudo quanto existe de autentico sobre a Grande Revolução serve para atestar a estruturação* GENUINAMENTE MAÇONICA *do movimento.*

E, por tudo isso, o regosijo dos Maçons Antigos, Livres e Aceitos do Oriente de Porto Alegre, no instante em que todo o Brasil, pelo Poder Público, pelo Povo e por todas as expressões de sua cultura e de sua vida, está sagrando o *feito heroico dos nossos Irmãos Maçons do decênio glorioso,* daquêles que souberam render, durante dez anos, um *culto de sangue* (?!) á Liberdade, á Justiça e á Moral.

Reafirmamos, nesta hora de esplendentes comemorações, a inquebrantavel fé que tributamos á liberal-democracia — *filha primogénita da Grande Revolução Francêsa de* 1789 *e, consequentemente, da* BENEMERITA, HUMANA, GLORIOSA E REAL ARTE DA FRANCO-MAÇONARIA, conforme seria mêsmo fácil constatar no proprio livro "As forças secretas da Revolução", de Léon de Poncins.

E, ao fazermos tão solene proclamação, concitamos todos os patricios e todos os Irmãos ao cumprimento estrito dos deveres assumidos para com a Pátria e a Humanidade, constituindo-se defensores da Paz e do Progresso, para perfeita e produtiva colaboração de quantos se dedicam á glorificação da *Raça* (?!) e á felicidade da Pátria.

Deus dê ao Rio Grande do Sul, nesta hora que nos é sagrada, tudo quanto póde e deve aspirar uma terra que encerra as mais altas virtudes no coração de seu povo!... Deus dê ao povo gaúcho a nítida compreensão de seus deveres pelo bem comum da Pátria! Deus

dê a todos nós o poder de nos elevarmos acima de todas as questiunculas partidarias, pessoais ou escolasticas, permitindo-se, assim, um congraçamento real e total dos filhos do Pampa, economica, politica e socialmente, para juntos podermos tributar a devida reverencia aos *Maiores* (?!) e cumprirmos nosso dever de gaúchos, AD MAJOREM DEI GLORIAM.

As duas colunas maçónicas, Jakin e Booz, Boaz ou Bohaz, segundo a fig. 4 do t. VI da obra "Biblioteca Maçónica ou Instrução Completa do Franco-Maçon", dedicada aos Orientes Lusitano e Brasileiro por um Cavalheiro Rosa-Cruz, Aillaud, Guillard & Cia., Paris, 1864. Compare-se o simbolo com o brazão do Rio Grande do Sul. A maçonaria tem toda a razão, quando afirma oficialmente que são maçónicas as insignias do Estado. E nós, apoiados na documentação insofismavel que apresentamos, temos toda a razão em dizer que o glorioso e heroico povo gaúcho deve substituir êsse escudo, que não é dêle, mas duma sociedade secreta, por um seu, que simbolize seu nobre e tradicional papel de guarda vigilante e muitas vezes sacrificado das fronteiras meridionais do Brasil.

Que, assim, o Grande Arquitéto do Universo nos ajude, pelo bem geral da brasilidade!...

Oriente de Porto Alegre, aos 24 dias do mês de setembro de 1935 da Era Cristã, Centenario da Revolução Farroupilha e Oitavo da fundação de nossa Grande Loja Simbólica. *Conde Cagliostro,* Mestre Maçon; *Aulon,* Mestre Maçon; *Sócrates,* Mestre Maçon; *Wilson,* Mestre Maçon."

Como se vê, em 1936, reproduzia-se essa proclamação de 1935. O jornal referido a publicou com todos

os carimbos e sêlos da Grande Loja, afim de autenticá-la, porque está firmada por pseudónimos. A maçonaria até hoje não desmentiu êsse papel. Devemos aceitá-lo como prova. Por êle se verifica que os feitos do povo gaúcho são feitos dos Irmãos Maçons e que as grandes datas de nossa história são simplesmente datas maçónicas. Se a maçonaria fala a verdade, é tempo de nos libertarmos dêsse Estado secreto que tudo manobra dentro do país, segundo confessa, o que póde ser muito agradavel para os Maçons Aceitos ou não Aceitos, porém muito desagradavel para os *profanos*, que são a maioria. Se a maçonaria mente e se pavonêa com glorias alheias, então acabemos com essa tropilha ridicula que está lançando o desprestigio sobre os fátos da história nacional, fazendo-os todos passarem como forjados no seu cadinho secreto. Os documentos e a lógica infelizmente demonstram que a ação maçónica é verdadeira.

De braço dado com a maçonaria se encontram por toda a parte outras sociedades secretas, trabalhando em prol da RAÇA, eufemismo com que os anónimos autores do manifesto retro escondem seu preito de vassalagem vil, abjéta e infame á Raça Judaica, ao povo maldito de Israel. Em São Paulo, a Burschenchaft age de concerto com as lojas; no Pará, é o iluminismo; no Rio Grande do Sul, o carbonarismo, em cujos sete primeiros gráus muito se fala no cristianismo para embair os papalvos; mas em cujos tres últimos se declara guerra a toda religião e sociedade. No gráu de Mestre, o ritual

carbonario acusa Nosso Senhor Jesus Cristo por ter atentado contra a igualdade original dos homens, dizendo-se Filho de Deus. No sétimo gráu, o carbonario jura guerrear toda religião e todo governo positivo (3).

O carbonarismo nasceu e se desenvolveu no reino de Napoles, onde tomou grande impulso quando da ocupação austriaca com a queda de Murat. Ligou-se á maçonaria através da loja francêsa *Amis de la Verité*, no dia 1.º de maio de 1821. Chamamos a atenção para essa data simbólica, sempre escolhida pelas forças secretas e pelo judaismo por ser uma data pagã, anticristã por excelencia. E' a data da chegada a Paris, com a mensagem comunista, como demonstra Salluste, do judeu Caim Buckeburg, que se convertera e tomára o nome de Henri Heine, e que, segundo o testemunho de J. Santo em "Les méfaits d'Israel", "adotára a armadura e a bandeira do inimigo para poder ferí-lo com mais segurança".

A ligação da carbonária á maçonaria foi resolvida, conta João de Witt, o grande unificador das sociedades secretas, numa reunião de onze chefes carbonarios em Cápua (4). Dali partiram para a França, munidos de credenciais para agir em nome da Alta-Venda Carbonária o duque de Garatula, siciliano, e Carlo Chiricone Klerckon, filho do duque de Framarino, napolitano. Os francêses dessa época conheciam os carbonarios como

(3) D. José M. Caro, "Misterio!", pg. 69. V. a nota 3 do cap. I.

(4) João de Witt, "Mémoires des societés sécrètes", pgs. 6-11.

Adelfos e *Filadelfos*, achando seus primeiros gráus demasiadamente cheios de cristianismo, o que os outros explicavam pela necessidade de usar dessa isca numa terra profundamente católica como a Italia. Ainda de acôrdo com a insuspeitissima opinião de João de Witt: "O pensamento dominante da associação nada tinha de preciso, mas os *consideranda* se resumiram a decretar a *soberania nacional* sem a definir... Porém, quanto mais vaga fôsse a fórmula, melhor servia á diversidade dos ressentimentos e dos odios. Ia-se, pois, conspirar em vasta escala e isso sem idéa de futuro, sem estudos preparatórios, ao sabor de todas as paixões e caprichos." Uma beleza!... O famoso Lafayette, maçon de quatro costados, foi um dos primeiros a se fazer carbonario, quando se realizou a união da Alta-Venda com o Grande-Oriente, que a Venda oficialmente denominava o Alto Firmamento.

Alexandre Dumas conta que o carbonarismo se espalhára na Italia em 1820, sobretudo nos Estados da Igreja, unindo-se aos restos da antiga seita ou partido dos Guelfos e aos elementos bonapartistas. A GRANDE LUZ dessas sociedades era Luciano Bonaparte, irmão do Imperador, o qual combatia violentamente o clero e preparava os espiritos para a república. No reino das Duas Sicilias, chegou a haver seiscentos e quarenta e dois mil carbonarios (5)! La Farina, apavorado, computava-os em mais de oitocentos mil (6)!

---

(5) Alexandre Dumas, "Mémoires de Garibaldi".
(6) "Storia d'Italia".

A carbonária, embora sob fórmas diferentes, tem as mêsmas doutrinas do rito maçónico de Misraim. Sái diretamente da chamada cábala egípcia. "Devendo o carbonarismo operar sobretudo na Italia, terra toda impregnada de catolicismo, precisava até certo ponto tomar emprestados as suas crenças, mistérios e linguagem, palavras e usos proprios, para enganar os povos, destruindo com mais segurança toda a fé nos seus adeptos e conduzindo-os pelo mais obscuro fanatismo ao último limiar do panteismo e da anarquia moral (7)." Seus membros não se tratam por *irmãos,* mas por *bons primos.* Na sua impiedade, Jesus é o primeiro dos *bons primos.* Nada mais. Nos dois primeiros gráus, falam muito da Santissima Trindade, da Santa Virgem, de São José e dos Apóstolos, empregando termos como "batismo", "pecado original e mortal", referindo-se sempre á Fé, á Esperança e á Caridade, chegando a recitar Padres-Nossos e Ave-Marias, e afirmando que o fundador da Ordem foi São Teobaldo (8).

Assim, a maçonaria carbonária designa seu fundador, Teobaldo, a que alude Larmening de Alexandria, o restaurador da Ordem dos Templarios depois de esmagada pelo Rei Filipe o Belo e abolida pelo Papa Clemente, tendo sido o primeiro Grão Mestre em seguida a Jacques Molay (9).

---

(7) N. Deschamps, "Les societés sécrétes", Avignon-Paris, 1881, t. I, pg. 99.

(8) Op. cit., loc. cit.

(9) Clavel, "Histoire pittoresque", pg. 215.

Todos os nomes a que aludimos são invocados sem o menor respeito pela verdadeira fé. Pouco a pouco, conforme se vão elevando os gráus, as impiedades se tornam tambem mais visiveis e grosseiras até se chegar, ritualmente, aos Deus-Fogo, ao Panteismo, *a todos os misterios da santa religião carbonária.* O último gráu é a proclamação do iniciado como FILHO DE DEUS E REI, isto é, a última palavra do Iluminismo, do Martinismo e do Panteismo. Tal rito destrói a base do cristianismo, pois, se todos nós somos deuses e reis, Jesus Cristo não poderia ser mais do que somos. A divindade e a realeza do iniciado completam-se na liturgia da vingança contra os tiranos. A constituição carbonária preceitúa textualmente o seguinte: "Um concilio de todos os bispos reeleitos ou confirmados pelo povo restabelecerá a religião cristã na sua pureza primitiva (10)." Essa reconstituição dêsse pseudo cristianismo antigo e puro equivale á destruição da verdadeira Igreja. Tanto que, segundo o testemunho irrefutavel do grande carbonário João de Witt, alem dos gráus de todos conhecidos, havia um *inteiramente desconhecido,* análogo ao HOMO REX dos iluminados, no qual se revelava que o fim supremo da Ordem era, em verdade, a destruição de toda religião (11).

---

(10) Saint-Edme, "Constitutions et organisation des carbonari ou documents exacts sur tout ce qui concerne l'existence, l'origine et le but de cette societé sécrète", Paris, 1821, pg. 51 e "passim".

(11) "Fragments extraits de l'histoire de ma vie et de mon époque", pgs. 21-22; "Mémoires sécrétes relatifs á l'état de la révolution du Piémont, de l'esprit qui régne en Italie et de ses societés sécrétes", Boulland et Canel, Paris, 1831, 1.ª p., pg. 21.

Esta seria a seita maçónica escolhida para atuar na primeira linha no Rio Grande do Sul, através dum enviado culto e inteligente, o conde Tito Livio Zambeccari, através dum condotiero de poucas letras e grande bravura, *pianto uomo* viçosa, Giuseppe Garibaldi, e através de outros, como veremos com tempo e vagar. Na opinião de Pietro Borelli, Garibaldi era uma *nulidade intelectual* (12). Revolucionario indisciplinado e talvez um tanto inconsciente do que fazia. Mais força instintiva do que reflexão. Por isso, Cavour servia-se dêle (13). Pela carbonária, estava ligado a Mazzini, que fundára em Marselha, no ano de 1831, a famosa sociedade Joven Italia, que se refugiára em Londres, onde, á sombra da proteção das lojas e do Kahal, nada mais fizera do que organizar conjuras entre 1833 e 1834. Naturalmente, Garibaldi devia ter alto posto nas Vendas carbonárias, porque fôra elevado a Grão-Mestre Geral do Rito de Menfis e de Misraim, do qual elas emanavam (14). O maçon arrependido Domenico Margiotta, que foi uma das figuras primaciais da Ordem, afirma que Garibaldi não passava de um instrumento da politica judaica da Inglaterra, então dirigida por lord Palmerston (15). "Na história — acrescenta — sabe-se o que se vê no teatro, ignora-se o que se passa

(12) "Deutsche Rundschau", n.º de outubro de 1882.

(13) Domenico Margiotta, "Adriano Lemmi, chef suprême des francs-maçons", Delhomme et Breguet, Paris-Lyon, 1894, pg. 42.

(14) Op. cit., pg. 38.

(15) Op. cit., pg. 59.

nos bastidores (16)." Lord Palmerston era amigo intimo do tirano Rosas, visitava-o no seu desterro da Inglaterra frequentemente e herdou-lhe o arquivo, por testamento...

Notemos de passagem estas *coincidencias acidentais*: Garibaldi, Grão-Mestre Geral do Rito de Menfis e de Misraim; o carbonarismo originario das Duas Sicilias e saindo do Rito de Misraim e da cábala egípcia; Cagliostro, o aventureiro siciliano misterioso, enviado maçónico ás lojas francêsas, Grão-Copta da cábala egípcia, fundador do Rito de Misraim; a assinatura do Mestre Maçon que vem em primeiro lugar no documento anteriormente publicado nêste mêsmo capitulo, no qual o Oriente de Porto Alegre reivindica de público para a maçonaria a autoria da revolução dos farrapos e até a do proprio brazão do Estado, é, simplesmente, êste: CONDE CAGLIOSTRO! A identificação dos criminosos secretos exige uma atenção e uma paciencia de Sherlock Holmes; mas, quando se apanha uma pista ou se consegue apontar o rastro marcado na areia, os maçons gritam que é mentira, mentira, mentira!... Deixemo-los gritando e vamos tratando de os desmascarar.

E' fáto inegavel que, segundo a afirmação de Canabarro Reichardt, "idealistas teoricos da revolução", vieram juntar-se aos farrapos e trazer-lhes "o seu contingente de idéas" (17). O principal dêsses *teoricos* foi justamente Zambeccari, "o famoso carbonário e inte-

(16) Op. cit., pg. 58.
(17) H. Canabarro Reichardt, "Bento Gonçalves", pg. 35.

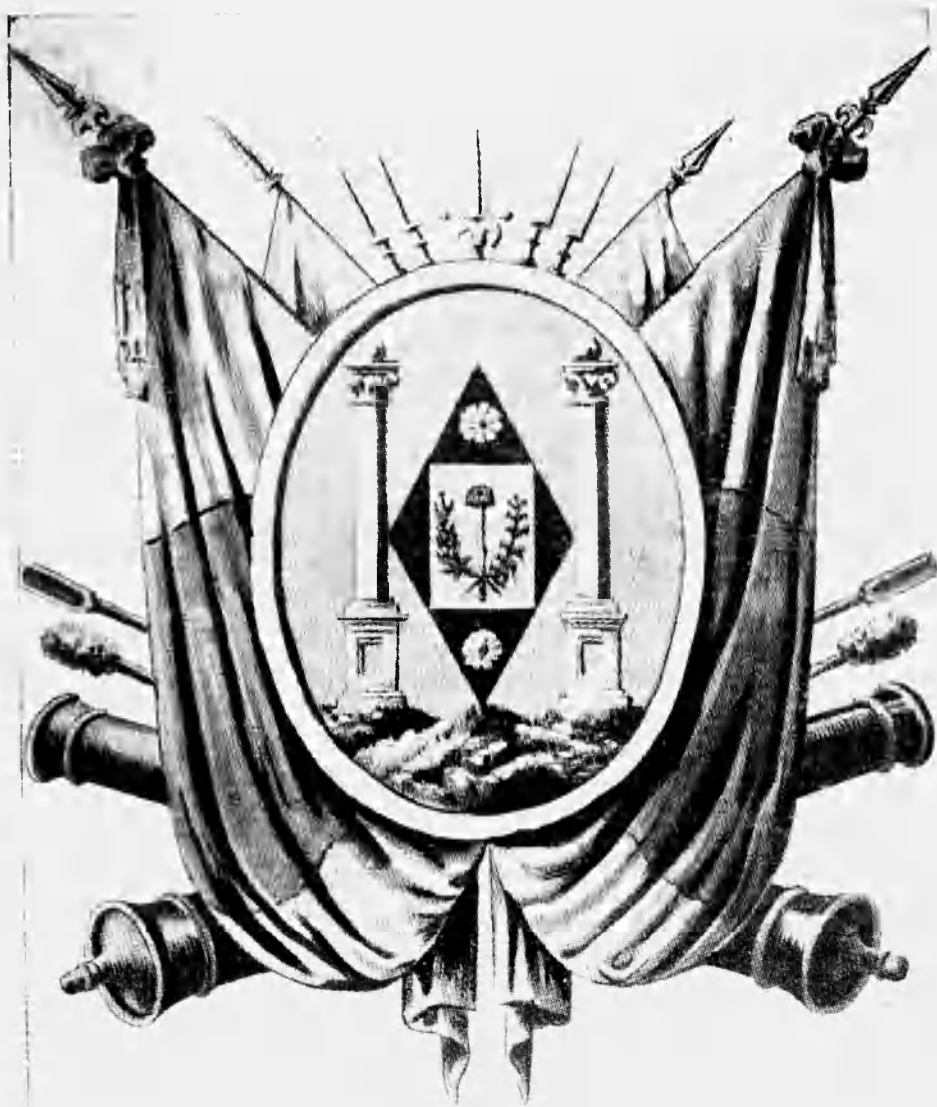
merato adepto da unificação italiana", grande conspirador, técnico no assunto, cuja influencia sobre o espirito de Bento Gonçalves, o chefe dos farrapos, não se póde negar (18). Bento Gonçalves foi, nos sucessos do Rio Grande, o "organizador e coordenador dos ánimos descontentes" (19). Como tantos outros caudilhos daquela região fronteiriça, era um homem de pouca instrução, creado na vida rude dos campos, cheio de pundonor, veterano de todas as lutas platinas, tendo-se alistado no Exercito Pacificador de D. Diogo de Souza, em 1811, aos vinte e tres anos de idade. Aliava á grande e natural bravura gaúcha, uma honestidade sem par, todo eriçado de pontos de honra e de escrúpulos morais (20).

Os dois aventureiros italianos e carbonarios, vindos para a America do Sul a insuflar revoluções, a sugestionar os seus chefes ou a procurar imprimir-lhes rumos, nada tinham de superior, quer em valentia, quer em cultura, aos brasileiros que se lançavam por idealismo, inconscientes de estarem servindo a designios ocultos, na voragem da guerra civil. Somos nêste ponto da opinião de Souza Docca: "A ninguem é licito negar que José Garibaldi pelejou com bravura ao lado dos heroicos farroupilhas e que a êstes prestou serviços relevantes. Mas a verdade historica não póde consentir que se coloque o herói italiano acima dos heróis rio-

(18) Op. cit., pg. 38.
(19) Op. cit., pg. 35.
(20) Cf. op. cit., pg. 22.

grandenses, usurpando o lugar dêstes nas comemorações públicas, na recomendação de seus nomes á posteridade, como se tem feito e como acontece no momento a Bento Gonçalves na cidade do Rio Grande. Não são de hoje essas idéas, as expressamos ha quatorze anos, na conferencia que proferimos ao ser inaugurada a herma de Gomes Jardim, em Pedras Brancas. Garibaldi foi grande pelo heroismo e pelo arrôjo, embora nêsse particular não sobrepujasse os farroupilhas. Foi, entretanto, menor que êstes, na tenacidade em defesa do ideal que deu vida e movimento á Revolução. Combateu como aventureiro para o que tinha *disposição*, segundo êle mêsmo confessou em suas "Memórias". Entrou para o serviço da República Riograndense com desaire, quando esta ascendia gloriosamente para o fastigio a que chegou, e a abandonou, tambem com desaire, em suas horas amargas para o declinio e foi, em seguida, á legação brasileira em Montevidéu, anular, renegar o seu passado de lutas, em troca de uma anistia, conforme documento existente no arquivo do Itamarati" (21).

E' ainda o mêsmo Souza Docca que assegura: "Zambeccari não foi desterrado, não foi deportado, nem seguiu para a Europa com pressa de abandonar *os seus amigos,* foi por seu desejo, em virtude de uma anistia que lhe foi concedida, *por humanidade,* no dia do aniversario natalicio do Imperador, *com a clausula*

(21) Souza Docca, "Assuntos do Rio Grande do Sul — Semi-Deus lendario" "in" "Jornal do Comercio", dezembro de 1934.

Na seção livre do "Correio do Povo" de Porto Alegre, n.º de 21 de setembro de 1935, um artigo sob o titulo "Maçonaria *versus* Integralismo", a maçonaria riograndense declarou *oficialmente* o seguinte: "As *insignias do Estado*, as proclamações da época, tudo quanto existe de autentico sobre a grande revolução serve para atestar a estruturação *genuinamente maçonica* do movimento." Refere-se a revolução dos Farrapos, de 1835 a 1845.

Estudemos essas insignias maçonicas no seu painel oficial do tempo da revolução, aqui estampado. No meio dum troféu de armas e bandeiras, um escudo oval, tendo duas colunas plantadas sobre rochedos, e, no meio delas, um losango com rosaceas as pontas e um quadro, em que o barrete frigio republicano repousa sobre uma haste, entre dois ramos.

Analisemos documentadamente os simbolos ai contidos. O barrete frigio se encontra entre rosáceas simbolicas, que, mais tarde, se transformarão em

estrelas. Essas rosáceas são as do Sephiroth da Cábala, como se póde facilmente verificar na gravura colorida que abre o cap. XXI da grande obra de Manly P. Hall, "Encyclopedia of masonic, hermetic and rosicrucian symbolical philosophy", São Francisco, 1928, que póde ser consultada na Biblioteca Nacional, na Seção de Gravuras, sob os ns. 31 — 3 — 8. Isso mostra que nenhuma minúcia deve ser despresada no estudo, interpretação e leitura de qualquer sinal maçónico. O losango nada mais é do que a representação dos dois triangulos que fórmam a chamada Estrela de David. Estão unidos pela base e significam o dualismo maniqueu, a igualdade do Bem e do Mal, em luta constante.

Os rochedos são o que se chama em linguagem maçónica a *Pedra Bruta*: o homem tal qual o fez a natureza e a sociedade, ensina Henri Durville em "Os misterios da maçonaria e das sociedades secretas", pg. 45. O maçon Dario Veloso, em "O templo maçonico", considera a *Pedra Bruta* o "estado primitivo, ignorancia, paixões, egoismo" e acrescenta: "Trabalha com ardor na *Pedra Bruta* e verás brilhar a *Estrela Flamejante*", pg. 221.

As duas colunas são as que estão em todas as lojas. "As Colunas do Templo simbolizam — declara Dario Veloso, op. cit., pg. 178 — dois principios de equilibrio social: Tolerancia e Solidariedade. Na familia, representam o Homem e a Mulher, cujo antagonismo se resolve pelo Amor. Analogicamente, representam ainda: a Razão e a Fé; a Ciência e a Religião; o Bem e o Mal; a Luz e a Treva." A' pg. 220, ainda escreve que uma delas, Jakin, é o Espirito, e a outra, Boaz, é a Materia: o Ativo e o Passivo, a Liberdade e a Necessidade.

"As duas colunas, Boaz e Jakin — define D. José M. Caro, á pg. 57 de seu livro "Misterio!", representam os dois principios que, segundo os gnósticos e maniqueus, produziram o mundo, o Bem e o Mal, a Luz e as Trevas, Osiris e Tifon, Ormuz e Arimano, Satanaz e Jesus Cristo, a Fórma e a Materia, o Fogo e a Agua, o Macho e a Fêmea. A coluna branca é o emblema do sexo feminino, a negra o do masculino. Lendo-se as letras ao inverso, tem-se o segredo da natureza formulado em hebreu."

Afinal, o grão-mestre do Paladismo maçónico, das lojas de retaguarda, dá a última revelação para uso somente dos altos gráus, no seu "Sepher H'debarim", pg. 46, que citamos em inglês para evitar torpezas em vernáculo: "Jakin thus while symbolized the state of erection of the Membrum virile, when prepared for begetting or creating in the womb; Bohaz symbolized the potency, vigor and fierce, and even cruel desire of the same member."

O povo gaúcho, sentinela de nossas fronteiras, coberto de glória, devia ter um brazão que simbolizasse sua coragem, seu denodo, seu sacrificio, seu cavalheirismo sem par, que merecem o respeito e a gratidão de todos os brasileiros. A maçonaria judaica e infame, iludindo seu heroismo magnifico de 1835 a 1845, desrespeitando o sangue de tantos heróis tombados por um ideal, impôs-lhe subrepticiamente essas armas, cuja autoria ela propria confessa e cuja indecente e satanica significação seu grão-mestre, o general Albert Pike, revela aos iniciados.

Que os bravos riograndenses, compreendendo nosso amor pela sua glória e nossa estima pelas suas belas tradições, recusem a heraldica maçónica-carbonaria-judaica e adotem um novo brazão, cristão, nacional, expressivo de seus altos feitos historicos. A' mocidade dos pampas, que deve ser brasileira e não maçónica internacional, cabe de pleno direito essa necessaria, imprescindivel reivindicação.

Como se vê, nada inventamos sobre o assumpto e nada mais fizemos do que esclarecer definitivamente o caso com as palavras da maçonaria e dos maçons, capazes de, sob o véu de seus misterios, impôrem a um povo admiravel e generoso os seus simbolos imorais e bafometicos.

de sair para fóra do Imperio e de não poder voltar jamais a êle, sob pena de ficar sem nenhum efeito a presente graça. Zambeccari aceitou isso como um presente do céu e foi embora, sem um adeus aos *seus amigos,* e se manteve em mutismo absoluto, lá no velho mundo (22)."

Perdida a partida nos pampas, o Poder Oculto salvava seus agentes, necessarios noutro sector da luta anti-cristã internacional. Os que iludiram que suportassem as consequencias. Tanto Garibaldi como Zambeccari iriam servir na cruzada pela unificação italiana, grande e formoso ideal que escondia nas suas dobras tricolores a obra virtualmente maçónica da destruição do poder temporal do Papado e de destruição, se possivel, do proprio Papado. Tanto assim que o dia 20 de setembro de 1870 marca a supressão dêsse poder e, concomitantemente, o estabelecimento em Roma, conforme documenta Margiotta, do rito satánico-paládico da maçonaria, decorrente do sistema de Herodom ou Rito Escossês de Perfeição, que o judeu Stephen Morin, dêsde 1761, tivera por missão, como delegado dos Soberanos Principes Maçons, propagar na America, ajudado pelos judeus Francken e Moisés Hayes (23).

O conde Tito Livio Zambeccari viera para o Uruguai em 1826, quando Lavalleja lutava contra o Imperio e apresentou-se a êsse general em Durazno. Convidado a assumir o comando geral da artilharia, arma

---

(22) Loc. cit.
(23) Domenico Margiotta, "Adriano Lemmi, t. I, pg. 85.

em que havia carencia de oficiais preparados, "não escondeu a sua inexperiencia da guerra e preferiu recusar o posto a investir-se de funções para que se não julgava apto ainda (24)." Em 1829, quando da luta entre federais e portenhos, recusou o comando duma companhia da Legião Italiana tambem por incapacidade militar. Baseando-se nêsses fátos, Souza Docca nega tivesse êle sido o mentor guerreiro, o estratégo dos farrapos. De acôrdo. Aliás, não viera á America do Sul para baterse, mas para sugestionar, intrigar, inspirar e fazer os outros se batêrem, retirando-se de mansinho, quando as cousas ficassem pretas. Então, os idealistas farroupilhas, lançados á atroz fogueira, derramariam seu sangue, enquanto os aventureiros carbonarios mendigavam a anistia para pregar noutras paragens. Os farrapos traziam nalma um ideal, que não queremos saber se era justo ou injusto, ideal que se alicerçava no amor ao chão e ao povo do Rio Grande. Os carbonarios obedeciam ás ordens misteriosas da Alta-Venda ou do Supremo Conselho do Rito de Misraim. Todavia, como que zombando do sangue dos heróis gaúchos tombados "do vasto pampa no funéreo chão", o Oriente de Porto Alegre reclama de público, *de jure et de facto*, para as forças secretas, a completa autoria da Grande Revolução e até *as insignias do Estado*! Isto é um verdadeiro escárneo ás legitimas glórias dos riograndenses.

---

(24) Alfredo Varela, "Revoluções Cisplatinas", Chardron, Porto, 1915, t. I, pg. 306.

O Rio Grande se apaga no seu papel historico para deixar brilhar unicamente a maçonaria.

Souza Docca não admite uma preponderancia marcada de Zambeccari sobre Bento Gonçalves, de quem era verdadeira "sombra" (25). Nega que êle tivesse sido secretario e chefe de estado-maior do caudilho farrapo. Na verdade, não ha nenhum documento de sua nomeação para o primeiro cargo e já se conhece sua incapacidade para o segundo. Os secretarios de Bento Gonçalves fôram Francisco de Paula do Amaral Sarmento Mena, *braço direito* do chefe, morto em consequencia de ferimentos recebidos no ataque ás trincheiras de Porto Alegre, e José da Silva Brandão, que lhe sucedeu, "espiritos cultos e dotados de grande inteligencia" (26).

O carbonário só esteve na revolução farroupilha até 1836. Somente uma das proclamações revolucionarias, a de 24 de março de 1836, é reconhecidamente sua. Naturalmente, seu papel era dar unicamente impulso ao movimento que se desenvolveria ao sôpro das idéas-forças despertas e postas em ação. Êle agia simplesmente "como propagandista *internacional* do credo politico-social explanado nas lojas secretas a que pertencia na Europa" (27). E longo preparo antecedera a sua ação. Várias rêdes de sociedades e influencias se-

---

(25) Carta de Antonio Alves Pereira Coruja, no arquivo de Alfredo Varela. Cf. op. cit., t. II, pg. 618.

(26) Souza Docca, loc. cit.

(27) Fernando Osorio, "Os supremos objetivos da jornada de 1835", pg. 65.

cretas cobriram com suas malhas a provincia, antes que a revolução se desencadeasse. Houve a *Cruzada da Liberdade*, "com séde no Rio de Janeiro e filiais em Pernambuco, São Paulo e Rio Grande do Sul, correspondendo-se com suas congêneres existentes em Paris. Tinha por fim instituir o regime republicano, segundo uma carta, datada de Washington, de 5 de novembro de 1839, de Ernesto Ferreira França ao ministro da Justiça do Brasil" (28). Demais, a chamada Sociedade Continentina, que era simples antecámara da loja *Filantropia e Liberdade*, fundada, diz Fernando Osorio, sob a "aparencia enganosa" de fomentar o progresso... (29)

Zambeccari é o tipo completo do agente revolucionario internacional, judaico-maçónico, do *Intelligence Service* das trevas. Preso na fortaleza de Santa Cruz, a oposição ao governo logo tratou de ampará-lo com o fito de restituir-lhe a liberdade. A comparar, modernamente, com a campanha *liberdade pro Genny*! e com as ligações de oposicionistas e comunistas. O Conselho de Estado opôs-se terminantemente a qualquer tentativa de libertação. Passou tres anos dentro do forte. Em 1839, por ocasião do aniversario natalicio do joven Imperador, a prisão foi convertida em desterro, o que valia por uma anistia, sendo êle estrangeiro. Seguiu para a Europa. Em 1841, *seus amigos* abriram-lhe as portas de Bolonha. Conspirou, mas a policia papal não

(28) Op. cit., pg. 42.
(29) Op. cit., pg. 64.

o perdêra de vista. Tramou a revolução da Sicilia, que gorou. Em 1843, participou dos tumultos de Ancona e Rimini; em 1848, dos de Módena. Exilaram-no em Corfú, nêsse mêsmo ano. Velho, alquebrado e doente, pôs-se ainda ao lado de Garibaldi, em 1860. Morreu em 1868.

Dêsde a adolescencia se entregára ás mãos diabolicas das sociedades secretas, que lhe haviam amoldado o espirito a seu bel prazer. Filiára-se ás lojas conspiradoras italianas aos dezenove anos e já nos bancos academicos teve "comissões reservadas" (30). Trazia constantemente o anel de ferro dos carbonarios, simbolo de sua escravização. Depois de ser ajudante de ordens do maçon Riego, na revolução da Espanha, fôra mandado ao Prata em luta com o Imperio, onde as forças ocultas grandemente atuavam, aproveitando-se da anarquia cudilhesca e fomentando-a (31). Passou para o Rio Grande, quando se assopravam as brasas da revolução ainda sob as cinzas dos misterios. "La rivoluzzione bateva alla porte anche di quelle provincie brasiliana, e lo Zambeccari lavoró a tutto uomo, per afetarne lo scoppio (32)."

Que importa, pois, não tivesse sido nomeado isto ou aquilo? Que importa não tivesse assinado esta ou aquela proclamação? Não eram êsses os papeis que lhe haviam sido destinados na tragédia nascente. Sua obra

(30) Alfredo Varela, op. cit., t. I, pg. 306.
(31) "Documenti e biografia di Livo Zambeccari", Florença.
(32) Brunialti, "Annuario biografico universale", ano I, pg. 420.

tinha de ser, pela propria natureza, feita anonimamente e deixando o menor número de vestigios possivel. Os que acham que Zambeccari foi o "pai espiritual da revolução", como diz Alfredo Varela, sentem, como que inconscientemente, a verdade oculta por aquêles anarquistas que se mascaravam no movimento maquiavelicamente preparado e provocado, denominando-o "a nossa revolução".

As tramas carbonárias sempre se distinguiram pelo mais absoluto segredo. Quando a policia de Sua Santidade Gregorio XVI apanhou o arquivo da Alta-Venda, cujas peças principais fôram publicadas por Crétineau-Joly, houve grande pasmo deante das revelações do que urdia e estava urdindo. Assim se fez no Rio Grande, dêsde as primeiras agitações do periodo regencial. Vimos as organizações maçónicas precursoras. Já em 1832, Zambeccari aparecia em Porto Alegre como naturalista... Convidára-o a vir seu amigo, o maçon Modesto Franco (33). Começou a atuar. Os iniciados no plano fundamental da revolução guardavam o misterio. O centro propulsor e irradiador dos trabalhos subversivos era a loja ou sociedade Maribondina, onde o conde carbonário pontificava. De onde vinham as ordens e diretivas, ninguem sabia. "Êste sistema não constitúe uma novidade: na organização carbonária que floresceu em França (34), alem dos membros de uma

---

(33) Alfredo Varela, op. cit., pg. 305; "Processo dos Farrapos", "in" "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXIX, 1933, pg. 227.

(34) Depois da união com a franco-maçonaria, como já vimos.

Venda desconhecerem os das outras, todas elas eram manejadas pelas que tinham a categoria de Vendas-Grandes, sem lhes comunicar o segredo de suas deliberações, simplesmente transmitidas ás primeiras, para observancia geral, quando isto convinha aos interesses da Ordem (35)."

Agindo através dêsses compartimentos estanques, a intriga maçónica naturalmente crearia no Rio Grande do Sul um ambiente de fogo. Os aventureiros estrangeiros corvejavam na capital gaúcha, esperando a hora da explosão do movimento, cujas idéas as forças ocultas, sobretudo dêsde 1832, vinham esparzindo na sociedade riograndense. Luiz Rossetti fazia-se éco dessas idéas, numa carta escrita em 1840: queria a passagem dum "regime funesto a outro melhor". Poderá alguem de bôa fé e em sã razão crêr no amor dêsse *agente internacional* pelo Rio Grande do Sul? Outro estrangeiro, Manuel Ruedas, pregava doutrinas maçónicas no "Recopilador", declarando-se, numa revolução toda ela de idéas gaúchas, "entusiasta da causa da liberdade universal" (36). A consumada bôa fé do coronel Bento Gonçalves e de seus companheiros estava longe de poder compreender o que se ocultava sob êsses manejos. De olhos fitos no ideal da liberdade, cégos pela irradiação dessa *estrela flamigera* com que a maçonaria hipnotiza os povos, aceitavam as decididas simpatias do governo uruguaio e esperavam até seu socor-

---

(35) Alfredo Varela, op. cit., pg. 312.
(36) Op. cit., t. cit., pg. 301.

ro (37), certos de que a aproximação provinha da semelhança de idéas, sem a menor suspeita, talvez, do tenebroso plano judaico-maçónico internacional a que eram arrastados...

Alfredo Varela declara haver quem pense ter sido Zambeccari o *pai espiritual* da revolução farroupilha. Assis Brasil acredita que êle póde ser considerado seu "verdadeiro e real diretor mental" (38). Souza Docca nega-lhe essa primazia nos acontecimentos, achando, porém, que "colaborou na propaganda das idéas republicanas, mas não exerceu o predominio que se lhe empresta". O brilhante e documentado historiador esquece a dificuldade de provar documentadamente uma influencia sinuosa, subrepticia e insinuante, filtrada através de segredos carbonarios.

Os aventureiros alienigenas vieram comanditados ao feito que visava enfraquecer o Imperio degradado pela Regencia, arrancando-lhe a provincia de São Pedro, depois de amputado da da Cisplatina. Uma cousa era o seguimento lógico da outra. "O conde Tito Livio Zambeccari era bolonhês, descendente de um dos ramos da nobreza italiana. Liberal extremista, era filiado ao carbonarismo, associação vastamente ramificada por todos os ângulos da peninsula", depõe Eduardo Duarte (39). O antigo condenado á morte na Italia, em

---

(38) "História da República Riograndense", São Paulo, ed. de 1881.

(39) "Garibaldi, Rossetti e Zambeccari" "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul", 1932, pg. 289.

1821, o agitador da Espanha de Fernando VII, o intrigante da politica interna do Prata, veiu, em 1831, começar seu *trabalho* em Porto Alegre, *sempre oculto.* Já ali havia um jornal de tendencias republicanas, o "Continentino" (40), no qual colaborou. Em 1834, redigia "O Republicano". Foi êle quem desenhou a bandeira maçónica da revolução, segundo o depoimento de Manuel Lobo Ferreira Barreto, a qual fôra preparada em Buenos Aires, *antes de estourar o movimento,* por seu amigo do peito, Francisco Modesto Franco, de acôrdo com o que declarou o espanhol Carlos Maria Huerga (41).

O agente carbonário vinha habilmente aproveitar o demagogismo da politica local, casado ao provincialismo, para o lançar no sentido duma revolução susceptivel de se desenvolver de etapa em etapa até a república e á seccessão. O ambiente era propicio á sua atividade. Dêsde 1828, na retaguarda das fronteiras invadidas pelo inimigo externo e das tropas imperiais desmoralizadas, *troavam revoltas,* como o reconhecia o visconde de São Leopoldo. Em 1829, por toda a parte, fôram espalhados boletins, concitando os riograndenses a seguirem o exemplo dos orientais, separando-se e proclamando a república. A policia não conseguiu achar seus autores. Em 1830, segundo um oficio minucioso de Araujo Barreto ao Governo Imperial, esboçavam-se na provincia dois movimentos antinomicos: o da rein-

(40) Souza Docca, loc. cit.
(41) Eduardo Duarte, op. cit., pg. 295.

corporação da Cisplatina ao Imperio, reacionário, nacionalista, imperialista; e o da separação do Rio Grande, passando a constituir com ela um Estado Independente, maçónico, internacional (42). Essa idéa de reincorporação da Cisplatina parece que era agitada de propósito, unicamente para provocar reação, porque os politicos do Rio Grande, embora se hostilizassem nos dois partidos provinciais, eram acórdes quanto á separação da antiga provincia (43). Ao proprio Bento Gonçalves se acusava de *aliado oculto* de Lavalleja (44).

Alem disso, "as sociedades politicas, ou secretas ou públicas, estabelecidas na provincia do Rio Grande do Sul, são tambem acusadas de haverem concorrido para os acontecimentos de 20 de setembro de 1835. Houve na cidade de Pelotas uma Sociedade Defensora á semelhança da sociedade que debaixo do mêsmo titulo se fez tão notavel, como é sabido, na capital do Imperio. A Sociedade Defensora de Pelotas foi pelo menos um fóco de liberalismo exagerado. Houve sociedades secretas no Rio Grande e no Rio Pardo. Naquela, o façanhudo Francisco Xavier Ferreira e, nesta, o sagacissimo José Mariano de Matos procuravam fanatizar os seus adeptos com os sonorosos vocábulos — liberdade, igualdade, fraternidade. Na sociedade secreta do Rio Pardo se decretavam homicidios; e um se perpetrou com circunstancias horrorosas na pessôa do

(42) Canabarro Reichardt, op. cit., pg. 54. V. Handelmaun, "História do Brasil", Rio, 1931.
(43) Rodrigo Pontes, "Memórias".
(44) Canabarro Reichardt, op. cit., pg. 69.

digno juiz de paz Antonio Casemiro Cirne: mas de todas as sociedades estabelecidas na provincia de São Pedro nenhuma adquiriu celebridade como a que se denominava do *Continentino,* estabelecida na cidade de Porto Alegre. Esta sociedade tinha no exterior o aspécto dum Gabinete de Leitura (45) e tomava o nome de um periodico intitulado "Continentino", publicado a expensas dela, e redigido por alguns de seus membros, mas o Gabinete de Leitura na realidade era uma loja de pedreiros-livres: o que depois se fez patente. Atribuía-se a esta loja o trabalho para a federação da provincia do Rio Grande com a Cisplatina, proclamando o sistema republicano (46)."

Vê-se dêste documento que o trabalho pela separação com a repúblíca estava sendo feito pela maçonaria. E' disso que ela se orgulha na proclamação que estampamos: dum crime contra a unidade da pátria. O nome do jornal aludido é tipico: nem brasileiro, nem riograndense, mas *continentino,* do continente. Meio caminho para *internacional*... O "Continentino", fundado por João Manuel de Lima e Silva, circulou de 1831 a 1833 (47). Nessa época, Zambeccari estava oculto em Porto Alegre e, naturalmente, trouxera para o gru-

---

(45) Tal qual as bibliotecas comunistas judaicas de hoje. Por exemplo, a Schlomon Aleichen desvendada e fechada, em 1935, pela policia carioca. O mêsmo processo é empregado pelos judeus com cozinhas populares.

(46) "Memória historica" duma "Testemunha Ocular" "in" "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXXI, 1935, pg. 190.

(47) Souza Docca, loc. cit.

po que o mantinha credenciais maçónico-carbonárias. Souza Docca acha que não colaborou nêsse jornal, o que não quer dizer que não inspirasse da sombra onde se escondia aos que nêle escreviam o separatismo republicano, incentivando-os a perseverarem nêsse ideal. De 1835 a 1836, publicou-se em Porto-Alegre o "Continentista", que Lobo Barreto declara *veículo dos aturdidos republicanos.* Para ambos os periodicos, o continente estava acima do Brasil e a brasilidade abaixo da continentalidade... Etapa maçónica para o internacionalismo judaico fantasiado de humanidade...

Um dos agentes de ligação com os orientais era um agitador maçon contumaz, excomungado pelo Direito Canónico e pelas condenações pontificias, o padre José Antonio Caldas, que os orientais chamavam El Cometa, natural de Alagôas. "Tendo sido partidista da Confederação do Equador em 1824, apareceu em Buenos Aires na ocasião da insurreição da Cisplatina e, na qualidade de capelão dos exercitos da República Argentina, passou a servir no quartel general de Lavalleja, proclamando aos riograndenses para que se revoltassem e promovendo a deserção das tropas brasileiras, por intermédio de seus amigos de Montevidéu. Chegou a Porto Alegre em 1832, onde teve "atuação formidavel", como "veiculador de todo o revolucionarismo nacional". Constituinte de 1823, pertenceu ao Apostolado e participou da Confederação do Equador (48). Disse

(48) "Memória historica", cit., pg. 273; "Apontamentos sobre a revolução do Rio Grande do Sul até o deploravel ataque do Rio

bem quem disse que a maçonaria transforma o cristão em judeu artificial. O padre é um exemplo disso. Rebelde á disciplina da Igreja, apóstata de seus dogmas, como brasileiro enfraquece o seu exercito para dar a vitória aos inimigos da pátria. E' dificil ser mais infame.

Em 1829, o padre pretendeu revoltar a Cisplatina, então para voltar ao Brasil, do que se infere que não tinha patriotismo como não tinha lealdade para com aquêles a quem servia contra sua pátria. Joguete das forças secretas internacionais e anti-cristãs, fomentava quaisquer agitações que lhe encomendassem.

Somente depois de proclamada a república pelos farroupilhas, apareceram os outros dois enviados do carbonarismo. "A' velha Piratini, ainda capital da República, chegaram dois forasteiros, oriundos de longinquas terras, traindo no linguajar o seu país de origem, *il bel paese che l'Appennin parte, il mar circonda e l'Alpi*: Garibaldi e Rossetti. Agitadores na sua pátria, arautos da idéa nova, membros da famosa sociedade "Giovine Italia", apresentaram-se ao governo da revolução. Não era a sua pátria, mas o ideal era o mêsmo (49)."

Vinham dar a última demão á obra iniciada por Zambeccari. O ideal era o mêsmo, porque era o da maçonaria internacional. Rossetti fundou o jornal "O

Pardo, vol. cit., pgs. 273 e segs.; comentarios de Aurelio Porto ao mêsmo volume, pgs. 521 e segs.

(49) Eduardo Duarte, op. cit., pg. 282.

Povo", no qual escreveu artigos significativos, como, por exemplo: "República" e "Agonia do Imperio". Vinha deitar o azeite carbonário na imprensa dessa época, que já de si "semelhava um vulcão em chamas" (50).

Sebastião Ferreira Soares, no seu trabalho "Breves considerações sobre a revolução de 1835", viu bem os interessados no incendio do Rio Grande, os interessados sem pátria, visando o enfraquecimento do Grande Imperio. Escreve: "Aquêles que só teem por principio e lei o ouro vil, os quais, em todas as lutas que tem atravessado o Brasil, teem lucrado com as nossas desgraças; porquanto, não sendo seguidores de nenhuma idéa politica, só se ocupam em traficar e intrigar, com o fim de nos enfraquecerem para dominar... No Rio Grande do Sul, nós e muitos brasileiros observamos que os maiores contrabandistas e os que forneciam os punhais, a polvora e as balas aos dissidentes, não eram nascidos no Brasil; assim como os que mais perseguidores se mostravam dos miseros que a sorte das armas nos entregava prisioneiros, tambem não eram brasileiros, mas sim do número daquêles que, ás nossas plagas aportando, nós os acolhemos como irmãos e amigos, e alguns dos quais nesta terra de prodigios hoje figuram tanto... Sabemos que, assim falando, não podemos agradar, porém somos brasileiros e jamais prostituiremos nossa consciência. A febre aurea ainda não nos contaminou, e em Deus esperamos que nunca nos infi-

(50) Sebastião Ferreira Soares, "Breves considerações sobre a revolução de 20 de setembro de 1835", pg. 359.

cione (51)." Êste homem viu claramente a ação judaico-maçónica na revolução a que assistiu: o ouro, os aventureiros, as intrigas, os negocios de contrabando e

Bento Gonçalves da Silva

teve a coragem de denunciar a vileza com veemencia, sentindo como bom brasileiro que tudo tendia a nos enfraquecer para nos dominar... Bem haja a sua memória pelo desassombro!

(51) Op. cit., pg. 367.

No seu famoso discurso, pronunciado em Aylesbury, no dia 20 de setembro de 1876, dizia textualmente lord Beaconsfield, o judeu Benjamin d'Israeli, com absoluto conhecimento de causa, porque era israelita e estadista inglês, ao mêsmo tempo: "Os governos dêste século não teem somente que lutar com governos, imperadores ou reis e ministros, mas tambem com as sociedades secretas, que, no último momento, pódem reduzir a nada os acôrdos, as quais possúem agentes em toda a parte, agentes sem escrúpulos, que pregam o assassinio e pódem, se fôr preciso, provocar uma matança." A matança entre imperiais e farrapos no Rio Grande do Sul, promovida por essas sociedades, duraria dez longos anos, de 1835 a 1845! De lado a lado, verteu-se, quasi em proveito somente de contrabandistas de armas, de adoradores do ouro vil e de maçons ou carbonarios, o sangue de nobres brasileiros iludidos pelas palavras sonoras das lojas: Liberdade, Igualdade e Fraternidade ou Humanidade.

Note-se a curiosa coincidencia entre as datas da explosão do movimento revolucionario dos farrapos, da entrada de Garibaldi na Roma Papal pela brecha da Porta Pia e do discurso judaico e memoravel de Aylesbury, espécie de advertencia aos governos sobre a força do Poder Oculto de que o lord-israelita era o delegado á frente do Imperio Britanico: 20 de setembro! Os desavisados dirão que é mero efeito do acaso. Nós não acreditamos no acaso.

Foi nêsse dia, em 1835, que se deu o rompimento em Porto Alegre. Dêsde a véspera, 19 de setembro, os revolucionarios estavam reunidos, sabendo que as forças do governo eram diminutas e minadas pela deserção. Na impossibilidade de resistir, o presidente da provincia embarcou para a cidade do Rio Grande. No dia 21, Bento Gonçalves entrava na capital á frente de seus partidarios. No dia 25, lançava um manifesto, justificando a rebelião: declarava, como todos os rebeldes da Regencia, respeito "ao nosso código sagrado, ao trono constitucionál e á conservação da integridade do Imperio". A proclamação de Marciano Pereira Ribeiro, em 1836, ainda terminava com um viva a D. Pedro II (52). Toda revolução maçónica começa com essas juras hipócritas e só Deus sabe até aonde póde ir, de etapa em etapa. A Revolução Francêsa começou querendo constituição e rei. Acabou querendo cada vez mais terror e guilhotina. A russa principiou na república liberal-burguêsa de Kerenski e terminou no marxismo de Lenine. A verdade é que, dentro de pouco mais de ano, se proclamaria a Independencia e a República Riograndense em Piratini, a 6 de novembro de 1836, tornando-se a revolução "francamente separatista" (53). Ora, que novidade! Ela não saiu das lojas com outra finalidade. A república se instalou quando Bento Gonçalves estava prisioneiro do Imperio. De

---

(52) Cf. Rio Branco, op. cit., pgs. 452, 453 e 465; "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXIX, 1933, pgs. 149-150.

(53) Op. cit., pg. 525.

volta ao Rio Grande, libertado pela maçonaria baiana, êle aceitou os fátos consumados e — diz textualmente Rio Branco — "combateu contra a União Brasileira" (54).

A causa aparente da explosão revolucionaria era, segundo diziam, o fáto do presidente Fernandes Braga se entregar no governo da provincia a influencias reacionarias. E' motivo muito miudo para justificar dez anos de sangue derramado nas coxilhas! Aliás, lendo-se a Representação contra êle, publicada no volume XXIX do Arquivo Nacional não se encontra um argumento de peso. A eterna acusação de reacionarismo que se costumava fazer, durante a Regencia, ás autoridades que se queria depôr. Bento Gonçalves era o chefe dos liberais, que desejavam conquistar a autonomia provincial, idéa do federalismo com que as forças secretas envenenavam o país para dividí-lo e anemiá-lo. Calogeras chama-lhe "corrente de pensamento politico". O Pará estava em franca ebulição revolucionaria. Era preciso agitar o outro extremo da Nação, o mais perigoso, o da fronteira castelhana, alem da qual grulhava, como eterna ameaça da ordem, o caudilhismo maçonizado. Sem grandes recursos no Sul, o governo regencial receou, em vista do que ocorria no Norte, a generalização do movimento. Compactuou com o fáto consumado, embora isso mais o enfraquecesse, não repondo á força, como devia, Fernandes Braga refugiado na

(54) Op. cit., pg. 465.

cidade do Rio Grande. Fez o que fazia em todas as provincias conflagradas. Procurou um *tertius gaudet.* Mandou substituí-lo por Araujo Ribeiro, futuro visconde do Rio Grande, que tinha a vantagem de trazer para seu lado o velho e prestigioso guerrilheiro das coxilhas, Bento Manuel Ribeiro, seu parente e amigo. Era homem patriota, humanitario, esmoler, viajado e culto (55).

Feijó fôra eleito Regente do Imperio a 7 de abril de 1835. Tomou posse a 12 de outubro. Descrente, enfermo e abatido, não tinha mais aquela prontidão de resoluções e aquela férrea energia do tempo em que, como ministro da Justiça, esmagára a hidra da anarquia. Mas Evaristo da Veiga, perfilava-se por trás dêle, sustendo-o, apoiando-o, dando-lhe forças (56). Depois da morte de Evaristo, se tornaria o caco velho que a maçonaria e a bucha lançariam aos azares da triste revolução de 1842, diversão favoravel aos farrapos, como a Sabinada, para que acabasse no ridiculo de ser preso por aquêle que fôra seu braço direito na manutenção da ordem pública.

A Assembléa Provincial, obediente aos dictames de Bento Gonçalves, creou dificuldades á posse de Araujo Ribeiro, que teve de realizar-se na cidade do Rio

---

(55) Calogeras, "Formação historica do Brasil", pgs. 60, 158 e segs.; Comentarios de Aurelio Porto ao "Processo dos Farrapos" "in" "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXIX, 1935, pgs. 308 e seguintes.

(56) Calogeras, op. cit., pg. 156.

Grande, de modo pouco legal, o que teria más consequencias futuras. Em 1836, baseando-se nisso, a assembléa votaria uma lei suspendendo-o de suas funções. Nêsse ano, a 10 de setembro, o coronel Silva Tavares, depois visconde de Serro Alegre, á frente das tropas imperiais, foi derrotado no Seival pelo caudilho farrapo Antonio de Souza Neto, que tinha de seu lado os soldados orientais do cabecilha uruguaio Calengo, mandado por Manuel Oribe, o Corta-Cabeças, ajudar á revolução (57). Fizera-se a ligação com o estrangeiro, realizára-se o *continentismo* contra a verdadeira brasilidade. Por trás de Oribe estava Rosas, apoiado na Argentina Federal e Vermelha, em cujo escudo oficial se encruzam até hoje as duas mãos maçónicas apertadas. O estrangeiro vizinho e interessado intervinha no pleito. O soldado estrangeiro ajudava a derramar sangue brasileiro. Os imperiais tambem lançaram mão dêsse odioso recurso ao mercenario.

O ouro vil a que se referia Sebastião Ferreira Soares, ouro internacional, corria nos bastidores da contenda. E' Alfredo Varela, um grande historiador gaúcho, quem o diz nestas palavras: "a República Farroupilha era alimentada pela MÃO OCULTA de Mauá (58)." E' preciso, em homenagem á verdade, dizer que Irineu Evangelista de Souza era pessôa ligada intimamente a negócios de caráter internacional, que se tornaram vultosos e se entrosaram com o Prata. Alberto

(57) Rio Branco, op. cit., pg. 431.
(58) "Revoluções Cisplatinas", t. II, pg. 101.

Faria, seu panegirista, reconhece suas relações com os farroupilhas, dando razão a Varela: "Rezam as crónicas que na ponta do Curvêlo, em Santa Teresa, residencia de Mauá, encontravam abrigo revoltosos foragidos. Certo é que nessa casa se trabalhava em favor dêles; e veremos pela confissão de um, que, para a fortaleza de Santa Cruz (59), o negociante Irineu fazia transportar, *ocultamente e á sua custa,* a alimentação de trinta prisioneiros (60). Aí dormiu várias noites o emissario que David Canabarro mandou a Minas consultar o liberalissimo Teófilo Ottoni (61) sobre as condições da Capitulação (1844) e aí se tramou a evasão de Onofre Pires da Silveira, da fortaleza de Santa Cruz (62)." Não é preciso acrescentar mais uma linha para ficar cabalmente demonstrada a ação da MÃO OCULTA de Mauá nos graves acontecimentos da revolução republicana e separatista. Quando D. Pedro II tinha pouca simpatia pelo visconde é que sabia mais do que nós o que tinha feito e poderia fazer. Alberto Faria naturalmente ensaia uma explicação *inocente* dessa dedicação ampla á causa da revolução: "Riograndense de nascimento e filántropo de alma (*sic*!), é fóra de dúvida que, ou tivesse o espirito de revolucionario ou não, o morador da chácara de Santa Teresa fez jús á denominação que sua casa ganhou, *quilombo riograndense.*"

(59) Onde esteve preso o carbonario Zambeccari até 1839.

(60) O grifo é nosso. Que admiravel dedicação! De enternecer...

(61) Grão-mestre da maçonaria, autor da revolução de 1842.

(62) "Mauá", Companhia Editora Nacional, São Paulo, pg. 53.

A *filantropia* do negociante levou-o a gastos excessivos (63) e até a "fazer sustos ao Imperador" (64), isto já depois da maioridade, no último e desesperado quartel da luta fratricida de dez anos. Seria tambem por *filantropia* que a MÃO OCULTA se estendera com ouro aos *Treinta y Tres* da cruzada libertadora da Cisplatina, depois de 1825 (65)? Da Cisplatina, que, independente, iria ser por longos anos o feudo dos negocios da casa bancaria de Mauá? Não póde ser invocada seriamente a desculpa do bairrismo para êste caso: Irineu Evangelista de Souza não era uruguaio de nascimento. De fáto, o que sempre teve foi grandes interesses na Banda Oriental. O dinheiro não tem cheiro e os negócios não teem pátria...

O enviado de Canabarro, que vinha consultar o ouro, a MÃO OCULTA, isto é, Mauá, e a força secreta do judaismo-maçónico representada por Teófilo Ottoni, se se devia ou não aceitar como último e unico recurso a paz com o Imperio, conforme a propunha o barão de Caxias, foi o tenente Martins, que chegou ao Rio de Janeiro sob o nome de José Simeão, se ocultou na residencia de Mauá, partiu para o Serro a conferenciar com Teófilo Ottoni, recebeu suas "instruções secretas", voltou, de novo esteve na casa de Santa Teresa e levou a Canabarro a palavra de ordem definitiva (66).

---

(63) "Exposição aos credores de Mauá & C."
(64) Alberto Faria, op. cit., pg. cit.
(65) Alfredo Varela, loc. cit.
(66) Cristiano Ottoni, "Biografia de Benedito Ottoni".

Mauá chegára muito moço á posição de gerente do negociante judeu-inglês Carruthers, o qual gozava de tal prestigio na Côrte que *influenciava as medidas governamentais e influía no ânimo de estadistas como Paraná, Uruguai, Eusebio, Monte Alegre, Itaboraí* (67). Era quem mandava! Por que artes? Por que segredo, sendo um comerciante e um estrangeiro se tornára manda-chuva politico? Pelo dinheiro, já que se lhe não conhece talento ou outra qualquer virtude. Não ha outra explicação, dôa em quem doer. Ricardo Carruthers era sócio, por sua vez, do judeu anglo-luso José Henrique Reydell de Castro. Ambos tinham estreitas e muito antigas ligações de familia, que datavam do tempo em que o pai de José Henrique, enobrecido com um Dom e usando um velho e nobre nome peninsular, para maior disfarce, D. Miguel Caetano de Castro, fôra fisico-mór isto é, médico-chefe da casa de D. João VI. A firma dos descendentes entrelaçados era Carruthers, de Castro & Cia., de Manchester, cujo chefe, unha e carne com Mauá, Ricardo Carruthers, era um *socialista sansimoniano, viajado e de temperamento messianico* (68)...

Encontrámos a MÃO OCULTA dando ouro aos farroupilhas para a guerra. Seguramo-la. Era a mão de Mauá. Êste o vimos ligado a um judeu inglês *socialista e messianico,* naturalmente pessôa de importancia no Kahal. Outros historiadores nos deram as deixas. Nada

---

(67) Alberto Faria, op. cit., pg. 71.
(68) Op. cit., pgs. 104 e 121.

mais fizemos do que estabelecer as ligações lógicas entre os fátos que êles documentaram. Será possivel que nos possam taxar de vesánicos, de fantasistas ou de caluniadores?

"Les hommes d'aujordhui sont semblables á un voyageur qui a parcouru beaucoup de chemin, marché pendant des lieues, et qui s'aperçoit qu'il a tourné sur lui-même, qu'il est revenu á son point de départ. Aprés bien des circuits, nous nous retrouvons en face du juif tel qu'il était au Moyen-Age. S'il n'a plus la rouelle jaune, il a le même visage, le même sourire, les mêmes procedés, la même haine de la societé chrétienne, et surtout le même systéme économique (68)."

Êsse sistema economico que nos depaupera e se exerce por todos os meios é o que, no mais alto sentido da palavra, a Igreja denomina USURA, que a Doutrina Social Católica qualifica *provento sem causa.* São Boaventura chama-lhe "açambarcamento do alheio sob o véu do contráto", o que equivale a beneficiar-se ilicitamente sob as fórmulas legais. E' a *ars nequissima ex ipso aurum nascitur* de Santo Ambrosio. E' o que mereceu a imprecação de São Basilio: — *Tu vero fenerator... Sine terra plantas, sine statione metis.* E' o que São Crisóstomo considera: *pestiferam agriculturam...* Como não recúa deante dos maiores crimes, na tôrpe avidez do lucro, fomentando revoluções de irmãos contra irmãos, dando a mão ao estrangeiro con-

---

(69) Edouard Drumond, op. cit., pg. 122.

tra a própria pátria, São Gregorio de Nyssa equipára a usura ao parricidio. Chamamos hoje ao que os antigos denominavam singelamente USURA — *capitalismo*.

"Nenhum cristão póde confundir capitalismo e propriedade. O capitalismo parece com a propriedade como a obra dum falsificador com o documento autentico. Um dos pergaminhos é a verdade e o outro, a mentira. Não são somente diferentes, mas fundamentalmente opostos. São o contrário e a negação um do outro. O capitalismo parece com a propriedade como o sofisma parece com o raciocinio, como Caim talvez parecia com Abel (70)." O cristianismo representa, na vida economica, a defesa da propriedade atacada por Israel, pelo capitalismo e pelo comunismo. Essa luta que, assim, vemos no plano material é consequencia da que se trava no plano espiritual: o Cristo e o Anticristo. Para chegar a seus fins, o judaismo mascára-se com todas as máscaras e manobra todas as maçonarias por meio de sua MÃO OCULTA. E' muito dificil apanhála em flagrante como no caso da revolução farroupilha.

Nessa luta dos farrapos contra o Imperio, apanhamos o judaismo e a maçonaria: esta, preparando o terreno, criando o clima, deflagrando o movimento (71); aquêle — MÃO OCULTA de Mauá ligada ao braço de Carruthers, de Castro & Cia., de Manchester, distri-

---

(70) Op. cit., pg. 125.

(71) Aurelio Porto afirma "a grande influencia da maçonaria" na organização e preparação revolucionarias, "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXXI, pg. 528.

buindo o ouro judaico que alimentava o derramamento de sangue brasileiro. Muito sangue de herói iria custar a República Riograndense, "Estado efémero — diz Assis Brasil — erguido na extrema meridional do territorio brasileiro e cuja tumultuosa existencia, constantemente hostilizada pelas armas do Imperio, não conseguiu transpôr o seu periodo de formação. Nunca a bravura, a constancia e as virtudes civicas, servidas por homens de minguada educação, deram de si mais surpreendente espetáculo do que nessa luta de cerca de dez anos, que ao espirito do historiador evoca a tradicional tenacidade dos povos antigos (72)."

Aplaudimos de todo coração estas palavras!

---

(72) "A guerra dos farrapos". ed. Adersen, Rio de Janeiro, pg. 7.

Capitulo XI

A EPOPÉA DOS CENTAUROS

Os centauros estavam largados nas coxilhas, de ponchos ao vento, espadas núas, lanças em riste, seus bravos caudilhos á frente: Bento Gonçalves da Silva, Antonio de Souza Neto, Lima e Silva, Onofre Pires, João Antonio da Silveira, Côrte Real, Gomes Jardim, Crescencio, Manuel Lucas de Oliveira, Antonio Joaquim da Silva, o Menino-Diabo. Nem todos eram filhos dos pampas e o último era português. Vestiam fardas vermelhas, quando tinham fardas. Sobre a cabeça, gorros, chapeirões ou os pequeninos quépis á francêsa, com as argelinas de pano branco protegendo a nuca. Farrapos? Por que?

O nome começou sendo farroupilha, esfarrapado, e representa uma tradição revolucionaria maçónica-judaica, como o de jaques e jacobino, vindos de Jaques ou Jacob Molay, grão-mestre dos Templarios. Designaram-se com o apelido de esfarrapados, farrapos, farroupilhas, maltrapilhos, *gueux,* os confederados da Holanda, da Gueldria, da Zelandia do Brabante, revoltados contra a *tirania* espanhola. Não estamos aqui para fazer a história dos Paizes-Baixos e, por isso, nos limitamos a simplesmente dizer que, no fundo dessa revolta, estavam os judeus dos ricos e populosos ghettos que

haviam tornado, na época, a Holanda a "Judéa do Norte". Eram êles que incitavam contra Filipe II, o grande Rei cristão odiado e caluniado, os calvinistas enleiados em sociedades secretas. Quando os fidalgos protestantes postos á frente do movimento fôram a Bruxelas apresentar á regente Margarida de Parma suas reivindicações, um dos conselheiros da princêsa não quis que ela os tomasse a sério e disse-lhe: — Senhora, não passam de maltrapilhos! Daí por deante, o grito de guerra dos rebeldes foi: — Vivam os maltrapilhos! Vivam os farroupilhas! Vivam os farrapos! como se queira traduzir. E houve os *farrapos do mar,* armados em corsarios, e os *farrapos dos bosques,* guerreando em terra.

Talvez porque a luta riograndense tivesse de ser disputada, como o foi, no mar e em terra, haja acodido aos seus fomentadores ocultos a idéa de batizá-los com o apelido já tradicional nos movimentos provocados contra a religião e a monarquia. Na verdade, o nome de farroupilha começa a aparecer nas agitações liberais de 1830. Em 1832, já existe o Partido Farroupilha. O nome vinha de fóra da provincia. Traziam-no do Rio de Janeiro, onde já existia um grupo maçónico tramando a sublevação do Rio Grande e com essa alcunha, alguns *liberais-farroupilhas,* entre os quais se destacavam pela sua atividade e entusiasmo o major João Manuel de Matos e o tenente José dos Reis Alpoim (1).

---

(1) Aurelio Porto, Comentarios ao "Processo dos Farrapos", "in" "Publicações do Arquivo Nacional", tms. XXIX e XXXI, pgs. 290, e 455 e segs.

Depois de farroupilha, com o tempo, veiu a palavra farrapo.

O chefe supremo dos farrapos era Bento Gonçalves da Silva, veterano de Sarandí e Ituzaingó, comandante superior da Guarda Nacional e da fronteira do Jaguarão. O comandante das armas, marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, fez-lhe acusações quanto a negocios na raia do Uruguai. Foi chamado ao Rio para justificar-se. Ali chegou em maio de 1835 e a cada aperto de mão que trocava sentia os toques rituais da maçonaria. Quasi toda a gente, os pro-homens da governação á frente, pertenciam á irmandade da Acácia. Evaristo da Veiga, seu amigo. Diogo Antonio Feijó, seu amigo. Voltou triunfante, trazendo o compromisso de providencias formais contra os *retrógados*, que embaraçavam os planos dos liberais e da nomeação á presidencia do gaúcho Antonio Rodrigues Fernandes Braga, homem honesto e de caráter moderado. Os retrógados eram os adversarios politicos dos farroupilhas. Êstes os denominavam: galegos, caramurús, absolutistas, camelos, carimbotos e escravos do duque de Bragança. Eram por sua vez mimoseados com os apelidos de farrapos, anarquistas e pés de cabra.

"Afirmam alguns contemporáneos que a idéa da revolução se assentára definitivamente no ánimo de Bento Gonçalves durante sua permanencia na capital; que um plano existia ali, concebido por homens como Evaristo da Veiga, de sublevar ao mêsmo tempo o país inteiro para estabelecer-se a federação, que, pelos meios

legais, já se afigurava impossivel; que, no Clube Federal, secretamente se tramára a ruina completa do partido retrógrado, como condição de vida para a nacionalidade brasileira (2)."

Antes de Fernandes Braga, veiu para o governo da provincia aquêle mêsmo José Mariani, que vimos impedido de governar o Pará. Tomou posse a 22 de outubro de 1833, numa capital agitada pelos retrógados, chefiados por Sebastião Barreto, e os liberais, alarmados com o estabelecimento da Sociedade Militar, ninho de absolutistas. Fernandes Braga, nomeado a 14 de fevereiro de 1834, empossou-se a 2 de maio, no meio de "festas ruidosas". De ânimo brando e conciliador, o presidente não poderia agradar nessa época de ebulição e de odios. Nem Jesus Cristo poderia servir a gente que estava inflamada para brigar pelo menor motivo, que não queria outra cousa. Qualquer um ali sería, como diz o povo, preso por ter cão ou por não ter cão. Mêsmo aquêle que se resolvesse a abdicar de toda personalidade, entregando-se completamente ás mãos dos mutinos maçónicos, acabaria desgostando-os pela própria moleza. Fernandes Braga fôra levado ao governo por influencia dos exaltados, mas êstes se irritavam com a sua mansidão, isto é, já que conhecemos as molas secretas da história, eram impelidos pelas mãos ocultas a se irritarem. Tanto fizeram que o obrigaram a se apoiar nos inimigos da véspera. Estava declarada a guerra.

(2) Assis Brasil, op. cit., pgs. 73-74.

Quando se fizeram passeatas populares por causa da reforma liberal da Constituição, em outubro de 1834,

Bento Manuel Ribeiro

o irmão do presidente, que se achava na cidade do Rio Grande, Pedro Chaves, armou tropas e tomou providencias contra essas manifestações, as quais quasi de-

generaram em conflito. Braga foi avisado e apelou para Bento Gonçalves, afim de impôr ordem, o que êste, no caso, conseguiu (3). Mas não havia providencias possiveis contra uma agitação que vinha do fundo do mar. O presidente não podia conhecer, naquela época, a ação das forças ocultas como a conhecemos hoje. Via somente as ondas, fervendo na superficie. Algumas traziam vegetações lá das profundidades. Denunciou ao poder central a existencia de um *partido separatista, tramando de combinação com influentes caudilhos das repúblicas do Uruguai e Argentina, ás quais cogitava de anexar o Rio Grande.* A Regencia negou-lhe recursos para manter a ordem. Não os tinha, mas, se os tivesse, negaria. Não estavam seus pro-homens maçons de acôrdo com Bento Gonçalves? Não partiam de seus clubes e lojas os militares farroupilhas que iam tocar fogo no sul?

Os tumultos começaram pela vila do Rio Pardo; vieram por Viamão e Cachoeira; acabaram em Porto Alegre. Não havia prudencia capaz de conter os excessos. Sentia-se o roncar dum motor escondido, impelindo todos para a catastrofe. Quando se processavam os mutinos, homens mascarados, seguindo o exemplo classico dos carbonarios italianos, penetravam nas casas dos juizes e os assassinavam (4). Em abril, com a abertura da Assembléa Provincial, para ela se transportou, na inflamada palavra dos oradores demagogi-

---

(3) Bento Gonçalves, "Manifesto de 25 de setembro de 1835.
(4) Ramiro Barcelos, "Revoluções do Rio Grande", cap. I.

cos, a agitação que andava á matroca pelas ruas, tomando expressão legal e tão soberana como o executivo. Encontrára seu centro de polarização.

Fernandes Braga sentia-se tonto em face dos efeitos duma obra secreta que percebia, porem mal. Mas teve, assim mêsmo, a coragem de desmascará-la: "Na sua fala de abertura, denunciou á Assembléa a existencia dum *plano oculto,* formado por grande número de individuos, com o fim de revolucionar a provincia e de separá-la da comunhão brasileira (5)." Isso nada adeantava, porque a maioria da assembléa, obediente á voz de Bento Gonçalves, participava das lojas, das Vendas e dos conluios. Os deputados, ao invés de o auxiliarem, azedaram-se com a revelação. O presidente procurou organizar um corpo de policia para sua defesa e garantia. — Janizaros! gritaram os maçons. Enquanto iam berrando, nas tramas andavam de parceria os irmãos da Acácia: Bento Gonçalves, o famigerado padre Caldas, "El Cometa", e o caudilho Lavalleja, que pertencia á loja maçónica de Jaguarão (6). E Rosas "afagava já a idéa de açular a revolução no Rio Grande, para impedir que a influencia do Brasil se atravessasse deante dos seus projétos de exclusivo dominio do Prata (7)." O oriental Ruedas, que agredia violentamente o governo da provincia e do Imperio nos periodicos, não passava dum espião e agente provocador da Argentina rosista e

(5) Assis Brasil, op. cit., pg. 92.
(6) A. D. P., "Apuntes para la historia de la Republica Oriental del Uruguay", t. II, cap. 4.
(7) Assis Brasil, op. cit., pg. 101.

rubra. Ao mêsmo tempo, os comandantes das fronteiras, Bento Manuel Ribeiro e Bento Gonçalves da Silva, os dois Bentos, como diziam no Prata, desavindos, ofereciam o triste exemplo da indisciplina por causa da politica de campanario. O maçon Sebastião Barreto ajudava a embrulhar tudo. Ameaçado de prisão, Bento Manuel ocultou-se.

A publicação pela presidencia dum manifesto em que aludia ao *plano secreto dos farroupilhas lavallejistas* (8), determinou o rompimento definitivo de hostilidades. A revolução estourou na *curiosa* data carbonária de 20 de setembro. Houve ligeiro combate na ponte da Azenha, na noite de 19. Na manhã seguinte, os revolucionarios entravam como faca em manteiga na capital, "tão bem combinadas estavam as cousas", declara um historiador gaúcho. O presidente tomou a escuna "Riograndense" e, seguido da "Dezenove de Dezembro", rumou pela lagôa dos Patos para a cidade do Rio Grande. Sobre as tropas revolucionarias ainda palpitava ao vento a bandeira auri-verde do Imperio... A verde, amarela e vermelha viria depois...

Bento Gonçalves, vindo de Jaguarão, entrou em Porto Alegre a 21, no mêsmo dia em que a Assembléa dava posse ao quarto vice-presidente Marciano Pereira Ribeiro, sob o pretexto de ausencia dos outros tres. Fernandes Braga respondeu, mudando a séde do governo para o Rio Grande, onde se achava. Tentava a

(8) "Correio Oficial", n.º 55, de 27 de junho de 1835.

luta, porque "não conhecia o alcance do poder que o derrubára", escreve Assis Brasil, naturalmente conhecedor *pessoal* dêsse poder por muitos e muitos motivos...

O governo semi-revolucionario, pois se aferrava ainda a uma substituição vice-presidencial, nomeou Bento Manuel comandante das armas, em lugar do marechal Sebastião Barreto. A derrota dos imperiais no Seival abrira aos farrapos o caminho do Rio Grande, obrigando Fernandes Braga a retirar-se para a Côrte. Bento Gonçalves entrou vitorioso na segunda capital, a 21 de outubro. Avisado no seu esconderijo do que se passava, Bento Manuel procurou evitar a responsabilidade da atitude que, talvez, fôsse obrigado a tomar, conseguindo da Cámara Municipal de Alegrete um oficio em que lhe pedia se pusesse á frente de forças capazes de evitar o derramamento do sangue gaúcho. Dirigiu-se, depois, para São Gabriel, com duzentos homens, que ali viu grandemente aumentados. O marechal Barreto quis se lhe opôr, porem suas tropas estavam minadas pela indisciplina e se esfarinhavam em suas mãos. Passou a fronteira uruguaia com alguns oficiais fieis e desistiu do intento. Somente no Rio Pardo os rebeldes encontraram alguma resistencia. A revolução mal acabava de começar; no entanto, Bento Gonçalves anunciava a sua extinção, como se se tratasse unicamente da expulsão de Fernandes Braga (9). Estaria

(9) Cartas de Bento Gonçalves a Manuel de Almeida Vasconcellos, encarregado de negocios do Brasil em Montevidéu, e ao general Manuel Oribe.

iludido ou estaria iludindo? Por escrito, como *Libertador da Provincia,* protestava fidelidade ao Governo Imperial. Qual a revolução maçónica no Brasil que não começou com protestos de fidelidade ao trono e á religião? Dêsde a Guerra dos Mascates. Deveriam, no Recife, correr para as ruas, gritando: Viva El Rei!...

Na Côrte, Fernandes Braga não encontrou mais a antiga Regencia Trina e sim a Regencia Una, exercida por Feijó, com Evaristo por trás. Vinha apavorado, porque sentira de perto o "alcance daquêle poder que o derrubára". Feijó entendeu de reagir, ou tinha interesse oculto em reagir, ou recebera ordem secreta para reagir, afim de que lá nos pampas os ánimos asserenados se esquentassem de novo e os acontecimentos se precipitassem.

Nomeou Araujo Ribeiro, homem probo, austero, firme, autoritario; mas não lhe deu forças. Lá se arranjasse como pudesse. Vimos que a Regencia procedia assim, indefectivelmente, com os presidentes que nomeava para o Grão-Pará devorado pelos cabanos. A mêsma cousa em relação ao Rio Grande dos farrapos. Que conivencia essa do governo regencial, disfarçada, mas constante, com todos os fautores de desordem! O novo presidente demorou um mês na cidade do Rio Grande e foi a Pelotas conferenciar com Bento Gonçalves, que lhe disse esperar somente fôsse o procedimento do governo justo e razoavel, e que sua demora e ligação com certos elementos do Rio Grande já o estavam tornando suspeito...

Araujo Ribeiro chegou a Porto Alegre, onde Bento Gonçalves já o esperava, no dia 5 de dezembro de 1835. A anistia prometida por Feijó tardava. A maçonaria urdia a tessitura imponderavel das suspeitas. Bento Manuel era o unico chefe militar que privava com o novo presidente. A Assembléa começou a negacear para dar-lhe posse. Os juizes de paz, naturalmente industriados, fizeram uma representação em nome do povo, pedindo que a mêsma posse fôsse adiada. Excelente e *bem arranjado* pretexto para a Assembléa consultar antes de mais nada a Esfinge do poder central.

A essas manhas, Araujo Ribeiro revidou com outras. Voltou ao Rio Grande, afim de aguardar a solução do caso, disse; porem, de fato, para combinar com Bento Manuel meios e modos de esmagar os contrários. O velho soldado reuniu as forças que pôde na fronteira e proclamou Araujo Ribeiro presidente, na sua qualidade de comandante das armas. O presidente, por êsse tempo, se ia apercebendo para a luta, organizando depósitos e tropas. Quando se julgou forte, tomou posse do cargo perante a Cámara Municipal do Rio Grande, a 15 de janeiro de 1836 (10). A Assembléa convidou-o a ir ratificar o juramento em sua presença, "sem o que não o poderia reconhecer." Êle não caíu na armadilha. Recusou. A Assembléa mandou que o vice-presidente continuasse na administração e ninguem obedecesse ao presidente ilegal e intruso. Quasi os mêsmos processos se puseram

(10) Assis Brasil, op. cit., pg. 159.

em prática na República para depôr oligarcas e fabricar coroneis interventores e governadores. Dos coroneis baixou-se para os tenentes. Com o comunismo, iremos para os comissionados e sargentos. O sargento Batista não se apoderou de Cuba? O nivelamento moderno começa por baixo...

Todos os fátos que sumariamos, em que se não encontra um áto de verdadeira opressão, uma exação odiosa, uma execução injusta, uma tirania caracterizada, absolutamente não justificam a guerra cruel de dez anos entre irmãos, com saques e crueldades de lado a lado. Agitações estéreis, aproveitando inimizades individuais, personalismos, regionalismos, intrigas politicas locais, pouco e pouco levaram uma provincia inteira aos campos ensanguentados das batalhas civis, porque MÃO OCULTA se encarregou de baralhar todos os fios, de estabelecer a confusão, de crear o clima revolucionario, de atiçar e de açular a rebeldia, que só trouxe dôr, sacrificio, odio e prejuizos aos riograndenses dos dois lados e ao Rio Grande, aos brasileiros e ao Brasil. Os unicos a lucrar fôram os elementos internacionais, destruidores das pátrias, que lucram com todas as confusões. E a confusão era a melhor atmosfera para o contrabando...

No mês de janeiro de 1836, a guerra civil está virtualmente ateada. Os grupos se entreveram pelas coxilhas. As láminas das espadas e as choupas das lanças se empurpúram no sangue dos bravos anónimos, sangue de heróis brasileiros que o vasto chão verde dos

pampas bebe em holocausto aos agitadores sem pátria. A 17 de março, no Rosario, os legalistas batem os rebeldes. Dum e doutro lado, os estrangeiros mercenarios, pagos a dois patacões diarios, derramavam o sangue dos nossos centauros. Se os farrapos se ajudavam com um Calengo, os legalistas estipendiavam um Albano Bueno. Havia alemães em armas. Os reides de cavalaria percorrem a provincia, sobre Pelotas, sobre Porto Alegre, para aqui, para ali, para acolá, rodopiando nos entreveros. Ora, um tiroteio, ora um combate, ora uma carnificina. As cargas de Onofre Pires, de Crescencio, de Manuel Lucas tamboreavam no sólo fronteiriço a marcha épica dos heroismos riograndenses. No fundo daquêle mar, revolto e encapelado, holotúria que devora lama fétida, arrastava-se lêsmaticamente a maçonaria. As ondulações do seu dorso infecto e submerso transmitiam-se a toda a agua, de camada em camada; mas, quando chegavam, na pureza do ar, sob o céu azul, os cavalos netunianos das vagas se empinavam, sacudindo no espaço as crinas de espumas brancas. Esqueçamos a miseravel holotúria rastejante nas trevas deante da clara e leal cavalgada das ondas. Esqueçamos o judaismo e o maçonismo escondidos no lameiro para somente admirarmos as linhas de cavaleiros audazes e bravos, que galopam ao sol, embatem, chocam as armas retumbantes e cáem, cobertos de sangue, num derradeiro grito de incitamento pelo seu Ideal... Brava gente! Brava gente! que o teu espirito hoje iluminado na luz da Eterna Aurora inspire aos gaúchos de nossos dias evitar a

intriga babosa da holotúria maçónica, que continúa a arrastar-se no fundo do mar social e vem á tona vomitar a imodestia de tudo ter feito por nossa pátria!

Logo, começam revezes para a revolução. A Assembléa Provincial continúa a manter correspondencia com a Regencia, protestando obediencia e pedindo autoridades que sancionem com a legalidade os fátos consumados. E' preciso acabar com os processos que se estão fazendo. Mas o governo aprova os átos de Araujo Ribeiro e transfere as repartições públicas para o Rio Grande. A esquadrilha imperial incomoda as operações dos rebeldes, cuja cavalaria chega bravamente a tirotear com ela (11). Os legais apoderam-se de Pelotas e, auxiliados pela conspiração de seus prisioneiros na capital, restauram sua autoridade em Porto Alegre, para onde o presidente se transporta e que jamais seria retomada. Depois de muitas correrias, marchas e contramarchas, Bento Gonçalves dispôs-se a assaltar a cidade, mas foi obrigado a retirar para Viamão. E os imperiais, atacando e tomando o forte de Itapuan, acabaram com "o último dominio que a revolução exercia nas aguas".

Os revolucionarios sentiam-se abatidos; mas a Regencia achou que devia confiar a um general o governo da provincia, afim de esmagá-los de vez. Foi *mal aconselhada*... Demitiu Araujo Ribeiro e nomeou o marechal Elisiario de Miranda Brito. A medida trazia a

(11) N.º 111 do jornal "O Povo".

justificativa acima mencionada. Verificando suas lastimaveis consequencias, quem, como nós, conhece a ação solerte das forças ocultas é levado a crêr que fôsse proposital para produzir aquêles mêsmos efeitos ou sugestionada com êsse fito. Os legalistas cindiram-se logo em duas facções: ribeiristas e elisiaristas. O novo presidente tomou posse a 14 de julho de 1836. O povo fez uma representação contra a desnecessaria mudança e Araujo Ribeiro voltou ao poder, por ordem da Regencia, a 24 do mêsmo mês. Que força ou que prestigio poderiam ter autoridades assim malferidas no seu principio vital a cada passo?

A 10 de setembro, Neto batêra os imperiais de Silva Tavares no Seixal; depois, fôram repelidos na sua tentativa sobre Viamão. Os guerrilheiros farrapos tomaram alento. A bravura de David Canabarro começou a brilhar nos entreveros das coxilhas (12). Renasceram as esperanças de triunfo. O fáto de militarem nas fileiras do governo muitos portuguêses, bem explorado e exagerado pela propaganda maçónica, despertára o patriotismo gaúcho para a epopéa. "Só havia dois caminhos a seguir nas atuais circunstancias: a submissão, com prejuizo da liberdade, ou a separação da provincia, com a vitória dos principios (?), bem como com enormes sacrificios; que êste último era o unico compativel com a honra e patriotismo; que, pela sua parte, estava (*é o general Antonio Neto quem fala*) disposto

(12) Manuel Martins da Silveira Lemos, "Apontamentos".

a sacrificar tudo por êste sentimento; que o Rio Grande do Sul, desligando-se do Brasil, formaria um Estado livre e independente sob a fórma republicana (13)." Por fás ou por néfas, a verdade é que se chegava á finalidade visada da sombra pelo judaismo-maçónico: separação e república. E "êsse pensamento havia já *insensivelmente* penetrado o partido revolucionario inteiro (14)." Antes de tomar a grave resolução de proclamar a república, Antonio Neto mandára seu irmão José pedir auxilio a Manuel Oribe, no Uruguai (15). Assis Brasil tem razão, pois, quando diz: "Os homens são instrumentos das idéas: trabalham por elas sem saberem o conjuncto dos fátos a que se dirigem..." Acrescentamos por nossa conta e risco: porque o Poder Oculto é o unico que sabe a verdadeira meta que deve ser atingida pelas idéas que instila.

No dia 20 de setembro, aniversario da revolução — a tal data coincidente —, a república foi proclamada pela Cámara Municipal da vila de Jaguarão. Muitas adesões. Bento Gonçalves recebeu o titulo, de estilo maçónico dêsde Cromwell, de Chefe e Protetor da República e da Liberdade Riograndense (16). Na balaiada do partido Bemtevi, no Maranhão, o negro Cosme se intitularia Tutor e Imperador da Liberdade. Coincidencia acidental? O' Liberdade, de quantos tutores e pro-

(13) Assis Brasil, op. cit. pg. 201.
(14) Op. cit., pg. 202. O grifo é nosso. As manobras maçónicas conduzem "insensivelmente" os homens aonde querem...
(15) Op. cit., pg. 204.
(16) Op. cit., pgs. 205-206.

tetores tens tido necessidade na tua ensanguentada história?

A posição de Bento Gonçalves em Viamão era, contudo, critica. Pôs-se em marcha para o Jacuí. A cavalaria de Bento Manuel vigiava-lhe os movimentos. O chefe imperial tomou-lhe a deanteira nos barcos da flotilha de Grenfell e surpreendeu-o na passagem do rio. A indecisão de Bento Gonçalves fez com que se metesse na ilha do Fanfa, onde foi batido a 4 de outubro. Depois de mortifero combate a fogo e arma branca, capitulou, sendo enviado para Porto Alegre, com Onofre Pires, Zambeccari e outros chefes (17). O agente carbonario foi metido a ferros. Mais tarde, seguiram todos para o Rio de Janeiro, onde os encarceraram na fortaleza de Santa Cruz. Os civis conseguiram habeas-corpus e voltaram ás escondidas ao Rio Grande do Sul. Zambeccari e Bento Gonçalves estiveram tambem algum tempo na fortaleza da Lage. O segundo foi transferido posteriormente para a Baía, onde os *irmãos* lhe deram escapúla.

Antonio Neto não se deixou abater pelo grave revez do Fanfa e se tornou o mentor decidido do movimento, do ponto de vista militar. Diz Carlos von Koseritz que o "cérebro da revolução" era o culto e nobre Domingos José de Almeida. Neto reuniu um congresso em Piratini, o qual oficializou a República. Fôram eleitos presidente Bento Gonçalves, vice-presidentes Antonio

---

(17) Op. cit., pgs. 208 e segs.; Parte Oficial de Bento Manuel Ribeiro ao ministro da Guerra.

Paulino da Fontoura, José Mariano de Matos, Domingos José de Almeida e Inácio José de Oliveira Guimarães. José Gomes de Vasconcelos Jardim foi escolhido substituto efetivo do presidente prisioneiro. A Neto coube, por aclamação, o comando geral do pequeno e aguerrido exercito farroupilha. Todas as autoridades prestaram juramento. Escolheram-se ministros. Copiou-se no que se pôde a organização administrativa do Imperio. Era no dia 6 de novembro de 1836. Estava inaugurada a República Riograndense que o Oriente de Porto Alegre, em documento público e notorio, declara obra exclusiva e totalmente sua, até nas insignias, um século depois.

Iniciava-se a longa epopéa dos centauros e das guerrilhas. Os farrapos "apuravam paciencia e valor de seus adversarios por sua constante mobilidade. Possuiam abundancia de cavalos, o elemento essencial para incursões e entreveros de cavalaria, quais os impunha tal género de campanha. Iam e vinham os soldados voluntarios a seu bel prazer. Batiam-se, perseguiam ou dispersavam-se, conforme exigiam os acontecimentos e ordenavam os chefes. Reuniam-se, quando convidados por seus generais. Tais processos eram ideais no tocante á rapidez das movimentações. Nunca fôram mais de seis mil homens, ao máximo. Quasi não tinham artilharia, senão a que haviam conquistado ás colunas imperiais, umas vinte peças, quando muito (19)."

---

(18) Calogeras, op. cit., pg. 162.

No começo de 1837, Feijó comete o erro grosseiro ou *proposital* de demitir Araujo Ribeiro, que quasi tinha já toda a provincia sob sua autoridade. "Desesperado de odio e perdendo todo o senso da medida, Bento Manuel bandêa-se para os rebeldes. Em 23 de março, o velho caudilho prende no passo do Tapevi o proprio presidente da provincia, brigadeiro Antero José Ferreira de Brito. Todos os pormenores dêsse feito êle mêsmo nos dá nos seus oficios de comunicação, publicados pelo Arquivo Nacional no seu volume XXXI. Em 8 de abril, Antonio Neto ocupa Caçapava. E' a primeira consequencia da defecção de Bento Manuel, que, no dia 5 de junho, destroça seu inimigo pessoal, o marechal Sebastião Barreto, no combate de Santa Bárbara. A 12 de agosto, no Triunfo, são batidos os legais de Gabriel Gomes Lisbôa. Em outubro, a derrota da Vacaria (19). Os republicanos reconquistam a palmo o territorio.

No dia 10 de setembro, ajudado notoriamente pela maçonaria, Bento Gonçalves evade-se do forte do Mar, na Baía, e volta ao Rio Grande do Sul, que mais se inflama de entusiasmo (20).

No panorama politico da Regencia, alteava-se então a figura de Bernardo de Vasconcelos. A de Feijó diminuia, sobretudo após a morte de Evaristo da Veiga,

---

(19) Rio Branco, op. cit., pgs. 234, 295, 389 e 514.

(20) Op. cit., pg. 431. Na "A Noite", de 3 de abril de 1837, Pedro Calmon estampou um artigo "Como fugiu o herói", no qual conta como a maçonaria deu fuga a Bento Gonçalves, na Baía. Damo-lo no nosso "Apendice", "in fine".

que o sustinha com todo o seu valor. O padre era maçon, mas homem de vida limpa, pobre como Job. A vida do outro não ganharia muito em ser esmiuçada. Os dois não se toleravam.

O Regente não se podia conformar em vê-lo no poder, como ministro do Imperio, o que queriam certas forças politicas e não sabemos se as forças de retaguarda daquelas... A 18 de setembro conferenciou com Araujo Lima, futuro marquês de Olinda, ficando resolvido que êste seria nomeado ministro da Justiça e, na fórma da constituição, assumiria a Regencia pela renuncia de Feijó, que ia até aí para não chamar Bernardo de Vasconcelos ao ministerio. A 19 de setembro, o padre resignou o cargo que vinha exercendo dêsde 12 de outubro de 1835. Araujo Lima o substituiu. Seria eleito definitivamente em abril do ano seguinte. Chamado ao poder, Bernardo de Vasconcelos constituiu seu gabinete com Miguel Calmon, futuro marquês de Abrantes, na pasta da fazenda; Maciel Monteiro, futuro barão de Itamaracá, na de Estrangeiros; Sebastião do Rego Barros, na da Guerra; Rodrigues Torres, futuro visconde de Itaboraí, na da Marinha (21). Foi o chamado Ministerio das Capacidades, com o qual Bernardo de Vasconcelos, vendo, como êle proprio dizia, a Liberdade comprometida pelos excessos dos facciosos, que brotavam como tortulhos por todo o país, se tornava regressista ou retrógrado para salvar essa mêsma Liberdade,

---

(21) Op. cit., pgs. 446 e 451; Calogeras, op. cit., pg. 163.

sempre, dêsde que nasceu, carecida de defensores, tutores, protetores e salvadores...

Nascia no maremagno de confusões da Regencia o Partido Conservador, da fusão dos liberais-moderados com os antigos restauradores ou reacionarios. Creava-se um grande factor de equilibrio politico na vida até então tumultuosa da Nação. O grande serviço dessa creação foi o estabelecimento definitivo da ordem, mais tarde.

A proclamação do novo Regente, em outubro, concitando os brasileiros á concordia, morreu sem repercussão prática no entrechoque dos motins. Riram-se naturalmente dela nos conciliabulos das lojas, entre as duas colunas salomonicas. O sangue brasileiro continuou a ser derramado nas imolações da guerra civil. Derrotas e revezes estéreis para ambos os lados. A 25 de fevereiro de 1838, os rebeldes são derrotados no combate de São Gonçalo (22). Se os farrapos contam com o prestigio de Bento Gonçalves, o valor de Neto, a consumada mestria caudilhesca de Bento Manuel, "a eminencia moral de João Antonio e a bravura inexcedivel de Jacinto Guedes", como diz Canabarro Reichardt, do lado do Imperio se altanam tambem grandes figuras e, entre elas, o famigerado Moringue, Francisco Pedro de Abreu, barão de Jacuí, em quem como que se incarnára o espirito de Pinto Bandeira e de Chagas Santos. Era, então, major. Bate os revoltosos onde os

(22) Garcez Palha, "Efemérides Navais".

encontra: no arroio Pitim, a 1.º de setembro; em Santo Amaro, a 19 de novembro. No dia 22, entrára na vila do Rio Pardo e a 24 vencera o proprio Bento Gonçalves no passo do Vigario. No combate, morreu o oficial de marinha e carbonario Rossetti, amigo do peito de Garibaldi, enviado dos poderes ocultos internacionais (23).

As revoluções que se concentram morrem devoradas no proprio fogo. Toda revolução precisa alastrar, expandir-se para viver. Os farroupilhas sentiram instintivamente essa necessidade em 1839. Inicia-se o ano pela transferencia da capital republicana, de Piratini para Caçapava (24). Depois, procuram avançar para o corpo do Imperio, quer tentando a união com outras provincias, como documenta Souza Docca em trabalho especial, quer transpondo em armas a fronteira de Santa Catarina.

O poder central dera uma "prova de fraqueza", diz Calogeras, que muito contribuira para as tentativas de alastramento revolucionario, oferecendo anistia a 1.º de janeiro de 1839. Repetia as promessas de 1835 e 1836. Em julho, os rebeldes se apresentam na velha cidade da Laguna, por mar e por terra. Já existem os *farroupilhas do mar,* como na revolução holandêsa do século XVI. A bandeira revolucionaria, diferente da tricolôr gaúcha de Zambeccari, amarela e branca, fôra levantada no dia 1.º de março, na vila de Lages, onde Aranha e Serafim Muniz haviam soltado o grito de Independencia e Federação ao Rio Grande do Sul. Os

(23) Rio Branco, op. cit., pgs. 419, 545, 550 e 552.
(24) 14 de janeiro de 1839.

Manuel Lucas de Oliveira

David Canabarro

dois chefes comunicaram-se logo com David Canabarro, que sitiava Porto Alegre (25).

A esquadrilha republicana que se mostrava na Laguna sob o comando de Garibaldi fugira *por terra* da Lagôa dos Patos, onde ficaria bloqueada pela Armada Imperial. Dois barcos de coberta, o "Farroupilha" e o "Seival", construidos ás occultas no rio Camaquan, fôram arrastados mais de sete leguas por juntas de bois até flutuarem no Tramandaí, pelo qual desceram para o oceano na tarde de 13 de julho de 1839 (26). No dia 22, Laguna foi conquistada. Aí Garibaldi conheceu e amou Anita, que haveria de ser a sua dedicada companheira de toda a vida. No dia 24, proclamou-se solenemente a República Catarinense, dando-se á velha povoação bandeirante o nome de Cidade Juliana (27). República tão efémera quanto aquelas que o maçonismo da Revolução Francêsa semeou na Europa com nomes pomposos, do mêsmo sabor classico do que fôra dado á fundação dos Brito Peixoto: Bátava, Partenopéa, Transalpina. No correr do ano, porem, Soares de Andréa, vencedor dos cabanos, limparia de rebeldes o interior da provincia e, em novembro, Frederico Mariath, seu companheiro naquela luta, restauraria a autoridade imperial na ex-Cidade Juliana. Mariath destroçou com-

(25) H. Canabarro Reichardt, "David Canabarro", ed. da Panelaria Velho, Rio de Janeiro, 1934, pg. 53.

(26) Op. cit., pg. 55.

(27) Op. cit., pg. 60; Calogeras, op. cit., pg. 165; Rio Branco, op. cit., pgs. 337, 353 e 359.

pletamente a esquadrilha garibaldina com suas tripulações italianas (28).

Os combates no sul prosseguiram durante todo o ano. Um cruzeiro de Garibaldi, feito corsario, nas costas de São Paulo, no qual fez algumas presas, redundou, afinal, em lamentavel desastre. Perseguido pela corveta "Regeneração" e, depois, por outros barcos de guerra, embora pequenos, abandonou ou queimou as presas para escapar. Enquanto isso, a cavalaria do Moringue batia os revoltosos no arroio dos Ratos (29). Para compensar, a 14 de dezembro, os legais fôram vencidos em Santa Vitória.

Sem navios, Garibaldi comanda a infantaria das tropas que, em 1840, teimam em manter na região fronteiriça das provincias limitrofes a República Catarinense. Recuam, desfeitas no combate de Curitibanos ou da Forquilha. O Moringue, ora ajudado pelo bravo Andrade Neves, futuro barão do Triunfo, ora sozinho, é o herói do ano. Em janeiro, destroça os farrapos na Sanga da Bananeira; em junho, na estancia do Salgado; em agosto, no Capivari; em setembro, na Roça Velha; em dezembro, hostiliza a retaguarda de Bento Gonçalves, que retira de Viamão (30). Tudo isso, apesar da quasi inercia do governo provincial, dividido inhábil ou *propositalmente* pela Regencia entre o presidente civil e o comandante das armas. Andam ambos ás turras. A

(28) Rio Branco, op. cit., pgs. 356-357, 536-537.
(29) Op. cit., pgs. 410 e 451.
(30) Op. cit., pgs. 22, 55, 315, 381, 465 e 575.

Regencia não queria o comando unico, mais capaz de agir.

No dia 3 de maio, o marechal Manuel Jorge Rodrigues, que defendera no começo do século, heroicamente, a Colonia do Sacramento, que estivera na cabanada do Grão-Pará, derrotou o exercito republicano, comandado em pessôa por Bento Gonçalves, na batalha de Taquari, o que lhe deu mais tarde o titulo de barão dêsse nome. Em julho, São Gabriel foi tomada pelos imperiais. Em outubro, os rebeldes de Portinho são varridos por Taborda no rio Canôas, em Santa Catarina. Em dezembro, o presidente Alvares Machado rompe as negociações de paz que se entabolavam, talvez envaidecido pelos triunfos, talvez em obediencia ás insidias das lojas. Isto foi no dia sete. A 21, Jacintho Guedes esmagava uma força legal na estancia de São José (31).

Começa a desarticulação dos farrapos. Estouram dissensões intimas. O vice-presidente Fontoura inimiza-se com Bento Gonçalves, em 1841, segundo revela uma carta dêste a Manuel Lucas de Oliveira (32). Apela-se, com mais anseio, oficialmente, para o auxilio estrangeiro. A 5 de julho, assina-se a Convenção de Auxilio Mútuo entre Bento Gonçalves e Frutuoso Rivera, então na presidencia do Uruguai. Quando, em 28 de outubro de 1841, o Moringue surpreende a vila de

---

(31) Op. cit., pgs. 259, 305, 480, 575 e 599.

(32) J. Pinto da Silva, "A provincia de São Pedro", ed. da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1930, pgs. 170 e 188.

São Gabriel, ali encontra grande cópia de armamento e munições enviada pelo govêrno oriental. A' tomada de São Gabriel, segue-se a derrota do Capão Bonito, a 25 de novembro. Sempre o Moringue! Novo apêlo mais desesperado ao Uruguai, do qual resulta a Convenção Secreta de Bento Gonçalves com Rivera, datada de 28 de dezembro (33).

Dêsde julho de 1839, Bento Manuel se arredára da atividade militar. Metera-se nas encôlhas. Em 1840, escrevia ao presidente da provincia, "propondo-se a abandonar as fileiras rebeldes a trôco de anistia para si e para mais alguns amigos e parentes, ficando toda a negociação em segredo (34)." O general Soares de Andréa, que presidia já o Rio Grande, deferiu-lhe o pedido. Os farrapos tinham perdido um trunfo.

Cerca de quatro anos mais durará a agonia da revolução, como veremos no volume seguinte desta história. Aqui somente podemos chegar até a restauração da autoridade imperial com a maioridade de D. Pedro II. Mas já os heróis farroupilhas, famintos e perseguidos, parecem "mais farrapos do que nunca"(35). Pouco e pouco, por isto ou por aquilo, os chefes vão desaparecendo do proscenio e o comando supremo das guerrilhas, que ainda teimam, irá parar ás mãos do bravo e resignado David Canabarro. Assim mêsmo, andaram a negacear-lhe a confirmação do generalato —

(33) Rio Branco, op. cit., pgs. 337, 510 e 611.
(34) Calogeras, op. cit., pg. 168.
(35) J. Pinto da Silva, op. cit., pg. 193.

declara um historiador riograndense (36). Deram-lhe a chefia, quando a revolução era um *rabo de foguete*, conclue. Que acabasse na sua mão! Restou-lhe o calvario. Soube ser digno do sacrificio. Até o fim!

Antonio Vicente da Fontoura, "cronista lúcido, integro e sóbrio da agonia da república", segundo a expressão de J. Pinto da Silva, escreveu no seu "Diario", que começa a 1.º da janeiro de 1844, estas palavras: "Que parecidos que são êstes nossos doidos com os doidos governantes do Brasil! Diabos! Assim fazem correr jorros de sangue brasileiro!" Sim, parecem todos doidos, os homens da Regencia e os homens da Revolução nêsse duelo atroz, mesclado de heroismos, sacrificios e barbaridades inúteis, que durou dez anos! Doidos, porque os endoidecera quem, por trás da maçonaria, endoidecia a ela propria, endoidecendo os povos com utopias e miragens, no sortilegio da falsa liberdade. Não esqueçamos um instante, sob o esvoaçar de flámulas e bandeiras da epopéa dos centauros sacrificados, aquela MÃO OCULTA a que se refere Alfredo Varela. Era a de Mauá, que se ligava ao *sansimoniano e messianico* Carruthers, representante da casa bancaria anglo-judaica-portuguêsa de Manchester, com influencia de tomo sobre os politicos brasileiros. Vimos isso clara, insofismavel, *documentadamente*. Respondam-nos agora: quem deveria naturalmente se achar na sombra, por trás da casa bancaria?

---

(36) H. Canabarro Reichardt, op. cit., pg. 102.

Pobres farrapos, mais farrapos do que nunca! Se tivessem despendido tantas energias, se tivessem dedicado tanta constancia e tanto valor, se tivessem consumado tantos e tão nobres sacrificios, se tivessem praticado tantos heroismos em prol da verdadeira grandeza do Rio Grande do Sul unido á grandeza Imperial do Brasil, que impulso de progresso e de civilização não teriam dado á nossa pátria comum! Malbaratando todo êsse maravilhoso esforço numa horrenda guerra civil, iludidos pelo Poder Oculto, fizeram o seu eterno jogo: enfraquecimento e morte das sociedades cristãs.

Lamentemos o seu desvario, mas celebremos a sua glória ganha nas refregas, paga pelo seu sangue e pela sua dôr!

Capitulo XII

A REPÚBLICA QUE NASCEU MORTA

Federalismo, separatismo e república eram as idéas assopradas do fundo das lojas para enfraquecer e fragmentar o Brasil, aproveitando as debilidades e cumplicidades da Regencia. A obra se realizava no Norte pelos cabanos; no Sul pelos farrapos. O Centro, a Baía, ia tambem entrar na dansa trágica. Ali, a plebe, insuflada pelos mutinos, festejava publicamente, nas barbas das autoridades, as vitórias farroupilhas, e as eternas Sociedades, os eternos Clubes politicos fomentavam idéas de separação. Creava-se um clima de simpatia evidente pelo separatismo republicano (1). Na formação dêsse ambiente, punha-se em relêvo a figura do dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, que escrevia artigos inflamados no "O Investigador", em oposição á Regencia. Diz Spencer Vampré, naturalmente bom conhecedor dos segredos da Faculdade de Direito de São Paulo, cuja história minuciosa traçou em dois alentados volumes, que êle era insuflado pelos Andradas e tinha a assessorá-lo Teixeira de Freitas, moço de 21 anos, vindo da Paulicéa, decerto iniciado na Burschen-

(1) Pedro Calmon, "História da Baía", pg. 174.

chaft ou Bucha, e já processado pela justiça paulista como réu ausente (2).

Na verdade, parece que a missão de que se incumbira o dr. Sabino na Baía fôra encomendada por um poder mais alto... Sacramento Blake, defendendo-o, mais tarde, de todas as inculpações que lhe faziam, rasga uma pontinha do véu do mistério, embora deixe entrever que sabia mais do que de público podia dizer. Procura mostrar que os horrores praticados na cidade do Salvador não tinham sido ordenados por êle e sim obra das forças legalistas. Afirma que não fôra autor da revolução, "iniciada e resolvida por altos estadistas da Côrte, como um meio de oposição á Regencia." Êle não fizera mais do que se entusiasmar com exagero pelo ideal. E conclúe que se ralára de desgostos no abandono e no exilio, porque tinham receio de que, "livre na Côrte ou na Baía, trouxesse a público certas verdades... arrancasse certas máscaras... (3)."

A maçonaria dominava a politica nacional e fazia dos homens de Estado joguetes de seus planos secretos. O panorama foi pintado com muita propriedade por Francisco de Souza Paraiso, o presidente expulso pelos rebeldes: "Homens insensatos, sem lei, sem consciência, sem pejo, sem temor de Deus e de seus semelhantes, levados unicamente de desmarcada ambição e desejos

---

(2) Spencer Vampré, op. cit., t. I, pgs. 217-219.

(3) Augusto Vitorino Sacramento Blake, "A revolução da Baía" "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", t. L, p. 2.ª, 1887, pgs. 178 e 195.

de fazer fortuna, com os nomes sagrados de Pátria e Liberdade na bôca, têem conseguido chamar a si massas de pessôas ignorantes e díscolas para acendêrem o facho da anarquia, que, qual venenosa hidra, tem erguido o cólo para assolar o país em que por desgraça viram a luz. O resultado de suas falazes promessas é patente a todos os olhos: miserias, ruinas, mortes, roubos, incendios atrozes, pobreza, viuvez e orfandade, eis a bela obra do falso patriotismo de que tanto blasonam (4)."

Era sob a Regencia de Araujo Lima, que sucedêra a Feijó. Presidia a provincia o dr. Francisco de Souza Paraiso, homem bom, mas fraco, cuja prudencia seria facilmente iludida pela traição, sobretudo da parte dos militares em quem confiava (5). "Bem criticos iam os tempos, reinavam a efervescencia e a agitação, hasteava o pendão da revolta a provincia do Rio Grande do Sul, e as demais provincias, desgostosas, sem fé no presente, sem esperanças no futuro, minadas pela descrença, apresentavam assustadores sintomas e tendencias de separação (6)." Panfletos e pequeninos jornais virulentos espalhavam idéas de turbulencia, empeçonhavam os espiritos. Corriam vozes malévolas de que havia a intenção de separar a Baía do Imperio *até* a aclamação da maioridade do Imperador; "mas, ao depois, tirando a máscara com que aliciavam adeptos, declaram-na Estado

---

(4) "Exposição", Villeneuve & Cia., Rio de Janeiro, 1938, pg. 3.
(5) Op. cit., pg. 11.
(6) Padre Francisco Bernardino de Souza, "Páginas da História Pátria" "in" "Revista Popular", tomo de outubro a dezembro de 1862, pg. 5.

Livre e Independente, sob a fórma republicana (7)." Plano de absoluto acôrdo com as linhas gerais dos "Protocolos dos Sábios de Sião", o que demonstra a eterna conspiração judaico-maçónica contra o mundo. Basta lêr essa obra infernal para se dar conta disso. As diretivas atuais do Komintern, emanadas da mêsma fonte espiritual judaica, preconizam os mêsmos engôdos e as mêsmas etapas, através do falso liberalismo, para ir iludindo os incautos.

Um dos fins — talvez o principal do movimento baiano, que tomou o nome de Sabinada, era distrair para outro fóco republicano-separatista as forças destinadas a abafar a revolução farroupilha (8). Essa, então, de acôrdo com o plano carbonario, terminaria seu ciclo á sombra da anemía do poder central a braços com explosões revolucionarias por todos os lados e de todos os feitios. Era a desagregação completa do Imperio Brasileiro. Não se esqueça que, em setembro, as forças secretas haviam dado fuga a Bento Gonçalves do forte do Mar. As ligações da Sabinada com os farrapos são claras. Seus próceres que conseguiram fugir fôram servir no Sul, nas hostes dos centauros rebeldes. A 2 de novembro, quatro dias antes da insurreição, o chefe de policia da Baía oficiava ao ministro da Justiça, comunicando-lhe as suas apreensões e dizendo "que existia um plano de revolta, até mêsmo de separação da

---

(7) Op. cit., pg. 6.

(8) General Abreu Lima, "História do Brasil", ed. de 1843, t. II, pg. 121.

provincia... formado por muitos individuos, cujos nomes me fôram revelados, e talvez deixado por Bento Gonçalves, manejado hoje por quem lhe deu a fuga (9)."

A Sabinada estalou na noite de 6 de novembro de 1837. Dêsde muitos dias, o presidente Paraiso estava avisado de que se tramava um movimento nos clubes politicos que infestavam a capital. Êle mêsmo o confessava na sua "Exposição" (10). No dia 7, pelas dez horas da manhã, com grande ajuntamento de povo, proclamava-se a República Baiana na Cámara Municipal e logo, por motivo da presidencia da mêsma, começava a discordia entre seus partidarios, causando abstenções e até deserções. O presidente legal da provincia, sem forças para se opôr ao feito, visto como a tropa se passára para os conspiradores, refugiou-se a bordo duma fragata e partiu para a Côrte. No tempo da Regencia, as fragatas eram a salvação dos pobres presidentes das provincias conflagradas uma após outra. A guarnição do forte de São Pedro apoiava incondicionalmente os sediciosos. Comandava a soldadesca insurgida o tenente coronel Pinto Garcez (11).

A proclamação da república obedecia ao plano de etapas judaico-maçónico que o comunismo prossegue

---

(9) Oficio do chefe de policia da Baía ao ministro da Justiça, de 2 de novembro de 1837; Comentarios de Aurelio Porto ao "Processo dos Farrapos" "in" "Publicações do Arquivo Nacional", t. XXXI, pgs. 561 e segs.

(10) Pgs. 8-9.

(11) Pedro Calmon, op. cit., pg. 175; Rio Branco, "Efemérides Brasileiras", pgs. 526-527; Francisco Bernardino, op. cit., pg. 6.

através das frentes populares e ligas anti-guerreiras ou ànti-fascistas. Será *até a maioridade,* uma república provisória — para não espantar... Foi aclamado seu presidente Inocencio da Rocha Galvão, que pertencia á maçonaria internacional e andava pelos Estados Unidos, não se sabe bem fazendo o que. E' demasiado curiosa essa escôlha, para o primeiro pôsto do novo Estado segregado do Brasil, dum ausente que não tomára parte nas conjuras. Nenhum historiador se deteve até hoje nessa curiosidade. Contam o fáto todos como cousa natural, quando nada tem de natural. Que influencia exquisita era essa que se processava através de tão grande distancia?! Aclamou-se tambem o vice-presidente que o deveria substituir e isso motivou a divergencia: o velho ricaço João Carneiro da Silva Rego. Escolheu-se o dr. Sabino para secretario do novo governo. Nomeou-se o major Veloso comandante das armas (12). Creou-se tambem um Corpo de Voluntarios Leais á Pátria.

O movimento não se pôde ramificar. Teria de morrer rapidamente no proprio fóco de sua eclosão. Nem ao menos conseguiu atingir a ilha de Itaparica, posição estrategica quasi indispensavel á defesa da capital. Os rebeldes tinham inteligencias ali e contavam com a adesão do tenente coronel Francisco Xavier de Barros Galvão, que lá residia. Êle tentou o golpe, mas

---

(12) Moreira de Azevedo, "Sabinada da Baía" "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", t. XLVII, 2.ª p., 1884, pg. 285.

encontrou reação imediata e nada pôde fazer. Julgando que os havia traido, os insurgentes de São Salvador enviaram uma expedição á ilha, que foi repelida pelos guardas nacionais e paisanos em armas, comandados pelo coronel Antonio de Souza Lima, no dia 18 de novembro (13).

As cidades de Cachoeira e Santo Amaro tornaram-se bases da resistencia legal. Para lá se retiraram, na grande maioria, os empregados públicos. A população sensata condenou a desarrazoada revolta. O proprio comercio fechou as portas. Entocada, assim, a burguesia, como se diz na giria comunista de nossos dias, divertiu-se o governo do novo Estado Independente maçónico-bucheiro a mandar apagar, por decreto, de todos os monumentos públicos as datas da história pátria que nêles figuravam (14). Pela mão dos inconscientes, o judaismo-maçónico tentava, assim, a destruição das tradições nacionais.

A Cámara Municipal de Santo Amaro aclamou presidente da provincia o desembargador Honorato José de Barros Paiva. Reuniam-se no historico Pirajá os contingentes da Guarda Nacional do Recóncavo, os indios mansos da Pedra Branca e os voluntarios cachoeirenses, sob o comando dum veterano da guerra da Independencia, Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, barão de Cajaíba, auxiliado por Antonio Joaquim Pires de

(13) Francisco Bernardino, op. cit., pgs. 90 e segs.; Rio Branco, op. cit., pg. 541.
(14) Moreira de Azevedo, op. cit., pgs. 287 e 293.

Carvalho e Albuquerque, visconde da Torre de Garcia d'Avila (15)".

Dia após dia, o núcleo de forças do Pirajá aumentava, enquanto os sabinos, circunscritos á cidade do Salvador, se viam obrigados a preparar trincheiras, afim de oferecer resistencia ao ataque iminente. O presidente de Sergipe, convidado a abraçar a causa republicana, recusára. O de Pernambuco, Francisco do Rego Barros, enviou uma coluna de reforço aos legais, sob o comando de José Joaquim Coelho, composta de bravos soldados que receberam o titulo de Libertadores.

Antes de chegar a noticia da revolta ao Rio de Janeiro com as tardas comunicações da época, a Regencia nomeára presidente da Baía Antonio Pereira Barreto Pedroso, que tomou posse na Cachoeira e logo providenciou para o bloqueio da capital, que alguns navios de guerra tornaram efetivo (16). Evidenciou-se mais uma vez o grande papel da Marinha Brasileira como factor da unidade nacional. Na cabanada e na revolução farroupilha, o bloqueio que estabeleceu, circunscrevendo a ação dos rebeldes, em muito decidiu da vitória final das armas imperiais.

O juiz Antonio Simões da Silva, convidado pelo governo republicano a assumir a chefia de policia, conferenciou com alguns amigos que lhe aconselharam aceitasse o pôsto para fazer uma contra-revolução. A gente que tinha o que perder temia a anarquia que se

(15) Op. cit., pg. 288.
(16) Op. cit., pg. 289.

anunciava. Assim procedeu o juiz e, á frente do corpo policial, marchou a reunir-se aos legalistas do Pirajá (17).

Os revolucionarios estrebuchavam no estreito âmbito em que haviam sido confinados. Retiraram quinhentas espingardas *que estavam na alfandega.* Munições não lhes faltavam e estava a chegar maior quantidade. Fornecimento judaico. Resolveram uma sortida no dia 28 de novembro, mas fôram repelidos pelos imperiais e recolheram aos seus entrincheiramentos. Um documento judeu e curioso revela um pouco o que se passava no seu seio. Em 1864, o israelita-inglês Isaac Amzalak, negociante na Baía, publicava pequeno "Memorial", que a nossa Biblioteca Nacional conserva, o qual começa com êste periodo em que se misturam a prosápia, a falsa modestia e a defesa do sórdido interesse monetario: "Não que tenha em mira apregoar um merito que não possúo, nem que pretenda por vã ostentação alegar serviços prestados ao país, se bem que em sacrificio de minha propria existencia: bem longe de querer eivar-me de insensato vituperio, que abomino, meu fim unico e especial nesta singela e tôsca narração de minha vida passada durante a época da guerra da Sabinada, é fazer sentir que, se não tinha por meus átos direito algum a uma recompensa vantajosa, qualquer que ela fôsse, ao menos, presumo, me fazia credor de ser atendido em uma justa reclamação

(17) Op. cit., pg. 287.

do governo da Inglaterra ao do Brasil em beneficio meu, na qualidade de súdito inglês que sou, solicitando a indenização dos prejuizos que sofri naquela época, avaliados em 5.594 libras esterlinas (18)." Apesar do apoio do governo inglês, tendo a Sabinada ocorrido entre novembro de 1837 e março de 1838, em 1864, vinte e seis anos depois, como se vê da propria publicação, o Governo Imperial não se resolvera a dar ao judeu *que prestára serviços até com sacrificio da sua existencia,* como vai dizendo quem lhe gatafunhou o aranzel, os cinco milhares e meio de libras que pretendia e reclamava. Com certeza, durante duas décadas e pico, não houvera meios de provar claramente a procedencia do pedido.

Por que essa indenização?

O judeu conta as cousas a seu modo. Não quisera vender aos republicanos o brigue sardo "Pinguen", que lhe estava consignado e que, antes, andára annunciando por trinta contos, porque, afirma, *era leal ao Imperio.* Então, os rebeldes intentaram enchê-lo de armas ás escondidas, para acusá-lo de contrabando de guerra e puni-lo. Confessa que tinha *muitos* amigos e vê-se pelo seu proprio testemunho que *dos dois lados.* Um dêsses amigos, oficial da República, fôra quem lhe revelára o plano. Conseguira despachar o brigue, que fôra, não diz como, parar no meio dos imperiais que ocupavam

(18) "Memorial", de Isaac Amzalak, sem referencia de impressor e lugar, pg. 1.

Itaparica. Acusado por isso de traidor á causa republicana, foi salvo graças á intervenção de *outros amigos*...

Vá lá alguem de juizo perfeito acreditar nêsse conto da Carôchinha! Então, os revolucionarios que andavam á cata de armas iriam esconder armamento num brigue que podia se escafeder como se escafedeu? E, se estavam com o poder na mão, não poderiam requisitar o brigue ou apoderar-se dêle, como se apoderaram da cidade?

Houve ainda o caso do brigue-escuna inglês "Elisabeth", vindo de Gibraltar com carga para o judeu Amzalak, súdito britanico. Trazia cento e cincoenta quintais de chumbo. Era chumbo para muita bala! O brigue, tambem não diz por que, acostou á fragata "Principe Imperial" e passou-lhe a pesada carga, que o governo regencial não encomendára... Então, o israelita acaba por uma história de enternecer: havia fome na cidade investida por mar e terra; á noite, êle ia buscar viveres ás escondidas *para distribui-los com os mendigos e famintos* (19). Onde achava êsses viveres? Para nós, ainda não nasceu o judeu capaz de tamanha caridade em tempo de guerra para com os pobres *goyim*. O fáto glorioso e unico deve ser assinalado no imenso ról dos beneficios prestados pelo judaismo ao Brasil. Tomem a devida nota dêle os panegiristas Solidonio Leite Filho e Isaque Izeckson...

A verdade verdadeira, como diria o falecido judeu Barbusse, é que as cousas estavam dêsde o começo visi-

---

(19) Op. cit., pgs. 2 e segs.

velmente mal paradas para a morti-nata República da Baía. Os ratos, conforme o secular costume, abandonavam o navio em perigo. O judeu que lhe prometera fornecer o brigue e o chumbo, sentindo a causa perdida e que não seria pago nem pelos vencidos, nem pelos vencedores, arripiou carreira, mandou o barco sardo para Itaparica e entregou o chumbo á esquadra do Imperio para com êle matar os amigos da véspera; mas êle tinha, como todos os judeus, amigos *dos dois lados... Amigos?* E' lá o seu modo de dizer... Restava-lhe com o procedimento que adotou a esperança de receber os cobres, com lucro, do Governo Imperial, escudado no governo da liberal Inglaterra... Isaac Amzalak, cidadão da livre Albion, *civis romanus sum,* para os efeitos de abocanhar do nosso erário sempre tisico cinco mil e quinhentas e tantas libras, poderia ter contado muita cousa interessante sobre os fornecimentos judaicos á Sabinada, se não fôsse, com toda a certeza, devoto da Divindade do Mistério e crente da Religião do Segredo e sócio da Mão Oculta...

Para que, com antecedencia ao estouro da rebeldia, mandára buscar tanto chumbo?...

O bloqueio asfixiante só podia ser combatido ou violado por navios ligeiros e armados. Daí o empenho da República Sabina em conseguir o "Pinguen". Afinal, arranjou o brigue-escuna "Trovão", cujo comando foi entregue a um tal Malhado, que pelo nome não se perca e se bandeou para os imperiais. Outro rato em fuga do barco desarvorado. Reinou o desespero entre

os sabinos e êsse desespero os levou ás maiores violencias contra pessôas e propriedades: prisões, castigos bárbaros, confiscos e incendios (20). Queimaram a casa do pobrezinho do Amzalak! Tudo isso se póde verificar nos depoimentos do processo da Sabinada, existente na Biblioteca Nacional. Dos referidos autos se vê, sem a menor sombra de dúvida, que a revolta foi separatista. Aliás, o advogado ou advogados que procuraram perante o Supremo Tribunal defender os militares implicados no movimento reconhecem a sua culpa como separatistas e republicanos, reclamando somente para êles, ao invés do fôro civil, o fôro militar, de acôrdo, dizem, com a hermeneutica e com a praxe em casos análogos (21).

Até fevereiro de 1838, os rebeldes permaneceram entocados na capital. No dia 21 dêsse mês, chegou do Rio de Janeiro e tomou posse do comando chefe do Exercito Restaurador dos imperiais o marechal de campo João Crisostomo Calado, veterano das campanhas do Sul, coberto de louros na resistencia homerica do seu quadrado de caçadores na batalha do Passo do Rosario. Apertou mais o sitio. O presidente insistia por um ataque breve e definitivo. O general ia diferindo-o com o sentido de poupar o sangue brasileiro que demasiado se derramava por todo o país naquela época sombria. Queria enfraquecer os contrarios para encon-

---

(20) Moreira de Azevedo, op. cit., pg. 293.

(21) "Memorial" ao Supremo Tribunal de Justiça, Imprensa Americana, Rio de Janeiro, 1839.

trar de sua parte menor resistencia. No dia 6 de março, tomaram-se as trincheiras avançadas de Campina. No dia 13, iniciou-se o assalto geral. Engajaram-no os Libertadores pernambucanos, que o fôram levando por deante com ardor insopitavel. Os republicanos, faça-se-lhes justiça, resistiram como bravos. Conquistou-se trincheira a trincheira, casa a casa, durante os dias 14 e 15. A 16, os derradeiros defensores estavam encurralados nos fortes de São Pedro e do Mar. Renderam-se. Eram 2.890 homens. 1.091 cadaveres de brasileiros juncavam as ruas! Entre os chefes aprisionados, o médico de sangue judeu Alexandre Gaulette. O dr. Sabino foi encontrado oculto no vice-consulado da França. As ruinas de cento e sessenta prédios queimados enegreciam a cidade (22).

Contam os jornais da época que: "quando Sabino viu do Passeio Público que os imperialistas estavam vitoriosos, deu ordem ao chefe de policia Matos que lançasse fogo á cidade (23)." Os jornais de 1838 mentiam muito menos que os de 1937 e os sabinos eram useiros e vezeiros no incendio de prédios. Que o diga *seu amigo,* o pobrezinho Isaac Amzalak, choramingando em pós as cinco mil e quinhentas e tantas louras esterlinas que o governo de Sua Majestade Britanica recla-

---

(22) Cf. Pedro Calmon, op. cit., pg. 177; "Exposição dos sucessos do marechal Calado, tip. Franco Lima, Baía, 1838; Marechal Calado, "Relatorio dos acontecimentos memoraveis", tip. do "Correio Mercantil", Baía, 1838; Moreira de Azevedo, op. cit., pgs. 295 e seguintes.

(23) Moreira de Azevedo, op. cit., pg. 297.

mava do Governo Imperial para o seu leal súdito!... Mas não esposemos a acusação neroniana, contra a qual se indigna Sacramento Blake. Custa a crêr que o emissario da Bucha paulista, o maçonismo dos politicões que lhe encomendaram o triste feito e o convivio nos ritos das sociedades secretas lhe tivessem embotado a tal ponto todo sentimento de amor e respeito ao torrão natal. E' verdade, porem, que até as inocentes datas da gloriosa história baiana haviam sido apagadas dos monumentos públicos...

O governo inglês solicitava pelos seus representantes diplomaticos que o Brasil pagasse o brigue, o chumbo e a casa incendiada do *caridoso* judeu Isaac Amzalak. Onde os representantes diplomaticos do Brasil para reclamarem da maçonaria internacional ou do Kahal, seu amo e senhor, o *wehrgeld*, a *compensatio*, o preço do sangue daquêles 1.091 pobres sabinos anónimos e iludidos, mortos em combate, e o dos soldados do Imperio tombados em defesa da ordem legal? Em que dia soará a hora trágica e libertadora do grande ajuste de contas do Mundo Cristão com Israel?...

Por sentença do juiz Vitor de Oliveira, o Tribunal do Júri da Baía condenou o dr. Francisco Sabino Alves da Rocha Vieira, maior responsavel pela revolução, cabeça do motim, a esta ridicula pena: um ano de prisão e multa correspondente á metade do tempo (24).

---

(24) A sentença vem publicada na integra em Moreira de Azevedo, op. cit., pgs. 305-306.

Em 16 de março de 1838, escreve Rio Branco nas suas Efemérides", "termina a Sabinada, pois de manhã capitulou a última fortaleza que ainda estava em poder dos revoltosos. O presidente da provincia, Barreto Pedroso, dirige ás tropas legais e aos habitantes da Baía uma eloquente proclamação a propósito do auspicioso fáto (25)." E' a data geralmente aceita. Mas Joaquim Pires Machado Portela se insurge contra essa aceitação e documenta a restauração da capital baiana, definitivamente, no dia 17 (26).

Que importa um dia mais, um dia menos na curta idade duma República sem pé nem cabeça, que nasceu morta?... As obras da maçonaria judaica têem duração efémera. Ela combate a Igreja. Pois a Igreja viverá até a consumação dos séculos e se prolongará na Eternidade!

---

(25) Pg. 194.

(26) "A Sabinada" "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", t. XLV, 1.ª p., 1882.

CAPITULO XIII

O REINO ENCANTADO DO DIABO

Satanaz não andou sôlto unicamente na Paulicéa. No tempo da Regencia, sua ação se estendeu aos sertões nordestinos, numa região em que a mão da natureza erguêra, por estranha e curiosa coincidencia, duas altas colunas de pedra, que pareciam as de uma colossal loja maçónica em campo raso...

Estudemos documentadamente o fantástico acontecimento.

A anarquia maçónica que dominava as capitais litoráneas alastrára pelos sertões, fomentando rebeldias reacionarias, comunistas ou de caráter místico. No sertão pernambucano, em 1835, lavrava a desordem. Grupos rivais hostilizavam-se, "não se respeitava rei nem roque, o bacamarte funcionava como lei (1)." O bispo de Olinda, querendo ajudar o governo provincial de Pernambuco a acabar com aquêle estado de cousas, mandou para ali, como vigario interino, um velho e virtuosissimo sacerdote, o padre Francisco José Corrêa de Albuquerque, conhecido pelo exito de suas missões entre as populações sertanejas. Êle conseguiu, depois

(1) Gustavo Barroso, "Almas de lama e aço", Weiszflog, São Paulo, pg. 18.

de árduos esforços, impôr a paz aos fomentadores de dissidios e disturbios (2).

A paz não foi, porem, duradoura. Um ano após, em 1836, um surto de fanatismo verdadeiramente satanico viria perturbá-la de vez. "O Espirito das Trevas" — diz um historiador que estudou o caso — tem suas coerencias no implacavel propósito de perder a humanidade, servindo-se ás vezes de instrumentos ou meios á primeira vista insignificantes e despreziveis (3)."

"Perto de Vila Bela, existia um cenario apropriado á tragedia que se ia desenrolar. Do sólo áspero do sertão surgem ali duas altas agulhas de pedra, afeiçoadas pela mão da natureza, semelhando dois minaretes, de mais de trinta metros de altura. Uma delas, coberta de mica faulhante, recebeu o nome de Pedra Bonita. Entre as duas, um corredor arejado e claro. Ao pé duma, larga alfurja formada por tres grandes lages que se apoiam no colossal menhir. Depois, um amontoado de rochas com um terraço em cima. Do outro lado, uma lage baixa, lembrando um altar. Mais distante, vasta caverna de capacidade para duzentas pessôas. Em volta, catolezeiros gementes e cardeiros de toda a espécie (4)."

No começo do ano de 1836, apareceu nessa região um mamaluco velhaco e manhoso e que se não sabia

(2) Antonio Atico Leite, "Fanatismo Religioso — Memória sobre o Reino Encantado", tip. Matoso, Juiz de Fóra, 1898, pg. 21.
(3) Antonio Atico Leite, op. cit., pg. 22.
(4) Gustavo Barroso, op. cit., pg. 19.

de onde vinha nem que mandado trazia, João Antonio dos Santos. Constava ter vindo do Catolé do Rocha, na Paraíba. Mostrava secretamente aos incautos e incultos habitantes daquelas brenhas umas pedrinhas claras e luminosas, que afirmava sêrem brilhantes duma mina oculta que descobrira. Lia tambem trechos em verso de velho folheto sebastianista, no qual se contava que o soberano desaparecido nos torvelinhos de Alcácer Quebir ressucitaria, quando se lavassem com sangue humano aquelas pedras erguidas no campo e:

"Quando João se casasse com Maria
aquêle reino se desencantaria..."

Tudo isso era levado por deante com a maior sagacidade e dissimulação (5).

Para realizar o que profetizava e que seria, com o desencanto do Reino Sebastianista, a transformação da furna e dos dois obeliscos em suntuosa catedral, onde se encontraria um tesouro que enriqueceria a todos quantos houvessem contribuido para a obra, casou com uma rapariga chamada Maria e começou a obter dos moradores da redondeza dinheiro e gado, os quais lhes seriam devolvidos no dôbro e no triplo por El Rei D. Sebastião...

"Lentamente se foi espalhando a história urdida pelo esperto mestiço. Primeiramente, acreditaram nela seu pai, irmãos, tios e primos; depois, os criadores e

(5) Antonio Atico Leite, op. cit., pgs. 25 e segs.

moradores do termo; por fim, as gentes das ribeiras mais distantes. Uns aceitavam a cousa por mera ignorancia ou simplicidade, outros por avidez, seduzidos pela promessa da mina de diamantes, e alguns porque viam no movimento ensanchas de satisfazer instintos, vinganças, apetites e ambições (6)."

Afluía gente para aquêle local misterioso. A pedra chata começou a servir de altar. O terraço passou a ser o púlpito ou tribuna de onde arengava o sagaz mamaluco. A caverna grande se chamou Casa Santa e era abrigo dos fanaticos. A pequena, o santuario.

Quem primeiro se ocupou dêsse caso assombroso, até hoje mal estudado no seu fundo de misterio, foi o conselheiro Tristão de Alencar Araripe, em meados do século passado. Já ao findar o centenario, o dr. Antonio Atico Leite publicou a respeito pequeno livro em Juiz de Fóra. Como prefacio, traz uma carta daquêle conselheiro a monsenhor Pinto de Campos, biografo do duque de Caxias, em que explica alguma cousa: "No acontecimento da Pedra Bonita não operou somente o fanatismo religioso; ali transparece tambem o pensamento socialista."

Estas palavras, partindo dum homem eminente e que estudou o assunto como o conselheiro Tristão de Alencar Araripe, profundo conhecedor dos problemas do Nordeste, dão o que pensar. Êle acrescenta: "No horrivel drama da Pedra Bonita, revela-se claramente

(6) Gustavo Barroso, op. cit., pg. cit.

o proletarismo, que se ergue contra o trabalho e a riqueza, bases das sociedades civilizadas, e fundamento da grandeza dos povos." E conclúe: "Idéas erróneas apoderam-se de classes, a quem a indolencia ou o vicio dominam; e daí o pensamento que leva o homem a desconhecer que a propriedade se estende e se centuplica com o trabalho; e a acreditar que, com a destruição dos proprietarios, diminuirá o número dos monopolizadores da fortuna, com cujo quinhão o proletario então já conta, prelibando as doçuras da riqueza e ensaiando as forças do poder, que ela dá (7)."

Tais idéas fôram assopradas em todas as rebeldias campónias do mundo: jaqueria, albigenses, bogomilios, transilvanos, balaios, cabanos, vilões de Maria da Fonte, etc. E sempre no meio delas surgiu um Hoja ou um João Antonio, vindos da sombra, do misterio.

O auditorio ás práticas do mamaluco aumentava todos os dias. Seu proprio pai, Gonçalo José dos Santos, seu irmão, Pedro Antonio, seus tios e parentes, José Joaquim, Manuel Vieira, José Vieira, Carlos Vieira, José Maria Juca e João Pilé, serviam-lhe de acólitos e apóstolos, espalhando o novo credo. Vinha para ali gente do Piancó, dos Inhamuns, do Cariri, do Riacho do Navio e das duas margens do São Francisco.

As pessôas de certa ordem, alarmadas com aquelas reuniões e com as teorias nelas pregadas, reclamaram nova missão do padre Corrêa de Albuquerque. O an-

---

(7) Antonio Atico Leite, op. cit., pgs. 9-11.

cião veiu e aboletou-se na fazenda Cachoeira, nas cercanias da Pedra Bonita. Mandou chamar João Antonio dos Santos á sua presença. Êste compareceu e, depois de ouvir o padre, confessou publicamente os embustes de que lançava mão, entregou-lhe as pedrinhas brilhantes e prometeu abandonar aquêle rincão, o que fez, seguindo para o rio do Peixe e, depois, para os Inhamuns (8). Anos mais tarde, seria preso já no interior de Minas Gerais (9).

A falta do chefe não matou o movimento. Mal o missionario deu as costas, João Ferreira, cunhado de João Antonio dos Santos, proclamou-se rei do Reino Encantado, em seu lugar. Usava o titulo de Rei-Santidade. Manuel Vieira passou a acolitá-lo com o nome de frei Simão. As práticas e arengas prosseguiram e mais numeroso se tornou o agrupamento de desocupados na Pedra Bonita. O rei usava uma corôa de cipó na cabeça e, depois de falar á massa, do alto do terraço, se punha a cantar e a pular como um energúmeno. Logo após, iam todos, entoando canticos, para a Casa Santa beber o Vinho Encantado, composição de jurema e manacá com que se embriagavam até cair. Ali se realizavam os casamentos, que "eram por demais ligeiros e simples. Presentes os noivos, testemunhas e espectadores, o intitulado frei Simão, proferindo certas palavras cabalisticas (10), mandava a noiva apertar com

(8) Op. cit., pgs. 35-38.

(9) Op. cit., pg. 16.

(10) Quem lhe teria ensinado essas fórmas cabalisticas? E' de notar o fermento de dissolução da familia que o estranho rito encerra.

os seus os beiços do noivo, entregando-a em seguida ao rei para *dispensá-la*. Consistia esta *dispensa* em passar a noiva ao poder do rei, que a restituia no outro dia ao marido, completamente *dispensada* (11)." A poligamia era permitida. O Rei Santidade tinha sete rainhas, esposas oficiais.

Era a restauração da prática do antigo e ominoso *jus cunni*, o *cazzagio* do Piemonte, a *cullage, culliage* e *cuissage* de França, a *pernada* de Espanha, a *prelibação* ou o *direito de gambia* de Portugal (12), com a diferença de que o simbolismo do empernamento desaparecia para dar lugar ao áto prelibatorio.

Terminada a bebida do vinho de jurema e manacá, que lembrava os velhos *adjuntos de jurema* ou reuniões para a embriaguês em comum, já considerados "supersticiosos" no século XVIII, pelas autoridades, que prendiam os viciados, como documenta Luiz da Cámara Cascudo; terminada a bebida, os fanaticos passavam a fumar cachimbo *para vêrem as riquezas*, declarou a testemunha José Gomes, citada na obra do dr. Atico Leite, o que nos leva a supôr com fundamento um entorpecente que lhes dava a visão de cousas esplendidas ou varios delirios, como o opio, o haschisch ou

(11) Op. cit., pgs. 43-44.

(12) "Cultos indecentes e costumes obscenos — Ensaio historico, filosofico, moral e arqueologico sobre o culto ao Phallo e outras divindades que presidem á geração, seguido dum esboço sobre a Libertinagem", versão do latim e do espanhol, sem nome de autor, Recife, tip. do "Jornal do Recife", 1878.

a maconha. "Macumba é a maconha, moconha, diamba, liamba, pango, cánhamo (*Cannabis sativa Indica*) — escreve Cámara Cascudo — da qual a Ilustrissima Cámara Municipal do Rio de Janeiro em 4 de outubro de 1830 proíbia o uso." E' a cangonha do explorador Serpa Pinto e a makiah de Bentley. Anfião e bangue chama-se na India. Garcia da Orta diz que seus tomadores ficavam "enlevados, sem nenhum cuidado e prazimenteiros" ou com um "riso parvo". Tambem produz o delirio furioso, como em diversos casos registrados na obra de Rodrigues Dória (13).

Deante dêsses fátos, não póde deixar de acudir ao espirito a lembrança da famosa seita dos assassinos ou *haschischi,* tomadores de haschisch, chefiados pelo Velho da Montanha, que floresceu na Siria e na Persia, do século X ao século XIII, *bathmi, fédavi, mulahida* ou *ismaílios,* cujos dogmas são um misterio historico, que derramavam sangue gostosamente nos delirios produzidos pela droga que tomavam, que assassinaram chefes das Cruzadas e soberanos muçulmanos, que espalharam o terror no Oriente e que influiram sobremodo na transformação da Ordem cristã dos Templarios em uma maçonaria diabolica, na qual o rito maçónico escossês, de

---

(13) Cf. Antonio Atico Leite, op. cit., pg. 44; Luiz Da Cámara Cascudo, "Notas sobre o Catimbó" "in" "Novos Estudos Afro-Brasileiros", ed. da Civilização Brasileira, 1937, pgs. 84 e 89; Garcia da Orta, "Colóquios da India", ed. de 1872; Rodrigues Dória, "Os fumadores de maconha; efeitos e males do vicio", Baía, 1916.

que nasceu o rito paládico ou satanico, pretende entroncar-se (14).

Ouçamos a voz da citada testemunha: "Todos os dias, saíam meu tio José Joaquim, Gonçalo José, Carlos Vieira, José Maria Juca e outros, e, quando voltavam, conduziam homens, mulheres, meninos e cães, que enganavam e traziam, furtando os caminhos, como sucedeu comigo... Sempre que o rei João Ferreira pregava, dizia: que seu irmão e rei João Antonio estava reunindo gente no Cariri, de onde brevemente voltaria para ajudá-lo nos trabalhos da restauração do reino; que aquêle reino era de muitas glorias e riquezas, mas como tudo que era encantado só se desencantaria com sangue, era necessario banhar-se as pedras e regar-se todo o campo vizinho com sangue dos velhos, dos moços, das crianças e de irracionais; que isto, alem de necessario para D. Sebastião poder vir logo trazer as riquezas, era vantajoso para as pessôas, que se prestavam a socorrê-lo assim; porque, se eram pretas, voltavam alvas como a lua, imortais, ricas e poderosas; e, se eram velhas, vinham moças e, da mêsma fórma, ricas, poderosas e imortais, como todos os seus (15)."

A depravação satanica é manifesta. Não é atôa que a Igreja denomina o demonio Pai da Mentira. O culto orgiaco foi o seu começo. O culto sangrento vai

(14) Cf. Hammer, "Geschichte der Assassinen", Stuttgard, 1818; Stanislas Guyard, "Un grand-maître des assassins au temps de Saladin", Paris, 1877; Domenico Margiotta, "Le Palladisme".

(15) Antonio Atico Leite, op. cit., pgs. 45-46.

ser o seu fim. Um dia, principiou a horrivel rega de sangue do campo e das pedras. O velho José Maria Juca foi o primeiro a dar o exemplo, entregando o pescoço ao afiado facão de Carlos Vieira. Seguiu-se a matança de homens, mulheres e crianças. As mães, no auge da loucura produzida pelas beberagens e drogas, levavam os proprios filhos aos algozes. O sangue corria aos jorros sobre a ara de pedra, em face das duas colunas graniticas, como no teocálli dos deuses aztecas.

José Gomes, que era vaqueiro da fazenda Caiçára, de Manuel Pereira da Silva, horrorizado, fugiu e foi contar essas monstruosidades ao seu patrão. Dois meninos tambem escapoliram e fôram dizer ao fazendeiro de Poços, Manuel Lêdo de Lima, que, na Pedra Bonita, "estava havendo grande mortandade de gente para desencantar-se um reino". A matança durou tres dias a fio (16).

Os fazendeiros reuniram imediatamente seus acostados e marcharam sem detença para a Pedra Bonita. Pela serra Formosa, já prevenida, devia vir uma força ás ordens do capitão Simplicio Pereira da Silva, irmão do dono da fazenda Caiçára. Ao chegarem, porém, os primeiros a um lugar onde havia algumas choupanas sombreadas de umbuzeiros, deram com Pedro Antonio, de corôa de cipó de japecanga á cabeça, nú da cintura para cima, capitaneando um grande troço de homens,

(16) Cf. op. cit., cap. V.

DESENHO DA PEDRA ENCANTADA, E DO MAIS QUE VI, INDAGUEI, E FUI TESTEMUNHA OCULAR NOS DIAS 19 E 20 DE OUTUBRO DE 1838

(desenho feito no local pelo padre Francisco José Corrêa de Albuquerque e notas de seu punho.)

N.º 1 — Formatura das duas pedras com a frente para o nascente sobre a serra do Catolé, que está em nove gráus meridionais desta para o Flanco, para o Jardim e para o Pajeú.

N.º 2 — João Pilé tendo nos braços uma menina para subir ao céu em corpo e alma por ordem do Rei Santidade João Ferreira; e, dando um salto, veiu do rochedo abaixo; morre a menina, e ele ficou maltratado. Gritavam as mulheres — viva! viva! quem dera que fosse eu.

N.º 3 — Os cadaveres de quatorze cachorros que deviam ressuscitar como feras para acabar os que não davam crédito.

N.º 4 — Vinte e oito cadaveres de meninos de um ano a oito arrumados como se vê.

N.º 5 — A pedra onde se fazia o sacrifício da matança.

N.º 6 — Dez cadaveres de mulheres e dois dos filhinhos que duas tinham no ventre.

N.º 7 — A sepultura em que enterrei êsses cadaveres.

N.º 8 — O cadaver do rei João Ferreira morto pelo filho de Gonçalo José, que lhe tomou a corôa e ficou sendo D. Pedro I.

N.º 9 — A figura do Rei Santidade em fralda de camisa e uma corôa de cipo na cabeça.

N.º 10 — O algoz que dava a primeira pancada sobre a cabeça da vitima, e o rei dois talhos, depois degolava.

N.º 11 — Dez cadaveres dos que morreram, entre êstes se achavam os cadaveres das duas rainhas D. Joana, senhora do rei, com a qual se casou, e D. Joaquina, filha dêsse Gonçalo José, com a qual se casou sua Santidade no mesmo dia.

N.º 12 — Dez cadaveres de dez homens que fôram sacrificados de sua bôa e livre vontade.

N.º 13 — Uma mulher de joelhos esperando a morte com a pancada e as duas cutiladas.

N.º 14 — Uma mulher entregando a filhinha ao sacrificio.

Toda a mortandade foi feita nos dias terça e quarta feira, 15 e 16 de maio de 1838. Aos 17 não podendo sofrer o fétido dos corpos mortos se mudaram distante 1/4 de legua onde fôram batidos.

mulheres e meninos, semi-nús, armados de facões e cacetes (17).

O vaqueiro José Gomes fugira no dia 14 de maio de 1838. Os sacrificios prolongaram-se pelos dias 15 e 16 com o maior desvairamento, "numa espécie de delirio ou embriaguês continuada". O pardo João Pilé precipitou-se duma altura de dez metros com dois netos nos braços. Agarrando-se ás palmas dum catolezeiro e largando as crianças, que se esborracharam nos penedos, salvou-se malferido. José Vieira matou a golpes de facão o filho pequenino que lhe pedia misericordia de mãos postas. Uma viuva, candidata á rainha, imolou dois filhos menores. Os dois maiores lograram fugir e levaram a noticia da hecatombe ao fazendeiro de Poços. O rei João Ferreira mandou executar sua cunhada Isabel, grávida, afim de não sofrer duas dôres, a do parto e a do desencantamento. Ao receber a cutilada fatal, a desgraçada deu á luz. Mataram-se donzelas e a propria rainha, Josefa, mulher de João Ferreira, irmã de João e Pedro Antonio, foi sangrada com setenta e tantas facadas (18)!

"Desta fórma, no fim do terceiro dia de matança, tinha o execravel e deshumano João Ferreira conseguido lavar as bases das duas torres de granito e inundar os terrenos adjacentes com o sangue de trinta crianças, inclusive os dois netos de João Pilé, doze homens, entre êstes seu proprio pai, e onze mulheres, cujos corpos,

---

(17) Cf. op. cit., cap. VI.
(18) Cf. op. cit., cap. VII.

excéto o duma donzela que correra, o qual fôra achado indigno de estar com os demais, bem como os esqueletos de quatorze cães, que havia morto com o mêsmo fim, iam sendo colocados ao pé das pedras em grupos simetricos, conforme o sexo, idade e qualidade dos mêsmos (19)."

A propósito dos cães, o conselheiro Tristão de Alencar Araripe dá esta curiosa nota: "Alem do sacrificio de criaturas humanas, cujo sangue devia regar as duas pedras graniticas, ficticias torres, e o terreno adjacente, para o desencantamento do misterioso reino, havia o sacrificio de cães, verdadeiros molóssos, que, no dia do grande evento, se levantariam como valentes e indómitos dragões para devorar os proprietarios (20)." Seja dito de passagem que o conselheiro manuseou todas as peças do processo instaurado pela justiça pernambucana sobre êsses crimes. Não afirmaria o que não tivesse encontrado nos depoimentos das várias testemunhas.

Na manhã de 17 de maio, o rei João Ferreira fôra destronado. Pedro Antonio subiu ao terraço de pedra e anunciou ter sonhado com D. Sebastião, que lhe disse faltar somente a presença do rei para se desencantar. João Ferreira, compreendendo o que lhe ia acontecer, tremia como varas verdes. A multidão começou a ulular, pedindo a sua morte. Os irmãos Vieira agarraram-no á força e o executaram. Seu cadaver foi amar-

---

(19) Op. cit., pg. 63.
(20) Op. cit., pg. 9.

rado fortemente pelos pés e pelas mãos em duas arvores próximas.

Por que?

Porque, conforme vamos ver, não passava dum possesso satanico: "As pessôas que estiveram no Reino são concordes em afirmar, sem admitir a minima contestação, e isto dêsde aquela época até hoje, que se viram forçadas a quebrar a cabeça de João Ferreira, a extrair-lhe as entranhas, e a atar o seu cadaver de pés e mãos naquelas árvores, por causa dos berros, das roncarias e dos sinistros movimentos que êle, *depois de morto,* executava com a bôca, com o ventre e com os braços (21)."

De fáto, mais tarde, quando ali foi sepultar os cadaveres, o padre Corrêa de Albuquerque encontrou o de João Ferreira amarrado. O desenho original que fez e do qual foi tirado o painel do Instituto Historico que publicamos achava-se guardado no arquivo do saudoso escritor Mario de Alencar, juntamente com a carta autógrafa do venerando missionario ao bispo de Olinda. Damo-lo nêste volume. Da carta basta citar o final, conservando a sua redação e ortografia: "Eu fui sepultar os cadaveres dos mortos sacrificados no reino encantado da serra do Catolé, e remeto a V. Exa. êsse painel no qual verá como se fôsse pessoalmente do lugar. No anno de 837 eu andei perto dêsse lugar, e sabendo dessa sedução, clamei, e mostrei a falcidade da-

(21) Op. cit., pg. 65, "in" nota. O grifo é nosso.

quêles sedutores: centos e centos de pessoas ouvirão,me derão credito e forão exentas desse contagio; exceto tres ou quatro familias que com o mmo. aviso quiserão ficar na dureza de seus corações e forão esses os que perecerão, e agora todos conhecem e até me xamão o seu Anjo que os acodio com a verdade. Está delatada a mma. escripta, e agora rogo a V. Exa. Rma. se digne de me dizer q. recebeo esta, e com isto crescerá em mim mais e mais a m.ª gratidão, confessando que sou. D. V. Exa. Rma. Umilde subd.º e filho ob.º Pe. Fco. José Corrêa de Albuq. *Bezerros,* 9 de abril de 1839."

O que se passou com o corpo é o que os fátos demonstram que se passa com o de todos os satanistas. Lembremos *o que fez o cadaver* do endemoniado Rasputine, depois do charlatão siberiano haver tomado uma dose de veneno bastante para matar doze homens e recebido uma bala no coração: "Então, aconteceu uma cousa horrenda. Com um movimento brusco e violento, Rasputine pôs-se dum salto em pé, a bôca espumando. Era horrivel vê-lo. Um rugido selvagem ecoou no aposento e vi suas mãos convulsas agitando-se no ar. Depois, precipitou-se sobre mim e seus dêdos, procurando agarrar-me a garganta, se enterravam como tenazes no meu ombro. Seus olhos saíam das órbitas e o sangue corria de seus lábios.

Com uma voz baixa e rouca, Rasputine chamava-me continuamente pelo meu nome — diz seu assassino. Nada se póde comparar ao sentimento de horror que se apoderou de mim. Procurei livrar-me de suas mãos,

mas estava seguro como em uma canga. Houve terrivel luta entre nós... Parecia-me compreender ainda melhor quem era Rasputine. Tinha a impressão de ter deante de mim o proprio Satanaz incarnado naquêle camponês... Graças a um esforço sobrehumano, consegui desvencilhar-me... Êle tornou a cair de costas, estertorando horrorosamente... Jazia de novo sem movimento sobre o chão. No fim de alguns instantes, mexeu-se. Precipitei-me pela escada, chamando Purichkevitch... Nêsse momento, ouvi um rumor atrás de mim... Arrastando-se sobre os joelhos e o ventre, rugindo como um tigre ferido, Rasputine subia rapidamente os degráus. Encolheu-se sobre si mêsmo e deu um último salto, conseguindo alcançar a porta secreta que dava acesso ao páteo. Sabendo que ela estava fechada a chave, coloquei-me no patamar superior, apertando fortemente na mão um cacête de borracha. Quais não fôram meu espanto e meu pavor, vendo a porta abrir-se e Rasputine desaparecer na escuridão. Purichkevitch lançou-se em seu seguimento. Ouviram-se dois tiros ecoarem no páteo. A idéa de que podia nos escapar me era intoleravel. Saí pela escada principal...

Terceiro e quarto tiros... Vi Rasputine cambalear e tombar sobre um montão de neve. Purichkevitch correu para êle, ficou alguns instantes junto ao corpo e, certo de que, desta vez, tudo estava acabado, dirigiu-se a largos passos para a casa... Fui até onde estava o cadaver... Rasputine, todo encolhido no mêsmo lu-

gar, tinha, contudo, mudado de posição. — Meu Deus! — pensei — ainda está vivo?" (22)

A morte de João Ferreira é identica á de Rasputine. Ambos eram possessos.

Os destemidos fazendeiros que conduziam a pequena expedição contra os fanaticos encontraram-nos ao pé daquêles umbuzeiros, onde construiam choças, porque não podiam mais suportar a fedentina dos corpos em putrefação ao redor da Pedra Bonita. Pedro Antonio comandava-os e trazia a corôa de cipó á cabeça por ter deposto e executado o satanico João Ferreira, como vimos antes.

Os sectarios tomaram a ofensiva com denôdo, atacando os expedicionarios aos gritos de — "Viva El Rei D. Sebastião!" Foi renhida a luta entre o punhado de companheiros de Manuel Pereira da Silva e a aluvião de endemoniados, dos quais dezeseis fôram mortos, inclusive o proprio rei. Manuel Pereira da Silva saíu ferido, e perdeu dois irmãos e quatro acostados. Houve muitos feridos e contusos de parte a parte. Os sebastianistas recuaram, mas esbarraram com a força do capitão Simplicio que chegava a marchas forçadas e os acometeu pela retaguarda. Derrota completa. A maioria rendeu-se.

Os vencedores queriam chacinar todos os prisioneiros, indignados com a sua resistencia e com a perda de leais e bravos companheiros. Apesar da morte dos

---

(22) Principe Felix Yussupoff, "La fin de Rasputine", Plon, Paris, 1928, pgs. 172-183.

irmãos, Manuel Pereira da Silva não consentiu que se tocasse num cabêlo dos vencidos e os entregou á justiça (23).

Mandou chamar o padre Corrêa de Albuquerque, que andava por longe, tendo viajado, como dá conta ao bispo na carta inédita de que estampámos o final, 976 leguas! O velho e bondoso sacerdote veiu, fez abrir grande cóva e nela depositou todas as carcassas e ossadas esparsas deante das duas colunas do diabo. "Sobre a sepultura dos cadaveres, mandou o caridoso missionario colocar uma grande cruz de madeira tôsca, que ainda hoje (em 1898) se conserva e testifica que ali jazem os restos mortais das vitimas da horripilante tragédia (24)."

O mamaluco João Antonio dos Santos, cauteloso e sagaz creador daquêle misticismo satanico, retirára-se do sertão pernambucano, conforme prometera ao padre Corrêa de Albuquerque, anos antes, indo para os Inhamuns ou o Cariri. Mas de onde se achava manteve "comunicação sempre ativa" com seu preposto João Ferreira. Logo que soube do acontecido na Pedra Bonita, levantou acampamento, passando-se com a mulher e uma filha para as minas novas do Suruá, onde o fôram buscar, em agosto de 1838, dois oficiais de justiça, aos quais procurou deslumbrar com a promessa de tesouros ocultos e misteriosos. A viagem de retorno

(23) Antonio Atico Leite, op. cit., cap. VIII. O combate travou-se no dia 18 de maio de 1838.

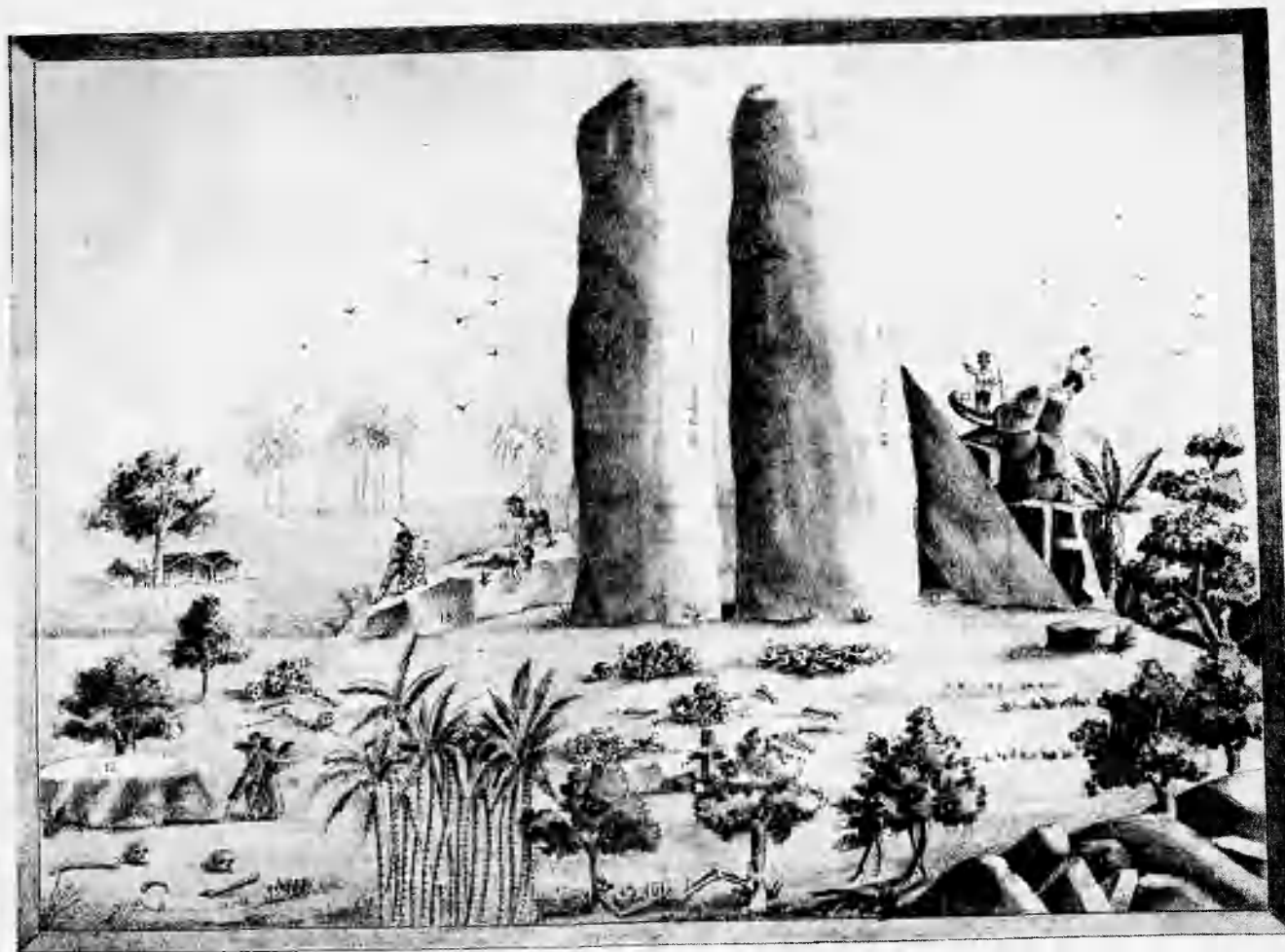
(24) Op. cit., pg. 77.

era longa e fadigosa. Os dois meirinhos adoeceram e temendo que o preso, apesar de algemado, usasse de *sortilegio* ou embuste para escapar, resolveram matá-lo, o que fizeram, no lugar denominado Lagôa Encantada, tres leguas antes da vila de Xique-xique (25).

Dos dois homens que se ocuparam dêsse assombroso caso, quasi desconhecido, da Pedra Bonita, o dr. Atico Leite viu nêle um satanismo manifesto, o conselheiro Tristão de Alencar um verdadeiro socialismo, um movimento contra a propriedade. Ora, quem diz socialismo diz comunismo, porque "o socialismo é um bolchevismo inacabado" (26) e, como escrevia Zangwill, "o bolchevismo é o socialismo com pressa de acabar".

Vemos, assim, no fundo dos sertões abandonados e incultos, onde os ventos da anarquia maçónica da Regencia assopram rebeldias matutas, se erguer, dentro do satanismo, o vulto do comunismo. E' preciso olhar para êsses fátos semi-misteriosos ou de todo misteriosos do nosso passado, afim de compreender as diretivas atuais do Komintern procurando atrair os bandos de cangaceiros a seu serviço, sobretudo o de Lampeão, ou fazendo os remanescentes dispersos dos golpes comunistas recentes em Recife e Natal se espalharem pelo interior, semeando a insegurança e a anarquia. Os que conhecem nas suas minudencias os surtos bolchevistas

(25) Op. cit., cap. X.

(26) A. Cavalier e P. d'Halterive, "Israel aux mystérieux destins", ed. Grandpré, Blois, 1933, pg. 177.

QUADRO EXPLICATIVO EXISTENTE NO INSTITUTO HISTORICO, FEITO DE ACÔRDO COM O DESENHO DO NATURAL, TRAZIDO PELO PADRE CORRÊA

1 — Estas duas colunas de granito, que parecem as dum templo maçônico, com mais ou menos 150 palmos de altura cada uma, deram o nome de Pedra Bonita ao local.

2 — Estado em que foram achadas 28 crianças imoladas.

3 — Grupo de 11 mulheres sacrificadas.

4 — Grupo de 12 homens sacrificados.

5 — Grupo de 14 cães sacrificados.

6 — Isabel, levada ao sacrificio em estado de gravidez, para não sofrer duas dores, ao dizer do Rei, dá à luz ao receber o golpe.

7 — José Vieira, descarregando um golpe sobre o proprio filho, corta-lhe um braço, quando o infeliz lhe suplicava que o não matasse.

8 — Carlos e José Vieira perseguindo uma donzela que conseguira fugir do sacrificio, embora ferida.

9 — João Pilé, precipitando-se duma altura de 50 palmos, com dois netos nos braços.

10 — Especie de terraço de onde o rei João Ferreira diariamente pregava aos fanaticos.

11 — Pequena casa de pedra, onde se realizavam os banquetes.

12 — A Casa Santa, caverna onde os sectarios bebiam jurema e realizavam os casamentos.

13 — Rampa dos sacrificios ou da matança.

14 — Cadaver do rei João Ferreira no estado em que foi encontrado.

15 — Lugar onde se travou o combate entre as forças legais e os sectarios.

16 — Grupo dos fanaticos mortos no combate de 18 de maio de 1838.

17 — Sepultura onde, dois mêses mais tarde, o padre Corrêa e o povo recolheram as ossadas esparsas no campo, menos a do rei João Ferreira.

nordestinos sabem como por ali enxamêam articulações irradiadas pelos sertões. Os atores são filhos das catingas; os inspiradores estão mais longe; os fios que os movem veem de lugares desconhecidos...

Por que se não teria dado o mêsmo no tempo dos holocaustos infernais da Pedra Bonita? Infelizmente se perdeu ou não se encontrou a ligação entre inspiradores e executores da odiosa tragédia satanica de maio de 1838. Conhece-se a que unia os dois comparsas da obra infame e sanguinaria: João Antonio, refugiado no Cariri, e João Ferreira reinando no Reino Encantado. Sabe-se que mantinham comunicação "sempre ativa". Quem haveria mais por trás dêles? Os ignorantes e infelizes alfaiates da conspiração socialista baiana de 1794 tambem não tiveram inspiradores ocultos que souberam diluir-se na sombra e escapar ao castigo? Sente-se no misterio *alguem,* aquela *alguma cousa* a que alude com espanto René Guénon e que Margiotta revela cabalmente no diabolico paladismo maçónico!...

O satanismo das ocurrencias da Pedra Bonita é mais do que evidente. Elas não se pódem explicar de outra maneira. Teem os caracteristicos essenciais do que é demoniaco: erro, mentira, egoismo, crime, horror. Todo simbolo — preceitúa grande mestre das ciências ocultas, Estanisláu de Guaita, tido em alta conta e muita honra nos meios maçónicos — que determina ritos infames é uma incarnação de Satanaz. Que ritos mais infames do que os casamentos com prelibação, as orgias, a embriaguês bestial, os entorpecentes e, final-

nordestinos sabem como por ali enxamêam articulações irradiadas pelos sertões. Os atores são filhos das catingas; os inspiradores estão mais longe; os fios que os movem veem de lugares desconhecidos...

Por que se não teria dado o mêsmo no tempo dos holocaustos infernais da Pedra Bonita? Infelizmente se perdeu ou não se encontrou a ligação entre inspiradores e executores da odiosa tragédia satanica de maio de 1838. Conhece-se a que unia os dois comparsas da obra infame e sanguinaria: João Antonio, refugiado no Cariri, e João Ferreira reinando no Reino Encantado. Sabe-se que mantinham comunicação "sempre ativa". Quem haveria mais por trás dêles? Os ignorantes e infelizes alfaiates da conspiração socialista baiana de 1794 tambem não tiveram inspiradores ocultos que souberam diluir-se na sombra e escapar ao castigo? Sente-se no misterio *alguem,* aquela *alguma cousa* a que alude com espanto René Guénon e que Margiotta revela cabalmente no diabolico paladismo maçónico!...

O satanismo das ocurrencias da Pedra Bonita é mais do que evidente. Elas não se pódem explicar de outra maneira. Teem os caracteristicos essenciais do que é demoniaco: erro, mentira, egoismo, crime, horror. Todo simbolo — preceitúa grande mestre das ciências ocultas, Estanisláu de Guaita, tido em alta conta e muita honra nos meios maçónicos — que determina ritos infames é uma incarnação de Satanaz. Que ritos mais infames do que os casamentos com prelibação, as orgias, a embriaguês bestial, os entorpecentes e, final-

mente, os sacrificios humanos? Verdadeira *magia negra* oculta e anti-sacerdotal, como definem os entendidos. "Da India, onde Kali e Civa ainda hoje reivindicam seu tributo sangrento, até os diversos Estados Fenicios, onde as entranhas dos Rutrem monstruosos e dos gigantescos Molocs engoliam em datas marcadas fornadas de vitimas humanas; até á Céltida, onde as druidêsas de Tor e Teutad acumulavam sobre o dolmen mistico hecatombes de heróis; e, entre os povos greco-latinos, dêsde Helas, imolando Ifigenia e pagando o tributo anual da flôr dos éfebos e virgens de Atenas á bestialidade cretense, até a Roma cesariana, fazendo tombar sob o cutelo sagrado os prisioneiros gaulêses, somente se vêem rios de sangue humano correndo sobre as aras das nações.... O Deus dos Judeus tinha sêde do sangue dos reis e Josué lhe oferecia hecatombes de monarcas vencidos. Jefté sacrificava sua filha e Samuel cortava em pedaços o rei Agag sobre a lage sagrada de Galgal... (27)" Os cultos orgiasticos e sangrentos de todos os povos somente desapareceram com o cristianismo. "A voz do cristianismo repercutiu; ao cristianismo coube a gloria de reformar os costumes (28)." E' o verbo divino de Jesus que espalha os fantasmas da Goécia, da Magia Negra imemorial. Por isso, todas as heresias se aparentam com o demonismo (29). Para vêr até onde essa religião do mal, dêsde

---

(27) Stanislas de Guaita, "Le serpent de la Genése", ed. H. Durville, Paris, 1915, pgs. 134-135.

(28) "Cultos indecentes e costumes obscenos, etc.", pg. 226.

(29) Stanislas de Guaita, op. cit., pgs. 144-145.

o mais ignorante macumbeiro até o mais alto paladista da maçonaria suprema, póde levar um homem em materia de torpezas, infamias e crimes, basta lêr o que contam as obras de demonólogos célebres como Remigius, Sprenger, Bodin, Lancre, Boguet, Delrio, Dellon, Marsollier, Llorente, Regnard, Margiotta e Guaita. O que praticou João Ferreira na Pedra Bonita é, em parte, o mêsmo que fez o famigerado Gil de Laval, senhor de Retz, nos seus castelos de Mâchecoul e de Tiffauges, e, em parte, tambem o mêsmo que fez o Velho da Montanha nas grutas onde reunia a seita dos assassinos. Todos se equivalem.

A que levam práticas tão monstruosas? A' negação do verbo humano, á retrogradação ao instinto animal. Por que meio? Pela apoteóse do inconsciente (30). Essa é a obra do satanismo, quer entre estudantes bucheiros de São Paulo, quer entre miseros sertanejos nordestinos; quer entre o futuro escól da nação, quer entre a inculta massa camponêsa.

A quem interessa conduzir *élite* e povo a tamanha degradação?

A resposta a esta pergunta deve indicar, logicamente, os autores ocultos dêsses fermentos anti-sociais, anti-nacionais e anti-humanos, inoculados com diabolica habilidade, que cria "miragens insidiosas para desviar do bom caminho as almas que procuram orientar-se por qualquer ideal mistico" (31).

---

(30) Op. cit., pg. 532.
(31) Op. cit., pg. 533.

Essas miragens são, para a gente capaz de ser fanatizada, o satanismo místico no campo religioso, o comunismo no campo social.

Os dois campos se interpenetram no caso da Pedra Bonita.

Aos que duvidem da existencia do satanismo e de sua organização em sociedades secretas oferecemos a leitura dêste telegrama da República da Liberia estampado pelo vespertino carioca, "O Globo", em sua 3.ª edição de 24 de fevereiro de 1937:

"MARSHALL, Liberia, 24 (U. P.) — O governo acaba de descobrir que as ceremonias de adoração do diabo, que ocupam as atenções de uma grande parte da população do sexo masculino, são a verdadeira causa da extraordinaria escassez de arroz ultimamente verificada. Em vista disso, fôram expedidas ordens sevéras no sentido de que as "escolas" do Diabo encerrem dentro de um mês as suas longas sessões, afim de que os seus membros possam voltar ás fainas rurais.

Quando se produziu o declinio das safras de arroz, assumindo proporções alarmantes, as investigações realizadas pelas autoridades revelaram que a terça parte dos habitantes do sexo masculino da República negra estava no "bosque do Diabo", e que alguns ali se achavam ha cerca de cinco anos.

Como a maior parte das autoridades e funcionarios publicos liberianos pertence ao credo dos adoradores do diabo, e êsse credo reune elementos das classes previ-

legiadas no país não se faz nenhum esforço no sentido de ser destruida a agremiação, reclamando-se simplesmente a volta temporaria dos lavradores ás terras de plantio.

O "bosque do Diabo" é uma das mais velhas e mais poderosas sociedades secretas africanas. Embora oficialmente se ache abolida na maioria dos Estados do continente, tem sido protegida e incentivada na Liberia, sob o titulo pomposo de "Ciência Africana", nome êsse que encobre operações supersticiosas e de magia negra. A finalidade principal dessa agremiação é entretanto a adoração do diabo e sabe-se que a morte misteriosa constitúe o destino de quantos violem as leis da sociedade."

O fenómeno de satanismo da Pedra Bonita estava ligado ás sociedades secretas, como o culto do diabo liberiano. Mergulhava suas raizes nas infiltrações maçónicas do interior pernambucano, muito fortes e espalhadas no começo do século. Dêsde 1819, a ressurreição de D. Sebastião era pregada naquêles sertões. Apareceu nessa época, na serra do Rodeador, um profeta chamado Silvestre José dos Santos, que celebrava "solenidades com um ceremonial particular" (32). Instalou em um grande mocambo de palhas uma imagem ou idolo que se denominava a Santa da Pedra. Fazia-se

---

(32) Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa, "Folk Lore Pernambucano", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", t. LXX, parte 2.ª, pg. 33.

chamar *Mestre Quiou.* Criou *irmandades* a cujos membros distribuía patentes ou diplomas. Os candidatos ás iniciações nessas irmandades em que havia diversas graduações eram obrigados a se confessarem á Santa. O profeta ouvia as confissões e, em nome do órago, marcava as penas pecuniarias a que ficavam obrigados os penitentes.

Ao ser iniciado qualquer professando nos segredos do rito do Reino Encantado de D. Sebastião, punha-se de joelhos *sob uma abóbada de aço,* o que dava "a entender que o profeta tinha um tal ou qual conhecimento da liturgia maçónica" (33).

Mestre Quiou intimava os proprietarios da redondeza ao pagamento de contribuições em gado, géneros e dinheiro, com as quais sustentava os seus crentes, corja de vadios que nada produzia. As queixas choveram no paço do governador de Pernambuco, o famoso Luiz do Rego, que, em luta com os maçons no tempo das juntas, pouco antes da independencia, seria repelido do grande fóco de Goiana. Êle mandou uma expedição sob o comando do marechal Luiz Antonio Salazar Moscoso, o qual investiu o arraial das irmandades na madrugada de 22 de outubro de 1820. Os soldados incendiaram as palhoças com quem se achava lá dentro e passaram a fio de espada os fanaticos que ofereceram resistencia. O profeta levou a bréca. A tropa conduziu, de regresso ao Recife, mais de quinhentas mulheres e crianças em misero estado.

---

(33) Op. cit., pg. 34.

Crueldade inutil e estúpida. Seria melhor dominar de outra fórma aquêle núcleo e colher documentos sobre sua origem e desenvolvimento. Ninguem pensou nisso. A sanha da soldadesca destruiu tudo.

Não era possivel deixar de haver uma ação oculta da maçonaria no culto diabolico do Reino Encantado. O que aqui referimos, devidamente documentado nas respectivas notas, não deixa sobre isso a menor dúvida.

No estudo de Luiz da Cámara Cascudo sobre o Catimbó, que citámos em nota dêste capitulo, se palpa a influencia do judaismo cabalista na macumba, tal como se pratica no Brasil. Diz o eximio estudioso do nosso folclore: "Os talismãs graficos são apenas sino-salomão, sinal de Salomão, estrela de seis raios, feita com dois triangulos, de tinta vermelha, sangue de galo preto ou bóde da mêsma côr. No centro, sempre se escreve uma frase cabalistica, as mais das vezes ignorada pelo proprio Mestre. A que tive em mão tinha a palavra AGHA. Agha é uma sigla da cábala judaica e quer dizer: "Tu fôste os mundos, Senhor, meu Senhor!" AGHA é a reunião das palavras hebraicas ATHAN, tu, GABOR, fôste, HEOLAN, plural de ALAM, mundo, os mundos, ADONAI, Senhor, meu Senhor."

Podemos, com conhecimento de causa, acrescentar que o galo preto é o ABRAXAS dos cabalistas talmudistas, o KAPPORAH dos ritos judaicos, dos quais vem a chamada *galinha preta* dos *despachos* macumbeiros, e que o bóde preto se refere ao BAFOMET dos Templarios. Segundo a documentada lição dos profundos conhecedores

NERGAL ou ABRAXAS, o galo ritual misterioso da KABBALAH judaica, segundo o desenho da página 57 do livro de Eliphas Levi, "Les Mystéres de la Kabbale".

SUCCOTH-BENOTH, a galinha preta do Kahal, conforme o desenho da página 58 do livro de Eliphas Lévi, "Les Mystéres de la Kabbale". E' — diz êsse autor — *la poule noire des sorciers*, a galinha preta dos feiticeiros.

da QUESTÃO JUDAICA, Elias Brafmann e Calixto de Wolski, nos seus magnificos volumes "O livro sobre o Kahal" e "A Rússia Judaica", os judeus praticam uma ceremonia de verdadeira magia negra, ritualmente, em certa época do ano. Tal ceremonia consiste na purificação pela oferenda dum holocausto e chama-se em hebraico KAPPORAH. Encontra-se tambem esta palavra sob outras fórmas: KAPORES, CAPORES e CAPORET. Eis o que diz a respeito Calixto de Wolski: "A ceremonia do CAPORETO é um uso absolutamente pagão. Eis em que consiste: pela manhã, na véspera do YOM-KIPPUR (grande festa anual judaica), o judeu agarra pelas patas um galo vivo, levanta-o acima da cabeça e rodêa tres vezes o aposento onde estiver, repetindo estas palavras:

— Êste galo vai morrer, mas eu viverei eternamente feliz!

Depois disso, pega o galo pelo pescoço e o lança longe. A mulher judia pratica a mêsma cousa com a galinha.

Com êsse passeio em redor do aposento, levando o galo e a galinha, ficam o judeu e a judia na persuasão de se têrem desembaraçado de todos os seus pecados, transmitindo-os aos pobres galináceos, que são, em seguida, sangrados e, provavelmente, comidos com grande apetite, depois do famoso jejum de vinte e seis horas realizado por ocasião do YOM-KIPPUR (34)."

---

(34) "La Russie Juive", ed. Albert Savine, Paris, 1887, pgs. 292-293.

A ceremonia rabinica e talmudica do galo e da galinha CAPORETOS descrita por Wolski está de acôrdo com aquilo que os conhecedores das ciências ocultas denominam *substituição*. Baseados nêsse rito da *substituição*, é que os antigos israelitas praticavam, segundo o testemunho da Biblia, a ceremonia do famoso BÓDE EXPIATORIO, carregado com os pecados do povo de Israel e lançado ao fundo do abismo.

Quando se estuda a cábala ou, melhor, a KÁBBALAH, ciência oculta eminentemente judaica, que os rabinos aprofundaram e da qual os maiores mestres, como Adolfo Franck, para somente citar um entre os modernos, são judeus, se verifica a intima ligação da ceremonia do CAPORETO com os simbolos cabalisticos. Na KÁBBALAH se encontram, entre as imagens hieroglificas das chamadas ALTAS CONCEPÇÕES, um galo de cauda de serpente e uma galinha diademada, coberta de joias, de pé sobre tres pintainhos. O galo é NERGAL ou ABRAXAS, o Dragão Filosofal dos Alquimistas. A galinha é SUCCOTH-BENOTH, a Natureza, a Matéria, que deu, na baixa feitiçaria, a *galinha preta* dos *despachos*... (35)

Pois bem, de acôrdo com o que teem publicado ultimamente o "Iudenkenner" de Berlim, no seu número de 4 de março de 1936, o "Service-Mondial" de Erfurt, o "Der Stürmer" de maio de 1935, o Parecer do coro-

---

(35) Éliphas Lévi, "Les mystéres de la Kabbale ou l'harmonie occulte des Deux Testaments", ed. Émile Nourry, Paris, 1920. paginas 57-58.

S. M. o Czar Nicolau II da Rússia em fórma de *galo-capores*, num cartão de Bôas-Festas do Kahal, distribuido em setembro de 1913. O original do cartão se acha conservado no arquivo do coronel Fleischhauer, em Erfurt. O anuncio da morte precedeu de cinco anos o crime...

Cartão de Bôas-Festas do Kahal, em setembro de 1933: Adolfo Hitler figurando como *galo do sacrificio*. O original no mêsmo arquivo.

O lider nazista na Suissa, Wilhelm Gustloff, representado como *galo-kapporath* pouco tempo antes de ser assassinado pelo judeu David Frankfurter, no n.º 2 de 1936 da revista maçónica suissa "Nebelspalter". Tudo isso mostra as ligações secretas do judaismo com a maçonaria e com a macumba.

nel Fleischhauer no processo dos "Protocolos", em Berna, editado por U. Bodung-Verlag, os judeus, quando resolvem a morte ou aniquilamento dum homem, duma instituição, dum partido, duma pátria, anunciam isso a todos os judeus do universo, afim de que auxiliem de todos os modos a realização dêsse desideratum. Para tal anuncio, lançam mão de sinais que os GOYIM, os gentios, os cristãos ignoram, mas êles conhecem de sobra. Leiamos a propósito um trecho instrutivo do citado "Iudenkenner": "O *galo-capores* ou o *galo do sacrificio*, em hebraico KAPPORATH, é representado em lugar do que deve ser assassinado. Quando os judeus publicam, afim de ser espalhada por toda a parte, a figura dum homem sob a fórma de *galo-capores*, todos os judeus do mundo inteiro ficam logo sabendo, ao primeiro olhar, que êsse homem foi condenado á morte pelo KAHAL UNIVERSAL."

Do referido jornal tiramos as gravuras aqui publicadas como elemento demonstrativo de nossas afirmações. Uma representa o infeliz Czar Nicoláu II, Imperador de Todas as Rússias, covardemente assassinado pelos judeus em Ekaterimburgo, a 17 de julho de 1918. Comandou a execução da Familia Imperial no porão lôbrego da casa Ipatief o judeu Jankel Iurovski. Depois, os assassinos judeus da Tcheka e da Guepeú mataram mais de dez milhões de cristãos russos. Pois bem, o desenho do Czar em fórma de *galo-capores* foi distribuido em 1913, cinco anos antes! A outra traz Adolf Hitler tambem fantasiado de *galo do sacrificio*

e foi espalhada na Europa dêsde setembro de 1933. A terceira, finalmente, representa da mêsma fórma e para o mêsmo fim Wilhelm Gustloff, o chefe nazista suiço assassinado a 4 de fevereiro de 1936 pelo judeu David Frankfurter. Foi estampada na revista maçónica suiça "Nebelspalter" pouco antes do crime (36).

Aí está porque o *galo preto* e a *galinha preta* são para o povo um sinal de morte. Vimos que a macumba não passa dum satanismo de fundo cabalista, isto é, tem oculta a inspiração judaica, embora sua fórma aparente africana. Por essa razão, Israel, usando da imbecilidade dos cristãos, a põe em moda, levando os desprevenidos, os ávidos de sensações estranhas e os esnobes a frequentá-la como cousa muito importante dos nossos costumes. Todo êsse africanismo que anda por aí, apregoado como fonte imprescindivel de nossa cultura (?), é simples sugestão judaica para levar os tôlos ao convivio dos animismos fetichistas, afastando-os desta ou daquela fórma do verdadeiro espirito cristão da nossa civilização. As apregoadas *escolas de samba* não passam de disfarces daquelas *escolas do diabo* de que nos fala o telegrama da Liberia. Com essa insidiosa propaganda, mascarada sob o manto de estudos foiclorico ou etnologicos e culturais, o judaismo perverte o são

---

(36) A condenação judaica do movimento integralista no Brasil foi, por exemplo, pronunciada dêsde o momento em que começaram a aparecer as caricaturas de seus chefes em corpo de galinha e se vulgarizou a alcunha de galinhas-verdes...

juizo da mocidade das altas classes e mergulha as baixas no culto macumbeiro e nos sortilegios do baixo espiritismo.

Cumprimos um dever, abrindo os olhos aos nossos leitores e pouco nos importando com o que os toleirões, metidos a cultores dum africanismo verdadeiramente da *esquerda,* possam pensar, dizer ou escrever contra nós. O futuro nos dará razão.

O Brasil deve muito á raça negra. Os negros humildes e sofredores regaram com seu suor as terras de plantio, com suas lágrimas o chão batido das senzalas, com seu sangue os campos de batalha nas guerras civis e estrangeiras, com o leite de suas Mães Pretas, as bôcas das crianças brancas! Merecem, portanto, nossa gratidão e nosso aféto. Por isso, devemos elevá-los pela educação, pela instrução, pelo apoio moral, pelo espirito, pela justiça social, dando-lhes uma situação dìgna na vida brasileira, e não abastardá-los e envilecê-los, chafurdando-os cada vez mais nas inferiorizações dos sambas e das macumbas. Devemos cristianizá-los, arrancando-os dos seus pendores atavicos, e não africanizá-los continuadamente, sob o pretexto de amor ao seu folclore. Devemos fundí-los na comunhão nacional e não torná-los um quisto perigoso, isolando-os nos seus ritos fetichistas. Os esquerdistas, fingindo amor pelos pretos, querem tornar certas populações do Brasil presas da vadiagem e da feitiçaria, como na Liberia ou no Haiti, *la Isla Magica.* Nós queremos incorporar o

preto, fraternalmente, á civilização brasileira, á cultura brasileira, para sua grandeza dentro da grandeza do Brasil. Porque o nosso afeto não é fingido.

Os estudos a que procedemos nêste capitulo levaram-nos ao encontro do fio secreto que liga o Judaismo, a Maçonaria, a Feitiçaria, a Macumba. Chama-se KABBALAH.

Os Reinos do Diabo não se acabaram nos sertões nordestinos. Um século depois, sua semente ainda rebrota. Leia-se êste telegrama na "A Ofensiva" do Rio de Janeiro, de 21 de maio de 1937:

Fortaleza, 20 (Havas) — A policia capturou no municipio de Maria Pereira, um individuo que, dizendo-se "enviado da monarquia" aplicava remedios e drogas de sua invenção e fazia curas deslocando os maxilares dos doentes.

Escoltado por policiais o "mestre Silvino" chegou hoje, trajando um uniforme branco, com dragonas e botões dourados, e encontra-se no xadrez da delegacia auxiliar.

Ouvido pela imprensa "mestre Silvino" declarou ser natural de Alagôas e que estivera varios anos em São Paulo. Ultimamente vivia em Maria Pereira, não sabendo o motivo da sua prisão, "pois não faz mal a ninguem".

"Mestre Silvino" trazia sob suas ordens grande numero de pessoas fanatizadas e possuia varias mulheres que considerava "virgens purificadas".

Até nisto a época presente parece com a Regencia: o espectro do satanismo não desaparece dos sertões...

Capitulo XIV

O IMPERADOR DOS BEMTEVÍS

No tempo da Regencia, havia no Maranhão dois partidos politicos que se odiavam e degladiavam como todos os partidos politicos liberais. Eram os cabanos e os bemtevís. Os primeiros tinham as mêsmas idéas com que se levantaram seus homónimos do Grão-Pará, conservadorismo e anti-maçonismo, o que equivalia, na época, a reacionarismo e restauradorismo. Os segundos professavam idéas liberais (1). Por trás dêles, aquelas fôrças já de nós conhecidas, eximias em lançar os homens de opiniões contrárias ás lutas estéreis e até em se servirem, como instrumentos, dos que as combatem.

No dia de Santa Luzia, 13 de dezembro de 1838, um vaqueiro chamado Raimundo Gomes Vieira Jutaí partiu da vila do Itapicurú com dezoito homens, entrou na da Manga do Iguará e soltou os presos da cadeia, entre os quais estava um irmão seu. O destacamento local aderiu. "Data dêste dia a revolução que o vulgo denominou Balaiada, do nome de um de seus mais assinalados caudilhos, e que tantos horrores e tão negros crimes espalhou pelas provincias do Maranhão, Piauí e

(1) Gonzaga Duque, "Revoluções Brasileiras", Laemmert, Rio de Janeiro, 1905, pg. 180.

Ceará (2)." Todas as chamadas *jaquerías* de camponêses nasceram assim, repentinamente, sendo dificil deslindar a MÃO OCULTA que as impeliu e guiou. Um contemporáneo da Revolução Francêsa reune em uma obra reveladora certas coincidencias eloquentissimas sobre as rebeldias campónias da Europa: os herdeiros de JACOBUS, de Jacob ou Jacques Molay, grão-mestre dos Templarios, são aquêles rebeldes e bandidos da Idade Média apelidados JAQUES e, afinal, mais perto de nós, os JACOBINOS revolucionarios e terroristas (3). O Jacobinismo é a doutrina incendiaria. Jacob se identifica com Israel, o qual manobra através da cortina de fumaça das sociedades secretas...

Áquêles que riam ou mêsmo sorriam da importancia que damos a estas coincidencias, levianamente julgadas acidentais, repetiremos as velhas palavras de Toussenel: "Os judeus formam uma nação na nação e, muito embora o que façam e digam, se tornam em breve a *nação conquistadora e dominadora.* Que os cegos e os VENDIDOS, os que não vêem ou não querem vêr não me incriminem por ter a vista mais aguda do que êles e a fibra nacionalista mais irritavel (4)."

---

(2) J. M. Pereira de Alencastre, "Notas diarias sobre a revolta civil que teve lugar nas provincias do Maranhão, Piauí e Ceará pelos anos de 1838, 1839, 1840, 1841, escritas em 1854 á vista de documentos oficiais" "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", t. XXXV, 2.ª p., 1872, pg. 423. O caudilho que daria o nome ao movimento chamava-se Manuel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio.

(3) Cadet de Gassicourt, "Le tombeau de Jacques Molay", Paris, l'an quatriême de l'Ére Française, pgs. 21-22.

(4) "Les juifs, rois de l'époque".

Assim, subitáneas e sem motivo justificado, estalaram todas as grandes revoltas de caráter campesino em diversos países, umas com feição socialista, outras com feição reacionaria e outras, perdendo, no seu desenvolvimento, uma feição para assumir outra, ás vezes inteiramente contrária. Os *robota* da Boemia e os *hoja* da Transilvania explodem da mêsma fórma, como nos mostra Barruel. A revolução campónia do Minho, em Portugal, se apresenta da mêsma maneira. Identica é a cabanagem do Grão-Pará. Nas "Notas Diarias", Pereira de Alencastre escreve, referindo o crime inicial de Raimundo Gomes: "Era preciso um pretexto para que os ambiciosos e descontentes pudessem romper com o governo (5)." Domingos José Gonçalves de Magalhães, visconde do Araguaia, cronista dos acontecimentos, declarava, anos mais tarde: "Que MÃO OCULTA dirigia êste drama não se póde duvidar. Era Raimundo Gomes incapaz de tomar tal resolução, pôsto que por seus hábitos muito proprio para executá-la (6)."

Quantos historiadores temos citado e vamos citando, antigos e modernos, que têem sentido a tal MÃO OCULTA nos sangrentos sucessos da Regencia! Não fazemos mais do que identificar a MÃO que sentiram, porém não puderam reconhecer.

Houve, como sempre, o preparo do *clima* necessario. O jornalzinho "Bemteví", redigido em linguagem

---

(5) Op. cit., pg. cit.

(6) "A revolução da provincia do Maranhão", separata da "Revista Trimensal de História e Geografia", n.º II, pg. 23.

popular pelo maçon Estevam Rafael de Carvalho, atacava violentamente o presidente da provincia, Vicente Tomás Pires de Figueiredo Camargo. Acirrára-se uma luta de competencia e prestigio, no seio dos municipios, entre os prefeitos e os juizes de paz. O presidente ficára do lado daquêles. O "Bemteví", do dêstes (7). Isto levou o dissidio e o rancor á intimidade da vida municipal. "Raimundo Gomes, o vaqueiro assassino, converteu-se em chefe do partido Bemteví e os que o levantaram do pó da terra envergonharam-se de sua obra (8)." Rebentada a bomba, o presidente Camargo não viu, não quis vêr ou não pôde a MÃO OCULTA que acêndera seu estopim. Considerou e apresentou os rebeldes como simples salteadores de estrada.

Essa revolução matuta da Balaiada lembra em muitos pontos a rebeldia minhôta a que já aludimos, vulgarmente conhecida pelo nome de Maria da Fonte, em 1846, cujo preparo foi visivelmente maçónico. Surgiam pelas aldeias individuos misteriosos, dando-se como apóstolos de novos credos, tal qual os que crearam o Reino Encantado da Pedra Bonita. Presos pelas ingénuas autoridades dos Conselhos, eram imediatamente postos em liberdade pelos governadores civis e voltavam ás suas prédicas fanatizantes. Cometiam-se sacrilegios nas igrejas aldeãs, que provocavam a reação dos labregos. Um dia, repentinamente, as mulheres, armadas de forcados, foices e varapáus, invadiram a vila da Pôvoa

---

(7) Op. cit., pgs. 19-22.
(8) Op. cit., pg. 24.

e, enquanto os sinos tangiam doidamente a rebate, soltavam os presos da cadeia, aos brados reacionarios: — "Viva o Senhor Dom Miguel! Viva a Santa Religião!" Os comandantes dos destacamentos enviados para dar combate aos minhôtos e, sobretudo, minhótas revoltados fraternizavam com êles e lhes mostravam as *confidenciais* que recebiam. Por que se alevantavam aquêles seareiros rudes e aquelas novas padeiras de Aljubarrota com a brava Maria da Fonte á testa, cantando "O Rei chegou!"? Uns querem que para se não sujeitarem a certas prescrições das chamadas Juntas de Saúde, como os cariocas, insuflados pelos positivistas, quando do caso da Vacina Obrigatoria e do Quebra-Lampeão. Outros afirmam que os povos não queriam pagar o novo imposto de cruzado para as estradas (9). Os politicos, segundo Gomes de Amorim, "aproveitaram e colheram os frutos da revolução".

Mutatis mutandis, o que ocorreu no Maranhão. Campanha preparadora de imprensa, semeando a sizánia nos municipios. O golpe inesperado de Raimundo Gomes. Quais os motivos da rebelião? Vagos e variaveis. O cabecilha Militão Barros proclama em Pastos Bons a SANTA CAUSA DA LIBERDADE contra "o monstro e abuminavel (*sic*), o cruel dragão, emfim o déspota da umanidade (*sic*), o português José da Costa Neiva" e contra a "desmoralizada lei da Prefeitura, a lei de fer-

---

(9) Cf. Camilo Castelo Branco, "Maria da Fonte", 2.ª ed., Chardron, Porto, 1901, pgs. 20, 28, 29, 33 e 35; Gomes de Amorim, "Apontamentos", t. III, pgs. 167 e segs.

ro" (10). O Conselho Militar dos Balaios, em Caxias, exigia, depois, a destituição dos prefeitos (11). A proclamação do caudilho Balaio aos habitantes do Piauí fala do "despotismo do presidente Camargo", de abusos em geral contra as leis, no júri, no recrutamento e nas eleições (12). Muitos dos oficiais mandados contra as hostes balaias teem inteligencias com seus chefes ou se deixam peitar por êles. O exercito *faz que anda, mas não anda,* era o que se dizia á bôca pequena, quando o governo do Imperio entregou á espada do futuro duque de Caxias a solução do conflito. E todos os documentos dos rebeldes terminam por vivas á Constituição, ao Soberano e á Santa Religião (13). A suprema habilidade do judaismo-maçónico é enganar os que insubordina, fazendo-os pensar que estão seguindo seus pendôres naturais. A gente de Maria da Fonte não dava vivas ao absolutista D. Miguel, inimigo figadal da maçonaria, filho de Dona Carlota Joaquina que as lojas chamavam, como Militão Barros ao português Neiva, o DRAGÃO?...

No fundo das duas sublevações, o mêsmo espirito de destruição da propriedade territorial, manifestandose de fórma incipiente na destruição dos registros e titulos que a comprovam e perpetúam, fermento socia-

10) "Proclamação" do comandante das forças militares da comarca de Pastos Bons, Militão Bandeira Barros, datada de 30 de maio de 1839.

(11) Oficio dirigido pelo Conselho Militar dos Balaios ao presidente do Maranhão, datado de 10 de julho de 1839.

(12) Documento datado de 29 de agosto de 1839.

(13) Cf. J. M. Pereira de Alencastre, "Notas Diarias", pgs. 467 e segs.

lista, senão comunista, muito digno de nota. Daí o odio que, em geral, trazem os revolucionarios contra os cartórios. As revoluções que não teem a coragem de arrazá-los ou de incendiá-los, tomam-nos violentamente aos antigos serventuarios e os entregam a pessôas do peito, sobretudo de apoucada compostura moral para o cargo, da sequela ou parentela dos dirigentes do movimento, para que o direito de todos fique á mercê de criaturas escolhidas. Aconteceu isso com a revolução de 1930, como é público e notório. Seu tão apregoado ESPIRITO REVOLUCIONARIO, jamais definido em postulados doutrinarios, é bem possivel que tenha ficado encerrado nêsse circulo restrito da tomada dos cartorios, de acôrdo, aliás, com a declaração alto e bom som do sr. Osvaldo Aranha: "Não ha direitos adquiridos." O que equivale a não haver mais direito de espécie alguma, nem mêsmo o próprio conceito de direito.

No Minho, em 1846, os rebeldes passavam pelos Conselhos, "deixando queimados, nas regedorias, todos os papeis... Era triste vêr, em roda, tudo alastrado de papeis rasgados e queimados: uns redemoinhando com o vento e outros servindo de joguete nas mãos dos rapazes, que os apanhavam ás rebatinhas (14)." Os balaios praticavam comumente átos identicos. Depõe João Brigido, narrando a tomada da vila cearense de Viçosa, na serra da Ibiapaba ou Serra Grande, provincia do Ceará, por um caudilho balaio, indio, o capitão Si-

(14) Camilo Castelo Branco, op. cit., pgs. 36-37.

mão ou o terrivel Matroá, que Gonzaga Duque alcunha de "bandoleiro famoso": "Aquêle bruto invadiu o cartorio da vila, e, de cócoras em cima da mêsa do escrivão, deu ordem a seus soldados para lançarem fogo a toda aquela papelada! O escrivão, aflito, lhe suplicou: — Capitão, não me faça êste mal; vivo dêstes livros e autos; extráio dêles certidões, ganhando para meus filhos... — Não, não! lhe retorquiu o bárbaro. E, voltando-se para a sua gente, lhe disse: — Queima, queima tudo; aí é que está a velhacada! (15)"

A odienta concepção é digna dos comunistas de hoje. E' preciso destruir tudo o que está organizado e, em tudo, o próprio passado. Sob todas as fórmas, guerra á tradição. A sugestão peçonhenta vem do fundo dos antros do Poder Oculto. Borbulha na queima ou na tomada dos cartorios, na destruição dos arquivos, no raspamento das proprias datas dos monumentos nacionais, como decretaram os sabinos bucheiro-maçónicos da Baía...

A Balaiada começára a 13 de dezembro e o governo local somente vira nela pequeno surto de cangaceirismo. Mas, já a 2 de janeiro, Raimundo Gomes entrava na vila do Brejo e obtinha a adesão de Manuel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio, que se tornou o general chefe das tropas bemtevís. Começaram logo as maiores atrocidades contra os cabanos. Os dezoito homens do vaqueiro criminoso, que se aliaram aos presos

(15) "O Ceará", ed. L. C. Choloviecki, Fortaleza, 1899, pg. 179.

libertados na Manga e aos soldados de policia ali destacados, eram, agora, como escreve o visconde do Araguaia, "hostes devastadoras". "Por onde passa, o caudilho Balaio leva a tudo a fogo e a sangue (16)."

As populações apavoradas refugiam-se aonde pódem e a jaquería se alastra de modo assustador. Apesar do capitão Pedro Alexandrino seguir do Itapicurú com forças para bater os facciosos, Raimundo Gomes conquista Miritiba e avança para Tutoia, de onde, com cento e oitenta sequazes, parte a reunir-se ao bando de José Cardoso, na fazenda Marrequinha, preparando-se para atacar Parnaíba. O prefeito da vila, João Francisco de Miranda Osorio ajunta gente e assume a ofensiva. O caudilho vaqueiro corre para a comarca de Campo-Maior, "a chamado de Livio Lopes Castelo Branco, e na esperança de reunir novos sectarios (17)."

Passou-se tudo isso em janeiro de 1839. Em fevereiro, Livio junta-se a Raimundo Gomes e se encarrega de levantar o Piauí. "O facho revolucionario cada vez mais se atêa." O vaqueiro conquista Chapadinha e vai unir-se a Balaio, com o fito de tomar Parnaíba, cujo saque os seduzia. No dia 26, chega a São Luiz o novo presidente da provincia, Manuel Felizardo de Souza e Melo. Acha tudo na capital com aparencias de paz. A revolta grulhava longe, nos sertões. Dias depois, sabia da junção de Raimundo Gomes repelido da Parnaíba

(16) Pereira de Alencastre, op. cit., pgs. 424-425.
(17) Op. cit., pgs. cits.
(18) Domingos José Gonçalves de Magalhães, op. cit. pgs. 31-32.

com a gente do Balaio, apresentando-se ambos com grandes fôrças no Brejo. Diziam que Balaio pretendia vingar a deshonra de duas filhas por um oficial, Antonio Raimundo Guimarães. Logo duas e pelo mêsmo individuo! A história não é das que merecem inteira fé...

Em março, "receios na capital do Maranhão de que os rebeldes a querem atacar. Os ánimos estão exaltados e a imprensa prega abertamente as doutrinas mais desorganizadoras (19). Balaio tem engrossado suas fileiras com mais de mil homens, fóra imensos grupos, que, em todas as direções, percorrem desatinados, saciando seus instintos ferozes no assassinato e no roubo" (20). E' nêsse ambiente, no dia 3, que o presidente toma posse, depois de haver levianamente comunicado á Regencia que tudo estava calmo. Do Brejo a Itapicurú, da Chapadinha á Tutoia, as matas estão inçadas de sediciosos que atentam contra a honra, a propriedade e a vida dos indefesos moradores da redondeza. Praticam todos os excessos, que a pena de Gonzaga Duque pinta dramaticamente, excessos de *sans-culottes,* de bolchevistas da Tchéca, de judeus vermelhos, de mineiros asturianos. Os soldados de Pedro Alexandrino de pouco ou de nada servem: não encontram os rebeldes ou com êles tirotêam fugazmente, sem travar nenhuma ação decisiva. As guerrilhas dos balaios prosseguem,

(19) A que fôrças secretas, a que MÃO OCULTA obedecia essa imprensa desatinada, fazendo contra a ordem pública o triste jogo da rebeldia?

(20) Pereira de Alencastre, op. cit., pg. 426.

sem peias, na obra de sangue e destruição. A revolta vai tomando cada vez maior incremento.

Os balaios precisam duma base de operações, em que se possam prover de recursos mais abundantes. Cercam a cidade de Caxias, a antiga Aldeias Altas, empório sertanejo. Sua posse lhes dará grande força moral. A população "errante e aventureira" dos arredores une-se a êles, cujos emissarios arrebanham todos os párias do Maranhão e do Piauí, fomentando desordens livremente, graças á incapacidade e falta de meios que reduzem o governo provincial á impotencia. "Desaparece completamente a segurança da vida e da propriedade!" Ha cabecilhas ferozes que ostentam sempre as roupas nodoadas de sangue (21)!

As forças enviadas pelo presidente Manuel Felizardo em auxilio da cidade sitiada fôram obrigadas a voltar do caminho para cobrir a capital, porque logo se espalharam boatos alarmantes dum pretenso ataque a São Luiz. O governo caíu ineptamente nessa manobra tipica das forças ocultas que insuflavam a anarquia. E Militão Bandeira Barros, Manuel de Souza Milhomem, Manuel Fernandes Lima e Pedro de Moura Albuquerque revoltam Pastos Bons e Mirador, no Piauí. Militão espalha uma proclamação em cassange. Milhomem reforça Balaio no cêrco de Caxias. Livio Lopes traz-lhe mais gente do interior piauiense (22).

---

(21) Pereira de Alencastre, op. cit., pg. 427; Domingos José Gonçalves de Magalhães, op. cit., pgs. 32-35.

(22) Idem, pgs. 428, 469 e 470; idem, pgs. 37 e segs.

A horrenda jaquería avoluma-se ainda mais no mês de junho. E' um verdadeiro inferno! No dia 30, Caxias desamparada cái em seu poder. Quatrocentos soldados rendem-se a mil e seiscentos balaios. Os rebeldes armam-se e municiam-se melhor com o seu botim. Aparecem caudilhos com curiosos nomes de guerra: Ruivo, Mulungueta, Pedregulho, Macambira, Tempestade. Ha um judeu ou descendente de judeu: Cock! A cidade foi inteiramente saqueada! Horrores indescritiveis! Estabeleceu-se nela o Conselho Militar das Forças do Partido Bemteví, que mandou emissarios ao presidente da provincia, com as seguintes propostas: anistia, abrogação da lei da Guarda Nacional, processo legal dos presos existentes na capital, reconhecimento dos postos dos oficiais balaios de melhor condúta e oitenta contos de réis em dinheiro de contado para indenizar a tropa! Era um verdadeiro exercito chinês ditando condições ao poder enfraquecido... (23)

A rebeldia dominava os melhores pontos do interior: Brejo, Miritiba, Itapicurú, Pastos Bons, Passagem Franca, Manga do Iguará, Chapadinha e Caxias. Em duas provincias limítrofes, com um grande rio de permeio, o Parnaíba! Até sacerdotes tomavam seu partido: entre os enviados do Conselho Militar, se achava o padre Raimundo de Almeida Sampaio. Somente o

---

(23) Domingos José Gonçalves de Magalhães, op. cit., pgs. 39-40; oficio dirigido pelo Conselho Militar dos rebeldes de Caxias ao presidente do Maranhão "in" Pereira de Alencastre, op. cit., pg. 470.

bravo major Clementino de Souza Martins, marchando de Oeiras, a antiga capital piauíense, tomou-lhes, em julho, algumas posições á margem do rio, batendo-os em vários lugares e obrigando-os a fugir.

Em setembro, á sua aproximação, os balaios evacúam Caxias e se espalham pelas duas margens do Parnaíba. Atacados no Maranhão, fogem para o Piauí. Atacados no Piauí, fogem para o Maranhão. Batidos, dispersam-se. Concentram-se novamente e assaltam os povoados desguarnecidos. Tática de vendeanos. Derretem-se aqui. Aglutinam-se adeante. Eternizam a luta sem vantagens. A Balaiada é uma verdadeira chuanería, ante a qual o governo vacila, o crédito mingua, as intrigas se tecem e todos os crimes se ostentam. Vem do Pará o coronel Francisco Sergio de Oliveira, nomeado comandante das forças em operações, e o presidente reune-se no Icatú as tropas de cobertura da capital, imobilizadas pelos boatos maçónicos, arma da confusão e da mentira. Durante o mês todo, o major Clementino, prático dos sertões, responde ás guerrilhas com outras guerrilhas. Os rebeldes temem-no até que morre como um herói, ferido no ventre, no combate do Baixão. Substitúe-o o capitão Antonio de Souza Mendes que tange o cabecilha Livio Lopes para o Ceará (24).

No correr de outubro, organiza-se no Piauí mais uma coluna legal, a de Oeste, sob o comando do major José Martins de Souza, que projéta um ataque geral

---

(24) Pereira de Alencastre, op. cit., pgs. 435-437.

aos rebeldes. Perde lamentavelmente a partida e Raimundo Gomes, com dois mil homens, recupera Caxias, saqueada pela segunda vez e "teatro de horriveis cenas" (25). Não convem ao caudilho sertanejo enfurnar-se numa povoação, perdendo a superioridade de sua ação guerrilheira em campo livre, a sua mobilidade. Abandona-a em lastimavel estado. Por isso, quando se seguem *pari-passu* as idas e vindas da Balaiada, se vêem a todo instante as vilas tomadas e abandonadas. Depois do saque, a retirada, afim de se refazerem na tranquilidade os bens para novo saque...

Paranaguá revolta-se em novembro. Os legais são derrotados nas trincheiras do Buriti Cortado, que retomam com reforços após quarenta e oito horas de fogo! A' epopéa dos centauros farrapos, no Sul, responde a epopéa dos infantes infatigaveis, ao Norte. O porto da Conceição cái em poder dos sediciosos. Em dezembro, os balaios cercam no Estanhado a coluna de Antonio de Souza Mendes, e é nomeado comandante das forças do Piauí um veterano dos quadrados do Passo do Rosario, José Feliciano de Morais Cid (26).

O ano de 1840 se inicia com a chegada de 550 soldados imperiais a Caxias, sob o comando do major Ernesto Emiliano de Medeiros. Um destacamento vindo de Piracuruca liberta Antonio de Souza Mendes, no Estanhado. Prossegue a enfadonha e estéril luta. E' quando o governo da Regencia sente a necessidade

(25) Op. cit., pgs. 435-437.
(26) Op. cit., pgs. 439-441.

de acabar com aquela deploravel anarquia que a nada conduz, senão á exterminação da vida sertaneja. Impunha-se um comando unico, civil e militar, em mão energica e experimentada. O coronel Luiz Alves de Lima, depois duque de Caxias, toma posse da presidencia do Maranhão e do comando das armas no dia 7 de fevereiro. Trazia como chefe das forças navais o capitão de fragata Joaquim Marques Lisbôa, futuro marquês de Tamandaré. Os destacamentos começam a convergir para as zonas conflagradas. Veem até do Ceará. Os balaios são derrotados no Sobradinho e defendem-se corajosamente em Morcegos, Maricota e Porto do Mato (27).

Em março de 1840, a comarca de Caxias começa a ser expurgada das guerrilhas que a infestavam e que se vão concentrar no Brejo. Em abril, aparece o poeta dos balaios, o goiano Pedro de Alcântara Soares, que "canta em versos o movimento revolucionario". E' o autor das proclamações em estilo romantico, empolado e maçónico que substituem o cassange de Militão Madeira Barros. Em maio, Raimundo Gomes é expulso com seus bandos das matas do Curumatá e do Egito, passando-se do Piauí para o Maranhão. Os efetivos legais aumentam: batalhões do Ceará, artilharia da Baía, forças navais. Calculam-se os rebeldes, no entanto, ainda em cinco mil homens, nas comarcas do Brejo e Pastos Bons. Teem batalhões organizados e numerados. Seu uniforme significativo é a camisa vermelha,

(27) Op. cit., pgs. 443-445.

tão vermelha como as tunicas e gondolas dos farrapos do Sul! Coincidencias... Sabem abrir e guarnecer trincheiras. As contínuas derrotas não os abatem e suas correrias não cessam. Durante seis dias consecutivos, são batidos em Frecheiras (28). E não querem ceder terreno.

A convergencia das diversas colunas legais vai cerceando seus movimentos. Sente-se que um mando superior dirige com segura orientação as operações. Os bandos ferozes, refugados do Maranhão e do Piauí, correm para a muralha da Serra Grande, no Ceará, invadindo e saqueando as povoações de São Pedro, São Benedito e Viçosa. Matam. Queimam. Estupram. Paranaguá torna-se o centro polarizador da rebeldia. E' aprisionado Francisco Lopes Castelo Branco, o famigerado Ruivo (29).

Um elemento novo e perigoso entra em cena, lançado á luta atroz como derradeiro trunfo: o escravo revoltado e armado pela própria sociedade em ebulição. O Espartaco da Balaiada era um facínora evadido da cadeia, o negro Cosme, que libertava os cativos por onde passava, concitando-os á rebilião e ao odio, distribuindo titulos pomposos com seus apaniguados, comandando a mais de tres mil pretos em pé de guerra e se proclamando com impáfia: D. COSME I, TUTOR E IMPERADOR DAS LIBERDADES BEMTEVÍS (30)!

---

(28) Op. cit., pgs. 445-456.
(29) Op. cit., pgs. 456-458.
(30) Op. cit., pg. 458; Domingos José Gonçalves de Magalhães, op. cit., pg. 118.

Por toda a parte, de agosto em deante, os rebeldes são batidos: em Mombaba, na Serra Grande, no Regalo da Vida, no Brejinho, no Atrás da Serra, na Baixa Fria, no Ôlho d'Agua da Jurema, na Curicaca, no Barro Vermelho e em Santa Maria. Vencidos, os balaios se espalham pelos campos gerais do Parnaíba ou escapolem para os invios araxás goianos. Os negros do IMPERADOR metem-se nos seus quilombos (31).

Em setembro, continúa a conquista dos entrincheiramentos balaios do Bom Jesus, de Mocambos e Cocambos, suas linhas de defêsa; mas, na ausencia da tropa legal, volvem aos assaltos de surpresa e saquêam, depredam, devastam Pastos Bons. Seu mais "sanhudo caudilho" no momento usa um nome de gesta sertaneja — Manuel da Figueira Damasquarem Feitosa Brasa Viva — e é preso por um destacamento. Outro, Manuel Lucas de Aguiar, morre nas cabeceiras do Gurgueia ás mãos dum sargento. Nas emboscadas, trincheiras, tocaias e encontros, perecem mais de trezentos balaios. Passam-se pelas armas dezenas de outros. Todas as suas tentativas de concentração são impedidas. A revolta de Paranaguá extingue-se (32).

A par dos negros, os indios se haviam tambem rebelado, saqueando e incendiando quanto podiam, sob as ordens de seus brutos capitães, Simão e Matroá. Bate-os e redu-los á obediencia uma expedição cearense comandada pelo capitão Jacarandá, veterano das con-

---

(31) Pereira de Alencastre, op. cit., pgs. 458-469.
(32) Op. cit., pg. 463.

tendas sertanejas. Os cabecilhas Pio, Valerio, Dantas e Manuel Preto rolam de revés em revés. Por mais esforços que empregue para reorganizar suas tropas, o vaqueiro Raimundo Gomes vê-se quasi abandonado (33).

Luiz Alves de Lima, estratégo e politico, lança, então, mão da arma de que se valerá com grande proveito mais tarde, no fim da revolução farroupilha, após as necessarias demonstrações de força e de energia, que firmam o prestigio da autoridade: a clemencia para os vencidos. Publica um decreto de anistia e, sucessivamente, "vão se apresentando até um mês depois mais de dois mil rebeldes". Os últimos caudilhos em armas são batidos. Uma após outra, falham todas as tentativas de Raimundo Gomes, o mais teimoso dêles. Em janeiro de 1841, "os rebeldes do Maranhão e Piauí, cansados duma luta inglória, derrotados por toda a parte e perseguidos energicamente, resolvem depôr as armas e acobertar-se sob o manto da anistia... O presidente do Maranhão declara pacificada a provincia", no dia 19 (34). Para isso, tambem contribuira em grande parte a proclamação da maioridade de D. Pedro II, que era um ponto do programa de reivindicações do partido Bemteví (35), quando tal reivindicação não podia ser deferida... Agora, o pretexto servia para a paz. A 3

(33) Op. cit., pgs. 464-465.

(34) Op. cit., pgs. 465-467.

(35) Gonzaga Duque, op. cit., pgs. 196-197.

de abril, o coronel Morais Cid proclamava, em ordem do dia, extinta a revolta no Piauí.

O futuro duque de Caxias operára prodigios nas provincias sublevadas, onde contava com poucas e indisciplinadas tropas, a cada passo se amotinando pelo grande atrazo dos sôldos, transformando os proprios balaios que se iam entregando em soldados da legalidade e dispondo de parcos recursos em dinheiro, homens, armas e munições. Mas seu espirito de ordem e disciplina, sua capacidade de organização a tudo supriram. Formou a Divisão Pacificadora do Norte, dividiu-a em colunas volantes convergentes e estabeleceu depósitos e hospitais convenientemente fortificados. Restaurou a disciplina e a economia. Renovou a administração. A todos, amigos e inimigos, se impôs pela "severidade de seus costumes e a dignidade de seu proceder." O titulo que lhe foi posteriormente dado de barão de Caxias, que elevaria a duque, unico duque do Imperio, significava: "disciplina, administração, vitória, justiça, igualdade e glória (36)."

Hoje, que conhecemos as diretivas internacionais judaicas do Komintern, orgão da revolução mundial marxista, recomendando a *guerra de raças,* incitando os negros norte-americanos aos graves disturbios do bairro novayorquino de Harlem e tentando a formação de *frentes negras* no nosso país, compreendemos bem

(36) Pinto de Campos, "Vida do grande cidadão brasileiro, Luiz Alves de Lima e Silva", Imprensa Nacional, Lisbôa, 1878, pgs. 57-63; Domingos José Gonçalves de Magalhães, op. cit.

de onde deve ter partido a inspiração dos levantes de indios e, sobretudo, de pretos, durante a Balaiada. Se os historiadores que lhe esmiuçaram as datas e os fátos aparentes, tivessem os atuais conhecimentos da questão judaico-maçónica, teriam observado melhor essa parte dos acontecimentos e nos deixado preciosos subsidios.

O Tutor e Imperador das Liberdades Bemtevís, o negro Cosme, chefiando a insurreição da escravaria, como seu comparsa, o negro Diamante, dos cabanos, e capitaneando os quilombólas de seu imenso séquito de tres mil homens, é um indice muito apreciavel. No seu odio aos brancos, desavindo-se até com os proprios bemtevís, em cujo socorro erguera o estandarte da rebelião, mostra a perversa habilidade das forças ocultas suscitando maquiavelicamente êsse sentimento destruidor. Aprisionou-o no seu quilombo fortificado da Lagôa Amarela o balaio convertido á legalidade, Francisco Ferreira Pedrosa. Ainda tinha consigo mil e setecentos homens!

No seu desamparo final, Raimundo Gomes procurára asilo nas hostes negras; mas o Imperador dos Bemtevís desconfiava dêle e ia mandar matá-lo, quando o astuto vaqueiro farejou o perigo e se escafedeu, indo apresentar-se ao coronel Luiz Alves de Lima, no quartel general de Miritiba. Anistiado, temendo vinganças particulares, retirou-se para S. Paulo, onde morreu (37).

---

(37) Gonzaga Duque, op. cit., pgs. 196-197.

A aventura do IMPERADOR NEGRO nos traz á lembrança a dum Imperador Indio de estôfo semelhante, ocorrida no Paraguai, na segunda metade do século XVIII. Os jesuitas haviam creado ali um verdadeiro Estado Guaraní, elogiado até pelos historiadores protestantes como Boehmer. O Paraguai é o ponto mais nevralgico do continente, passagem obrigatoria nos rios que levam ao coração da America Meridional. Compreenderam isso os conquistadores espanhóis que fundaram Assunção. Ha um empenho constante e manifesto das forças internacionais em estabelecer ali o seu dominio. Fôram elas que escreveram com o sangue dos paraguaios e bolivianos inutilmente sacrificados os trágicos capitulos da guerra do Chaco. De acôrdo com o legado do barão Hirsch, os judeus pretendem fundar sob o disfarce da colonização uma República Israelita abrangendo essa parte do territorio sul-americano, onde entestam fronteiras Paraguai, Argentina, Brasil e Bolivia. Tudo poriam em prática para minar e destruir a obra da civilização jesuitica-guaraní processada de modo admiravel.

Um dos meios era o envio de emissarios que se fingiam jesuitas e procediam de modo a desacreditá-los entre os selvagens. Apareciam nas malocas vestidos como os padres da Companhia e em busca fingida de prosélitos. Plantavam uma cruz, davam presentes aos indigenas, exortavam-nos a abraçar o cristianismo e, depois de os reunirem em grande número, os levavam a lugar propicio, onde, com outros comparsas, de sur-

presa, os chacinavam com requintes de perversidade. Os indios, convencidos de que eram verdadeiros jesuitas, tomavam-se de odio e faziam com que os catequizadores corrêssem sérios perigos ao se embrenharem nas selvas (38). Vimos no primeiro volume desta "História Secreta", no capitulo "O Ninho do Contrabando", o que muitos judeus, fantasiados de padres, apanhados com a bôca na botija pela Inquisição de Lima, costumavam praticar no interior do Perú, afim de desmoralizar o clero e a religião.

Conta-se que um dêsses agentes de descrédito conseguiu penetrar como irmão leigo no seio da Companhia de Jesus, para renegá-la oportunamente e provocar uma sublevação dos indigenas aldeados nas reduções, a qual custou muito sangue. Era um aventureiro espúrio chamado Nicoláu Rubiuni, disfarce do nome judaico de Ruben, o qual, segundo dizem, chegou a se proclamar D. Nicoláu I, Rei do Paraguai e Imperador dos Mamalucos, cunhando moeda (39).

Não entra absolutamente em nossos propósitos e cogitações examinar a autenticidade dessa questão historica, da qual sabemos existir abundante, original e curiosa documentação no precioso arquivo do dr. Alberto Lamego, adquirido pelo governo do Estado de São Paulo. Os que se interessarem pelo caso que o elucidem.

---

(38) Padre P. F. Xavier de Charlevoix, "Histoire du Paraguay", Paris, 1757, t. II, pg. 162.

(39) "Nicolas I, Rey del Paraguay y Emperador de los Mamelucos", Imprenta Biedma, Buenos Aires, 1904.

O que temos em mira é simplesmente ressaltar o parentêsco dos titulos exoticos com certeza saídos da mêsma fôrma, visando ao ridiculo da majestade imperial: IMPERADOR DAS LIBERDADES BEMTEVÍS e IMPEPERADOR DOS MAMALUCOS. *Ex digitus gigans...*

No labirinto cretense das intrigas maçónicas que confundem e dilaceram a humanidade, em cujo insondavel recesso se oculta satanicamente o Minotauro do Judaismo á espera do momento de devorar as gerações cristãs, o menor fio de Ariadna não póde nem deve ser desprezado para nos guiar no dédalo trevoso e ensanguentado. Mas é preciso, sobretudo, não ter mêdo do Minotauro. Quem o tiver estará perdido.

Capitulo XV

A RESTAURAÇÃO DA AUTORIDADE

Os homens de bem sentiam a necessidade urgente de restaurar o prestigio do governo central, destruido pelo conluio maçónico de que resultára o 7 de abril. Os estadistas de responsabilidade pensavam assim, deante do panorama ensanguentado das provincias em permanente agitação. A República Farroupilha continuava como ameaça grave e constante na fronteira meridional. Êsses estadistas eram, na maioria, maçons ideologicos. Muitos — honrados, sinceros, patriotas. Se êles soubessem que, por trás das lojas onde se prega o falso liberalismo e o falso humanitarismo, existem o paladismo-satánico e o estado-maior silencioso de Israel, com o plano dos seus "Protocolos", preparando a ruina da civilização cristã, decerto recuariam horrorizados e abjurariam o maçonismo.

Dêsde que, através da Reforma luterana e do calvinismo, o judaismo introduziu o microbio do livre-exame na consciência coletiva do mundo cristão ocidental, grande e perigosa confusão de idéas envolveu os homens arrancados a um pácto social unitario. Ha, no dominio social e politico, liberais sinceros que querem o liberalismo *até certo limite*. Logo que o liberalismo tende para fórmas meio socialistas, isso lhes repugna.

Ha os socialistas mais ou menos avançados, que querem o socialismo *até certo limite*. Dêsde que o socialismo se desenvolva no sentido do comunismo, condenam a êste e o combatem. São sinceros, porque ainda não compreenderam que a revolução mundial de Israel é um plano diabolico e milenario que se vai desenrolando em etapas sucessivas e fatais, umas logicamente dependentes das outras, de modo a provocar o minimo possivel de reações. São sinceros, porque ainda não viram claramente que o liberalismo é o caminho do socialismo, o socialismo a porta do comunismo e o comunismo o corredor de passagem, segundo a sua propria técnica, para o anarquismo.

Pois bem, muitos dos estadistas brasileiros eram maçons *até certo limite* e entendiam imprescindivel a centralização e o reforço do poder para salvar o país do esfacelamento. Para isso, só havia um meio prático: destruir a obra do 7 de abril, levantando outro Imperador no trono reposto em seu devido lugar. O menino imperial, que estudava com severos professores no paço de São Cristovam, que assistia tristemente pensativo ás sizudas reuniões de ministros e conselheiros de Estado, que não brincava, não corria, não ria alto, devia logo ser *feito* homem para que o *ingrato*, o *perjuro* D. Pedro I, o espantalho de 1835, fôsse substituido e dignificado por D. Pedro II.

Nove anos horriveis haviam decorrido dêsde aquela madrugada de abril em que o primeiro Imperador, depois de esperar em vão se encontrasse o fugidío senador

Vergueiro, veneravel da Bucha e da Acácia, resolvera num gesto de enjôo abdicar. E, nêsse periodo entrecortado de crimes, desordens, sublevações e repúblicas separatistas, o Moloc da politica judaico-maçónica-liberal devorára quatro Regencias: a Provisoria, a Trina Permanente e as duas Unas, com todos os gabinetes ministeriais que as haviam servido. Era necessario agora alguem fóra e acima dos partidos, fóra e acima dos conluios para ser o árbitro supremo das lutas e competições, o guia da Nação enferma no caminho da paz. Ali estava êsse unico guia, o principezinho-réfem do 7 de abril á espera do trono de seu pai. Mas o preceito constitucional lh'o vedava antes dos dezoito anos e contava somente pouco mais de quinze...

O bom senso acordára deante do acervo horrendo de calamidades. A questão da maioridade de D. Pedro II preocupava a toda gente. Dêsde muito. Em 1835, aparecia num projéto de Luiz Cavalcanti. Em 1837, noutro de Vieira Souto. Em 1839, consultado, Acaiaba de Montezuma opinava em seu favor (1). Em abril de 1840. José Martiniano de Alencar propôs, de acôrdo com o estilo maçónico daquela época de clubes e sociedades, a formação duma sociedade destinada a promover o casamento imediato de D. Pedro II. Era uma fórmula de torná-lo maior sem reformar a constituição, o que crearia dificuldades. Inúmeros liberais aderiram a êsse clube. Formava-se a chamada *corrente maiorista,* que

(1) Aurelino Leal, "Anais do Congresso de História Nacional", t. III, pg. 159.

aumentou consideravelmente de julho a novembro (2). No seio da Cámara dos Deputados, se erguem, então, as vozes sonoras, empoladas, tremidas dos oradores que mostram, de Norte a Sul, o Brasil retalhado, arquejante, sangrento, moribundo. Barreto Pedroso, que ultimára a Sabinada, declara querer um "governo armado de mais força", uma "ditadura legal para evitar a ditadura despótica, a ditadura militar". O proprio Antonio Carlos, corifeu dos conchavos secretos dêsde a aurora do século, areopagita, iluminado e pedreiro-livre consumadissimo, se reconcentra e reconhece, no seu estilo inspirado nos quadros de David e nas tiradas de Talma, que o país passa pela "noite que precedeu a morte de Galba e a usurpação de Oton"... As galerias ignoram absolutamente quem fôram Oton e Galba e o que se passou naquela noite romana, mas batem palmas, tanto mais fortes quanto menos entendem. Antonio Carlos curva ligeiramente, agradecendo, a cabeça encanecida...

Sentia-se, com efeito, a necessidade dum pulso que detivesse a Nação no seu contínuo rolar para a anarquia. Havia quem pensasse na espada ditatorial dum cabo de guerra vitorioso. A podridão politica da Regencia não permitira que nenhum general se alçasse acima da craveira comum. Faltára a um soldado feliz o luminoso prestigio que só dão as vitórias sobre os inimigos externos. A lembrança maçónica do que se

(2) Calogeras, "Formação historica do Brasil", pg. 173.

passára na Revolução Francêsa sugerira ao Senado, em 1839, quando os balaios devastavam o Norte e os farrapos tinham alcançado Santa Catarina, a creação duma Junta de Salvação Pública. Seria a tirania dos triunviratos. A idéa, felizmente, morreu no berço.

Dêsde o começo do movimento pro-maioridade, a Regencia naturalmente se lhe opõe. Julga-o inoportuno e perigoso, alem de fundamentalmente contrário ao texto constitucional. Todavia, êle agita as duas casas do Parlamento, onde ha quem se atreva a falar em *áto revolucionario do legislativo* (3). E' uma bôa semente lançada á terra. Não se póde vislumbrar bem por que, de repente, quasi todos os maçons abraçaram a causa, que, na maioria, combatiam ao principio. Teria a maçonaria receio de que o país viesse a cair sob a espada dum ditador ou achou melhor contemporizar, coroando logo o menino imperial, afim de mais facilmente [illegible] talvez o Imperio, seu sonho dourado? A Religião do Segredo tapa a bôca dos que poderiam falar... Mas o fáto é que os *gros-bonnets* do maçonismo e do [illegible] se esguélam em sua defesa: José Clemente Pereira, Martim Francisco, Antonio Carlos e outros.

A Fala do Trono de 1840 abriu a discussão em torno do assunto. Prepara-se o projéto de reforma do artigo 121 da Constituição, que fixa a maioridade nos dezoito anos. "Com o fim de pôr termo á Regencia de

(3) Discurso de José Clemente Pereira.

Araujo Lima, depois marquês de Olinda, a oposição liberal levantára a questão da declaração da maioridade do Imperador D. Pedro II, que apenas contava 15 anos. No Senado, Holanda Cavalcanti, depois visconde de Albuquerque, apresentou nêsse sentido um projéto, que caíu no dia 20 de maio. Nas sessões de 20 e 21 de julho, os deputados Limpo de Abreu, depois visconde de Abaeté, Manuel Antonio Galvão e Antonio Carlos de Andrada renovaram a questão. Carneiro Leão, depois marquês do Paraná, lider da maioria conservadora, combateu o projéto por inconstitucional. Elegeu-se, entretanto; uma comissão especial para dar parecer. No dia 22, o regente completou o Gabinete com a nomeação de Bernardo de Vasconcelos para a pasta do Imperio e resolveu, por proposta dos ministros, adiar a reunião das Cámaras. A leitura do decreto de adiamento deu lugar a protestos da oposição e produziu grande agitação na cidade. A convite de Antonio Carlos, muitos deputados, seguidos pelo povo, dirigiram-se ao paço do Senado e aí se reuniram aos senadores sob a presidencia do marquês de Paranaguá, Vilela Barbosa. Uma deputação foi enviada ao joven Imperador, para pedir-lhe que entrasse logo no exercicio das suas atribuições. O regente e os ministros estavam com o Imperador, quando a deputação chegou, e, á vista do pronunciamento de tantos representantes da nação e das manifestações populares, ficou resolvida a convocação da Assembléa Geral para o dia seguinte. De acôrdo com essa decisão, redigiu-se logo um decreto,

assinado pelo regente e referendado pelo ministro Vasconcelos, que, depois dêsse áto, resignou o seu cargo. Os outros membros do Gabinete continuaram a despachar o expediente até o dia 24, em que fôram lavrados os decretos de nomeação dos novos ministros. A expressão — "Gabinete das nove horas" — que se lê em alguns escritores, é impropria, porque só Vasconcelos é que foi ministro apenas nove horas. Os seus colegas governavam dêsde 18 e 23 de maio (4)."

Que tinha a maçonaria com Bernardo de Vasconcelos ou que tinha Bernardo de Vasconcelos com a maçonaria? E' um mistério que talvez não possa ser esclarecido nunca. A verdade é que Feijó prefere renunciar á Regencia a aceitá-lo no seu ministerio e que os outros preferem a maioridade á sua permanencia no poder...

Bernardo de Vasconcelos, ministro de nove horas, a quem devia com certeza caber a Regencia pela renuncia fatal e breve de Araujo Lima, tentou resistir ao golpe. Não o pôde. A maçonaria estava, talvez discretamente, mas estava no outro prato da balança. Ela aproveitava a velocidade adquirida da opinião geral pro-maioridade, afim de fazer o Imperador antes que outros o fizessem. "Tres condições, diz Calogeras, eram precisas para a vitória dessa corrente emancipadora: aquiescencia imperial, voto do parlamento e o aplauso

---

(4) Rio Branco, "Efemérides Brasileiras", pgs. 354-355, na data de 22 de julho de 1840.

duma opinião pública favoravel (5)." A opinião sabemos que era toda a favor, expressando-se até nos versos populares. O voto do legislativo estava de antemão garantido. Quando os emissarios das Cámaras perguntaram ao joven soberano se queria ser maior para reinar, respondeu com firmeza: — "Quero já!" Que havia de fazer deante disso Bernardo de Vasconcelos? Apelar para a tropa; mas a tropa, em sentido contrário embora, procedia como procedera no 7 de abril: falhava no momento em que se precisava dela. Já o Corpo de Estudantes da Escola Militar marchava com seu comandante á frente para o campo de Sant'Ana, imutavel lugar de encontro das manifestações e sedições militares. Vinha disposto a defender pelas armas os partidarios da maioridade no Parlamento. O comandante das armas da Côrte, brigadeiro Francisco de Paula Vasconcelos, aderiu aos maioristas. O ministro do Imperio curvou a cabeça e retirou-se...

De ordem já de D. Pedro II, Senado e Cámara fôram convocados em sessão conjunta para o dia 23 de julho de 1840. Reuniram-se deputados e senadores ás nove horas da manhã. Não houve um protesto de parte dos que defendiam na véspera a continuação da Regencia, quando a votação legalizou o áto revolucionario do dia anterior. Parece que a Divindade do Mistério lhes havia ordenado silencio. Uma tempestade de aplausos, porem, cobriu a voz do marquês de Paranaguá ao lêr,

(5) Op. cit., pgs. 174-175.

como presidente do Senado, a declaração da maioridade imperial. Os acontecimentos processavam-se a toque de caixa. A's tres horas e meia da tarde, D. Pedro II prestava o juramento constitucional como Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil. Por que tanta pressa? Havia receio de qualquer cousa?...

Estava salva, *providencialmente*, a unidade nacional, herança preciosa de nossos maiores. A restauração da autoridade, depois de vencer ainda dois surtos revolucionarios desencadeados pelas sociedades secretas, o dos liberais de São Paulo e Minas, em 1842, e o dos praieiros de Pernambuco, em 1848, depois de apagar as derradeiras brasas do borralho farroupilha, traria ao Brasil quasi meio século de paz interna, de costumes moralizados, de honestidade administrativa e de projeção diplomatica e guerreira no exterior. As bandeiras auri-verdes tremulariam vitoriosas em tres capitais do continente. Um sentido imperial se firmaria na tradição militar, na vida administrativa, na aplicação da justiça, no desenvolvimento das artes, sobretudo a música e a pintura.

Um Imperador que nunca transpusera a soleira duma loja, que jamais transporia o limiar duma amante, pai de familia, cidadão e homem exemplar, impunha, com a sua grandeza moral, ordem, respeito e tranquilidade. Talvez não tivessem saído muito certos os cálculos maçónicos nas pressas da maioridade. Maçonaria e Bucha, seu aliado — o positivismo, e o judaismo, mestre de todos, não socegaram, durante todo o Se-

gundo Reinado, como veremos no terceiro volume desta história, enquanto não derrubaram o Imperio solapado pela sua atuação. A' Corôa Imperial sucedeu, então, a Estrela Flamígera enfiada no Gládio Maçónico. As gerações de homens educados pela Bucha, que Julio Frank fundára no início do periodo regencial ou no fim do Primeiro Reinado, chegaram afinal ao poder. São Paulo, capital da Camòrra de Cima, foi explorado e sugado na sua produção cafeeira e na sua projeção politica. A corrupção republicana trouxe o descontentamento generalizado, explodindo em solfataras de lama ou de sangue. Mashorcas. Quarteladas. Pronunciamentos. Golpes. O forte de Copacabana. Revoluções de 1924, 1930 e 1932. O surto comunista de 1935. Em derredor, súcubos, incubos, vampiros, ladrões, caftens, agentes do judaismo, toda a fauna das trevas, numa farándola de monstruosidades sociais, a ditar leis. Na face dos patriotas, passando de hora em hora o sôpro quente do Minotauro resfolegante no fundo do antro, á espera de devorar a presa...

Estamos a um século do periodo da Regencia. A anarquia no dominio dos fátos não é tão grande. Mas, no dominio espiritual, é maior e, sobretudo, mais profunda. Essa profundidade se traduzirá nos fátos, mais dia, menos dia. A daquêle tempo de Sociedades e Clubes se espraiava na superficie. A dêste de Ligas e de Células mergulha suas raizes venenosas nos abismos das almas revoltadas com sêde de justiça. Outróra, havia o perigo da fragmentação do Brasil com a proclamação

de meia dúzia de republiquetas liberaloides, como as da America Central, onde a vida, apesar dos pesares, continuaria possivel. Agora, na retaguarda dos movimentos liberais, virão, fatalmente, os golpes comunistas que sovietizarão o país e o entregarão ao judeu russo, internacional. A vida não será mais possivel, a não ser na mais abjéta escravidão.

Quem restaurará a autoridade no Brasil?

Não o sabemos; sabemos, porem, que no mundo somente poderá ser restaurada pelo reinado social de Nosso Senhor Jesus Cristo. O Cristo Rei será a salvação de todos os povos. Os homens não passam de instrumentos de Sua Vontade.

APENDICE

OS GRANDES MAÇONS DO BRASIL

A 28 de abril de 1936, a loja maçónica *União e Progresso*, de Vitoria, capital do Espirito Santo, publicou um manifesto ou cousa que o valha no jornal local "O Estado", do qual extraímos, excrupulosamente a seguinte lista de maçons historicos:

"A Loja "União e Progresso" é apenas uma particula do grande Oriente do Brasil, instalado, ha seculos, na capital do País, á rua do Lavradio n.º 97, onde se acha legalmente constituido *o seu poder Maçonico* e por onde passaram os brasileiros mais eminentes na politica, nas armas, nas artes e nas letras, taes como: general Olympio da Silveira, Antonio Peregrino Maciel Monteiro, Alcindo Guanabara, almirante Jaceguay, Macedo Soares, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Machado e Silva, general Andrade Neves, marechal Almeida Barreto, Americo Brasiliense, barão de Macahuba, Bernardino Campos, Carlos Peixoto Filho, barão de Cotegipe, Benjamin Constant, Casemiro de Abreu, o regente do Imperio, padre Diogo Antonio Feijó, almirante Eduardo Wandenkolk, Euzebio de Queiroz, Evaristo Ferreira da Veiga, Rangel Pestana, Francisco Gê Acayaba de Montezuma, Fausto Cardoso, Torres Homem, senador

Francisco Glycerio, conselheiro Gaspar da Silveira Martins, general Thaumaturgo de Azevedo, general Gomes Carneiro, marechal Hermes da Fonseca, Martins Junior, Julio Ribeiro, visconde de Cayrú, José Clemente Pereira, o actor João Caetano, José do Patrocinio, Saldanha Marinho, o patriarca da Independencia, José Bonifacio de Andrada e Silva, almirante Joaquim José Ignacio, visconde de Inhaúma, barão de Ramalho, Tenreiro Aranha, general Menna Barreto, barão de São Gabriel, Joaquim Nabuco, visconde do Rio Branco, Lauro Muller, o grande negro brasileiro, Luiz Gama, o naturalista Luiz Monteiro Caminhoá, duque de Caxias, Campos Salles, marquez de Abrantes, generalissimo Deodoro, general Osorio, maestro Marcos Portugal, Carlos Gomes, *os dois Martim Francisco Ribeiro de Andrada, pai e filho* (1); Nilo Peçanha, Nunes Machado, Pedro I, Prudente de Moraes, Pinheiro Machado, Quintino Bocayuva, Sampaio Ferraz, Silva Jardim, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, o notavel humorista Urbano Duarte, Ubaldino do Amaral, Valentim Magalhães, visconde de Taunay, Washington Luiz e varios outros.

Do clero brasileiro, tambem fizeram parte da Maçonaria os não menos illustres: Bispo do Rio de Janeiro, Dom Manoel Rodrigues de Araujo, Conde de Irajá, sagrador, coroador e celebrante do casamento de D. Pedro II, Bispo de Pernambuco, Dom J. J. da Cunha de Azevedo Coutinho, (celebre escritor), Frei Noberto da Purificação Paiva, Frei Francisco de S. Carlos, Frei Francisco de Mont'Alverne (o maior pregador brasi-

---

(1) O filho era José Bonifacio, o Moço. E Martim Francisco negou ser maçon?... Quem mente, Martim Francisco ou a maçonaria? Mente tudo o que se aproxima do Pai da Mentira...

leiro do seculo XIX), Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, (eximio orador, escritor e politico), padre Luiz Gomes de Menezes, padre Joaquim Auliciano Pereira de Lyra, padre José Ferreira da Cruz Belmonte, padre Vicente Ferreira Alves do Rosario, padre (vigario) Eutychio Pereira da Costa, padre D. José Caetano (primeiro presidente da Constituinte), padre Diogo Antonio Feijó (regente do Imperio), padre José da Silva Figueiredo Caramurú, padre José Capistrano de Mendonça, padre Bartholomeu da Rocha Fagundes, Frei Candido de Santa Izabel Cunha, Frei Antonio do Monte Carmelo, Conego Ismael de Senna Ribeiro Nery, padre Francisco José de Azevedo (inventor de uma machina de escrever), padre Antonio Alvares Guedes Vaz, padre Ernesto Ferreira da Cunha, padre Francisco Peixoto Levante, padre Antonio João Lessa, Padre José Rodrigues de Carvalho Celeste, Conego Januario da Cunha Barbosa (fundador do Instituto Historico Brasileiro, capelão do Paço Imperial, Reitor do Seminario do Rio de Janeiro), padre Manoel Ferreira Pita, Frei Carlos das Mercês Mecheli, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, Conego Francisco L. de Brito Medeiros Campos, Conego dr. João Carlos Monteiro, padre Thomaz dos Santos Marlano Marques, padre Albino de Carvalho Lessa, padre Lourenço de Albuquerque Loyola, padre Manoel Cavalcante de Assis Bezerra de Menezes, padre Francisco João de Arruda, padre José Roberto da Silva, padre Candido Ferreira da Cunha, padre Guilherme Cypriano Ribeiro, padre Torquato Antonio de Souza, padre João da Costa Pereira, Padre Francisco Marcondes do Amaral, padre Antonio da Imaculada Conceição, padre José Sebastião Moreira Maia, padre Antonio Areias, padre Paulo de Maia, padre José Mendes Leite de Almeida.

Aqui, no nosso Estado, fizeram parte desta Loja os eminentes capichabas: Muniz Freire, Cleto Nunes, Graciano Neves, Barão de Monjardim, ex-presidentes do Estado e senadores da Republica, dr. Silvino de Faria, dr. Antonio Aguirre, desembargadores Gregorio Magno, Genuino de Andrade e Getulio Serrano.

Entre os vivos existem nomes respeitaveis, tais como, desembargador Batalha Ribeiro, dr. Araujo Primo, dr. Afonso Lyrio, d. d. juiz Seccional no Estado, deputados federais, drs. Ubaldo Ramalhete e Francisco Goncalves, deputados estaduais, dr. Tinoco e Areno Barbosa e muitos outros, que seria fastidioso enumerar."

(Os grifos são nossos).

"FORÇAS SECRETAS QUE CONDUZEM O MUNDO"

No seu número de 19 de dezembro de 1935, o vespertino carioca "A Nota" publicou êste documento interessante:

"*A proposito do nosso editorial, subordniado áquela epigrafe, recebeu o dr. Geraldo Rocha, signatario daquêle escrito, a seguinte carta, que amplia e confirma toda a sua argumentação e paralelos comentarios*:

"Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1935 — Exmo. sr. dr. Geraldo Rocha — Capital.

Não foi sem surpresa e emoção que li o seu magnifico artigo de 29 de novembro ultimo, a proposito das "forças secretas

que conduzem o mundo" e fazendo alusões á nossa sociedade estudantina, a "Burschenschaft", fundada em 1835, em São Paulo, pelo judeu alemão Jules Frank, e da qual sou membro dos mais obscuros ha mais de 30 anos.

Pelo que me foi dado observar, quer nos bancos academicos, quer na vida publica, a "Bucha", abreviação que se dá á referida sociedade secreta, foi a cousa que, no meu tempo, o estudante mais levou a sério, conquanto pouco depois de minha formatura, tenha constatado, de reflexão propria, que a referida sociedade maçonica escondia no seu bojo uma torpissima manobra judaica contra os que nela acreditaram. Embora fazendo parte do numero de suas vitimas, cumpri, porém, o meu juramento solene, de não revelar em tempo algum — sequer á minha esposa e filhos — o segredo que foi de mim exigido (diria melhor: extorquido...) na alvorada inexperiente dos meus 24 anos, quando, para todos nós, a vida ainda é um sonho!

Uma vez, porém, que o eminente redator da "A NOTA" revelou, em publico, o segredo, creio util lhe oferecer, pela presente, algumas considerações com relação á referida sociedade secreta, seus objetivos e resultados. E' o meu depoimento para a história... A "Bucha", como v. s. diz muito bem, sempre exerceu e ainda exerce grande influencia na vida brasileira, pois que subsiste, em toda a sua plenitude, dela fazendo parte, ainda hoje, varias personalidades que no momento ocupam cargos publicos elevados. Não houve, infelizmente, até a presente, quem tivesse a coragem de desvendar as insidias daquela sociedade maçónica judaica, cujos objetivos ocultos são desconhecidos, ainda, da maioria dos seus membros!

Relatemos, pois, os fátos como se passaram, no que se refere ao autor destas linhas:

Em principios dêste século, cheguei á Paulicéa, procedente do Norte do Brasil, apto, aos 19 anos, para cursar a Faculdade de Direito de São Paulo. Feitos os exames e admitido, iniciei o meu curso. Tenho, ainda, em mente, uma grande lista de contemporaneos, dos quais, alguns, ocuparam e ocupam cargos de responsabilidade na República.

Terminado o meu terceiro ano, fui procurado, certo dia de 1907 ou 1908, por um estimado colega e amigo — nêste momento ministro de um Tribunal de Justiça do país — que me anunciou, como bôa nova, o ter sido eu admitido na "Bucha", uma sociedade secreta existente em São Paulo e que, dizia êle, "tinha fins absolutamente altruisticos", dentre os quais, o "auxilio desinteressado ao estudante pobre". Deu-me a nova cheio de alegria, como se me tivesse anunciado uma honra insigne, determinando, ao mesmo tempo, que até o dia da posse eu não devia revelar uma palavra do que me era notificado. Na mêsma ocasião recebia eu de varios colegas abraços e felicitações, em tons misteriosos, sem que eu percebesse, realmente, com que fundamento... Tambem na minha ignorancia e bôa fé de adolescente não procurei saber mais detalhes de semelhante instituição. Decorridos alguns dias, fui despertado alta madrugada, por um grupo de colegas, que me convidaram a vestir-me e a acompanhá-los, sem, contudo, explicarem do que se tratava. Obedeci. Momentos depois era introduzido num casarão (que se não me falha a memoria era situado na rua do Carmo) e conduzido ao salão nobre da sociedade maçonica, onde encontrei, reunida, toda a "Bucha". O aspéto geral era solene e denotava algo de misterioso e de

tenebroso. A mêsa, presidida por varios colegas, em parte meus conhecidos, e "fantasiados" com uma capa preta, semelhante á Tuna de Coimbra e *mascarados*... No recinto, grande parte da mocidade da Faculdade de Direito daquela época. Minha surpresa foi enorme, porque, amigos intimos, que pareciam não ter segredo para mim, lá estavam, firmes, respeitosos, como se estivessem na mais austera das ceremonias religiosas! Dentre êles ainda distingo, hoje, a figura sempre corréta de um ex-presidente da República; a simpatia de um ex-ministro da Fazenda; o vigor de um dos atuais ministros do Tribunal de Contas, enfim, uma série de personalidades, em grande parte ainda vivas, e que, no momento, ocupam cargos de responsabilidade na administração pública!

Nas paredes, pregados sobre fundos negros, varios esqueletos, com dísticos mis ou menos nêstes termos: "Aqui jaz o infame..." Explicaram-me que se tratava de colegas que admitidos na "Bucha", revelaram os seus segredos, e fôram considerados "traidores"... Alguem chegou a cochichar-me que tinham sido "assassinados"... Apavorei-me, porque conhecia um dos nomes dados como "infame"...

Convidado a comparecer á mêsa, prestei o meu juramento de fidelidade á instituição e de "manter absoluto segredo de tudo o que dali em deante ia ver e observar"... Soube, efetivamente, logo após, que a "Bucha" socorria e auxiliava estudantes pobres, custeando mêsmo o curso de alguns, embora nunca se soubesse dos nomes dos beneficiados e a proveniencia do dinheiro... Verifiquei, mêsmo, certa vez, que dentre os beneficiados se achava um estudante que galgou a presidencia da República...

Concluido o meu curso e de volta ao meu Estado, entrei na vida prática e na luta pela vida, chegando a praticar, momentaneamente, a politica, e não mais me lembrando da "Bucha" e de seus misterios e singularidades. Mêsmo distante, não deixava, entretanto, de acompanhar a evolução da vida pública de alguns colegas e contemporáneos que permaneceram na minha estima. Ilustres uns, e mediocres outros, porém, quasi todos, associados da "Bucha"...

Tendo sido um aluno de certo destaque, e, segundo alguns observadores, concluido o meu curso "com brilhantismo", surpreendia-me, todavia, o fáto de ver, com frequencia, alguns colegas, de evidente mediocridade, se iniciarem na vida, — dêsde os bancos academicos — com escandaloso sucesso! Começava pelas escolhas para as diretorias do Clube XI de Agosto, que, como v. s. diz muito bem, era uma fachada da "Bucha". Um exame aprofundado e sem paixões, deixava-me sempre a convicção de que a escolha, proclamada como acertada e brilhante, era sempre injusta, e, no fundo, incompreensivel! O que observei nos bancos academicos, passei a observar, com mais evidencia na vida pública: ascensão rapida e incompreensivel de individuos destituidos de merecimento e que, no entanto, eram endeusados pelos membros da maçonaria academica, e insucesso frequente dos mais ilustres. Aprofundando-me no misterio, cheguei á perceber, ao cabo de muita leitura, e então já homem feito (nas proximidades dos 40 anos) o objetivo oculto da "Bucha": Controlar os espiritos, impedindo a ascensão, na vida pública — dêsde os bancos academicos — dos que lhes pareciam mais esclarecidos, independentes e atilados, e que, na pratica, pudessem se tornar uma reação aos planos maçonicos da sociedade. Enquanto *aparentava* beneficencia desinteressada,

submetia o adolescente a uma habil escravização, manobrada pelos dirigentes ocultos da "Bucha"! Visavam os terriveis inspiradores ocultos da Sociedade Maçonica, fazer com que a República Brasileira, por êles recentemente fundada, fôsse servida apenas por personalidades adrede escolhidas, e perfeitamente adaptaveis aos seus manejos ou ás necessidades de seus objetivos. Nêsse sentido, computavam todas as singularidades dos seus candidatos preferidos, dêsde a ambição, o orgulho, a mediocridade, etc., etc. Tratava-se, portanto, de um simples instrumento de predominio judaico, embora levado á efeito por meios insidiosos, de embuste e de traição, e da escravização pelo espirito, de uma mocidade inexperiente de uma faculdade que forneceu ao Brasil a maior parte de seus homens públicos. Estavam assim explicadas as injustiças que me revoltavam e das quais fui eu mêsmo uma das vitimas... A "Bucha" cortava as asas ás aguias, e ajudava os frangos a voar...

A' proporção que me aprofundava na análise do fenómeno, chegava á convicção de que era necessario desvendar o misterio, que, certamente, tem sido a causa de muita desgraça nacional, pois que, ainda hoje, muito homem público brasileiro obedece ás injunções, dirétas e indirétas, dos orientadores ocultos da terrivel sociedade maçónica! Preso, porém, ao meu juramento, nunca cheguei á fazer qualquer cousa, vencido pelo escrúpulo que nos prende ás regras do jogo licito.

Veiu a Revolução de 1930, a guerra civil de 1932, quando tive a amargura de ver as situações de todos os Estados do Brasil combaterem o Estado onde passei os melhores anos da minha vida, sendo que, dentre tais forças, tive um de meus filhos! Vieram as cênas comunistas de novembro último, de que

Concluido o meu curso e de volta ao meu Estado, entrei na vida prática e na luta pela vida, chegando a praticar, momentaneamente, a politica, e não mais me lembrando da "Bucha" e de seus misterios e singularidades. Mêsmo distante, não deixava, entretanto, de acompanhar a evolução da vida pública de alguns colegas e contemporáneos que permaneceram na minha estima. Ilustres uns, e mediocres outros, porém, quasi todos, associados da "Bucha"...

Tendo sido um aluno de certo destaque, e, segundo alguns observadores, concluido o meu curso "com brilhantismo", surpreendia-me, todavia, o fáto de ver, com frequencia, alguns colegas, de evidente mediocridade, se iniciarem na vida, — dêsde os bancos academicos — com escandaloso sucesso! Começava pelas escolhas para as diretorias do Clube XI de Agosto, que, como v. s. diz muito bem, era uma fachada da "Bucha". Um exame aprofundado e sem paixões, deixava-me sempre a convicção de que a escolha, proclamada como acertada e brilhante, era sempre injusta, e, no fundo, incompreensivel! O que observei nos bancos academicos, passei a observar, com mais evidencia na vida pública: ascensão rapida e incompreensivel de individuos destituidos de merecimento e que, no entanto, eram endeusados pelos membros da maçonaria academica, e insucesso frequente dos mais ilustres. Aprofundando-me no misterio, cheguei á perceber, ao cabo de muita leitura, e então já homem feito (nas proximidades dos 40 anos) o objetivo oculto da "Bucha": Controlar os espiritos, impedindo a ascensão, na vida pública — dêsde os bancos academicos — dos que lhes pareciam mais esclarecidos, independentes e atilados, e que, na pratica, pudessem se tornar uma reação aos planos maçonicos da sociedade. Enquanto *aparentava* beneficencia desinteressada,

submetia o adolescente a uma habil escravização, manobrada pelos dirigentes ocultos da "Bucha"! Visavam os terriveis inspiradores ocultos da Sociedade Maçonica, fazer com que a República Brasileira, por êles recentemente fundada, fôsse servida apenas por personalidades adrede escolhidas, e perfeitamente adaptaveis aos seus manejos ou ás necessidades de seus objetivos. Nêsse sentido, computavam todas as singularidades dos seus candidatos preferidos, dêsde a ambição, o orgulho, a mediocridade, etc., etc. Tratava-se, portanto, de um simples instrumento de predominio judaico, embora levado á efeito por meios insidiosos, de embuste e de traição, e da escravização pelo espirito, de uma mocidade inexperiente de uma faculdade que forneceu ao Brasil a maior parte de seus homens públicos. Estavam assim explicadas as injustiças que me revoltavam e das quais fui eu mêsmo uma das vitimas... A "Bucha" cortava as asas ás aguias, e ajudava os frangos a voar...

A' proporção que me aprofundava na análise do fenómeno, chegava á convicção de que era necessario desvendar o misterio, que, certamente, tem sido a causa de muita desgraça nacional, pois que, ainda hoje, muito homem público brasileiro obedece ás injunções, dirétas e indirétas, dos orientadores ocultos da terrivel sociedade maçónica! Preso, porém, ao meu juramento, nunca cheguei á fazer qualquer cousa, vencido pelo escrúpulo que nos prende ás regras do jogo licito.

Veiu a Revolução de 1930, a guerra civil de 1932, quando tive a amargura de ver as situações de todos os Estados do Brasil combaterem o Estado onde passei os melhores anos da minha vida, sendo que, dentre tais forças, tive um de meus filhos! Vieram as cênas comunistas de novembro último, de que

acabo de ser testemunha horrorizada, e a "Bucha", em cada um dêstes acontecimentos, me apareceu, sempre, como fôrça orientadora, em toda a sua hediondez! Sim! porque se a "Burschenchaft" desapareceu no estrangeiro, ainda subsiste, no Brasil, explorando a nossa inexperiencia!

Muitos de seus membros, ainda hoje, embora encanecidos, desconhecem os objetivos ocultos da insidiosa sociedade, e se surpreenderão, justamente, com o que estamos revelando!

Alguns anos depois de minha formatura, tive necessidade de voltar á Paulicéa — em 1917 — onde me encontrei com varios amigos, velhos companheiros da lendaria faculdade. Um dêles, certa noite, me preveniu que no dia seguinte, alta personagem da República, em visita ao Estado, e antigo membro da "Bucha", faria uma visita pessoal e *secreta* á séde da Sociedade Estudantina, expressando, assim, o seu alto apreço pela organização maçónica, e convidava-me a comparecer. Fui por simples curiosidade, pois que já conhecia e me repugnavam os objetivos ocultos da sociedade, que não passava de uma torpissima instituição judaica. Valeu a pena: lá estava a *elite* da época. Grande parte dos membros do governo estadual; grande numero de parlamentares do Congresso Federal e estadual, juizes, cientistas, comerciantes e financistas. O visitante foi recebido com as honras devidas ao seu alto cargo e timbrou, assim, em homenagear, pessoalmente, uma instituição, de cuja influencia, na vida do país — e na sua própria vida pública — não tinha, até então, talvez, se apercebido...

Poderia acrescentar a êste relato uma série de nomes presentes á memoravel reunião, todos respeitosos, ceremoniosos. Muito brasileiro se surpreenderia com uma relação de tais no-

mes e veria, então, porque razão muito imbecil conseguiu se alçar, no Brasil, aos mais altos postos da administração, *só e unicamente em virtude da influencia da "Bucha" e para servir de páu mandado do judaismo contra a sua pátria!...*

Eis aí, sr. Geraldo Rocha, o que me pareceu conveniente comunicar-lhe, na esperança de que outros façam o mêsmo, afim de se esclarecerem definitivamente, as causas ocultas da degringolada do país. Tudo o que vem sendo feito de máu, ha anos, no Brasil, provém de insinuações daquela sociedade secreta maçónica, que se inspira nos judeus que dominam o mundo, e estão trabalhando, visivelmente, para a destruição do país, e chegarão, em breve, aos seus fins, se os brasileiros não derem ao assunto a importancia que merece. Verão, pelos detalhes de outros depoimentos melhores do que os meus, a razão de muita cousa que á luz do dia não é compreensivel...

Excusando-me, por motivos que v. s. compreenderá, de não assinar-me, sou, todavia, seu admirador e constante leitor.

NORDESTINO."

COMO FUGIU O HERÓI

A historia brasileira tem os seus empolgantes episodios romanticos, os seus casos novelescos, os seus fascinantes misterios, filão rico e obscuro onde a fantasia dos nossos escritores poderá prover-se de inspiração e verdade, para construir as belas lendas do passado nacional. Nenhuma, porém, se nos afigura tão esplendidamente inaudita, entretanto veraz e grave — porque mudou a fisionomia politica do país ha um século — como a fuga de

Bento Gonçalves da Baía. Todas as tintas de um pitoresco romance policial bailam nesse acontecimento surpreendente: um general que se escapa duma fortaleza ilhada no golfo, entranhando-se pelo oceano como um tritão, elle que fôra, nas campinas verdes do sul, o centauro indomavel. Auxiliado por discretos correligionarios da cidade, aconselhado pelos aliados baianos da Revolução farroupilha, orientado sobre as cautelas e audacias que devia usar na manhã, resplandecente de sol, da evasão, obteve licença para nadar junto do Forte, vigiado duplamente pelas sentinelas em armas e por uma escuna de guerra — e como nas magicas de teatros, desapareceu.

A' noticia de que se sumira o herói do Rio Grande correram os artilheiros ás suas peças. Mas a polvora, molhada, negou fogo. O comandante valeu-se de um porta-voz. Só foi ouvido muito tempo depois. Do navio baixou um escaler com marinheiros armados. Indicaram-lhe os lados do Recóncavo. Pois o fugitivo se recolhera ao porto. Era, como Lauro e Byron, capaz de atravessar, nadando, o Helesponto. Mas um bote pescára-o na curva de uma onda. Conspiradores de chapéu alto esperavam-no na praia. Dias mais tarde, um palhabote de comercio largava mansamente os panos ao nordéste. Ia com farinhas para Pelotas ou Montevidéu. No tôpo do mastaréu a flamula auriverde tremulava. Um capitão português de suiças grisalhas fumava o seu cachimbo agarrado ao leme. Na placidez da tarde havia a paz das paisagens cheias de luz e das conciências inundadas de serenidade. Quem diria que entre os sacos brancos lá era devolvido, aos "pagos" sangrentos, o homem da Setembrina, avido de cobrar em Piratiní a divida do Fanfa? Quando ressurgiu nas cochilhas montado no seu cavalo creoulo, de sabre em

punho e poncho aos ventos, foi que se soube das peripecias e maravilhas da libertação. Até hoje, porém, o longo braço que o tirou das aguas inquietas da baía de Todos os Santos ficára na sombra. Insinuava-se apenas: a maçonaria inutilizára a polvora dos canhões, aliciára os guardas, promovera o entremês, e escondera, sob a sua poderosa proteção, o foragido, para recambiá-lo aos pagos pelo primeiro brigue.

Podemos agora esclarecer definitivamente o assunto. E' justo que bastem cem anos para um segredo. Sobretudo é necessario que se restabeleçam os valores historicos numa revisão exáta. Bento Gonçalves livrou-se dos húmidos cárceres do Forte do Mar graças ao concurso e ao apoio de um "espirito": o dos republicanos da Baía que, em 7 de novembro de 37, vibrariam o golpe da Sabinada. Mas nas lojas maçónicas se premeditou e relizou a façanha, do que ha documento novo, nas átas velhas, que passamos a transcrever.

Assim, no dia 28 de junho daquêle ano, na Loja *Virtude* no Oriente da Baía, "o Irmão Secretario apresentou uma "prancha" do Ir. Bento Gonçalves da Silva, gráu 18, de que ficou a Loja ciente, logo nomeados os I.I. Guimarães, Manoel Joaquim e Marques para se dirigirem por parte da Loja ao dito I. e participarem-lhe que ela ficou inteirada, e que faria o que estivesse a seu alcance afim de melhorar a sua sorte..." E no dia 30, na *Fidelidade e Beneficencia*: "teve lugar igualmente a leitura de outra "prancha" (maçónica) dirigida pelo Ir. Rosa-cruz Bento Gonçalves da Silva, preso no Forte do Mar por efeito de comoções politicas, fazendo ver o estado em que se achava, e á vista do que pedia o unico recurso de lhe serem ministrados meios de ser mudado para uma prisão comoda, onde fôsse licito falar aos

seus amigos; do que, sendo a Loja inteirada, fôram nomeados pelo Ir. Ven. para visitarem ao dito Ir., e lhe oferecerem os socorros de que ainda precisasse, ou estivesse ao alcance da L., os Ir. Roberto, Tesoureiro e Orador Adjunto... "Era um dos fundadores da sociedade secreta o proprio comandante do Forte de S. Marcelo; e, por notavel coincidencia, naquela noite recebeu a investidura maçónica o português Antonio Gonçalves Pereira Duarte, "brasileiro adotivo, com 36 anos de idade, catolico romano, negociante, morador no cáis Dourado".

A referencia é preciosa.

Rezam as crónicas que o bergantim das farinhas, que preguiçosamente abria á viração as velas numa tarde calma de setembro, levando para o Rio Grande do Sul oculto e salvo o chefe "farrapo" — pertencia ao honrado comerciante Antonio Gonçalves Pereira Duarte.

Aquelas bôcas seladas por um juramento nunca falaram. Tinham, contudo, aquêles homens uma idéa altiva e digna de sua proeza. Formara-se no recinto de suas reuniões confidenciais a tempestade que destruiu Feijó. Dessas nuvens partiu o raio que siderou a Regencia. Entregaram a Bento Gonçalves a espada caída; e impeliram o Imperio para a tranquila estrada do segundo Reinado.

Côres de uma palheta literaria... Tambem uma ronda de ilustres fantasmas que vem recuperar no cenario da publicidade o seu honesto lugar, á sombra de um monumento — o do paladino gaúcho — e, num friso de Acropole — a história do idealismo antigo!

PEDRO CALMON

(Da "A Noite", de 3 de Abril de 1937)

"Historia Secreta do Brasil"

Um Editorial do "Diario da Tarde", de Manáus, numero de 8 de Fevereiro de 1937

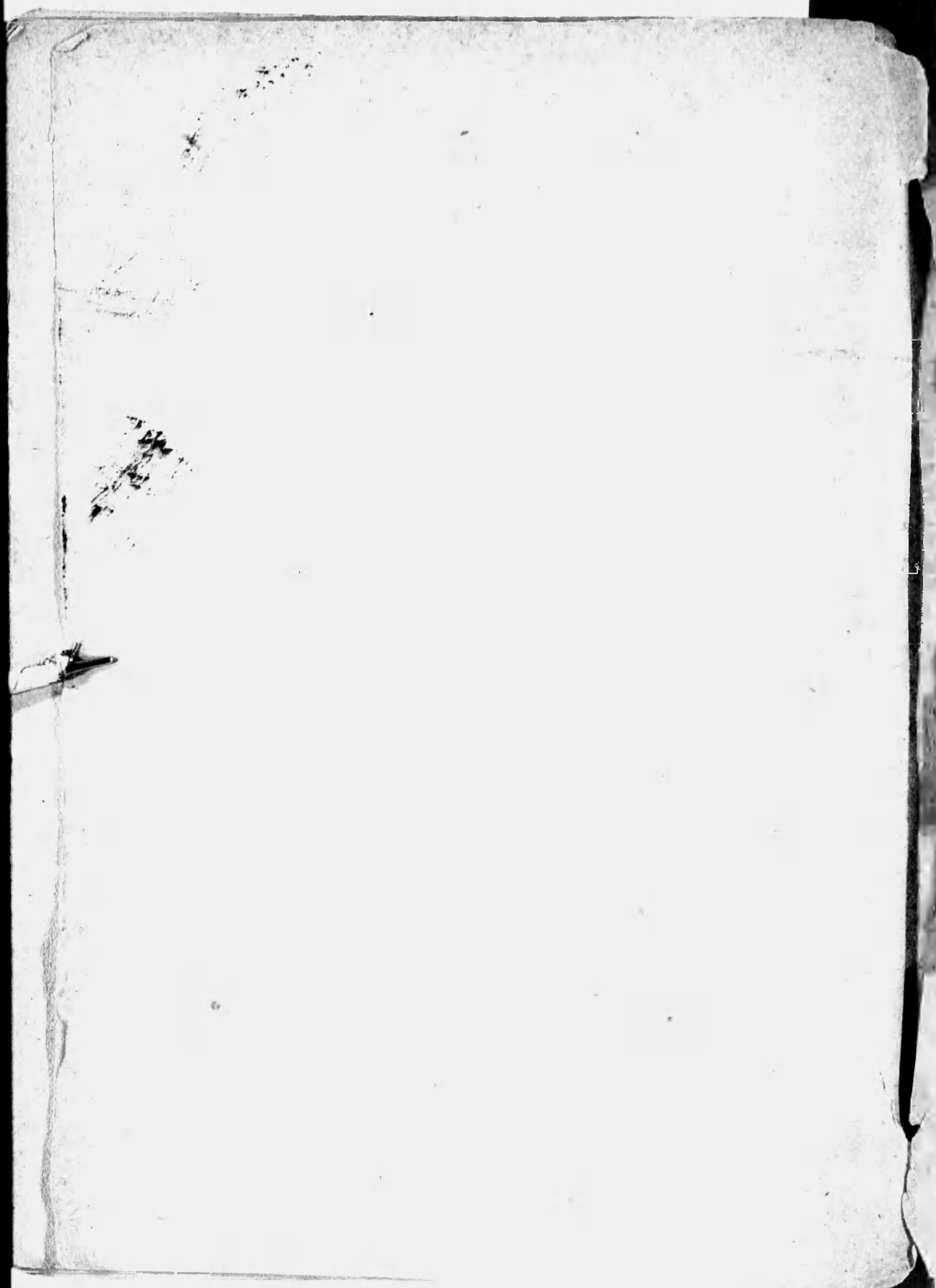
O livro do sr. Gustavo Barroso, não precisa de referencias especiais. O autor, tendo publicado uma obra consideravel, tem o seu nome de escritor consagrado, destacando-se entre os grandes trabalhadores da imprensa no Brasil. E não somente como homem de letras, considerado no sentido generico da expressão. E' um dos mais interessantes conhecedores da historia brasileira, tendo manifestado a sua curiosidade erudita em diversos ramos do conhecimento. O volume de agora é um pouco sectarista. Mas, por isso mesmo, fazendo-o á margem dos fatos historicos, deu a esses acontecimentos uma interpretação que, na nossa literatura, não tem precursores. E' verdade que existem monografias esparsas sobre os fatos historicos, versando homens e aspectos da historia. Mas, encarando-os no seu conjunto e dando-lhes uma explicação documentada, ninguem ainda o havia tentado. Assim como o extraordinario Manoel Bomfim deu á historia a tradução nacionalista dos seus principais caracteristicos, o sr. Gustavo Barroso aliou a essa versão uma outra, procurando a sua causa determinante em influencias até então despidas de elucidações completas. Trata-se, aliás, de um trabalho em serie, da qual este é o primeiro volume publicado. Êle viu nos fatores economicos a origem de quasi todas as transformações politicas e, nesses fatores, a determinação dos interesses ocultos. Começando pelo monopolio do pau de tinta, viu o caso do açucar, do trafico negro, a tragedia do ouro, o drama dos

diamantes, a inconfidencia mineira e as outras de igual natureza, que se fizeram sentir na época colonial e no primeiro imperio. Ressaltado o seu ponto de vista, o que naturalmente lhe dá á narração, um aspecto um pouco apaixonado, o seu livro se poderia qualificar como excelente compendio de historia patria, traçado com inteligencia e sentido critico, de acôrdo com os principios atuais da ciencia historica. Uma obra de assinalada importancia, que se deve ler e sobre ela meditar, não apenas para apontar os casos do passado, senão para se realizar o corretivo reclamado por esses erros graves e lamentaveis.

D'"A Offensiva" — Rio de Janeiro — numero de 31 de Dezembro de 1936

"A "Historia Secreta do Brasil", é uma obra de grande vulto que representa verdadeiro ineditismo historico. Encerra o resultado de uma investigação meticulosa e profunda, a que se dedicou Gustavo Barroso na irrequieta atividade que vem exercendo no estudo do judaismo, da maçonaria e sociedades secretas, cujos assuntos conhece sobejamente. E' um trabalho de grande merito, mostra, a quem o ler, como se prepararam os grandes acontecimentos da nossa Patria, e quais os objetivos que êles, em verdade, visaram.

A "Historia Secreta do Brasil" é a verdade do que se passou no Brasil desde o seu descobrimento aos nossos dias. Obra que não poderá ficar desconhecida dos brasileiros que se interessam pela nossa Patria, dos verdadeiros nacionalistas. Em suma: é um compendio de grande finalidade educativa e a verdadeira historia do Brasil.

C. A."

O SUPREMO PONTIFICE PIO IX FULMINA A MAÇONARIA BRASILEIRA

PARA conhecimento dos católicos, abaixo transcrevemos da "Exortœi in ista ditione", de 29 de abril de 1876, dirigida aos bispos do Brasil pelo Pontifice Pio IX, o seguinte trecho:

. . . .
. . . .

"Entretanto, para que em assunto tão grave não possa restar dúvida alguma nem haver lugar a algum engano, Nós não omitimos, nesta ocasião, novamente declarar e confirmar que as sociedades maçónicas QUER AS QUE EXISTEM NÊSTE PAÍS, quer em qualquer outra parte do mundo, sociedades que muitos ou ENGANADOS OU ENGANADORES afirmam só terem em mira a utilidade e o progresso social, e o exercicio da mútua beneficencia, ACHAM-SE PROSCRITAS E FULMINADAS PELAS CONSTITUIÇÕES E CONDENAÇÕES APOSTOLICAS, E QUE TODOS OS QUE DESGRAÇADAMENTE SE ALISTARAM NAS MÊSMAS SEITAS INCORREM *ipso facto* EM EXCOMUNHÃO MAIOR RESERVADA AO ROMANO PONTIFICE.

Desejamos porém vivamente, Veneraveis Irmãos, que, ou por vós mêsmos ou por vossos cooperadores, admoesteis aos fieis a

respeito de tão perniciosa peste e vos esforceis por conservá-los imunes da influencia dela, LANÇANDO MÃO DE TODOS OS MEIOS AO VOSSO ALCANCE. E, com não menor solicitude, recomendamos ao vosso zelo que, pela pregação da palavra de Deus e por oportunas instruções, cuidadosamente se ensine a êsse povo cristão a doutrina religiosa; pois bem sabeis a grande utilidade que desta parte do sagrado ministerio, quando bem desempenhada, resulta para o rebanho cristão, e, quando negligenciada, os gravissimos danos que daí procedem."

. . . .

Note-se a data desse documento. E' o epilogo da triste *questão religiosa* e da perseguição á Igreja Brasileira, feita pela maçonaria sob o comando do Grão Mestre Visconde do Rio Branco, ao mêsmo tempo Presidente do Conselho de Ministros do Imperador D. Pedro II. Foi êsse o resultado de tanta calunia e injuria, de tanta blasfemia, da iniqua prisão e condenação dos Bispos do Pará e de Olinda.

A carta de Pio IX é a resposta á famosa mentira diplomatica — a celebre carta *Gesta tua non laudantur,* inventada pelo governo maçónico.

Assim, pois, ficaram subsistindo as condenações da Maçonaria brasileira pelo Papa."

Quanto ao fim real da Maçonaria — a destruição da Religião de Jesus Cristo — não sabemos explicar porque ainda ha quem duvide, tantas são as declarações dos proprios chefes em todos os tempos, e tantas as enciclicas de todos os Papas, dêsde Clemente XII no meiado do seculo XVIII, que profeticamente denunciou os males que aquela seita faria á sociedade: e isso anos antes da Revolução Francesa!